



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**ROSANA BERJAGA MÉNDEZ**

**A ILHA DAS TENSÕES**

Percepções sobre o telejornalismo esportivo cubano no canal TeleRebelde

**Niterói**

**2018**

**ROSANA BERJAGA MENDEZ**

**A ILHA DAS TENSÕES**

Percepções sobre o telejornalismo esportivo cubano no canal TeleRebelde

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Linha de Pesquisa: Mídia, Cultura e Produção de Sentidos.

Orientador: Prof. Dr. Marco A. Roxo Da Silva

**Niterói**

**2018**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M537i Méndez, Rosana Berjaga  
A ilha das tensões. Percepções sobre o telejornalismo  
esportivo cubano no canal TeleRebelde / Rosana Berjaga Méndez  
; Marco A. Roxo da Silva, orientador. Niterói, 2018.  
180 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGCOM.2018.m.06364057705>

1. Telejornalismo esportivo cubano. 2. Autoridade. 3.  
Práticas profissionais. 4. Mídia cubana. 5. Produção  
intelectual. I. Título II. Roxo da Silva, Marco A. ,  
orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Arte e Comunicação Social.

CDD -

## DEDICATORIA

*¿Que cómo es mi abuela? Abuela está hecha de vuelo de zunzún y miel de abeja. (...) Abuela es una jícara de magia cotidiana. Elemental y simple como el milagro cotidiano del agua.*

**La noche.** Excilia Saldaña.

**A presente pesquisa foi realizada com apoio do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CAPES/CNPq - Brasil.**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais sempre, porque na distância nunca estiveram tão perto.

À minha família toda, meu enxame, meu ninho, obrigada pela torcida constante e pela lembrança de que nunca se está tão só, que não valha a pena seguir em frente.

A Wagner, meu backup, meu refil, minha esperança, minha força... sorte que eu dei: eu, que não procurava nada, e te vi.

A Marco, por me trazer para o lado escuro da força.

A Marvinho, pelas parábolas, pelo carinho, pelas perguntas sem resposta à vida, ao universo e tudo. *Don't worry, I'm carrying my towel. So long and thanks for all the fish!*

À Ise, à Yane, à Debi, cubanas pedaços de céu.

À Debi de novo, por ser linda-louca-otimista, um combo que levo para a vida. Obrigada pela empatia e pelo ombro para chorar as lágrimas.

Aos professores Dasniel Oliveira, Martín Oller Alonso e Carlos Alberto González, pela “luz no caminho”, pelos textos e pelos e-mails respondidos nas horas de pânico.

Aos lindos de Diana e Dayán, porque sem vocês não haveria pesquisa possível.

A Luciana, por me salvar dos meus esquecimentos.

*“La prensa debe ser coqueta para seducir, catedrática para explicar, filósofa para mejorar, pilluelo para penetrar, guerrero para combatir. Debe ser útil, sana, elegante, oportuna, valiente en cada artículo. Debe verse la mano enguantada que la escribe y los labios sin manchas que la dictan”.*

*José Martí*

## RESUMO

A presente pesquisa constitui uma aproximação ao atual sistema de imprensa cubano. Analisamos aqui até que ponto os valores constitutivos da imprensa cubana ainda sugerem uma permanência dentro de um modelo normativo rígido e, em todo caso, qual seria esse modelo. A partir disso, a pesquisa revisa a influência das diretrizes governamentais na performance e ideologias do jornalismo nacional e, especificamente, avaliamos o comportamento dessa intervenção estatal nas motivações e dinâmicas produtivas do telejornalismo esportivo do canal TeleRebelde. Toma-se como premissa a noção de que comunidade de telejornalistas esportivos aparece como uma alternativa de funcionamento *sui generis* dentro do jornalismo cubano em geral. Enquanto o resto dos coletivos jornalísticos manifesta conflitos relacionados ao reconhecimento da sua autoridade e sua autonomia perante o poder e outros organismos sociais, as lutas dentro da comunidade da mídia esportiva parecem se deslocar para questões como maior visibilidade, prestígio perante seus pares e reconhecimento social. Nesse sentido, analisamos os argumentos que sustentam as noções de autoridade e autonomia desse coletivo, e como elas influem no comportamento «ilhado» da comunidade.

**Palavras-chave:** telejornalismo esportivo cubano, autoridade, reconhecimento social, práticas profissionais, mídia cubana.



## **ABSTRACT**

This research aims an approximation to the current Cuban press system. We analyze here the extent to which the constitutive values of the Cuban press still suggest a permanence within a rigid normative model and, in any case, what that model would be. From this, the research revises the influence of governmental guidelines on the performances and ideologies of national journalism and, specifically, we evaluate the behavior of this state intervention in the motivations and productive dynamics of the sports telejournalism of the TeleRebelde channel. We take as a premise the notion that the community of sports journalists appears as an alternative of *sui generis* functioning within Cuban journalism in general. While the rest of the journalistic collectives manifest conflicts related to the recognition of their authority and their autonomy to face the power and other social organisms, the struggles inside the community of the sports media seem to move towards issues like greater visibility, prestige and social recognition. In this sense, we analyze the arguments that support the notions of authority and autonomy of this collective, and how they influence the "islanded" behavior of the community.

**Keywords:** sports telejournalism; authority; social recognition; professional practices; Cuban media.

## LISTA DE ABREVIÇÕES DO TEXTO

ACCS	Associação Cubana de Comunicadores Sociais
AHS	Associação Hermanos Saínz
ANSOC	Associação Nacional dos Surdos de Cuba
CAME	Conselho para Assistência Econômica Mútua
CCTV	Televisão Central da China
CE	Carta de Estilo
CINID	Centro de Pesquisa da Informática do Esporte
CVD	Conselhos Voluntários Esportivos
DW-TV	Emissora Internacional Alemã Deutshe Welle
EIDE	Escolas de Iniciação Esportiva
ESD	Escola Superior de Esporte
ESPA	Escolas Superiores de Aperfeiçoamento Atlético
FELAP	Federação Latino-americana de Jornalistas
ICAIC	Instituto Cubano del Arte y la Industria Cinematográficos
ICOM	Encontro Internacional de Pesquisadores e Estudiosos da Informação e a Comunicação
ICRT	Instituto Cubano de Radio y Televisión
IIPJM	Instituto Internacional de Jornalismo José Martí
IMD	Instituto de Medicina Esportiva
INDER	Instituto Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação
JPR	Journalistic Role Performance Around the Globe
NND	Noticiero Nacional Deportivo
NTV	Noticiero Nacional de Televisión
OIP	Organização Internacional de Jornalismo
OPJM	Organização de Pioneiros José Martí
PCC	Partido Comunista de Cuba
PE	Política Editorial
PL	Agência Informativa Latino-americana Prensa Latina; Prensa Latina
SC	Sistema de Comunicação
SCS	Sistema de Comunicação Social
SITVC	Sistema Informativo da Televisão Cubana

TIC Tecnologias da Informação e da Comunicação

TR TeleRebelde

TVC Televisão Cubana

UH Universidade de Havana

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPITULO 1. Radiodifusão e Sistema Comunicativo em Cuba</b> .....	7
1.1. Sociedade e mídia cubana, o antes e o depois marcado pela Revolução .....	8
1.2. A Televisão Cubana e sua ligação com o desenvolvimento do sistema comunicativo nacional .....	19
1.2.1. De informativos e noticiários na Cuba revolucionária .....	29
1.3. À procura de um caminho certo: modelos e performance na mídia cubana .....	36
1.3.1. Dois estudos sobre mídia cubana, uma década de diferença .....	39
1.3.2. Em torno da regulação, a autorregulação e as políticas de gestão comunicativa .....	43
<b>CAPÍTULO 2. Do jornalismo herdado ao jornalismo construído</b> .....	49
2.1 O jornalismo e sua função social em Cuba .....	50
2.2 Dilemas atuais do jornalismo cubano .....	54
2.2.1 Tensões entre a realidade e suas representações nos jornais .....	55
2.2.2 Relação com as fontes informativas .....	57
2.2.3 Autopercepção profissional e noção de liderança .....	60
2.2.4 Percepção do reconhecimento social da profissão .....	61
2.2.5 Percepção do desenvolvimento enquanto comunidade profissional organizada .....	62
2.2.6 Noções sobre profissionalismo e <i>intrusismo</i> profissional .....	63
2.2.7 Algumas especificidades do jornalismo televisivo cubano .....	68
2.3 Espaços de formação e especialização jornalística em Cuba .....	71
<b>CAPITULO 3. TELEJORNALISMO ESPORTIVO CUBANO: UMA ILHA</b>	
3.1 A dimensão do esporte em Cuba e sua relação com a TVC .....	80
3.2 <i>TeleRebelde</i> , «El canal de los deportes en Cuba» .....	86
3.3 Percepções sobre o telejornalismo esportivo em <i>TeleRebelde</i> .....	94
3.3.1 Tensões relacionadas ao capital cognoscitivo .....	98
3.3.2 Percepção sobre os espaços de privilégio .....	101
3.3.3 Conflitos referidos ao campo das influências .....	104
3.3.4 Disputas em torno da autoridade jornalística .....	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	125
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	128
<b>ANEXOS</b> .....	140

## CUBA

'kubɐ

nome feminino

Arquipélago localizado no Mar Caribe. Situado a 23°12'20'' de latitude norte e 81°08'20 de longitude oeste

## CUBANIDADE

Caráter, índole, condição distintiva do cubano. Qualidade específica da cultura, a cultura de Cuba

## CUBANISMO

Modo de falar e de interagir relativo aos cubanos

## CUBANÍA

Condição da cubanidade plena, sentida, consciente e desejada

Fernando ORTIZ, 1964.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa constitui uma aproximação ao atual sistema de imprensa cubano, comumente enxergado como um modelo normativo que permanece invariável ao longo dos anos, apesar das mudanças políticas e econômicas experimentadas por Cuba nas últimas seis décadas.

Independentemente do fortalecimento internacional do *modelo de imprensa liberal*, descrito por Hallin e Mancini (2010), a posição oficial do jornalismo cubano ainda visa preservar seus valores constitutivos, definidos no informe do I Congresso do Partido Comunista de Cuba – PCC (La Habana, 1975). Este fator ajudou a fortalecer a crença de uma mídia imóvel: com o “engajamento político” como principal característica, com a presença de altos níveis de *instrumentalização* (HALLIN, MANCINI, 2010) e com altos níveis de regulação externa.

No entanto, dentre o grupo dos jornalistas nacionais, é possível observar que os telejornalistas esportivos se enxergam, e são enxergados por seus pares, como uma comunidade que consegue fugir desses padrões. Esta visão mais ou menos generalizada, responde a fatores relacionados à autonomia, ao senso de autoridade, ao acesso às coberturas de grande impacto, às liberdades criativas e ao reconhecimento social. Estes parâmetros são discutidos na pesquisa a partir de estudos nacionais recentes, bem como textos jornalísticos e acadêmicos produzidos pela comunidade midiática nacional.

Em linhas gerais, interessa-nos analisar até que ponto os valores constitutivos da imprensa revolucionária ainda sugerem uma permanência dentro de um modelo normativo rígido e, em todo caso, qual seria esse modelo. A partir disso, a pesquisa revisa a influência das diretrizes governamentais na performance e ideologias do jornalismo nacional. Especificamente, nosso estudo avalia o comportamento dessa intervenção estatal nas motivações e dinâmicas produtivas do telejornalismo esportivo do canal TeleRebelde.

Partimos da premissa de que a comunidade de telejornalistas esportivos aparece como uma alternativa de funcionamento *sui generis* dentro do jornalismo cubano em geral. Enquanto o resto dos coletivos jornalísticos manifesta conflitos relacionados ao reconhecimento da sua autoridade e sua autonomia perante o poder e outros organismos

sociais, as lutas dentro da comunidade da mídia esportiva parecem se deslocar para questões como maior visibilidade, prestígio perante seus pares e reconhecimento social. Nesse sentido, analisamos os argumentos que sustentam as noções de autoridade e autonomia desse coletivo, e como elas influem no comportamento «ilhado» da comunidade.

O esporte e seu processo de midiatização têm permanecido como uma esfera privilegiada dentro dos programas de crescimento social da nação socialista. Sendo uma das prioridades do Estado cubano desde 1959, o esporte e a mídia esportiva se caracterizaram historicamente por sua capacidade de acumulação de capital simbólico e seu grande impacto nas representações identitárias do país. Tido como um campo de luta ideológico, especialmente nas primeiras décadas do processo revolucionário, as vitórias na arena esportiva eram narradas pelos profissionais da mídia e passadas para o povo como conquistas políticas, na tentativa de reforçar a imagem de superioridade do regime vigente, cuja repercussão impactava na propaganda política tanto interna quanto externa.

Apesar disso, no decurso dos anos a esfera esportiva parece ter sofrido um processo de despolitização gradual (o que não significa desideologização), que tem sido interpretado por alguns membros da comunidade de jornalistas esportivos como uma «subestimação» do setor por parte dos administrativos e do poder. Isso acontece num contexto de mudanças estruturais para o país e para a mídia cubana, de forma geral, que atravessa por um processo de debates em torno da eficiência dos atuais modelos de gestão e regulação do sistema comunicativo.

Na atualidade, mesmo obedecendo ao sistema único da imprensa nacional, os telejornalistas esportivos reconhecem que suas rotinas sofrem menos com a intervenção da regulação estatal. Mas, contraditoriamente, a produção de matérias parece ficar refém de dois fatores fundamentais: 1) problemas econômicos, infraestruturais e organizacionais (internos); 2) uma suposta subestimação do impacto simbólico dos conteúdos esportivos, em contraponto à lógica propagandista do início do período revolucionário.

A transformação oficial, em 2013, do canal TeleRebelde<sup>1</sup> (TR) em um canal esportivo nacional, ofereceu aos telejornalistas um espaço privilegiado de produção e divulgação de conteúdo; bem como uma maior visibilidade social e a possibilidade de se apresentar como especialistas até em esportes de pouca tradição no país. Do mesmo modo, a exclusividade do canal permitiu retomar espaços informativos que tinham quase desaparecido depois da queda do campo socialista e da crise econômica dos anos noventa. Outra dimensão da abertura foi o crescimento paulatino na oferta de conteúdo, mas com estrutura e logística insuficientes, o que tem derivado numa grade instável e, às vezes, desequilibrada em termos de conteúdo.

Apesar das carências e dos altos custos, as transmissões de eventos poliesportivos internacionais continuam sendo prioridade dentro da programação esportiva do canal, a fim de satisfazer as exigências da audiência. Isso, unido à possibilidade de criar propostas novas, em um espaço relativamente virgem, tem devolvido um certo prestígio ao telejornalismo esportivo, no contexto da crise de credibilidade que enfrenta hoje a mídia doméstica.

Por outro lado, nossa ideia de estudar as noções de profissionalismo e autoridade jornalística baseia-se na importância que tem ganho esses conceitos nos estudos contemporâneos de mídia, mas que ainda contam com um acervo limitado. No caso de Cuba, a análise desses conceitos e a perspectiva que eles adquirem no desenvolvimento da mídia nacional é bastante limitado. O estudo dos papéis e das culturas profissionais se iniciaram no país apenas na década dos 1990, e este tipo de pesquisa resulta ainda menos frequentes no campo do telejornalismo esportivo.

Embora as faculdades de comunicação do país contem atualmente com uma produção teórica constante, durante alguns anos, se sentiu a falta de pesquisas inovadoras e interessadas na relação política-jornalismo. Na última década, os esforços mais consolidados por estudar esses assuntos parecem provir do interesse de acadêmicos

---

<sup>1</sup> Sua programação abarca mais de 16 horas de transmissão e inclui programas nacionais e internacionais, divididos na grade, em blocos temáticos. A organização da programação, e a maior ou menor presença de programas estrangeiros nela, está diretamente relacionada ao calendário esportivo nacional. Este assunto é abordado com maior amplitude no terceiro capítulo da pesquisa, no espaço dedicado ao funcionamento do canal.



cubanos vinculados a cursos de pós-graduação fora do país e, mais recentemente, graduandos sob a tutoria de alguns desses profissionais mencionados.

Muitas das pesquisas revisadas, no entanto, são atravessadas apenas tangencialmente pela discussão da relação entre mídia e Estado-poder. Dentre elas, a autora identificou apenas uma focada no telejornalismo esportivo e o canal Telerebelde, porém seu interesse está direcionado à análise da construção da grade do canal. Todo isto nos faz acreditar que nosso material poderia ser não apenas um aporte para os estudos de comunicação sobre Cuba, mas também uma aproximação ao telejornalismo cubano, em um momento de transformações estruturais, ideológicas e nas representações profissionais.

As múltiplas dimensões do objeto estudado têm desvelado uma rota de investigação que não pode ser totalmente esgotada na presente pesquisa. Contudo, abrimos a porta a um campo de discussões inédito na academia brasileira e acreditamos que o estudo pode se tornar ponto de partida para se estabelecer novos encontros entre as produções teóricas brasileiras e as cubanas.

Desta forma, dividimos o texto em três seções que abrangem as principais dimensões do objeto:

O capítulo um, *Radiodifusão e Sistema Comunicativo em Cuba*, faz um breve percurso pelo desenvolvimento da radiodifusão cubana, destacando sua ligação com o contexto histórico-político da Revolução Cubana. Nesse sentido, revisamos a estrutura do sistema da televisão nacional e, dentro dele, a estruturação e organização dos espaços informativos. A inclusão desses dados responde a que existem poucos trabalhos que sistematizem a evolução desses espaços informativos e seu impacto no desenvolvimento do telejornalismo no país. Finalmente, esse capítulo analisa e compara os resultados dos principais estudos domésticos relacionados a modelos, políticas e gestão comunicativa no país, produzidos nos últimos 15 anos. Se discute ademais, algumas noções sobre estrutura, regulação e autorregulação na mídia, que servirão como base para a posterior análise do funcionamento do jornalismo nacional.

O segundo capítulo, *Do jornalismo herdado ao jornalismo construído*, pretende entender os atravessamentos que configuram a performance dos jornalistas cubanos, tendo como ponto de partida a discussão da função social da mídia no país e a evolução

dessas noções no decorrer dos anos. Assim, o capítulo revisa o desenvolvimento da prática do jornalismo em Cuba e suas relações com seu contexto histórico-concreto, além da influência da União de Jornalistas de Cuba (UPEC) como organização regente do exercício profissional. A partir disso, delimitamos os principais dilemas da comunidade de jornalistas nacionais, em termos de culturas e ideologias profissionais, bem como os atritos nas suas relações com o poder. O capítulo é encerrado com uma revisão dos cursos de graduação e pós-graduação na área, devido ao alto grau de importância que os

No capítulo três, finalmente, são apresentados os resultados da nossa pesquisa. Sob o subtítulo *Telejornalismo esportivo cubano: uma ilha*, apresentamos uma discussão em torno da história, características, estruturas, culturas e motivações do jornalismo esportivo em TeleRebelde. Para isso, abordamos primeiramente as representações sobre esporte em Cuba e sua importância para a sociedade, a partir das transmissões esportivas na TV e o enquadramento ideológico dado pela mídia. Em um segundo momento, nos aproximamos da história e evolução de TeleRebelde (TR) como canal nacional e revisamos os desafios e novas perspectivas que sua transformação trouxe para o jornalismo esportivo nacional, em termos de programação e rotinas produtivas.

Num terceiro ponto discutimos algumas percepções sobre o telejornalismo esportivo do canal, a partir de quatro pontos: 1) Tensões relacionadas ao capital cognoscitivo; 2) Percepção sobre os espaços de privilégio; 3) Conflitos referidos ao campo das influências; 4) Disputas em torno da autoridade jornalística. A discussão proposta nesses pontos envolve espaços e níveis de conhecimento formal, motivações para a especialização profissional, disputas em torno a coberturas, fontes de informação, prestígio e visibilidade externa, bem como noções de autonomia e autoridade. No bojo desses debates, analisamos alguns conflitos internos relacionados a disputas entre gerações, conflitos de gênero e lutas relacionadas à delimitação de fronteiras profissionais entre jornalistas e comentaristas esportivos.

São essas discussões que nos permitem enxergar o telejornalismo esportivo cubano da perspectiva de *ilha* perante o resto das comunidades midiáticas nacionais. Além das condições regulatórias diferenciadas, é preciso destacar que o contexto televisivo é considerado pela audiência cubana como um espaço de reconhecimento e visibilidade, pelo que os telejornalistas esportivos parecem ganhar um status dobrado em termos de

acumulação de capital simbólico. Prevalece, no entanto, o paradoxo de que essa comunidade percebe certo grau de subestimação de suas produções, as quais eles acreditam que não são consideradas dentro os temas importantes da vida da nação (GONZÁLEZ, 2016).

De forma geral, nosso estudo baseou suas análises na revisão da pouca bibliografia atualizada referida à mídia e ao jornalismo nacional. Para esse último capítulo, no entanto, foram processadas as informações fornecidas por uma amostra de seis pessoas vinculadas ao telejornalismo esportivo dentro do canal TeleRebelde. Essa seleção incluiu três telejornalistas fixos do canal TR, um comentarista em condição de colaborador externo, e dois comentaristas esportivos, cujas funções podem competir com as dos jornalistas do canal. Foram realizadas três entrevistas formais e foi desenvolvida uma enquete, aplicada a todos os participantes da amostra. Alguns dos dados recolhidos aqui refletem também conversas informais e observações pessoais da autora, adquiridas através de períodos curtos de convívio com a comunidade analisada, bem como a revisão de alguns materiais audiovisuais.

Assim, propomos uma pesquisa de perspectiva empírica, que destaca a enquete, os depoimentos e a observação não participante como principais instrumentos. Essas escolhas estão motivadas pela carência de referentes bibliográficos que caracteriza os estudos acadêmicos e comunicativos Cuba, fenômeno que fica mais evidente na área de estudos do jornalismo esportivo.

## CAPITULO 1

### Radiodifusão e Sistema Comunicativo em Cuba

*Hablar de revoluciones, imaginar revoluciones, situarse mentalmente en el seno de una revolución, es hacerse un poco dueño del mundo. Quienes hablan de una revolución se ven llevados a hacerla. Es tan evidente que tal o cual privilegio debe ser abolido, que se procede a abolirlo; es tan cierto que tal opresión es odiosa, que se dictan medidas contra ella; es tan claro que tal personaje es un miserable, que se le condena a muerte por unanimidad. Y, una vez saneado el terreno, se procede a edificar la Ciudad del Futuro.*

*El siglo de las luces. Alejo Carpentier*<sup>2</sup>

A acelerada expansão do mercado midiático em Cuba e o crescimento das ofertas culturais e informativas extraoficiais, estão impactando significativamente nas formas em que os campos da mídia e da cultura se configuram no país. No entanto, nem a pesquisa acadêmica e, ainda menos, a política pública tem conseguido abordar as complexas consequências dessas mudanças nos processos comunicacionais internos (ELIZALDE, 2014: 53).

Enquanto as pesquisas sociais mostram uma sociedade cubana cada vez mais heterogênea, se faz evidente a urgência de desenhar estratégias comunicativas de uma perspectiva sistêmica (ACOSTA, 2013: 48), capazes de superar o centralismo das políticas informativas atuais e a falta de interação entre as estruturas administrativas. Esse processo deve condizer, no entanto, com as mudanças estruturais que vêm se propondo na última década nas instâncias governamentais e políticas. Pois nenhuma sociedade consegue permanecer imóvel ou isolada no tempo. Nenhuma, nem mesmo Cuba.

Assim, as páginas posteriores fazem um pequeno percurso pelo desenvolvimento da mídia cubana, especificamente da radiodifusão nacional, e sua ligação com o contexto histórico-político do país, a partir do triunfo da Revolução Cubana. Revisamos também a estrutura do sistema da televisão nacional e, dentro dele, a estruturação e organização dos

---

<sup>2</sup> Novelista, poeta, ensaísta, jornalista e crítico artístico cubano do Século 20. Primeiro diretor da Editorial Nacional (1962). Percursor do movimento literário *Realismo Mágico*; expoente do barroco e da vanguarda estética na narrativa nacional. Considerado uma das figuras mais destacadas das letras hispano-americanas e reconhecido por seus aportes teóricos à cultura latino-americana e caribenha. Ganhador do *Prêmio Miguel de Cervantes* e do *Prêmio Medicis Extranjero*. Dentre suas principais obras encontram-se: *O reino deste mundo* (1949), *Os passos perdidos* (1953), *O século das luzes* (1962), *Concerto Barroco* (1974) e *A consagração da primavera* (1978).

sistemas informativos. Finalmente, o capítulo recolhe e analisa os resultados dos principais estudos domésticos, envolvendo modelo, política e gestão comunicativos no país.

### *1.1. Sociedade e mídia cubana, o antes e o depois marcado pela Revolução*

Janeiro de 1897 marcou o primeiro encontro de Cuba com o mundo audiovisual. A chegada do cinema invadiu rapidamente os espaços públicos cubanos, imprimindo no país um certo ar de modernidade, e oferecendo à população a oportunidade de enxergar o mundo desde uma perspectiva diferente, mesmo se tratando nos primórdios de uma visão esteticamente muda, cinza e socialmente restritiva<sup>3</sup>.

Na primeira metade do século 20, o sistema comunicativo cubano sofreu um novo impacto. A chegada do rádio permitiu ampliar as possibilidades do mercado comunicativo interno, devido, fundamentalmente, ao barateamento dos custos de produção (CONCEPCIÓN, 2015) e à capacidade da palavra oral de chegar até mesmo públicos analfabetos, anteriormente inatingíveis pela imprensa escrita ou o cinema.

Desta forma, o rádio permitiu desenvolver novos e diferenciados perfis de conteúdo perante a possibilidade das novas audiências; ao tempo que criou precedentes para o desenvolvimento de um sistema comunicativo comercial que se fortaleceria mais tarde com a chegada da televisão e o crescimento da publicidade visual. Por volta de outubro de 1950, Cuba tornou-se o primeiro país da América Latina a realizar transmissões televisivas, completando assim um sistema de meios inteiramente controlado e administrado por empresas privadas; sujeito de experimentos midiáticos e laboratório de campanhas publicitárias de produtos norte-americanos a serem lançados ao mercado mundial (MUÑIZ In OLLER et al, 2017: 237).

De acordo com García Luis (2004), a estrutura da mídia cubana dos anos 1950 era relativamente grande, se comparada com a densidade populacional da época, porém ficava concentrada nas zonas urbanas de maior renda, enquanto era quase inexistente na ampla região rural, geralmente pobre e com um alto índice de analfabetismo, desemprego

---

<sup>3</sup> Nas crônicas da época, o historiador e intelectual cubano, Emilio Roig de Leuchsenring, narra sua fascinação perante as imagens cinematográficas, apesar da precariedade com que foram realizadas as primeiras apresentações na Havana e seu caráter privado. Embora o cinema popularizou mais tarde, nos primórdios, as salas eram poucas, muito pequenas e carentes de tecnologia.

e marginalização nas ofertas de consumo. Derivado disso, encontrava-se um jornalismo que espelhava o debate político-partidarista da época e permanecia funcional ao sistema dominante (pp. 79-80).

Marcado pela irrupção do triunfo da Revolução Cubana, o desenvolvimento da mídia adquiriu novas configurações depois do ano 1959 e a consequente nacionalização do sistema comunicativo interno. Até esse momento, a indústria cultural nacional permanecia focada no rádio, na televisão e nas pesquisas em Comunicação, além de manter grande foco no mercado da publicidade<sup>4</sup>. Este sistema comunicacional de tipo *financeiro-simbólico* era sustentado numa rede de alianças nacionais e estrangeiras, que foi anulada definitivamente após a implantação do sistema comunicativo revolucionário (CUE, 2016).

Além das nacionalizações, estendidas a quase todas as esferas sociais, o novo governo também legalizou instituições comunicativas, que teriam nascido no seio da clandestinidade da guerrilha. Dentre elas: o jornal *Combate*, de postura juvenil e antigo porta-voz do movimento estudantil *Directorio Revolucionario 13 de marzo*; o jornal *Noticias de Hoy*, antigo porta-voz do *Partido Socialista Popular (PC, 1925-1938; URC, 1938-1944; PSP, 1944-1959)*; o jornal *Revolución*<sup>5</sup>, antigo porta-voz do *Movimiento 26 de Julio (1953-1959)*; e a emissora *Radio Rebelde*, criada pelo Che Guevara em 1958, na Sierra Maestra, com o objetivo de difundir o avanço das tropas rebeldes e denunciar os crimes do governo de Fulgencio Batista.

A partir da necessidade de criar um aparelho de comunicação próprio, que respondesse aos novos interesses ideológicos do projeto social, foram criados, também em 1959, o *Instituto Cubano del Arte y la Industria Cinematográficos (ICAIC)* e a *Agência Informativa Latino-americana Prensa Latina (PL)* (OLLER et al., 2017, pp. 237-238),

---

<sup>4</sup> Na década de 1950, o mercado publicitário cubano experimentou um crescimento acelerado, ao ponto de ser considerado a esfera mais influente na vida econômica, política e social do país. Tal fenômeno foi impulsionado pela consolidação do setor comercial e industrial, acompanhado do aumento dos investimentos nos campos da propaganda, da tecnologia e a expansão os meios de comunicação de massa; além da institucionalização, profissionalização e complexificação do negócio da publicidade.

<sup>5</sup> Como parte das transformações estruturais iniciadas a mediados de 1960, os jornais *Noticias de Hoy* e *Revolución* se fusionaram e deram lugar a *Granma*, atual jornal oficial do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba.

instituições que até hoje são expoentes imprescindíveis no desenvolvimento cultural e comunicativo do projeto social revolucionário.

O ICAIC, considerado a primeira instituição cultural da Revolução Cubana, nasceu apenas dois meses após a entrada de Fidel Castro em Havana. Sua criação partiu da ideia de que o cinema é uma arte capaz de transcender à indústria e, portanto, dentro da sociedade socialista, esta arte devia “ser distribuída como uma forma de crítica, de tomada de consciência, de experimentação”; e no caso de Cuba, iria se transformar também em uma forma de “fazer e contar a própria história cubana” (GONZÁLEZ In DE JESUS, RIVERA, LOBO, 2007)<sup>6</sup>.

A criação de *Prensa Latina* (PL), em junho de 1959, visava igualmente dar voz e visibilidade ao país, contextualizando-o dentro da realidade da região. Sob esta missão, PL se transformou no “primeiro projeto de comunicação latino-americano de âmbito internacional com uma visão alternativa da realidade regional” (Agencia Informativa Latinoamericana Prensa Latina, 2016). Atualmente, a agência possui escritórios em 32 países do mundo, transmite pouco mais de 400 envios noticiosos diários em espanhol, inglês, português, francês, italiano e russo, e ostenta um dos maiores arquivos fotográficos da América Latina e o Caribe.

Sob o influxo destas transformações, o país trocou, em poucos anos, a função comercial e mercado-técnica do sistema comunicativo por uma dinâmica politicamente comprometida, onde a comunicação virou propaganda e as lógicas de mercado foram vetadas quase por completo. Dentro do cinema nacional, por exemplo, podiam se encontrar apenas três correntes fundamentais: cinema didático, cinema documental e cinema ficcional, as quais abordavam, de forma quase unânime, diversos aspectos da nova sociedade em formação (DEL RÍO, s.d). Assim, nesta primeira década de Revolução, os espaços audiovisuais se destacaram, junto das reuniões e das assembleias públicas, como vias de intercâmbio social e de exercício do poder popular (OLLER et al., 2017: 239),

---

<sup>6</sup> Entrevista com Omar González Jiménez, Presidente ICAIC, realizada pela Revista *Inverta* durante a *I Convenção Nacional de Cubanos Residentes no Brasil*, 5 de maio de 2007, Rio de Janeiro; e publicada na sua edição impressa nº 412.

proporcionando, além de uma forma de representatividade cidadã, diversos espaços de crítica social e estatal<sup>7</sup>.

Um dos exemplos de maior relevância da época é o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* (1960-1990), cinejornal criado e dirigido pelo cineasta Santiago Álvarez, que era exibido semanalmente nas salas de cinema do país. O objetivo do espaço era mostrar o desenvolvimento do projeto revolucionário, bem como narrar os principais acontecimentos da atualidade internacional. As reportagens eram filmadas em 35 milímetros –de acordo com os padrões de produção cinematográfica do momento–, não incluíam anúncios comerciais e ocupavam em torno de 10 minutos no espaço prévio à exibição dos filmes no cinema. Os materiais se destacavam pelo uso de recursos e padrões narrativos que fugiam das clássicas formas jornalísticas e se aproximavam mais de uma estética abertamente cinematográfica (DEL RIO, 2010).

A crônica, a ironia, o sarcasmo e o duplo sentido complementavam o estilo narrativo do cinejornal, também reconhecido por agrupar em sua equipe um grupo de realizadores que mais tarde despontariam como os mais relevantes nomes da cinematografia nacional<sup>8</sup>. Não poucas edições “transcenderam a categoria da informação conjuntural e se transformaram em documentários de curta metragem<sup>9</sup>, devido ao seu valor visual e artístico e à sua transcendência política e cultural” (idem).

Em seus 30 anos de existência, o *Noticiero ICAIC Latinoamericano* emitiu cerca de 15 mil minutos em um total de 1490 sessões semanais (Pastrana, 2012). As emissões falavam sobre a Revolução Cubana, mas também sobre os processos culturais e políticos do mundo todo: da Revolução Russa, da guerra do Vietnã e até dos movimentos anticoloniais da América Latina e da África. Apesar de sua origem fílmica, o *Noticiero* é

---

<sup>7</sup> Deve-se levar em consideração que até a década de 1980, os únicos espaços para o consumo audiovisual eram o cinema e a televisão e eles eram de propriedade estatal, com discurso comprometido ideologicamente. Para o fim dessa década, a chegada dos reprodutores de vídeo marcaria uma aproximação diferente do audiovisual com o público (CONCEPCIÓN, 2015), mudando interesses temáticos e sensibilidades estéticas.

<sup>8</sup> Fernando Pérez (*Clandestinos, Hello Hemingway, Madagascar, Suite Habana*); Rolando Díaz (*Los pájaros tirándole a la escopeta, En tres y dos*); Daniel Díaz Torres (*Jíbaro, Alicia en el pueblo de Maravillas*), entre outros.

<sup>9</sup> *Now!* (1965); *Hanoi, martes 13* (1967); *Ciclón* (1963); *Muerte al invasor* (1961), contam inclusive com vários prêmios cinematográficos internacionais.



considerado um expoente de jornalismo engajado que conseguiu ser, ao mesmo tempo, altamente crítico.

Os velhos desafios, presentes em toda a narrativa do início da Revolução, seriam paulatinamente substituídos por novas preocupações. Enquanto a primeira metade da década de 1960 foi marcada por uma efervescência inovadora e crítica, os anos posteriores foram definidos pela progressiva institucionalização, burocratização e dogmatização dos espaços culturais-comunicativos (GARCÍA LUIS, 2004; CUE, 2016; OLLER et al., 2017). Esses anos são conhecidos também pela aplicação de políticas culturais restritivas, altos níveis de censura (que derivaram posteriormente em autocensura e em uma ideia distorcida de autorregulação), e a punição de intelectuais e artistas que não se encaixavam nos estreitos limites que, naquele momento, foram instituídos para a cultura e a arte “verdadeiramente revolucionários”.

O período foi conhecido como *Quinquenio Gris* [Quinquênio Cinza] e se estendeu – oficialmente- de 1971 a 1975<sup>10</sup>. O termo foi referendado pelo intelectual cubano Ambrosio Fornet, para se referir à imposição de uma série de políticas e ações desenvolvidas por representantes governamentais extremistas. O *Quinquenio Gris* é consensualmente reconhecido em Cuba como um período de retrocesso no desenvolvimento da Cultura Nacional, devido ao crescimento da burocracia e à marginalização de muitos dos mais reconhecidos intelectuais cubanos<sup>11</sup>. Na área do jornalismo, no entanto, as proibições impactaram apenas nas restrições para a publicação de determinados conteúdos<sup>12</sup>.

Com o ingresso de Cuba, em 1972, ao projeto de intercâmbio entre as nações socialistas, *Conselho para Assistência Econômica Mútua* (CAME)<sup>13</sup>, o receio que tinha

---

<sup>10</sup> Existem versões extraoficiais que consideram que as consequências desta etapa podem ter se estendido realmente por cerca de 15 anos em alguns setores.

<sup>11</sup> De acordo com o intelectual cubano Fernando Martínez Heredia (2007), o pensamento social sofreu mudanças que paralizaram seu desenvolvimento e provocaram seu empobrecimento e sua dogmatização (p.156).

<sup>12</sup> O jornalista Freddy Moros relata sua experiência perante as limitantes do Quinquenio: “De *Paradiso* (José Lezama Lima, 1966) se nos proibiu publicar uma nota sobre sua edição. Nos indicaram não mencionar nada sobre o Prêmio UNEAC concedido para *Os sete contra Tebas* (Antón Arrufat, 1967). Nessa forma chegava a nós o *Quinquenio Gris*, mas não foi em danos pessoais para nenhum de nós. Isso nos danificou, sem dúvida, nas restrições para projetar as informações sobre fatos e pessoas” (MORO, 2008 IN ACOSTA, 2013: 87).

<sup>13</sup> Criado em Moscou em 1949, durante uma Conferência Econômica que reunia representantes de diversos países do Leste Europeu. Inicialmente contava com apenas 6 países membros, mas por volta de 1985 já

assombrado a intelectuais e artistas, sobre o futuro da arte e da cultura dentro da Revolução, pareceu se materializar com a adesão progressiva da produção cultural e intelectual doméstica das estéticas do *Realismo Socialista*<sup>14</sup> (RETAMAR, 2009). Isso repercutiu não apenas na performance do setor, como também nas manifestações de crítica aberta, comuns aos primeiros anos revolucionários.

A intelectualidade nacional temia que, como tinha acontecido em quase todas as nações socialistas até o momento, o governo cerceasse as liberdades criativas e impusesse os modos de fazer cultura (RETAMAR, 2009). Tais incertezas impulsionaram diversas reuniões dos escritores e artistas cubanos com os líderes políticos da Revolução. O processo de diálogo terminou com um discurso de Fidel Castro –intitulado mais tarde como *Palavras aos intelectuais* (1961) - que transcendeu pela frase: "Dentro da Revolução tudo, contra a Revolução, nada". De acordo com Retamar (2009), essa sentença (ou bem a distorção dela) parece ter guiado a política cultural de Cuba desde então.

Já nas *Palavras aos intelectuais*, Fidel tinha reconhecido algumas das fraquezas que enfrentava a Revolução Cubana no período, a qual teria sido concebida e chegado ao poder

em um tempo –pode ser dito- *record*. Diferente de outras revoluções, não tinha todos os problemas resolvidos. E uma das características da Revolução tem sido, portanto, a necessidade de enfrentar muitos problemas apressadamente.

E nós [os líderes] somos como a Revolução, isto quer dizer que temos nos improvisado bastante. Por isso não pode se dizer nem que essa Revolução teve o período de gestação que tiveram outras revoluções, nem os líderes da Revolução

---

possuía 10 integrantes plenos e mantinha relações de cooperação ativa com 78 países em desenvolvimento da África, Ásia e da América Latina. De acordo com o *Artigo 1* dos **Estatutos** do CAME, o objetivo do Conselho era: "(...) contribuir mediante a unificação e a coordenação dos esforços dos países membros, com o aprofundamento e o fortalecimento ulteriores da colaboração, do desenvolvimento da integração econômica socialista, do desenvolvimento planejado da economia nacional, com a aceleração do progresso econômico e técnico destes países, com o crescimento do nível de industrialização dos países industrialmente menos desenvolvidos, com o incremento contínuo da produtividade do trabalho, com a aproximação e igualdade paulatina dos níveis de desenvolvimento econômico e com o crescimento constante do bem-estar dos países membros do Conselho". Esse projeto de integração abrangia também a colaboração entre as Academias de Ciências, o intercâmbio e a capacitação de quadros científicos (VERA, 1984).

<sup>14</sup> Corrente artístico-literária que se desenvolveu inicialmente na União Soviética, posteriormente aderida por outros países pertencentes ao bloco socialista ou não. O objetivo fundamental desta manifestação ideológica-cultural era exaltar o comunismo como sistema social e mostrar o empoderamento do trabalhador dentro da sociedade comunista.

tiveram a maturidade intelectual que os líderes de outras revoluções tiveram (CASTRO, F. 1961, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Nos anos subsequentes, o país e o governo sofreram múltiplos avanços e adversidades no intuito de encontrar um modelo de funcionamento viável e de se aproximar da “eficiência econômica” (CASTRO, F. 1986). Algumas medidas para impulsionar o desenvolvimento econômico-social desses anos foram os chamados Planos Quinquenais de Desenvolvimento, que propunham uma série de metas a serem alcançadas em um período de cinco anos, e revisadas e analisadas no final de cada período respectivo. Os resultados, no entanto, nem sempre foram os esperados.

Entre 1976 e 1980, por exemplo, se percebeu uma deterioração da economia em comparação com o quinquênio anterior. O comércio exterior sofreu uma queda nesta etapa e, de forma geral, a maior parte das metas econômicas propostas não foram cumpridas. Apesar de se superarem os avanços previstos na Educação e na Saúde<sup>16</sup>, em análises posteriores se concluiu que os Planos não constituíram um sucesso: as metas eram ambiciosas demais, de acordo com as capacidades reais do país, a eficiência dos investimentos foi baixa e se perdeu o controle do valor das exportações (MESA-LAGO, 1982: 378-379).

Em 1986 começou o processo de *Retificação de erros e tendências negativas*<sup>17</sup>, que teve sua motivação inicial na necessidade de revisar e corrigir as deformações econômicas nascidas dos anos anteriores. Mais tarde, esta retificação se estendeu a outros problemas presentes em diversas áreas da vida nacional. Alguns discursos de Fidel Castro da época, refletem sobre o contexto político que vivia o país, sobre o papel dos seus líderes e sobre a necessidade de um processo constante de revisão interna:

---

<sup>15</sup> Trecho original citado: “(...) esta es una revolución que se gestó y llegó al poder en un tiempo —puede decirse— récord. Al revés de otras revoluciones, no tenía todos los problemas resueltos. Y una de las características de la Revolución ha sido, por eso, la necesidad de enfrentarse a muchos problemas apresuradamente. Y nosotros somos como la Revolución, es decir, que nos hemos improvisado bastante. Por eso no puede decirse que esta Revolución haya tenido ni la etapa de gestación que han tenido otras revoluciones, ni los dirigentes de la Revolución la madurez intelectual que han tenido los dirigentes de otras revoluciones.”

<sup>16</sup> A década de 1980 marcou o decolar das indústrias biotecnológica e farmacêutica em Cuba, que ainda continuam a ser áreas de alto desenvolvimento.

<sup>17</sup> Podem se encontrar mais informações sobre este período nas atas dos III e IV Congressos do Partido Comunista de Cuba, 1986 e 1991 respectivamente. Os resumos e atas de todos os congressos estão disponíveis em: [http://www.pcc.cu/cong\\_asamb.php](http://www.pcc.cu/cong_asamb.php)

Cometemos erros, sim, (...) cometemos dois tipos de erros: numa fase cometemos erros de idealismo y na outra fase, tentando superar os erros do idealismo, cometemos erros de *economicismo* e mercantilismo. (...) estamos agora corrigindo esses erros, e era muito necessário retificá-los, sem cair nos erros anteriores (...); estamos indo devagar, mas estamos começando a ver uma série de resultados por todas partes. E essa não é uma tarefa fácil, ninguém imagine que é tarefa fácil tudo o relacionado à teoria dos métodos, às formas de construção do socialismo num determinado país. Todos os países são diferentes, (...) não se pode fazer exatamente o mesmo processo revolucionário em um país e em outro (CASTRO, F. 1989, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Ao tempo que o panorama político se reconfigurava desta forma, a imprensa se viu na necessidade de repensar seu papel dentro do devir do sistema social. A *União de Jornalistas de Cuba* (UPEC)<sup>19</sup> foi um ator determinante neste sentido, tendo o dever de guiar e reivindicar a função do jornalista na sociedade em construção. A imprensa parecia se aproximar de uma nova etapa, após perceber sua “passividade e incapacidade” para denunciar, advertir ou “defender a sociedade de deformações e fenômenos negativos” (GARCIA LUIS, 2004: 82- 83). O desafio era alcançar um exercício da profissão mais crítico, analítico e proativo.

Contudo, as condições histórico-materiais em que se estruturaram as instituições revolucionárias, levaram os meios de comunicação domésticos a protagonizar uma contradição difícil de superar, traduzida no duplo papel da mídia na sociedade socialista. Correspondia a ela exaltar e difundir o projeto ideológico-político da Revolução (em uma relação que acabou desenvolvendo certo paternalismo) e, ao mesmo tempo, ser crítica e

---

<sup>18</sup> Fidel Castro, 4 de janeiro de 1989. Discurso pronunciado no Ato Central pelo XXX Aniversário do Triunfo da Revolução, Exposição Permanente do Desenvolvimento Económico e Social da República de Cuba. Trecho original citado: “Cometimos errores, sí, (...) cometimos dos tipos de errores: en una fase cometimos errores de idealismo y en otra fase, tratando de superar los errores de idealismo, cometimos errores de economicismo y de mercantilismo. (...) Ahora estamos rectificando esos errores, y fue muy necesario rectificarlos, sin caer en los errores anteriores (...); vamos despacio, pero ya se empiezan a apreciar una serie de resultados por todas partes. Y esta no es tarea fácil, nadie se imagine que es tarea fácil todo lo que tenga que ver con la teoría de los métodos, de las formas de la construcción del socialismo en un país determinado. Todos los países son diferentes, (...) no se puede llevar a cabo un proceso revolucionario exactamente igual en un país y en otro.”

<sup>19</sup> Organização social e profissional, de ingresso voluntário, criada em julho de 1963, resultado da união dos profissionais da mídia, até então agrupados em três organizações diferentes (*Colegio Nacional de Periodistas; Asociación de Reporteros de La Habana; Asociación de la Prensa de Cuba*), além de outras pequenas organizações e associações que amparavam repórteres, corretores, fotógrafos, câmera-men, desenhadores e humoristas gráficos. Possui seus próprios estatutos, normas, código de ética, eventos e concursos. Entre seus objetivos e obrigações gerais, a UPEC visa “defender os jornalistas no exercício legal e ético da profissão, no direito do acesso às fontes de informação e no cumprimento de seu trabalho de informação e orientação” (Site institucional da UPEC: cubaperiodistas.cu).

reflexiva a respeito de seus erros. Desde o primeiro momento, era evidente que a missão dos meios de comunicação ficaria definida a partir de duas visões: a de ser poderosos instrumentos do poder político e defensores da Revolução e o Socialismo; e a de servir e defender os interesses do povo, além da política. No plano ideal do discurso, a contradição terminaria quando ambas visões acabassem se homologando (REGO, 2013).

O. Jarren identifica três diferentes paradigmas para explicar a relação entre a mídia e o poder: 1) Redistribuição de poderes (que entende a mídia como “Quarto Poder” e pressupõe autonomia midiática); 2) Dominação e dependência (da mídia sobre a política ou vice-versa); e 3) interdependência ou simbiose entre mídia e política (2010: 2939). Seguindo essa ideia, a mídia cubana pareceu oscilar entre o terceiro e o primeiro paradigma durante os anos iniciais da Revolução; enquanto se faz mais evidente a assunção do segundo paradigma (com dominância política) nos anos posteriores.

Não são poucos os documentos e alocações oficiais nos quais a imprensa é incitada a assumir um papel mais proativo a respeito da vida pública e política. Em 1975 durante o I Congresso do Partido, é valorizada a função dos meios como ente enriquecedor do projeto social. Em março de 1976, o Buró Político emitiu mais uma orientação que reafirmou a autoridade social da imprensa e a responsabilidade de cada meio de comunicação com sua própria Política Editorial (ACOSTA, 2013: 31). Em 1979, novamente foi enfatizado o apoio e respeito à função social da imprensa, que ficou finalmente recolhido numa Resolução do *IX Pleno del Comité Central del Partido*:

(...) A crítica é um método inseparável da vida do Partido, que ajuda a corrigir os desvios e estimula a participação das massas na solução dos problemas e das dificuldades.

(...) O exercício da crítica supõe, ante tudo, o exame de uma situação ou fato determinado, sem que isso deva ser associado forçosamente ou traduzido em todos os casos, em censura ou rejeição. A crítica no socialismo se sustenta na veracidade, na consciência da sua utilidade social, na lealdade aos princípios, na seriedade e na responsabilidade de quem a exerce, e no seu espírito fraternal e propósitos construtivos.

(...) a crítica é eficaz quando concreta e direta, quando aborda os problemas com sentido positivo, aponta com valor aos responsáveis das deficiências e aporta sugestões que contribuem para encontrar soluções. (...) O exercício da crítica deve desempenhar um importante papel na luta pela eliminação dos obstáculos que freiam o desenvolvimento da economia, combater as deficiências de todo tipo, as manifestações antissociais e as violações da legalidade socialista (“Sobre o

fortalecimento do exercício da crítica nos meios de difusão massiva”, *IX Pleno del Partido Comunista de Cuba*, 1979, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Embora o texto se coloque dentro de padrões morais muito rígidos, o real impacto do documento foi reconhecer de forma oficial que a imprensa constitui uma estrutura essencial para garantir a legalidade e do bom exercício do poder. Apesar disso, o posicionamento da mídia perante o poder continuou sendo marcadamente passivo.

De acordo com a jornalista e professora cubana, Maribel Acosta (2013), isso poderia ser uma consequência do processo de institucionalização do país, que levou à reestruturação do aparato auxiliar do Comitê Central nacional e provincial (1973). Esse fato condicionou a perda da autoridade decisória dos diretores de meios, pois “o Partido tentou controlar a imprensa a partir dos aparelhos auxiliares, e a administração assumiu o controle do poder sobre a comunicação” (p. 31).

Isto foi reconhecido no Artigo 15 da *Resolução sobre os Meios de Difusão Massiva do II Congresso do Partido Comunista de Cuba*<sup>21</sup>, que apontou também a responsabilidade de outras instancias no impedimento de um jornalismo mais crítico<sup>22</sup>:

Foi analisado, dentre outros fatores, que a crítica tem se visto limitada pelas debilidades presentes na performance dos meios de comunicação e dos próprios jornalistas, *bem como pela incompreensão dos organismos e instituições, diretivos e funcionários, sem exclusão dos quadros e militantes do Partido* (1980, tradução e grifos nossos)<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Trecho original citado: “(...) La crítica es un método inseparable de la vida del Partido, que ayuda a corregir las desviaciones y estimula la participación de las masas en la solución de los problemas y las dificultades. (...) El ejercicio de la crítica supone ante todo el examen de una situación o hecho determinado, sin que se asocie forzosamente ni se traduzca en todos los casos en censura o rechazo. La crítica en el socialismo se afirma en la veracidad, en la conciencia de su utilidad social, en la lealtad a los principios, en la seriedad y responsabilidad de quienes la ejercen y en su espíritu fraternal y propósitos constructivos. (...) La crítica es eficaz cuando es concreta y directa, aborda los problemas con sentido positivo, señala con valor a los responsables de las deficiencias y aporta sugerencias que contribuyen a encontrar soluciones. (...) El ejercicio de la crítica debe desempeñar un importante papel en la lucha por la eliminación de los obstáculos que frenan el desarrollo de la economía, combatir las deficiencias de todo tipo, las manifestaciones antisociales y las violaciones de la legalidad socialista” (Documento “Sobre el fortalecimiento del ejercicio de la crítica en los medios de difusión masiva”. *IX Pleno del Partido Comunista de Cuba*, 1979).

<sup>21</sup> Realizado no Palácio das Convenções (La Habana). O congresso fez uma revisão econômica, política e social dos avanços e retrocessos no quinquênio anterior (1975-1980) e analisou as projeções para o próximo (1981-1985).

<sup>22</sup> A discussão seria retomada novamente em 2007 pelo Buró Político del Comité Central del Partido, mediante outro documento que analisava os fatores que impossibilitavam a normal circulação da informação no país e a falta de credibilidade da imprensa (ACOSTA, 2013: 47).

<sup>23</sup> Trecho original citado: “Se analizó que, entre otros factores, la crítica se ha visto limitada por las debilidades presentes en el desempeño de los órganos de prensa y de los propios periodistas, así como por la incompreensión de organismos e instituciones, dirigentes y funcionarios, sin excluir a cuadros y militantes del Partido” (Art. 15 “Resolución sobre os Meios de Difusão Massiva”. *II Congresso do PCC*).

Desde a visão de García Luis (2010),

(...) o esquema político conscientizado pela imprensa cubana, desestima que a sorte histórica dessa experiência de transição para o socialismo é estritamente inseparável dos riscos assumidos na sua prática discursiva. Consequentemente, nossos jornais pecam comumente de dogmatismo em seu método, aplicando um modelo unanimista e acrítico, incapaz de captar o sentido reformador que exigem os processos internos (IN LORENZO, 2011, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Contudo, no final da década de 1980 –e inserido no processo de *Retificação de erros*– os jornalistas começaram a exigir a discussão de novas políticas comunicativas, que oferecessem maior autonomia à imprensa nacional, e que dessem maior poder de decisão aos diretores de meios. Do mesmo modo, na UPEC se discutiam estratégias para desenvolver a agenda mediática, elevar o nível profissional e reivindicar a voz ativa do jornalista na agenda pública e política nacional (V Congresso da UPEC, 1986). Mas com a aparição da *Perestroika*<sup>25</sup>, a queda do bloco socialista e a crise política dos anos 1990, foram reavivadas certas “apreensões políticas e realidades materiais que levaram à postergação de todo tipo de mudança” (ACOSTA, 2013: 38).

O processo de *Retificação de erros* se transformou, assim, no prelúdio do *Período Especial* (ou Crise dos 90). Os anos pós URSS têm sido caracterizados por García Luis (2004) como uma etapa de “resistência e supervivência”, devido à magnitude da crise e o seu impacto no país, onde absorveu e paralisou todas as esferas da sociedade. A queda do campo socialista impactou nas relações estratégico-militares, político-diplomáticas, comerciais e econômicas cubanas. Foram cancelados 80 projetos de investimento conjunto com as antigas repúblicas soviéticas –dentre eles, a Central Eletro nuclear de Juraguá<sup>26</sup>–; além disso, Cuba perdeu mais do 80% do comércio exterior e foi forçada a

---

<sup>24</sup> Trecho original citado: “El esquema político concientizado por la prensa cubana, obvia que la suerte histórica de esta experiencia de transición al socialismo, es en rigor inseparable de los riesgos que asuman en su práctica discursiva. En consecuencia, nuestros periódicos pecan comúnmente de dogmatismo en su método, aplicando un modelo unanimista y acrítico, incapaz de captar el sentido reformador que requieren los procesos internos” (Entrevista com Julio García Luis, 22 de octubre de 2010).

<sup>25</sup> Esta política supus a “reconfiguração” da antiga União Soviética. Foi introduzida por Mikhail Gorbachev em 1986, conjuntamente com a Glasnost. Considera-se que a aplicação destas políticas teve como consequência a extinção do bloco socialista europeu.

<sup>26</sup> Localizada na província Cienfuegos, na região central de Cuba. Suas operações foram canceladas em 1992, mesmo antes de começar seu funcionamento e após a queda do campo socialista. Foi considerada a maior obra industrial a se realizar em Cuba durante o século 20, cujo objetivo era mudar as formas de produção e consumo de energia no país, além de gerar milhares de empregos. Mais informação disponível em <http://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-42926682>

reconfigurar apressadamente seu mapa geográfico de exportações e importações (SUÁREZ, 1994: 309-310).

Os reportes indicam que durante o ano 1991, a Rússia ex-soviética só cumpriu com a metade dos intercâmbios acordados com Cuba. Em 1992, os abastecimentos provenientes das antigas repúblicas socialistas caíram em 70%, e as exportações petrolíferas passaram de 13,3 milhões (1989) a pouco mais de 2 milhões (1993). Cuba também perdeu os privilégios comerciais do CAME, que oferecia preços diferenciados sobre produtos como cana de açúcar, níquel e petróleo. O valor das importações de outros itens alimentícios básicos como leite, trigo, frango, aumentaram consideravelmente (SUÁREZ, 1994).

Em 1993, a taxa de crescimento do PIB<sup>27</sup> se reportou em -14,88 % (ACTUALITIX, 2018), a mais baixa na história do país pós-Revolução. Esse ano marcaria também o início de uma primeira abertura econômica cubana, que abarcou fundamentalmente três fenômenos simultâneos e interrelacionados: o desenvolvimento acelerado do turismo internacional; a diversificação do comércio exterior; e o incentivo do investimento estrangeiro no território nacional (MONREAL, RUA, 1994).

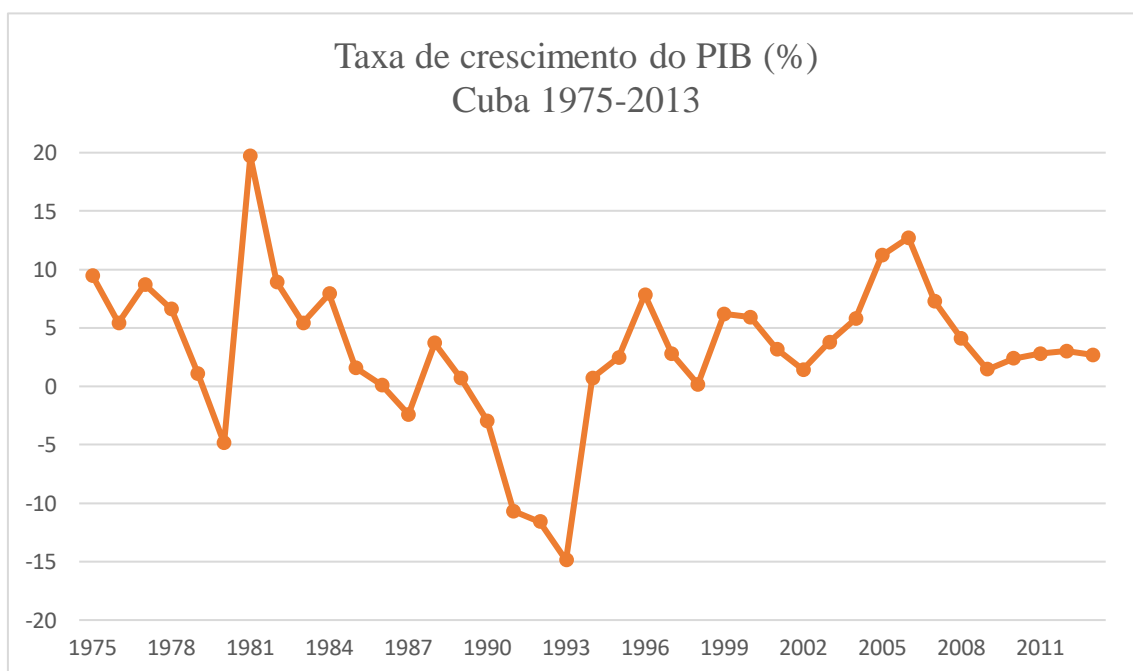


Figura 1. Fonte: Actualitix, 2018

<sup>27</sup> O ano de maior crescimento reportado pelo site foi 1981, com 19,69%. Dados completos disponíveis em <https://pt.actualitix.com/pais/cub/cuba-taxa-de-crescimento-do-pib.php>



As consequências negativas desta época são visíveis em todas as esferas da sociedade cubana, incluindo o sistema comunicativo nacional. A imprensa doméstica experimentou certo estancamento no desenvolvimento profissional depois de 1990 e até hoje não conseguiu desenvolver mudanças substanciais na sua estrutura. Em páginas posteriores deste capítulo, retomaremos a discussão deste assunto.

### *1.2 A Televisão Cubana e sua ligação com o desenvolvimento do sistema comunicativo nacional*

Além do caráter exclusivamente estatal dos meios de comunicação, foi conferida à mídia a missão de ajudar na construção do socialismo e de contribuir no desenvolvimento político-ideológico do povo através do crescimento cultural<sup>28</sup>, função posteriormente assinada e institucionalizada pelo *II Congresso do Partido Comunista de Cuba* (Art. 2, 1980).

Em 1962, dentro das instituições encarregadas de dirigir, coordenar e implementar as políticas culturais do Governo, foi criado o *Instituto Cubano de Radio y Televisión* (ICRT)<sup>29</sup>, que inicialmente se chamou apenas de *Instituto Cubano de Radiodifusión*. Delegaram a ele a responsabilidade de executar e controlar as atividades dentro do sistema de rádio e televisivo no país, bem como supervisionar a grade e os processos produtivos, para garantir uma radiodifusão de “caráter informativo, recreativo e educativo”, de acordo com os parâmetros do novo sistema político-ideológico (Governo da República de Cuba, 2016).

Como parte do ICRT, a Televisão Cubana (TVC) surgiu para administrar e organizar a televisão pública doméstica, que inclui atualmente os cinco canais de alcance nacional; os 15 de tipo provincial; os 30 municipais (além de mais de 70 escritórios de

---

<sup>28</sup> Dentre os programas sociais de início da Revolução, um dos mais privilegiados foi justamente o desenvolvimento da cultura. Além do *ICAIC* e *Prensa Latina*, em 1960 também foi organizada a *Imprenta Nacional* (primeiro título publicado e vendido a um custo mínimo foi *Dom Quixote da Mancha*); e em 1961 foi iniciada a Campanha de Alfabetização, que transformou Cuba no primeiro país livre de analfabetismo na América Latina.

<sup>29</sup> O nome original (em 1962) foi ICR (*Instituto Cubano de Radiodifusión*). Em 1975, mudou seu nome para o atual ICRT, mas sem alteração da sua missão social e funções. Essa renovação, no entanto, foi guiada pela tendência a assumir os modelos das repúblicas soviéticas, pelo que o ICRT foi estruturado da mesma forma que o *Comitê Estatal de Rádio e TV* da URSS, "que juntamente com a transferência de temas e os rígidos mecanismos institucionais importados, aportaram muito mecanismo e uma disciplina que restringiu a criatividade"(RESILLEZ, 2008 In ACOSTA, 2013).

correspondentes); um canal de alcance internacional; e alguns outros pertencentes ao experimental sinal digital. O objetivo da instituição consiste em oferecer uma programação variada, que ao mesmo tempo monitora, controla e organiza o desenvolvimento da televisão nacional.

Devido às características específicas da realidade cubana, o sistema televisivo teve durante várias décadas um desenvolvimento de perfis mais generalistas. Apenas no último decênio tem se visto uma aproximação da especialização por temáticas, o que tem favorecido o surgimento de canais dedicados a temas educativos ou esportivos especificamente, como o caso de TeleRebelde (CUE, s.d). Apesar disso, a estruturação da grade televisiva pós-Revolução contrastava nitidamente com a realidade anterior, onde mais de um 75% da programação total era dedicada a programas de entretenimento, enquanto apenas um 5% correspondia a programas de tipo educativo ou formativo (LEGAÑO, CABRERA, 2007).

A grade atualmente está organizada da forma descrita a seguir. Dentro dos canais de cobertura nacional<sup>30</sup>:

### ***Cubavisión***

Foi o primeiro canal televisivo criado no país, em dezembro de 1950, sob o comando da então *CMQ Televisión*. É conhecido popularmente como Canal 6 ou Canal 8, nomenclatura que corresponde às frequências em que podia ser sintonizado nos receptores nacionais. *Cubavisión* foi nacionalizado em outubro de 1960, como parte da intervenção estatal revolucionária nos meios técnicos do país. Sua programação tem sido, desde seus inícios, de tipo generalista e familiar. Atualmente transmite 24 horas e sua grade é conformada por seriados (nacionais e estrangeiros), informativos, novelas, musicais, filmes, humorísticos e outros.

O horário da manhã é dedicado principalmente a programas de tipo cultural-educativo e histórico, geralmente de origem nacional. Também se dedica um espaço importante à transmissão de novelas<sup>31</sup> (tanto nacionais quanto estrangeiras). A primeira parte da tarde

---

<sup>30</sup> A programação de cada um deles e do Canal Digital Clave, pode ser consultada, acompanhada ou baixada no Site da Televisão Cubana: <http://www.tvcubana.icrt.cu/index.php/cartelera-de-la-tv-cubana>

<sup>31</sup> Nos últimos tempos, a carência na produção de novelas nacionais tem feito com que o número de transmissões favoreça àquelas de origem estrangeira. Mexicanas (hoje em menor medida), colombianas, argentinas e, especialmente, brasileiras são as mais consumidas.

é reservada a filmes, enquanto a segunda (16:15h-18:30h) é exclusiva para conteúdo infanto-juvenil. A noite está dividida entre novelas, dramatizados de corte social-educativo e filmes; e na madrugada se emitem seriados e filmes estrangeiros e retransmissão de capítulos de novelas. Os principais informativos<sup>32</sup> estão distribuídos nos horários da manhã, meio-dia e noite, além de outros espaços informativos secundários que passam nos horários intermediários e no final de semana.

### ***TeleRebelde***<sup>33</sup>

Foi o segundo canal a ser fundado pela TV e era conhecido inicialmente como Canal 2. Em 1979 adquiriu a categoria de canal nacional, como parte de uma reorganização da TVC, e mudou o nome para *TeleRebelde*. Sua programação possuía um porte generalista, com forte tendência ao esporte, até abril de 2013, quando assumiu uma grade especializada em informativos e eventos esportivos. Seus conteúdos oscilam entre coberturas e retransmissão de grandes eventos esportivos, e produções informativas nacionais.

### ***Canal Educativo*** (2002); ***Canal Educativo 2*** (2004)

Criados por Fidel Castro<sup>34</sup>, ambos canais possuem uma programação de tipo cultural, educativa e de orientação social. Seus programas propriamente didáticos abarcam o ensino pré-escolar, fundamental, médio; o ensino técnico e a chamada de Universidade para Todos<sup>35</sup>. Até a criação destes canais, o conteúdo especializado (que começou a se transmitir desde 1999) era incluído nas grades de *Cubavisión* e *TeleRebelde*.

---

<sup>32</sup> As duas emissões principais são *Al mediodía* e *NTV Emisión Estelar*. Elas enlaçam todos os canais nesse horário, exceto Multivisión, cuja programação não é interrompida pelo espaço informativo. Sobre os noticiários aprofundamos mais à frente nesse capítulo.

<sup>33</sup> Não aprofundaremos na descrição de *TeleRebelde*, pois no terceiro capítulo desta pesquisa oferecemos uma análise mais detalhada sobre sua programação, história e funcionamento.

<sup>34</sup> Criados como parte de um projeto denominado *Batalha das Ideias*, campanha de ação e mobilização política de alcance nacional, que começou após o sequestro do menino Elián González e que incluiu a criação não apenas de programas sociais, mas de instituições educativas como a Universidade de Ciências Informáticas (UCI). Mais informações sobre este projeto disponíveis em: <http://www.museobatalladeideas.cult.cu/>

<sup>35</sup> *Universidad para Todos*: Inclui grande variedade de cursos que vai desde Línguas, Arte e Literatura, até meio ambiente, minerais ou climatologia. Seus suportes são o televisivo e um tabloide impresso, que disponibiliza o conteúdo das aulas e alguns exercícios práticos. Disponível em: <http://www.medioambiente.cu/index.php/universidad-para-todos>

O *Canal Educativo* (14h de transmissão) conecta ao meio-dia e à tarde com a programação dos telecentros<sup>36</sup> provinciais e com os principais noticiários. O *Canal Educativo 2* (15h de transmissão), por outro lado, tem cedido grande parte de suas horas de transmissão à emissão da programação do canal multiestatal *TeleSur*<sup>37</sup> (9h-16:30h e reconecta às 21h-00:30h).

### ***Multivisión***

Foi criado em 2008 e transmite 24h diárias de uma programação de tipo geralista. Abarca multiplicidade de gêneros, mas se nutre principalmente de enlatados de origem estrangeira. Inicialmente, usava os sinais dos telecentros provinciais, pelo que interrompia sua transmissão quando a programação dos mesmos começava. Aproximadamente um ano após sua criação, *Multivisión* ganhou uma frequência própria, que varia de região a região do país. A maior parte dos programas provêm das televisoras CCTV (Televisão Central da China), Discovery Channel, Disney Channel e DW-TV (Emissora Internacional Alemana Deutshe Welle), que permitem o download gratuito dos conteúdos através da internet. São emitidos igualmente, conteúdos selecionados de *TeleSur*, emissora da qual Cuba é coproprietário.

Em relação aos *canais de alcance provincial e municipal*, cada um deles possui um sistema de produção e exibição local, que por sua vez adere ao sistema de direção centralizada da TVC. Essas emissoras estão estreitamente vinculadas às organizações políticas e de massas do seu território, e seu conteúdo está orientado às necessidades informativas e culturais locais. Não contam com uma frequência radioelétrica própria, pelo que utilizam para suas transmissões um horário determinado pelo sistema televisivo nacional (LEGAÑO, CABRERA, 2007; MACHADO, 2010).

As transmissões dos telecentros provinciais ocorrem de duas formas fundamentais: dividida durante a semana ou corrida no final de semana. De segunda a sexta, a programação se divide em dois horários (12h-12:30h; 16:30h-18:00h), através das

---

<sup>36</sup> *Telecentro*: nome que se dá em Cuba aos canais de tipo territorial. Se bem essa denominação não é totalmente dissonante do uso original, é diferente da acepção mais popularizada internacionalmente, que se refere ao *telecentro* como um lugar público e comunitário de acesso à tecnologia e à informação.

<sup>37</sup> *TeleSur* foi criada em 2005, sob a jurisdição do Ministério Popular para a Informação e a Comunicação na Venezuela. Seu slogan é «Nuestro norte es el Sur. La seña informativa de América Latina» [Nosso Norte é o Sul. O sinal informativo da América Latina] e sua posição política é predominantemente de tendência esquerdista. Além da Venezuela, Cuba, Bolívia e Nicarágua possuem parte dos direitos de propriedade.

frequências do canal nacional *TeleRebelde*; enquanto no final de semana, os programas são transmitidos em um horário único, que vai de 18h a meia-noite, para o público da cidade principal da província (MACHADO, 2010: 4).

Os telecentros municipais (aproximadamente 30) são conformados “pelas transmissões dos canais provinciais e pelos centros de televisão localizados nos diferentes municípios do país”. Os escritórios de correspondentes municipais, por outro lado, constituem o último nível do Sistema da Televisão Cubana. “Com condições materiais e recursos humanos mais limitados do que o resto dos centros de televisão do país, eles projetam um programa semanal dentre 12 e 27 minutos”, além de fazer coberturas noticiosas que tributam para os níveis provincial e nacional do Sistema Informativo da televisão (Idem).

A TVC conta também com um único canal de alcance internacional, que funciona por assinatura e transmite durante 24h via satélite. O *Cubavisión Internacional* foi criado em 26 de julho de 1986, data que marca a conotação ideológica do seu trabalho. Assim, sua função é emitir conteúdos televisivos, de origem nacionais, para as audiências estrangeiras, pelo que sua grade está conformada tanto por programas de produção própria, quanto por outros enlatados coletados da produção doméstica. O objetivo desde sua criação tem sido oferecer uma visão sem intermediários da realidade cubana, bem como difundir a cultura e as tradições nacionais. Sua cobertura abarca hoje vários países em quase todos os continentes.

Finalmente, temos os canais digitais que ainda constituem a fase de prova da implementação da televisão digital em Cuba. Um deles é o canal *Clave*, especializado em música e na promoção de vídeos, concertos, documentários e perfis de artistas nacionais e estrangeiros. O segundo, é o Canal Caribe, transmitido diariamente pelo sinal HD1, no horário de 20:30h a 23:55h. Sua programação é variada, mas com ênfase no intuito informativo.

Até agora, o serviço da televisão digital tem chegado apenas nas capitais provinciais, mas o projeto é se estender a todo o território nacional até o ano 2021, quando se espera aconteça o *apagón analógico*. Isto supõe uma renovação tecnológica e de conteúdo no sistema de produção televisiva, pois cerca de um 70% da população já possui os meios para a captação do sinal digital (MACHADO, 2010).

O quadro apresenta a estrutura atual do sistema da Televisão Nacional<sup>38</sup>, em correspondência com a audiência a quem está dirigido cada nível da estrutura:

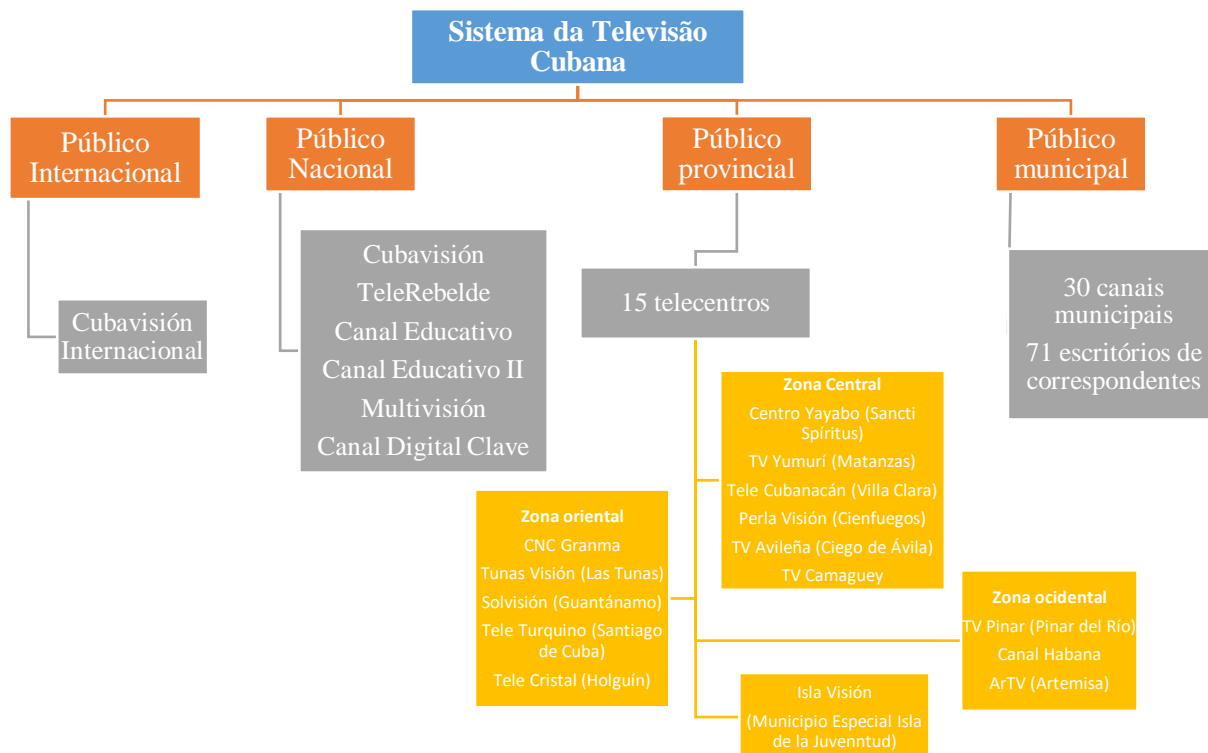


Figura 2. Sistema de canais e telecentros domésticos (Machado, 2010). Razón y palabra. No.73

A missão da TVC, da mesma forma que o resto dos meios de comunicação no país, tem consistido em atender às necessidades informativas, educativas, culturais e de entretenimento do povo, através de uma programação diária capaz de preservar “os valores políticos, ideológicos, sociais, éticos e estéticos predominantes na nossa

<sup>38</sup> A pesar de não estar contido no gráfico apresentado aqui, é importante mencionar também a Televisão Serrana (janeiro de 1993). Normalmente essa produtora é deixada de fora por causa da sua origem comunitária. Sua função principal não é informativa, e devido a suas características produtivas, ela não tem uma ligação formal a nenhuma das escalas da TVC. Se trata de um projeto de vídeo popular localizado na comunidade San Pablo de Yao, na região serrana da província Granma, que produz fundamentalmente documentários sobre a natureza e a vida na serra. Apesar de não pertencer diretamente ao sistema da TVC, a Televisão Serrana tem um alto padrão produtivo e seus conteúdos são colocados com frequência na programação de outros canais.

sociedade socialista” (Governo da República de Cuba, 2016). A partir disso, pode se dizer que as narrativas midiáticas do sistema de radiodifusão revolucionário, pelo menos nas suas primeiras décadas, mantiveram padrões discursivos abertamente militantes, focados na construção da sociedade e do homem novos<sup>39</sup>.

O papel da mídia tem sido acompanhar e difundir o discurso do regime vigente, enquanto tenta se materializar como um espaço de representação cidadã. Nesse sentido, a mídia pode ser enxergada também como um cenário de luta e de reafirmação ideológica, que tem acompanhado as mudanças culturais, simbólicas, e mesmo comerciais, no país (CUE, 2016). Essa afirmação não desestima, no entanto, a capacidade da imprensa de se apresentar também como um cenário de conflitos entre o seu *dever ser social* e seu *dever ser político*.

Após os anos 1970, a produção cultural e midiática doméstica foi se aproximando mais, em termos estéticos e narrativos, do bloco socialista. Desta forma, assim como aconteceu na União Soviética e na Iugoslávia (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 338), a grade da TVC começou a se organizar por blocos de transmissão, com presença de longos “vazios” na programação, e grupos de programas adaptados aos horários em que a maioria da população poderia assistir. O porquê desta estruturação pode estar relacionado à forma em que o ritmo da vida social e da vida individual se configuram na sociedade.

Williams (1974) entende a disposição da programação televisiva como um *fluxo de informação* que cria uma forma específica de experiência. Scannell (1996) por outro lado, acredita que este *fluxo televisivo* responde a uma organização espacial e temporal específica, que contribui para conectar o devir da vida cotidiana de cidadãos particulares, com a vida pública da nação (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 334).

Sobre essa ideia, Frosh e Wolfsfeld (2006) apontam ademais que os meios de comunicação adquirem um lugar privilegiado na construção acumulativa das representações sociais. Geralmente tais representações estão carregadas de um certo senso de nacionalismo, conformado a partir de narrativas e imagens sobre o que significa formar parte de uma nação num tempo e espaço determinado. Tais noções nos trazem de

---

<sup>39</sup> *Homem novo*: Conceito que formou parte do pensamento político de Ernesto Che Guevara e que ainda hoje constitui um lugar comum na retórica da política nacional. Publicado sob o título *El socialismo y el hombre en Cuba* (1965), o texto tem sido considerado um dos mais política e ideologicamente transcendentales do período.

volta ao campo da imaginação e das representações coletivas, categorias que –de acordo com Bakzco- tem a função reconstituir e perpetuar as crenças necessárias ao consenso social, fazendo dele um veículo perdurável e autotransmissível de símbolos e signos (1985: 306).

Gellner (1983), por outro lado, comenta que as sociedades modernas são espaços altamente normatizados, e que a maior ou menor presença de certos assuntos na agenda da opinião pública está estreitamente relacionada à luta histórica das hegemonias pela conquista e o controle dos sentidos e os imaginários coletivos. Assim, a análise da construção de uma ideia de identidade nacional nas nações socialistas apresenta como resultado uma necessidade de mostrar sua capacidade para criar uma sociedade próspera e moderna, no contexto da polarização política da época e da incidência da Guerra Fria.

Desta forma, a principal diferença entre os fluxos da TV liberal e da TV comunista, esteve nas visões que cada uma delas conseguiu desenvolver sobre a história, a modernidade e o progresso (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 335). Tanto a perspectiva liberal quanto a perspectiva socialista da modernidade

compartilhavam uma crença no progresso, mas a versão comunista enxergava esse progresso como resultado de uma revolução liderada pelos trabalhadores, voltada para um ponto final distintivo: o Comunismo. (...) essa noção teleológica do *tempo revolucionário*, aliada com a fé numa *revolução permanente*, não conseguiu se encaixar nos ritmos repetitivos da vida cotidiana e do fluxo de tempo de televisão” (Idem: 334, tradução nossa)<sup>40</sup>.

Mihelj e Huxtable discutem a possibilidade de que os projetos comunistas pudessem ter obtido resultados ambíguos na tentativa de conectar a vida privada e a vida pública da nação no “fluxo rotineiro” da produção televisiva. De acordo com os autores, esta ambiguidade estava explícita na seguinte questão: por um lado, as práticas midiáticas conduziram a uma “rotinização e banalização da temporalidade revolucionária” e restringiram a capacidade da televisão para persuadir o público de que vivenciavam tempos extraordinários e revolucionários; e, por outra parte, também contribuíram para a estabilidade e um sentimento de pertença coletiva (2017: 334).

---

<sup>40</sup> Trecho original citado: “While both visions of modernity shared a belief in progress, the communist version saw this progress as an outcome of an ongoing worker-led revolution oriented towards a distinct endpoint: Communism. (...) this teleological notion of revolutionary time, coupled with the belief in a permanent revolution, sat uneasily with the repetitive rhythms of everyday life and the flow of television time.”



Tal fenômeno está relacionado à própria natureza da narratividade da mídia socialista. Para explicar isso, Mihelj e Huxtable trabalham com duas categorias: *tempo revolucionário* e *tempo socialista*. O primeiro refere-se a qualquer prática temporal baseada na crença na visão comunista e teleológica da história, começando com a revolução e terminando em um futuro comunista. O *tempo socialista*, por outra parte, inclui o *tempo revolucionário*, mas sua concepção é mais ampla, se referindo a qualquer prática temporal, abertamente socialista, que inclua ou não a crença no *telos* comunista. (2017: 334).

A construção do *tempo revolucionário* comunista implicava assim na perseguição de um futuro glorioso, através da mudança constante e da mobilização contínua; questão que certamente pôde se sustentar apenas nos primeiros anos da construção do projeto social.

De uma perspectiva temporal, o ato de incorporar vislumbres do progresso revolucionário no formato de notícias teria profundas implicações para a natureza das relações da audiência com o desdobramento do tempo revolucionário. Como parte das rotinas diárias, esses itens perderam sua aura revolucionária e tornaram-se parte do fluxo repetitivo e comum da vida cotidiana (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 339, tradução nossa)<sup>41</sup>.

É essa repetição e perda que os autores identificam como *banalização*. Ao perder o sentido de novidade e progresso, o tempo extraordinário da revolução acaba se tornando um tempo comum. Assim como nos referentes socialistas europeus, a mídia cubana conseguiu manter nos primórdios esse senso de renovação, ao tempo que cumpria com seu papel de facilitadora e zeladora da ideologia nacional. No entanto, com a progressão do sistema de radiodifusão e a “normalização” da vida pública, garantir uma programação com esses estandartes virou um desafio para os órgãos encarregados.

Paulatinamente, o excesso de planejamento reduziu o dinamismo das rotinas produtivas dos meios e impactou nos critérios de noticiabilidade e de interesse público. Isso fez com que a linguagem e os conteúdos se afastassem cada vez mais da realidade (MOLTÓ, 2008 In ACOSTA, 2013), perdendo a atratividade das notícias e “sua

---

<sup>41</sup> Trecho original citado: “From a temporal perspective, the act of embedding glimpses of revolutionary progress into the news format arguably had profound implications for the nature of audience relationships with the unfolding of revolutionary time. As part of daily routines, these items lost their revolutionary aura, and became a part of the repetitive, unremarkable flow of daily life.”

capacidade de oferecer uma conexão instantânea com o presente e trazer histórias de acontecimentos inesperados e imprevisíveis” (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 340).

Alguns autores (GARCÍA LUIS, 2004; SCANNELL, 2013; ELIZALDE, 2014; OLLER et al, 2017; MIHELJ, HUXTABLE, 2017) discutem que a forma em que se desenvolveram as mídias socialistas foi deixando um marco cada vez mais estreito para o inesperado ou o imprevisível. Como parte das rotinas diárias, a “aura revolucionária” pareceu se manter apenas numa condição de nomenclatura, e se diluiu no “fluxo repetitivo e não comercial da vida diária” (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 339).

Já em 1986, diretivos e jornalistas tinham percebido que a mídia socialista cubana estava se desviando da sua missão principal. Assim, inserido no processo de *Retificação de erros e tendências negativas*, a UPEC voltou a colocar sobre a mesa a discussão das falhas na gestão estratégica da comunicação. Desta forma, a imprensa se juntava ao governo e ao povo para discutir e resolver as consequências que teria trazido, para todas as esferas da sociedade, assumir indiscriminadamente os modelos estrangeiros de socialismo (ACOSTA, 2013: 36). A esta época deve o telejornalismo televisivo cubano sua condição de ente mobilizador da opinião pública (Idem: 34).

Parecia que agora a sociedade e a mídia cubana finalmente começavam a criar seu próprio roteiro, sob a ideia de que "nenhum inimigo irá nos criticar melhor do que nós mesmos. Porque nós sabemos melhor do que os nossos inimigos onde estão os nossos problemas" (CASTRO, F. 1986)<sup>42</sup>. No entanto, a desapareição escalonada das repúblicas socialistas soviéticas cortou de vez todos esses esforços e colocou o país em estado de alarme contínuo.

Após a desapareição da URSS, Cuba –obrigada a se abrir apressadamente às dinâmicas internacionais- assistiu à reconfiguração não apenas do cenário comercial e político interno, mas das estruturas culturais e de produção de sentidos. A crise econômica dos anos 1990 asfixiou os gêneros tradicionais que até então predominavam na produção, difusão e consumo culturais domésticos. Os espaços mais afetados foram as Artes Cênicas, os grandes musicais televisivos e as coberturas de conexão remota. Todos eles foram substituídos por produções mais econômicas. Popularizaram-se os informativos e

---

<sup>42</sup> Discurso pronunciado durante o VI Congresso da UPEC, realizado em Havana em outubro de 1986.

as revistas variadas, com peso nas entrevistas, que substituíram em grande medida a carência de materiais audiovisuais próprios (CUE, s.d; ACOSTA, 2013: 39). “O formato de maior sobrevivência foi a telenovela, que ainda hoje luta por estreitar pelo menos uma obra por ano” (CUE, s.d).

Com o percorrer dos anos, a inexistência de uma infraestrutura capaz<sup>43</sup> de lidar eficientemente com as mudanças experimentadas (GARCÍA LUIS, 2004; ELIZALDE, 2014), quebrou o equilíbrio entre quantidade e qualidade das produções audiovisuais nacionais no ar, em relação aos programas de origem estrangeiro. Desta forma, grande parte do conteúdo começou a fugir dos perfis temáticos estabelecidos, pois o esforço para manter um maior número de horas de transmissão diária, sem uma fonte adicional de novas produções, “impôs uma prática enorme e inconsistente de retransmissão e falta de hierarquia entre os canais com cobertura diferente” (CUE, s.d). “A instituição televisiva deixou de ser percebida como o aparelho gestor da reprodução social e ideológica da ordem existente” e se transformou num espaço contraditório, onde se negocia o senso comum, e onde é criada e recriada a hegemonia cultural no jogo das mediações (PACHECO VALERA, s.d).

A ascensão de novas formas de fazer e consumir televisão, dentre elas a televisão digital e serviços de *broadcasting* diferenciados, tem transformado a relação entre os produtores televisivos e os telespectadores, fazendo com que a audiência experimente uma forma diferente de aproximação ao fluxo fixo da grade televisiva, ao tempo que origina novas rotinas e agentes de controle sobre esses fluxos e relações (MIHELJ, HUXTABLE, 2017: 335). O espectador se transforma, assim, em um receptor com ritmos acelerados, um consumidor multimidiático, que transita entre o local e o global, graças aos deslocamentos da cultura audiovisual contemporânea (CANCLINI, 1995).

---

<sup>43</sup> Os esforços por superar essa brecha continuam. Na década de 2010 foi inaugurado o primeiro estúdio totalmente digital, pertencente ao SITVC (Sistema Informativo da Televisão Cubana), de uso exclusivo dos noticiários e da revista matutina *Buenos Días*. Por outro lado, a RTV Comercial, transformada em produtora audiovisual, também trabalha com tecnologias de ponta e se preocupa por levar ao mercado uma estética audiovisual diferente do resto das produções nacionais. Se bem o funcionamento e missão dela não é o mesmo do resto das produtoras nacionais, RTV cria alianças com instituições e entidades de diferentes setores fora do ICRT. Destacam entre suas produções recentes, os concursos de talentos artísticos *Sonando en Cuba* e *Bailando en Cuba*.

Perante este novo tipo de audiência, a televisão informativa e o telejornalismo, têm se visto obrigados a negociar novas formas de narrar, mudando seu papel clássico de ‘informadores’ e adotar fórmulas em que a informação e o entretenimento coexistam de forma harmoniosa. Pouco menos preocupado com a objetividade –proclamada como principal pilar da ética e prática jornalística durante décadas- o *infotainment* (ou *infoshow*) consegue se sustentar em uma espécie de pacto com a audiência, através do qual se afasta do rigor informativo para assumir padrões mais dramáticos e populistas (THOMAS, 1990; CEBRIÁN HERREROS, 2003; PRADO 2003; BRANTS, 2003, LANG, 2003), com o fim de cumprir com essa outra missão de serem ‘contadores de estórias’ (BIRD, DARDENNE, 1993).

Mas, o que tem acontecido no cenário cubano? Por um lado, o governo tem sido coerente com a exigência de alcançar uma “radiodifusão competitiva com a excelência dos padrões internacionais e garante da cultura e da identidade nacional”<sup>44</sup> (Governo da República de Cuba, 2016). Do outro lado, a possibilidade do diálogo com os padrões narrativos e estéticos das televisoras comerciais internacionais –geralmente associadas a megaproduções e a uma prática jornalística mais espetacularizada- continua a ser um dos principais dilemas da mídia audiovisual nacional. Até hoje, uma boa parte dos estudos e artigos sobre a mídia em Cuba, encontra como ponto de tensão essa brecha não resolvida entre o que o discurso oficial do governo proclama, e o que realmente acontece dentro das estruturas organizativas e produtivas da mídia doméstica (GARCÍA LUIS, 2004; SOSIN, 2012; SOMOHANO, 2013; ELIZALDE, 2014; GARCÉS, FRANCO, 2017).

### 1.2.1 *De informativos e noticiários na Cuba revolucionária*

A estrutura que organiza a radiodifusão nacional de tipo informativa é o *Sistema Informativo da Televisão Cubana* (SITVC)<sup>45</sup>; a ele corresponde coordenar quase todos

---

<sup>44</sup> Essa ideia parece se sustentar naquele senso de modernidade herdado da ideologia socialista. No entanto, a procura de uma certa sobriedade nas práticas jornalísticas surgia também como um mecanismo para tentar fugir dos estilos dramatúrgicos norte-americanos, continuamente imitados pelo telejornalismo cubano no período pré-revolucionário. Seguindo esse estilo, era comum ver nos noticiários antes de 1959, notas sobre atividades sociais e do mundo do espetáculo, além de conteúdos pertencentes à imprensa amarela (MOROS, 2008 In ACOSTA, 2013: 83-84).

<sup>45</sup> Considerado o “coração do telejornalismo nacional” (ACOSTA, 2009: 77), o SITVC conta também com uma página própria (sob o domínio –desambiguação informática- do ICRT), donde são divulgadas de forma digital e resumida, as informações emitidas nos noticiários, além de outras coberturas que não conseguem

os espaços noticiosos que alimentam o fluxo informacional de origem doméstica e internacional. Além de incluir todas as emissões do *Noticiero Nacional de Televisión* (NTV), o SITVC tem sob seu controle a *Redacción de Programas Informativos*.

Froilán Arencibia, vicepresidente e director de Política editorial do SITVC entre 2003 e 2011, acredita que o *Sistema Informativo* foi

uma tentativa de estabelecer uma estrutura e organização do trabalho coerentes, inter-relacionando um espaço com outro. Essa foi uma boa ideia, apesar de eu ser contra a nossa aparição perante o público como SITVC e não como NTV, que é o que nos caracteriza. Do ponto de vista organizacional, a denominação de Sistema foi correta, porque estabelecia uma primeira modalidade coerente de trabalho. No entanto, ainda funcionávamos mais com o conceito de programas de televisão do que com o de funcionamento como órgão de imprensa. Desta forma, cada transmissão do noticiário significava uma célula independente (...) (ARENCEBIA, 2008 In ACOSTA, 2013: 143-144, tradução nossa)<sup>46</sup>.

A *Redacción de Programas Informativos*, por sua parte, nasceu em 1986, como parte dos avanços alcançados pela imprensa durante a Retificação de erros e tendências negativas. Sua primeira etapa (1986-1990) é qualificada por Francisco Villanueva<sup>47</sup> como um “acontecimento na política informativa, pois se cria com o objetivo de aprofundar na informação desde o ponto de vista da especialização temática e de públicos” (2008 IN ACOSTA, 2013: 127). Alguns dos programas<sup>48</sup> que marcaram seu surgimento foram: *Ángulo Ancho*, *Punto de vista*, *Tema Visión*, *En Pantalla* e *Frente a frente*.

Durante a década de 1990, a *Redacción* e o SITVC sofreram complicadas flutuações, impulsionadas pela necessidade de baratear custos para continuar transmitindo (Idem, p.38). A situação levou ao fechamento da *Redacción* e de todos os noticiários nacionais,

---

ser televisadas. O site se alimenta igualmente de notas de agências de notícias para manter as informações em dia. Site: <http://www.cubatv.icrt.cu/>

<sup>46</sup> Trecho original citado: “[Era un sistema que significó] un intento por establecer una estructura y una organización de trabajo coherentes, interrelacionando un espacio con otro. Esa fue una buena idea, aun cuando estoy en contra de que nos apareciéramos frente al público como SITVC y no como NTV, que es lo que nos caracteriza. Desde el punto de vista organizativo, la denominación de Sistema fue correcta, porque establecía una primera modalidad coherente de trabajo. Sin embargo, todavía arrastrábamos más con el concepto de programas de televisión que con el de funcionamiento como órgano de prensa. De esta manera, cada emisión del noticiero significaba una célula independiente (...)”

<sup>47</sup> Jornalista da Televisão Cubana e analista de assuntos internacionais. Foi o primeiro Chefe de Programação da *Redacción de Programas Informativos* e posteriormente, seu Diretor Geral. Ex-Chefe de Informação do canal *Cubavisión Internacional* e Diretor do Noticiero del Mediodía.

<sup>48</sup> Entrevista completa em Villanueva, F., 2008. “Informativos: nacimiento, solidez y caída” IN Acosta, M. *¿Tiene cascabel el gato? Miradas al teleperiodismo cubano*. Havana: Ediciones EnVivo, 2013: 127-132.

em 1991. Sobreviveu apenas o *Noticiero Nacional de Televisión* (NTV), em uma única emissão diária às 20h.

Na medida em que o país foi abrindo brechas econômicas, os espaços informativos foram sucessivamente restaurados. Em 8 de março de 1992, o *Noticiero Dominical* reaparece na sua edição vespertina; em 24 de fevereiro de 1995, é retomado o noticiário *Al mediodía*, de Segunda a Sexta-feira primeiro e depois até Sábado, e a revista matutina *Buenos Días* reinicia em 8 de março de 1999 (ACOSTA, 2013: 39, tradução nossa)<sup>49</sup>.

Para mediados do ano 2000, a programação informativa finalmente seria recuperada e inclusive conseguiu superar seus níveis de transmissão (Idem: 45). Atualmente, O SITVC reúne oito espaços informativos, entre noticiários de corte generalista e emissões especializadas. Mesmo pertencendo todos ao SITVC –que hoje finalmente funciona como um órgão de imprensa- cada noticiário possui seu próprio diretor e o *Sistema* está dividido em redações (Cultural, Nacional, Internacional...).

O espaço informativo mais importante da televisão doméstica é o NTV<sup>50</sup>, considerado também como a principal instituição do telejornalismo nacional. Foi fundado no 2 de novembro de 1961, a partir da fusão dos noticiários *CMQ* e *Revolução*, e desde seu surgimento foi pensado como “um noticiário único, com uma estrutura produtiva relativamente independente do resto da televisão” (ACOSTA, 2009: 64). Sobre seu funcionamento, Dagoberto Peñalver, jornalista fundador do NTV<sup>51</sup>, define três etapas na história do noticiário: uma primeira, que abrange desde sua fundação até a *setorização* do fim dos anos setenta, que levaria à especialização do trabalho jornalístico; uma segunda etapa que vai até a chegada do vídeo-tape em meados dos anos oitenta –e que revolucionou os modos de fazer jornalismo de televisão; e uma terceira etapa que vai

---

<sup>49</sup> Trecho original citado: “(...) en la medida que el país fue abriendo brechas económicas, fueron restaurándose sucesivamente los espacios informativos. El 8 de marzo de 1992 reaparece el Noticiero dominical en su edición vespertina; el 24 de febrero de 1995 se retoma el noticiero Al mediodía, de lunes a viernes primero y después se extiende hasta el sábado, y la revista matutina Buenos días reinicia el 8 de marzo de 1999.”

<sup>50</sup> As informações sobre este, e os noticiários comentados a seguir, têm sido pouco sistematizadas. Se encontram poucos relatos de tipo histórico ou analítico, dispersos em comentários e resenhas publicadas em páginas web nacionais. A sistematização mais completa achada através da nossa revisão bibliográfica parece ser a da jornalista e pesquisadora cubana Maribel Acosta, no livro *¿Tiene cascabel el gato? Miradas al teleperiodismo cubano* (Havana: Ediciones En Vivo, 2013), material nascido da pesquisa de Mestrado, da própria autora, *La entrevista en el Sistema Informativo de la Televisión Cubana: retos en la sociedad contemporánea* (Havana: Univerdade de Havana, 2009).

<sup>51</sup> Trabalhou na televisão a partir da etapa pré-revolucionário e permaneceu como redator do NTV até o fim dos anos 1980.

desde o início do Período Especial até hoje (2008 In ACOSTA, 2013), marcada pelo contexto da crise e a posterior recuperação.

Atualmente, a estrutura do NTV está dividida em seções ou blocos noticiosos, dedicados a temáticas específicas. Isto inclui notícias culturais, nacionais e internacionais (que abrangem diversos gêneros: da nota ao comentário e à crônica televisiva), além do reporte do clima. O noticiário está conformado por duas emissões<sup>52</sup>: *Noticiero del Mediodía* (13h-13:57h) e a *Emissão Estelar do NTV* (20h-20:27h). Ambas emissões intervêm as transmissões de todos os canais, com exceção do *Canal Multivisión*.

A *Revista Buenos Días* é o primeiro e maior espaço informativo diário da grade televisiva nacional. Sua duração aproximada é de 2h e 27m e sua estrutura narrativa está dividida em blocos informativos de 30 minutos, com espaços fixos e variáveis. Por tratar-se de uma revista, e não um noticiário estritamente dito, *Buenos Días* se caracteriza por apresentar temas mais aprofundados, entrevistas ao vivo, grande diversidade de gêneros jornalísticos, além de incluir seções especializadas (que variam ao longo da semana) em Saúde, Tecnologia, Processos Judiciais, Economia, etc.

O *Noticiero ANSOC*<sup>53</sup> é nutrido diariamente pelas principais informações que chegam na Redação Informativa, as quais são resumidas e adaptadas para se encaixarem num noticiário de 13 minutos, dedicado a um público surdo ou com baixa audição. Seu horário de transmissão marca o término da programação da tarde e precede à programação infanto-juvenil. A principal característica do noticiário é a presença de um único “apresentador/locutor” que traduz –em linguagem de sinais- todas as informações que são faladas em *off*. Cuba é um dos poucos países do mundo que possui um espaço informativo com essas características.

O *Noticiero Cultural*, apesar de ser uma exigência e necessidade antiga (SOTOMAYOR, s.d), conseguiu se concretizar apenas em 2014. Estiveram envolvidos na sua criação o Ministério de Cultura, a União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC) e a Associação Hermanos Saínez (AHS), além do SITVC. Esse programa também está

---

<sup>52</sup> Antigamente eram três emissões, até desaparecer o *Noticiero Al cierre*. Esta edição era transmitida após a meia-noite e sua função consistia em oferecer à audiência um resumo das informações principais do dia. Foi substituído por *Noticias en Síntesis* e, posteriormente, o atual *Caribe Noticias* ocupou seu espaço na grade.

<sup>53</sup> Sigla para Associação Nacional de Surdos de Cuba (ANSOC).

dividido em secções, que incluem gêneros como a entrevista, a resenha, a crítica artística, entre outros, mas seu intuito é mais opinativo e valorativo do que estritamente noticioso (DE ARMAS, 2016).

Esse noticiário possui seu próprio espaço nas redes sociais e “toda semana dirige seu olhar de *Contrapunteos* para tópicos «quentes» do mundo cultural em Cuba. Há espaço para a opinião e se trabalha com o «último» na literatura, o teatro, a arte comunitária, a música, as artes visuais” (SOTOMAYOR, s.d). Inicialmente o programa era transmitido pelo Canal Educativo 2 (20:30h) algumas poucas vezes por semana, até ganhar frequência diária e espaço na programação de *Cubavisión*.

*Caribe Noticias*. Noticiário derivado da programação do Canal Caribe. Nasce em março de 2017 e sua criação involucrou os esforços do ICRT, a TVC e os serviços informativos. Seu perfil pretende se aproximar de *TeleSur*, mas seu público principal é o Caribe, escolha movida pelo intuito de dar mais visibilidade aos acontecimentos regionais. Inicialmente se incluía apenas na programação do canal digital, logo ocupou o horário na grade do antigo *Noticiero Al cierre*.

*Ponte al Día* é o único informativo da TVC destinado ao público infantil. Foi criado em 1990 a pedido da Organização de Pioneiros José Martí (OPJM)<sup>54</sup>, que levantou a necessidade de um espaço televisivo que representa-se à organização. O noticiário tem seus antecedentes na década de 1970, num programa chamado *Periodismo Infantil* que só ficou no ar por seis anos (TOLEDO, 2013 In “*Ponte al día*”, *pero diviértete*, 2013). A locução e apresentação do programa é feita por crianças, mas as notícias e reportagens são elaboradas e editadas pelo coletivo do SITVC. A missão do noticiário é produzir informações sobre a infância e adolescência em Cuba, além de visibilizar as atividades e funcionamento da OPJM.

O *Noticiero Dominical* retoma suas transmissões em 1992 para trazer aos lares cubanos um resumo dos principais acontecimentos nacionais e internacionais da semana.

---

<sup>54</sup> A *Organización de Pioneros José Martí* é uma organização estudantil criada em 1961. Agrupa e representa às crianças e adolescentes cubanos e possui sua própria sede no Palacio de Pioneros (Havana). Abrange todas as escolas do território nacional e se involucra na vida e desempenho escolar das crianças do ensino fundamental e secundário (chamadas em Cuba de Pioneros). A OPJM conta com seu próprio sistema de congressos, regulamento interno e estrutura, que agrupa os estudantes em **Moncadistas** (primeiro a terceiro ano do ensino fundamental); primeiro nível **José Martí** (quarto a sexto ano do ensino fundamental); e segundo nível **José Martí** (sétimo ao nono curso).



No entanto, o espaço se popularizou devido à carga analítica e aprofundada dos temas desenvolvidos durante a emissão, e por possuir um espaço maior dedicado a informações culturais. O informativo também é conhecido como *Suplemento Dominical*, devido a sua função de resumo da semana e de avanço dos principais eventos por vir.

A seguinte tabela, elaborada pela autora, apresenta uma relação dos noticiários nacionais pertencentes ao Sistema Informativo da TVC, com a frequência e horários de emissão atuais.

<i>Informativos</i>	<i>Canais de transmissão</i>	<i>Frequência de emissão</i>	<i>Horário de emissão</i>	<i>Tempo de emissão</i>
<i>Revista Buenos Días</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Segunda a Sexta	6:30h	2h27m
		Sábado	7h	1h57m
<i>Noticiero del Mediodía</i>	<b><i>Cubavisión, Canal Educativo</i></b>	Segunda a Sexta	13h	57m
<i>Noticiero ANSOC</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Segunda a Sexta	16h	13m
<i>Noticiero Cultural</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Segunda a Sexta	18:30h	27m
	<b><i>C.Educativo 2</i></b>		20:30h	
<i>NTV Emissão Estelar</i>	<b><i>Cubavisión, C.Educativo, C.Educativo 2</i></b>	Segunda a Domingo	20h	27m
<i>Caribe Noticias</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Segunda a Sexta	00:20h	13m
		Sábado e Domingo	23:45h	
<i>Noticiero del Sábado</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Sábado	13h	57m
<i>Noticiero Dominical</i>	<b><i>Cubavisión</i></b>	Domingo	13h	57m

<i>Ponte al día!</i>	<b>Cubavisión</b>	Sábado	11:45h	13m
----------------------	-------------------	--------	--------	-----

*Tabela 1. Relação de Informativos pertencentes ao SITVC, 2018.*

Inclusive quando não está adscrito ao SITVC, se faz preciso mencionar aqui a *Mesa Redonda Informativa*<sup>55</sup>, devido ao seu trabalho –também de tipo informacional- e seu reconhecimento pela audiência doméstica. O surgimento deste programa data de 1999 e ele constituiu o início da campanha política chamada Batalha das Ideias. Desde seus primórdios, o programa se estruturou num formato de painel de discussão, guiado por um único locutor (Randy Alonso<sup>56</sup>). Atualmente possui secções apresentadas por outros jornalistas pertencentes ao informativo.

Sua primeira edição levou o título original de *¿En qué tiempo puede cambiarse la mente de un niño?*, devido ao seu foco na discussão do sequestro da criança cubana Elián González<sup>57</sup>. Mais tarde, a *Mesa* evoluiria para discussões menos específicas, sobre a atualidade nacional e estrangeira. Os convidados costumam ser jornalistas, especialistas em diversas áreas temáticas, e até personalidades da vida pública ou política de país.

A estrutura e funcionamento da *Mesa Redonda* é completamente independente do SITVC, mas ambas instituições coincidem no seu espectro de interesse noticioso. Nesse sentido, existiram critérios de jornalistas e diretivos dentro dos serviços informativos da TVC, que consideravam que durante a primeira década dos 2000, a *Mesa* foi privilegiada em termos de sua colocação na grade e do acesso às fontes e às coberturas, em detrimento de outros programas já existentes (VILLANUEVA, 2008 In ACOSTA, 2013: 132).

Apesar de que durante o Período Especial o fluxo noticioso do país foi seriamente afetado, as duas décadas anteriores tinham trazido várias mudanças internas que favoreceram à comunidade jornalística. Entre 1976 e 1980 tinha iniciado uma revisão

<sup>55</sup> Projeto original do ex-Presidente cubano, Fidel Castro. Atualmente é transmitida de Segunda a Sexta pelo canal *Cubavisión*, por *Cubavisión Internacional* e através da frequência internacional da emissora *Radio Habana Cuba*, a partir das 19h. Sua duração é de 57m. Aos sábados e domingos, é transmitido pelo Canal Educativo 2, no horário habitual. A partir de 2016, também começou a ser emitido ao vivo através dos perfis do programa nas mídias sociais Youtube e Facebook. Vide: <http://mesaredonda.cubadebate.cu/quienes-somos>.

<sup>56</sup> Diretor Geral da Mesa Redonda e do Conselho Editorial do site de notícias Cubadebate.cu

<sup>57</sup> Mais informações sobre o chamado Caso Elián González em: <http://www.cubadebate.cu/etiqueta/elian-gonzalez>

técnica-profissional no setor, para avaliar as potencialidades reais da força de trabalho e, a partir disso, investir no aperfeiçoamento profissional dos jornalistas. Neste período os meios de comunicação foram liberados para receber colaboração remunerada de especialistas externos (pesquisadores, cientistas, acadêmicos, políticos), e de jornalistas pertencentes a órgãos informativos diferentes. Também se previu uma reforma salarial<sup>58</sup> que premiasse a produtividade e a qualidade do trabalho. (Art. 10-14 “Resolução sobre os Meios de Difusão Massiva” In II Congresso do PCC, 1986).

No campo televisivo, especificamente, foi introduzido o uso do vídeo-tape, nos mediados de 1980. Essa mudança impactou muito positivamente nas rotinas produtivas, bem como nas possibilidades de experimentação narrativa. Até esse momento se trabalhava num formato de 16mm, fazendo com que o trabalho fosse mais demorado e complexo. Com a chegada da nova tecnologia, se fortaleceram gêneros como a entrevista, se incrementou a presença dos jornalistas *in situ* e cresceu a programação informativa, de forma geral. Os escritórios provinciais de correspondentes se estenderam a todo o país e foram criados novos telecentros, o que derivou no crescimento audiovisual da ilha (ACOSTA, 2013: 34) e enriqueceu o trabalho informativo.

No entanto, após todos esses anos e a recuperação total dos seus espaços sociais, o setor ainda não conseguiu consolidar uma Lei de Informação que ampare e regule o trabalho jornalístico, que liberte imprensa da condição de subsidiado do Estado e que permita à mídia “intervir no à mercado”, para ajudar a incrementar os salários, fomentar a comunicação e melhorar a visibilidade dos conteúdos informativos dos meios na audiência (ELIZALDE IN LÓPEZ, 2017). Enquanto os profissionais sentem a falta de transformações radicais na área e exigem uma maior autonomia na sua prática cotidiana (ACOSTA, 2013: 46), as instituições oficiais parecem ainda mais preocupadas com manter uma ética jornalística de enquadramento moral excessivamente rígido<sup>59</sup> e pouco coerente com as aperturas que nos últimos tempos tem vindo se retomando no país.

---

<sup>58</sup> Não encontramos documentação sobre os resultados deste acordo. Na última década, várias esferas profissionais foram beneficiadas com reformas salariais, mas –de acordo com Elizalde- os jornalistas ainda se colocam dentre os profissionais pior remunerados do país (IN LÓPEZ, 2017).

<sup>59</sup> Termos como *consagração*, *sacrifício* ou *respeito à integridade moral*, apareceram de forma recorrente no documento atualizado do **Código de Ética** que rege o exercício jornalístico no país. O documento, apresentado no *IX Congresso da UPEC*, reafirmava também a proibição de ações de tipo promocional, publicitária ou de qualquer abordagem comercial nos meios de comunicação (Art.26, 2013). Atualmente

### 1.3 À procura de um caminho certo: modelos e performance na mídia cubana

A estrutura e funcionamento das instituições sociais cubanas têm sido interesse de não poucos estudos internacionais e domésticos desde a instauração do modelo socialista no país. Tal interesse parece ter se renovado à luz das mudanças econômicas e políticas da última década, talvez na tentativa de entender seu impacto em uma aparentemente inevitável transformação do sistema social vigente.

A performance da mídia e do jornalismo nacional no processo de reestruturação do socialismo cubano tem sido uma das abordagens popularizadas nos anos recentes. As principais discussões parecem acompanhar fundamentalmente três vertentes que ganharam força nas últimas décadas nas pesquisas internacionais sobre jornalismo: 1) O estudo das identidades, ideologias e culturas profissionais; 2) as relações com o poder; e 3) o crescente interesse na gestão dos meios de comunicação, na busca de formas de desenvolvimento e funcionamento viáveis nas sociedades globalizadas (MACHADO, 2015).

Seja com ênfase nos modelos, os processos ou mesmo no indivíduo, as análises sobre jornalismo frequentemente são atravessadas por questionamentos sobre liberdade de imprensa, objetividade, autonomia ou bem sobre as fronteiras do compromisso social e político dos meios; ideias que com o decorrer do tempo foram padronizadas como pontos fortes da mídia liberal (fundamentalmente norte-americana), em detrimento da prática jornalística associada a modelos não-ocidentais.

Para os países com sistemas políticos socialistas/comunistas, como é o caso de Cuba, a mídia tem sido comumente encaixada dentro dos padrões do modelo soviético, proposta que não sofreu atualizações depois da queda do muro. Isto poderia estar relacionado a que –com a desapareção do campo socialista- se perdia também o principal objeto de estudo destas teorias, enquanto se veriam minimizadas as tensões extra acadêmicas<sup>60</sup> que teriam motivado as análises sobre mídia e política nas nações socialistas.

---

alguns espaços midiáticos, como o canal *TeleRebelde* e *Cubavisión Internacional*, renegociam a possibilidade de vetar essa proibição.

<sup>60</sup> Essas discussões têm origem na década de 1960, no contexto da Guerra Fria e da marcada bipolaridade mundial. Um dos livros sobre o tema, considerado um clássico indispensável dentro da área, é *Four theories of the press* (Siebert, Peterson, Schramm, 1963), que supostamente introduziria os estudos sobre a mídia

Com origem na década de 1960 e no contexto da Guerra Fria e da marcada bipolaridade mundial, se fez popular o livro *Four theories of the press* (SIEBERT, PETERSON, SCHRAMM, 1963), que supostamente introduziria os estudos sobre a mídia soviética. O texto foi uma tentativa de explicar os diferentes sistemas midiáticos mundiais, através das teorias Autoritarista, Libertária, De Responsabilidade Social e Soviética-Comunista. No entanto, a marcada proximidade entre a Teoria Autoritarista e a Comunista, fez evidente que o intuito do estudo era comparar, mediante a oposição, os sistemas Capitalismo e Comunismo-Marxista (NERONE, 1995; ALBUQUERQUE, ROXO, 2007).

O modelo comunista descrito por Siebert, Peterson e Schramm (1963) descreveria um sistema de mídia inteiramente controlada pelo Estado, que baseia suas diretrizes nas ideias marxistas e que permanece mais preocupada com a perpetuação do regime ideológico do que com uma busca da “verdade”. Mesmo que o sistema cubano possa ter se espelhado em alguns aspectos do soviético, a generalização dos resultados de *Four theories of the press* tem levado ao erro comum de desestimar as condições histórico-materiais, culturais e de desenvolvimento dos sistemas comunicativos inerentes a cada lugar (YIN, 2008).

A pesquisadora chinesa Jiafei Yin, aporta um ponto de vista interessante neste sentido, no artigo *Beyond the Four Theories of the Press: A New Model for the Asian & the World Press* (2008). Sua proposta de um modelo comunicativo para Ásia tenta superar as limitações da teoria comunista proposta em *Four theories of the press* (SIEBERT, PETERSON, SCHRAMM, 1963), a partir da análise da influência das tradições, da idiosincrasia, e até mesmo dos valores sociais, no desenvolvimento diferenciado das instituições sociais em cada país.

De acordo com seu aporte, a influência do *Confucionismo*<sup>61</sup> teria sido decisiva na conformação da ideologia e cultura profissionais, bem como na performance da mídia asiática e suas relações com o poder. Isso faz com que o sistema comunicativo do continente constitua um caso particular dentro da “mídia comunista” e se torne mais difícil tentar encaixar nele as teorias de Siebert *et al.* (YIN, 2008). Do mesmo modo, seria

---

soviética. A visível proximidade entre a Teoria Comunista e a Teoria Autoritária, evidencia o intuito da análise de comparar, mediante a oposição, os sistemas Capitalismo e Comunismo-Marxista (NERONE, 1995; ALBUQUERQUE, ROXO, 2007).

<sup>61</sup> Sistema filosófico preocupado com o desenvolvimento da moral, da política, da pedagogia e da religião nas sociedades asiáticas.

complicado tentar enquadrar a mídia cubana nos estreitos moldes da Teoria Comunista-Soviética.

Sobre isso, García Luis (2004) argumenta que perante a comparação do sistema soviético e o cubano, é preciso levar em consideração dois fatores. O primeiro deles aponta para a necessidade de entender o marxismo como um sistema de ideias de interpretação múltipla. Partindo disso, o *marxismo soviético* ou *marxismo-leninismo* – entendido na sua acepção oficial como uma vertente “com aspirações e práticas hegemônicas para o resto do mundo”- seria apenas uma das diversas leituras, mesmo que a “mais influente, por ter se visto associada a uma potência internacional” (p. 24).

O segundo fato apontado pelo acadêmico ressalta o paradoxo de se encontrar a maior parte da produção de estudos sobre o marxismo-dialético, em países declarados como não-socialistas. Em resumo, o autor argumenta que qualquer estudo sobre o assunto, deve prestar atenção ao fato de que “o marxismo que adquiriu a condição de ‘oficial’ na URSS e outros países socialistas ao estilo soviético, foi como regra, incapaz de se desenvolver” (GARCÍA LUIS, 2004: 24-25).

Neste ponto se faz necessário dizer que o conjunto de práticas comunicacionais institucionalizadas em Cuba, ainda não pode ser estritamente definido como “modelo”. De acordo com Elizalde (2014), a sociedade cubana está para “elaborar seu próprio modelo de comunicação, que não possui antecedentes desde a experiência socialista” (p.53). As causas dessa carência, poderiam estar relacionadas às contínuas mudanças sofridas pelo sistema midiático cubano num curto espaço temporal –discutidas nas epígrafes anteriores-; e talvez à insuficiência de referentes e consenso teóricos sobre o assunto. Assim, as propostas mais abarcadores até hoje pertencem ao jornalista e acadêmico cubano Julio García Luis<sup>62</sup> (2004), com seu “modelo dialético de vínculos entre Sistema Social, Sistema Político e Meios de Comunicação” (p.109); seguido da

---

<sup>62</sup> Julio García Luis (1942-2012). Doutor em Ciências da Comunicação, autor de vários textos sobre jornalismo e ética profissional. Prêmio Nacional José Martí pela obra da vida, em 2011. Ex-decano da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana e Ex-presidente da UPEC. Autor do livro *Revolución, Socialismo, Periodismo. La prensa y los periodistas ante el siglo XXI* (Havana: Editorial Pablo de la Torre, 2013)

também jornalista e pesquisadora, Rosa Miriam Elizalde<sup>63</sup>, e seu “modelo de Gestão Estratégica para a Comunicação Social em Cuba” (2014).

### 1.3.1 *Dois estudos sobre mídia cubana, uma década de diferença*

Nas páginas seguintes recolhemos e discutimos os resultados de algumas pesquisas individuais nacionais envolvendo os três sistemas trabalhados por García Luis em 2004. Da mesma forma, tentamos estabelecer pontos de encontro entre essas teorias e outras pesquisas internacionais que guiam hoje o estudo dos sistemas comunicativos no mundo.

Nesta secção, especificamente, revisamos os principais aportes dos estudos realizados por García Luis e Elizalde. Mais do que um intuito comparativo, o que pretendemos é colocar “em diálogo” ambas as pesquisas, a fim de alcançar uma compreensão teórica sobre o impacto do contexto sócio-político sobre o funcionamento da mídia cubana e identificar as mudanças que pudessem ter acontecido no sistema de comunicação doméstico, durante a década que separa um estudo do outro.

Os resultados da pesquisa de Julio García Luis, intitulada *La regulación de la prensa en Cuba: referentes morales e deontológicos* (2004), se sustentam –de forma muito resumida- em torno de cinco eixos fundamentais. O primeiro diz respeito do predomínio da regulação externa na imprensa cubana, em detrimento dos mecanismos de autorregulação, o que está fortemente ligado à presença de pressões e ameaças estrangeiras sobre a soberania país. O controle excessivo, no entanto, derivou na simplificação e redução dos conteúdos e, em ocasiões, pode ter levado até à substituição do papel do jornalista. Por outro lado, o alto grau de centralização colocou à imprensa em situação de dependência direta perante as estruturas dos poderes partidário e governamental, situação que –segundo argumenta García- esteve alimentada pelo temor de reviver uma *glasnost* em Cuba.

O segundo eixo fala sobre a “guerra virtualmente declarada” dos Estados Unidos sobre Cuba e impacto dela em todas as áreas da sociedade. A pressão exercida por esse

---

<sup>63</sup> Rosa Miriam Elizalde Zorrilla (1966). Doutora em Ciências da Comunicação. Vice-presidente da UPEC e da Federação Latino-americana de Jornalistas (FELAP, sigla em espanhol). Durante sua vida profissional integrou o conselho diretivo e editorial de vários jornais nacionais. Tem publicado livros de corte político, social e mais recentemente, acadêmico. Prêmio Nacional de Jornalismo Juan Gualberto Gómez (de caráter anual) em várias ocasiões.

fenômeno tem condicionado uma atitude defensiva da sociedade e, dentro dela, da mídia, quem assume discricção sobre qualquer assunto considerado como possivelmente sensível para a segurança nacional. Tal atitude é conhecida como *síndrome de plaza sitiada*<sup>64</sup>, e segundo o descreve a literatura, constitui uma dimensão política e sócio-psicológica que atinge todo o país.

Como terceiro ponto, García Luis identificou que a regulação externa com frequência intervém também na regulação dos conteúdos informativos. *Defesa, Educação, Saúde, Indústria*, costumam ser temáticas muito controladas pelos fatores externos. *Esporte e Cultura* conseguem uma maior liberdade. Isto provoca “uma assimetria de poder nas relações dos meios de comunicação com o sistema político, as instituições do Estado e da Administração, e pelo menos, com uma parte da sociedade civil” (p.87). A situação dificulta de igual forma o trabalho com as fontes institucionais, que têm se posicionado como “donos da informação” e até imposto proibições de publicações de materiais.

O quarto eixo tem a ver com a redução das capacidades autorreguladoras dos diretivos e jornalistas, e o impacto disso na sua performance profissional. Nessa mesma linha, a pressão externa teria sido usada internamente para consagrar determinados hábitos nas práticas e estética jornalísticas. A autocensura tem substituído o papel da autorregulação, embora esta última apareça e seja exercida de forma ocasional, sob a influência de circunstancias imprevistas.

Finalmente, o quinto ponto sentença que a mídia cubana não constitui um sistema em si, já que ela forma parte do Sistema Político e estabelece com ele um vínculo de dependência (o autor trabalha aqui com o *conceito de sistemas* de Martín Serrano). Neste sentido, García Luis identifica um *modelo basicamente instrumental*, associado novamente à pressão das condicionantes externas. Apesar disso, existe consenso em que a mídia cubana exerce um papel importante na sociedade, mesmo que ele deva e possa ser superior (2004: 90).

---

<sup>64</sup> Achamos pertinente deixar o termo em espanhol, de acordo com sua acepção original. A frase provém da linguagem militar “*sitiar una plaza o fortaleza*” com o fim de asfixiar toda possibilidade de abastecimentos ou reforços, até conseguir a rendição do lugar “sitiado”. Da forma como o termo é utilizado para descrever a condição de Cuba, se refere à ideia dos cubanos de estar de forma constante em eminente perigo, mesmo que esse perigo possa ser mais virtual do que real; de aqui a noção de ter se tornado uma espécie de fobia ou síndrome.



Em 2014, Elizalde fez uma nova revisão do estado do sistema comunicacional cubano, numa pesquisa intitulada *El consenso de lo posible. Principios para una política de Comunicación Social desde la perspectiva de los periodistas cubanos* [O consenso do possível. Princípios para uma política de Comunicação Social da perspectiva dos jornalistas cubanos]. De acordo com a autora, alguns dos resultados obtidos por Garcia Luis (2004) foram ratificados, enquanto outros foram analisados novamente desde a perspectiva de outras dimensões de estudo –como a do desenvolvimento técnico-tecnológico. Com tudo, o interesse da proposta da Elizalde não era identificar um modelo comunicativo já existente, mas introduzir um *Modelo de Gestão Estratégica para a Comunicação Social em Cuba*. De qualquer forma, os resultados do diagnóstico feito pela pesquisadora constituem um aporte imprescindível para conhecer o estado do atual sistema comunicativo cubano.

Primeiramente Elizalde confirmou que a pressão externa continua a ser um fator determinante na relação Mídia - Poder. O Sistema de Comunicação Social nacional continua “impactado pela memória descontextualizada da *glasnot* soviética” (p.44) e, conseqüentemente, se mantém um alto nível de regulação externa da mídia, que contribui para a erosão da credibilidade do setor. Isso é reforçado com o crescimento do acesso e consumo de uma mídia alternativa ao sistema de comunicação oficial<sup>65</sup>.

No mesmo sentido, existe a necessidade de criar um novo ambiente normativo e regulatório específico –socialmente consistente e tecnologicamente sustentável- para a gestão da Comunicação Social em Cuba. Isso ajudaria na superação da atual *crise da atividade profissional*<sup>66</sup>, derivada principalmente da incapacidade da imprensa de cumprir cabalmente com sua função social de informar o povo.

---

<sup>65</sup> Conhecida popularmente como El paquete, constitui uma forma de distribuição de conteúdo multimídia que circula dentro da ilha de forma “pseudolegal”. Ver Concepción, J. R. *La cultura empaquetada. Análisis del consumo audiovisual informal del paquete semanal, en un grupo de jóvenes capitalinos*. Havana: Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana. 2015. (Pesquisa de graduação). Um resumo deste estudo foi publicado de duas partes no site de notícias CubaDebate

<sup>66</sup> Já em 2009, uma pesquisa realizada por M. Acosta sobre os usos da entrevista no SITVC, mostrava que: “O exercício profissional [do jornalismo cubano] carece de eficácia para a construção de um discurso midiático crível, que exponha as complexidades da sociedade cubana, e que leve em consideração as mediações que as novas tecnologias têm introduzido na linguagem audiovisual, respeito do caráter cada vez mais **dialogico** da teleinformação” (2009: 72, tradução nossa). Trecho original citado: “El ejercicio profesional carece de eficacia para la construcción de un discurso mediático creíble, reflejo de las complejidades de la sociedad cubana actual, y que tome en cuenta las mediaciones que las nuevas

O diagnóstico mostrou que o país não consegue se ajustar aos dois paradigmas de comunicação (*Meios de Comunicação Massiva; Nova Mídia Social*) que coexistem na prática cotidiana, o que tem gerado um **paradoxo entre o Sistema de Comunicação Social (SCS)** e a nova realidade comunicacional. Assim, encontram-se dois modelos de gestão comunicativa que não conseguem interagir adequadamente entre si. Um deles com sentido vertical, representante das práticas da mídia tradicional; e um segundo de tipo horizontal, nascido e estabelecido a partir da interação das comunidades digitais.

Porém, essa horizontalidade não carece de limitantes: a evolução sócio-tecnológica do país tem se dado de forma atípica, provocando uma “adaptação evolutiva ao cenário virtual, onde predomina a articulação em rede a partir do uso de plataformas digitais acessórias”<sup>67</sup>. Isto é alimentado pela incapacidade do SCS de satisfazer as necessidades comunicativas e de participação ativa da sociedade (ELIZALDE, 2014: 52).

Por não atender às necessidades comunicativas, o sistema formal institucional propicia a aparição e auge de soluções informais que se fortalecem com as tecnologias que facilitam a comunicação em rede, particularmente quando os meios tradicionais não acompanham a agenda cidadã, referem um crescimento da rigidez em suas estruturas e não favorecem um movimento participativo das forças que podem levar o processo para o aperfeiçoamento do Sistema Social.

A precária infraestrutura pública de telecomunicações no nível territorial, impede o trabalho da imprensa e limita as possibilidades de apropriação e participação cidadã no governo. Essa carência favorece a intervenção de agentes externos e do mercado na conformação das redes informativas e de serviços digitais (Idem, tradução nossa)<sup>68</sup>.

---

tecnologías han introducido en el lenguaje audiovisual, en tanto el carácter cada vez más **dialógico** de la teleinformación.”

<sup>67</sup> Diga-se *pendrives*, videogames, CD/DVD, HD externos; bem como o predomínio de compartilhamento de terminal a terminal através de fio (USB, HDMI), por redes de curta alcance como *Bluetooth* ou através de aplicativos que não precisam de conexão à Internet ou a dados móveis. Um dos Apps mais utilizados no país é *Zapya* (desenvolvido pela *DewMobile*). O App tem ganho espaço entre a população devido ao seu desenho focado em cenários com baixos níveis de conectividade, sua alta portabilidade e sua capacidade de resumir várias mídias sociais num lugar só. Esse comportamento é mais comum na população jovem nascida após 1990 (ELIZALDE, 2014).

<sup>68</sup> Trecho original citado: “Al no satisfacer las necesidades comunicativas, el sistema formal institucional propicia la aparición y auge de soluciones informales que se fortalecen con las tecnologías que facilitan la comunicación en red, particularmente cuando los medios tradicionales no acompañan la agenda ciudadana, refieren un aumento de la rigidez en sus estructuras y no favorecen un movimiento participativo de las fuerzas que pueden llevar el proceso hacia el perfeccionamiento del Sistema Social. La precaria infraestructura pública de telecomunicaciones a nivel territorial, impide el trabajo de la prensa y limita las posibilidades de apropiación y participación ciudadana en el gobierno. Esta carencia favorece la intervención de agentes externos y del mercado en la conformación de las redes informativas y de servicios digitales.”

O sistema cubano de comunicação também apresenta uma cultura deliberativa baixa nas instituições públicas, pobre intercomunicação das organizações sociais e pouca integração de meios, suportes e conteúdo no ambiente digital (Idem: 53).

Sobre sua proposta do Modelo de Gestão Estratégica da Comunicação Social em Cuba, a autora conclui finalmente que este contribuiria não apenas na gestão da participação, como impulsionaria também a superação do “tradicional planejamento centralizado das agendas comunicativas” e sua substituição por uma “abordagem que privilegie as demandas informativas presentes nas redes de interação e auto-organização social” (Idem: 55).

Até aqui podemos resumir que a principal diferença entre as propostas de García Luis (2004) e Elizalde (2014), reside na abordagem do assunto. Encontramos no primeiro um enquadramento mais historicista e político, sustentado na regulação, deontologia e ética jornalista. Enquanto Elizalde propõe uma aproximação que leva em consideração a evolução das práticas comunicativas sociais e sua inter-relação com as condições técnico-tecnológicas do país, a gestão administrativa dos meios e a influência de outros campos simbólicos não-políticos.

Finalmente, a conjunção dos dois estudos permite-nos confirmar que a mídia nacional ainda mantém altos níveis de *instrumentalização* e de *paralelismo político*, atendendo às conceptualizações propostas por Hallin e Mancini (2010) em *Comparing Media Systems. Three Models of the Media and Politics*.

### 1.3.2 *Em torno da regulação, a autorregulação e as políticas de gestão comunicativa*

O crescente interesse por relacionar a mídia a outras esferas da vida social tem passado pelo reconhecimento da imprensa e do jornalismo enquanto *instituições sociais* (WILLIAMS, 1971). É por esse motivo que uma análise completa do seu funcionamento exige considerar as tradições, características culturais, bem como o contexto histórico específico e global em que a mídia se desenvolve.

Esses elementos contribuem também na estruturação das representações sociais que, em um sentido mais amplo, constituem uma forma de pensamento prático voltadas para a comunicação, compreensão e controle do ambiente social; sendo a representação social

não um reflexo da realidade, mas uma construção simbólica sobre ela (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 82).

O acompanhamento de tais dimensões permite entender com maior clareza as particularidades e também os traços partilhados com outras instituições semelhantes, pertencentes a outras realidades. Do mesmo modo, facilita a compreensão do seu funcionamento, pois como instituição social, a mídia participa de um estado cíclico de existência<sup>69</sup> (junto com a família, a escola, a igreja, as comunidades e subcomunidades), que exerce poderosas pressões sobre o modo de vida, ensinando, reforçando e impondo, símbolos, valores e ideologias (WILLIAMS, 1997).

Bourdieu (1997), por outro lado, introduz nessa discussão a influência das forças externas no funcionamento da mídia. Segundo a visão do autor, a performance e a estrutura midiática são constantemente submetidas –provavelmente mais do que noutros campos de produção cultural- à demanda do público (e do poder) e ao controle do mercado. Além disso, o jornalismo também deve manter sua função de servir como intérprete e mediador das relações entre os cidadãos e as diferentes esferas da vida pública. Em contraposição, Hallin e Mancini (2010) acreditam que as fronteiras da relação entre o poder político e a mídia tem se reconfigurado, e que atualmente, quanto mais o campo político parece se centrar no campo da comunicação, tanto mais independente aparece a mídia como criadora de agenda (p. 253).

No entanto, os meios de comunicação ainda são atravessados por uma série de regulações externas e também por um conjunto de práticas e concepções particulares, conhecido como autorregulação. O primeiro está orientado para a correta operabilidade do sistema na sua interação com outros. O segundo, constitui uma dimensão relativa ao conceito anterior, mas enquadrado nos mecanismos de controle da interação das forças internas do sistema (GARCÍA LUIS, 2004: 43).

---

<sup>69</sup> Referido à capacidade de gerar capital simbólico, bem como valores sociais e morais de forma contínua. É conhecido que em Cuba, depois de 1959, a mídia teve um papel determinante na divulgação e consolidação dos novos valores sociais. As ideias de Williams (1971), de Bourdieu (1997) e de Baczko (1985) sobre a capacidade de transmissão cíclica de sistemas de valores dentro da estrutura social se fez evidente na sociedade cubana pós-revolucionária, onde se estabeleceram limites difusos entre *cidadãos* e *militantes* (do Partido Comunista, da União de Jovens Comunistas, e outras organizações de tipo social-política). A alto grau de politização de todas as esferas da vida na Cuba pós-revolucionária tem suscitado nos últimos anos um forte debate sobre os limites da sociedade civil no país. A revista cubana *Temas* tem se transformado em repositório dessas discussões: <http://www.temas.cult.cu>

Ambos os conceitos –de acordo com García Luis- se condicionam mutuamente, se complementam e se interrelacionam dialeticamente (Idem: 48). Ao mesmo tempo, têm a capacidade de ser “móveis e intercambiáveis”, a depender da perspectiva de análise. Desse modo, aquilo que em um nível aparece como regulação, pode resultar autorregulação para o nível superior. Contudo, *regulação* e *autorregulação* não devem ser traduzidos em *censura* ou *autocensura*, dimensões que possuem uma natureza conceitualmente diferente (p.43).

Dentro do campo da regulação externa, García Luis identifica as instancias seguintes: O sistema político (estrutura, instituições, valores e normas de funcionamento); O marco judicial aplicado à mídia (constitucional, civil, penal, legislativo); O sistema econômico (mercado, sistema de contratação e salários, regime da propriedade sobre a mídia); A cultura espiritual, material e simbólica da sociedade; O desenvolvimento científico-técnico; O relacionamento com as fontes de informação; O relacionamento da mídia com a sociedade civil como espaço multilateral de socialização; e A adesão e difusão da ideologia dominante em interpretações, juízos de valor e normas (2004: 46).

No campo da regulação interna, encontram-se então: Definição das atribuições dentro do meio de comunicação; Organização, estrutura, funcionamento e fluxo produtivo; A informação interna do meio e o grau de participação real de todos o coletivo; A cultura organizacional, ideologias profissionais, rotinas e outras formas da subjetividade; A consciência moral, valores e normas deontológicas assumidas; A formação e desenvolvimento do capital humano; e Os subsistemas de vinculação, estudo e feedback com a opinião pública (Idem: 46-47).

Somohano (2013) introduz, por sua parte, o conceito de *regime de regulação comunicativa*. A partir dele, o autor discute que sua implementação assume não apenas as condições estruturais do sistema de mídia –e seu vínculo com uma determinada ordem política- mas uma série de premissas, valores e matrizes nas que se sustentam as políticas associadas a essa ordem, os procedimentos regulatórios que operam sobre as instituições midiáticas, bem como as lutas pelo acesso, a participação e o uso dos recursos comunicativos (pp. 28-29).

A regulação comunicativa e a intervenção diversa da pluralidade de atores sociais em sua delimitação, é amparada por matrizes ideológicas conducentes à manutenção do poder numa rede de relações sociais específicas (...). Isso intervêm diretamente

na adaptação da missão social da mídia a imperativos associados à localização estrutural de agentes com capital fundamental (político, econômico, etc.) para a estruturação da dinâmica midiática (SOMOHANO, 2013: 34, tradução nossa)<sup>70</sup>.

Na ordem da autorregulação, Somohano (2013) enxerga as dinâmicas internas e as características particulares das organizações comunicativas, como condições conformadas a partir dos mecanismos utilizados pelos os jornalistas para se aproximar dos acontecimentos, e do vínculo entre o meio e determinados atores políticos, com potencial para se transformar em objeto de referência. Isto está condicionado pela relação estabelecida entre as instituições jornalísticas e as características do regime de regulação comunicativa (p. 36).

A autorregulação, em contraste com a ideia de autocensura, contribui para elevar a autonomia e “ainda incentivar a melhora dos padrões profissionais, pois sua implementação requer que as organizações sugiram ou até mesmo desenvolvam elementos para seus códigos de conduta” (PUDDEPHATT, 2011). Em suma, o conceito argumenta os modos em que a mídia alinha seus desejos com suas ligações com o poder (econômico e/ou político) e seu dever social, enquanto lida com pressões externas de diversa índole, com o intuito da autoconservação e o bom funcionamento dos sistemas (ALONSO ALONSO, 2001; HALLIN, MANCINI, 2004; OLLER, OLIVEIRA, 2016).

O discurso político cubano da última década tem mostrado certo interesse em restaurar marcos mais amplos de autonomia e autorregulação para a mídia nacional, devolvendo ao Partido uma função mais de orientação do que de censura. O assunto tem sido abordado não apenas nas alocações públicas dos funcionários políticos nacionais, mas também desde tentativas legais. Embora isso, é importante lembrar que a última reestruturação real sobre os marcos legais que regem o trabalho da imprensa e da comunicação em Cuba, data do fim da década de 1970<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Trecho original citado: “La regulación comunicativa y la intervención diversa de pluralidad de actores sociales en su delimitación, se ampara en matrices ideológicas conducentes al sostenimiento del poder en un entramado de relaciones sociales específicas, lo que constituye otra dimensión a la que se hace indispensable atender. Ello interviene directamente en la adecuación del encargo social de los medios a imperativos asociados a la ubicación estructural de los agentes con capitales fundamentales (políticos, económicos, etc.) para la estructuración de las dinámicas mediáticas.”

<sup>71</sup> Falamos das resoluções e orientações do Buró Político do PCC, no primeiro e segundo congresso da instituição entre 1976 e 1980, citadas acima no texto.

Um dos empreendimentos mais recentes encontra-se na Resolução 232 do *Buró Político* do Partido (12 de fevereiro de 2007), que aprova e define a autonomia dos diretores de imprensa para decidir quais tipos de conteúdo serão difundidos pelos seus jornalistas. Certamente, o intuito dessa orientação não é novo: partindo da nacionalização do sistema de imprensa e até hoje, encontramos de forma reiterada não poucas tentativas de estruturar um posicionamento social e político coerente dos meios de comunicação nacionais. No entanto, a prática cotidiana indica que os marcos teóricos ainda continuam muito afastados da realidade. Apesar da aparente vontade de promover uma descentralização nas políticas midiáticas, as dinâmicas e fluxos de trabalho continuam marcadas por um alto grau de centralismo (e comodismo) nos meios de comunicação (GARCÉS, FRANCO, 2017).

No artigo *¿Cómo se dirige la prensa cubana?* (2017), Garcés<sup>72</sup> e Franco<sup>73</sup>, respectivamente, discutem que a lógica da imprensa em Cuba obedece a uma raiz deformadora, que tem colocado a mídia nacional num posicionamento de “ferramenta de divulgação”, alimentando um espírito acrítico e triunfalista. Os autores apontam que predomina na gestão da mídia, uma ausência de projeções de metas a longo prazo e uma tendência ao favorecimento do empirismo e da espontaneidade tanto na direção e na organização, quanto na práxis jornalística (2017: 97-98).

De forma aprofundada, a pesquisa apresentada pelos autores pouco acrescenta de novidades além dos resultados acima expostos. Assim, resulta pouco abarcadora em seu escopo (dois meios de comunicação não declarados, mas inseridos dentro da mídia impressa), pelo que não consegue dar conta do amplo espectro da mídia nacional. Contudo, um dos principais aportes a ressaltar nesta proposta é a necessária insistência na sistematicidade dos estudos em gestão da comunicação social em Cuba.

Embora existam esforços domésticos recentes<sup>74</sup> para aportar certa continuidade teórica ao “modelo dialético de vínculos” de García Luis (2004), ainda não foi produzido um sistema teórico consistente e dialógico que consiga dar conta da resiliência e heterogeneidade da prática atual do jornalismo em Cuba.

---

<sup>72</sup> Decano da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana (UH).

<sup>73</sup> Professor da Faculdade de Comunicação da UH.

<sup>74</sup> Veja-se: Elizalde, 2014; Oller, 2016, 2017; Somohano, 2013; Torres, 2014; Oller, Oliveira, 2016; Garcés, Franco, 2017.

A análise da bibliografia consultada, sugere que isto poderia estar relacionado ao fato de que os estudos mais relevantes na área têm limitado sua análise a grupos específicos dentro do jornalismo, geralmente jornais impressos com declarada vinculação às organizações políticas<sup>75</sup>. Por outro lado, o modelo comunicativo cubano parece estar cada vez mais imerso em um processo de transição, que não implica necessariamente uma evolução homogênea na totalidade da mídia nacional, o que faz mais complexo o estudo do seu desenvolvimento, tendo em conta a carência de referentes para isso.

O acesso diferenciado às redes virtuais de conhecimento, bem como as condições materiais, a recepção das mudanças socioeconômicas, a inexistência de uma política de comunicação nacional e o estabelecimento de lógicas de relação Centro-Periferia (MIGNOLO, 2000, 2011) parecem condicionar um desenvolvimento profissional e cultural diferenciado entre as diferentes comunidades de jornalistas, pelo que, apesar de dividir traços comuns inerentes à mídia revolucionária, a rádio, a televisão e os jornais impressos, apresentam características ideológicas, culturais e de autonomia, diferentes entre si. Nos meios de comunicação regionais, por exemplo, a identificação dos jornalistas com as instituições de poder, parece se dar de forma menos conflituosa (MACHADO, 2010).

Acreditamos ademais, que a falta de ampliação do escopo pode ter respondido a diversos motivos (econômicos, materiais, políticos), mas também a uma incapacidade da teoria comunicativa de explicar a complexa práxis do jornalismo nacional (ELIZALDE, 2014). Seja dito que as primeiras pesquisas sobre performance e culturas profissionais no país começaram apenas na década de 1990, e muito recentemente parece ter se avivado a sistematicidade na temática a partir o desenvolvimento de dois projetos internacionais que decidiram incluir Cuba como um dos sujeitos de análise ativa.

Um deles é o projeto colaborativo transnacional *Journalistic Role Performance Around the Globe* (JPR), coordenado pela pesquisadora chilena Claudia Mellado. O projeto se baseia na metodologia dos estudos comparativos para abordar a “desconexão entre ideais e práticas no jornalismo, analisando a forma em que as diferentes dimensões

---

<sup>75</sup> Com exceção dos aportes feitos pela jornalista e pesquisadora Maribel Acosta (2009, 2013), referenciados em diversos momentos deste capítulo.



dos papéis profissionais se materializam no produto noticioso” (Missão e Objetivos, Site Institucional do *Journalistic Role Performance Around the Globe*).

O segundo projeto leva o nome de *Culturas Periodísticas* e seu escopo compreende Cuba, Equador, Espanha e Suíça. Está coordenado pelo professor e pesquisador cubano Martín Oller Alonso, quem também age como coordenador do JPR no Equador. O projeto abrange o estudo tanto das culturas jornalísticas profissionais, quanto as pré-profissionais. Ambos os esforços oferecem uma possibilidade de diálogo entre o jornalismo nacional e o estrangeiro, graças à utilização dos estudos comparativos como método base. Outro fator interessante é seu foco na performance ativa do jornalista, mais no que do desenvolvimento do sistema político. Eles servem como apoio para desenvolver a análise que ocupa o segundo capítulo desta pesquisa, referido aos principais dilemas e características do jornalismo cubano.

A modo de conclusão, acreditamos que os resultados das aproximações teóricas referenciadas até aqui, ganha maior impacto devido ao contexto de transformações estruturais que experimenta Cuba, e dentro delas as tensões da mídia socialista nacional, campo onde fica cada vez mais agudo o debate sobre a necessidade de novas políticas e estratégias para a comunicação nacional. Atendendo a isso, o próximo capítulo apresenta uma revisão e análise das principais características da performance do jornalismo nacional. Delimitamos igualmente os principais dilemas dessa comunidade, em termos de culturas e ideologias profissionais, bem como os atritos nas suas relações com o poder.

## CAPITULO 2

### DO JORNALISMO HERDADO AO JORNALISMO CONSTRUÍDO

*Se necesita ser fuego para comprender el fuego  
Crónicas y Ensayos. José de la Luz y Caballero. José Martí*

*Cualquier piedra en el camino será infinitamente menor que el precio a pagar por esperar otro  
medio siglo para tener una prensa que se parezca a nosotros mismos.  
Siete tesis sobre la prensa cubana. Raúl Garcés Corra<sup>76</sup>*

O presente capítulo tenta entender a prática do jornalismo cubano no contexto no qual ela tem se desenvolvido. Assim como as instituições culturais e informativas que o englobam, o jornalismo nacional permanece atravessado por conflitos internos e externos que se deslocam entre a necessidade de entender e aprimorar sua função social no decurso histórico e político do país, e a busca pelo reconhecimento e a consolidação de um modelo de exercício profissional próprio. Conseqüentemente, propomos nas seguintes páginas algumas noções sobre a função social da imprensa e, especificamente, as percepções do papel que tem desenvolvido o jornalismo cubano na construção da sociedade socialista.

Na tentativa de entender os atravessamentos que configuram a performance dos jornalistas cubanos, revisamos também algumas pesquisas recentes sobre culturas, ideologias e funcionamento do jornalismo nacional. Assim, o capítulo se estrutura em torno de alguns dos principais dilemas e preocupações da comunidade jornalística doméstica, o que abrangem as percepções de organização, reconhecimento social e profissional, bem como as discussões sobre profissionalismo, credibilidade e serviço social na mídia. Essa análise, toma como base a revisão de estudos de vários pesquisadores, professores de jornalismo e jornalistas nacionais, cuja produção teórica e acadêmica –salvo algumas poucas exceções- é pouco conhecida e difundida nos circuitos

---

<sup>76</sup> Dr. Raúl Garcés Corra, jornalista, ensaísta e acadêmico cubano. Membro da Presidência da União de Jornalistas de Cuba (UPEC) e atual Decano da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana, onde aparece como um dos principais impulsores das mudanças nos programas de estudo nos cursos de Comunicação e Jornalismo. É autor, dentre outros, dos livros *Los años de la ira* (em coautoría com o cineasta cubano Alfredo Guevara); *Los dueños del aire, un acercamiento comunicológico a la radio cubana de los años 40* (2005); e *La construcción simbólica de la opinión pública* (2009).

de debate da academia internacional. No entanto, eles constituem os expoentes mais atualizados dentro da pouca bibliografia teórica que existe sobre o jornalismo cubano.

No bojo destas discussões, apresentamos uma revisão sobre os espaços de acesso a cursos de graduação e pós-graduação na área. Especificamente, abordamos a tradição do ensino do jornalismo em Cuba, o desenvolvimento atual da formação profissional e os espaços de especialização nos diferentes ramos do jornalismo. A revisão proposta está baseada no alto grau de importância que a comunidade jornalística doméstica concede à formação e especialização como vias para atingir um melhor exercício profissional.

De forma geral, esse capítulo tem o intuito de fornecer uma imagem contextualizada do plano de fundo no qual tem se desenvolvido o telejornalismo esportivo cubano, principal interesse de estudo da nossa pesquisa. A partir das discussões abordadas aqui, poderão se estabelecer pontos de convergência e desencontro nas condições e concepções que atravessam a prática profissional dos jornalistas esportivos da televisão, tema que será abordado no nosso terceiro capítulo.

### *2.1. O jornalismo e sua função social em Cuba*

As percepções cubanas sobre a função social da mídia parecem ter evoluído a partir de duas vertentes principais. A primeira delas responde à herança de um pensamento social e intelectual de marcado sentido ético e moral. A segunda diz respeito da reestruturação desses princípios morais, a partir da adoção da ideia leninista da mídia como agente disseminador da ideologia socialista. Essas duas condicionantes, que abordaremos a continuação, constituem a base fundamental de uma imprensa que hoje define dentre seus valores principais o compromisso, a responsabilidade, a coerência e fidelidade com o projeto social [socialista]; e uma prática jornalística baseada na representação e defesa dos interesses do povo (SOSÍN, 2012: 122-124)<sup>77</sup>.

A primeira vertente mencionada está ancorada no pensamento social do século 19 cubano e a busca pela identidade crioula perante a metrópole espanhola. Berço dos

---

<sup>77</sup> E. Sosín. “De puertos, capitanes e marineros. Representaciones del encargo social de la prensa en Cuba en directivos de medios” [De portos, capitães e marinheiros. Representações do encargo social da imprensa em Cuba em diretivos de meios]. Dissertação em opção ao grau de Licenciada em Jornalismo. Havana: Faculdade de Comunicação, Universidade de Havana. 2012.

primeiros escritores-jornalistas nacionais, essas correntes de pensamento foram se deslocando e evoluindo através da história e da consolidação de uma ideia compartilhada de nação, que foi recuperada e recontextualizada pelo discurso político pós-revolucionário.

O intelectual cubano F. Martínez Heredia<sup>78</sup> divide esse *pensamento social elaborado* em uma série de correntes, presentes antes mesmo do triunfo da Revolução: *liberalismo, patriotismo, anti-imperialismo, democratismo, ideias de justiça social* e, finalmente, *socialismo* (2007: 3). O autor destaca que o *patriotismo radical* do final do século XIX, por exemplo, foi uma das correntes mais apropriadas pelos ideais *fidelistas*, em termos de referências e simbologia (Idem:4). Essa apropriação concedeu legitimidade ao projeto socialista cubano e um certo senso de continuidade que ainda hoje é utilizada pelo discurso político nacional. Assumir as tentativas libertárias do passado e oferecer-lhes uma evolução cronológica coerente, que sustentassem as ações armadas revolucionárias de 1959, foi um dos grandes acertos do processo cubano na criação das cosmovisões simbólicas de identidade e coesão nacionais.

O *anti-imperialismo*, por outro lado, se viu fusionado com os ideais de patriotismo e constitui atualmente um lugar importante no sistema ideológico cubano. Essa corrente de pensamento ganhou conotações mais fortes com sua aproximação específica à rejeição das políticas imperiais dos Estados Unidos, embora sua concepção original expressa “um posicionamento contra qualquer tipo de imperialismo (MARTÍNEZ HEREDIA, 2007: 4). Finalmente, o *pensamento socialista* parece ter se configurado a partir dos anteriores e unido à conformação de um senso de *justiça social*, nascido como resposta aos períodos de escravidão e segregação que tinha sofrido o país. Martínez Heredia destaca que os marcos e referências desta corrente de pensamento foram inicialmente complexos e conflitantes; no entanto, pareciam ter seu caminho natural no marxismo (2007: 5-6).

A segunda vertente responde, então, à adaptação dos valores desse *pensamento social cubano* ao novo contexto da sociedade, pois o sistema de pensamento que tinha

---

<sup>78</sup> Fernando Martínez Heredia (1939-2017). Filósofo, acadêmico e ensaísta cubano. Prêmio Nacional de Ciências Sociais. Fundador da revista *El Caimán Barbudo* (1966); Fundador e Diretor da Revista *Pensamento Crítico* (1967-1971). Autor dos livros *El Che y el Socialismo* (1989); *El corrimiento hacia el rojo* (2001); *Repensar el socialismo: dilemas de Cuba en los 90* (2001); *El ejercicio de pensar* (2008); *La crítica en tiempo de revolución* (2010); entre outros.

guiado a evolução da cultura e o jornalismo no país foi se aproximando da versão comunista-soviética, que defendia uma certa noção de imprensa baseada nas teorias leninistas. De acordo com a visão de Lenin (1979), o jornal (visto como resumo do senso de mídia informativa da época) constitui um órgão político e de organização das ideologias. Sem ele, o movimento político fica sem voz e sem vias para cumprir com sua missão de refletir o descontentamento e protesto do proletariado. Na visão leninista, a labor parlamentar, a agitação eleitoral, a participação em instituições públicas, entre outras, poderiam ser substituídas por um *jornal de índole revolucionária*, pois só através dele seria possível alcançar uma organização mais extensa do movimento obrero.<sup>79</sup>

Espelhada nessa concepção leninista, a mídia em Cuba fundamentou sua missão no conceito de que o jornalismo constitui um epicentro ideológico de importância vital para o desenvolvimento da Revolução, ao tempo que funciona como elemento cardinal na educação, a orientação social e o crescimento ideológico do povo. Tal particularização é visível nas definições feitas pelo teórico e jornalista cubano J. García Luis (2004), onde são priorizadas as dimensões humanísticas e o alto sentido ético-moral do jornalismo nacional. Suas visões objetivam também a interpretação da estrutura social como um todo orgânico e dialético que abrange o sistema de comunicação pública e resgata a noção do jornalismo enquanto *transmissor cultural*<sup>80</sup> da ideologia socialista.

Nesse sentido, Martínez Heredia (2007) defende que nos primórdios revolucionários existiu uma *dialética de liberdade e militância*. Neste estágio particular na relação Sociedade-Poder, a imprensa constituiu um elemento ativo e contribuiu para a sedimentação dessa dialética até a chegada do processo de institucionalização da década de 1970. A irrupção do Período Especial, posteriormente, provocou uma restrição da função social dos meios de comunicação, e a prática profissional limitou-se então à

---

<sup>79</sup> Sobre isso, Sosín (2012) discute que o modelo leninista de imprensa foi baseado na “contingência: cada uma de suas concepções respondeu às necessidades urgentes da Revolução” que não podiam ser entendidas fora de um determinado contexto, ou bem transpoladas indiscriminadamente. “A perpetuação dogmática desse esquema por Stalin, ao anular todas as mudanças circunstanciais e suprimir a essência do pensamento leninista, levou à paralisia da imprensa soviética, bem como à da própria sociedade durante seu mandato” (p.51).

<sup>80</sup> Conceitualização de Thompson (2000) que explica: “O que é geralmente tomado como um meio específico - tal como os jornais ou a televisão - pode ser teorizado mais rigorosamente como uma modalidade específica de transmissão cultural que combina, de uma maneira distinta, um meio técnico, um aparato institucional e certo tipo de distanciamento espaço-temporal” (Thompson, 2000: 220).

abordagem das “exigências das políticas informativas do período: a divulgação e propaganda em favor da resistência do povo cubano” nas circunstâncias críticas da época (ACOSTA, 2013: 39). O dogmatismo penetrou nas estruturas sociais e se provou resistente ao passo do tempo e à superação de políticas desacertadas, enquanto demonstrou sua capacidade para “tornar-se importante como meio de controle (...) e coexistir até hoje com outros modos de comportamento social” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2007: 22).

No percorrer da última década, Cuba tem se envolvido em importantes reformas econômicas, sociais e políticas<sup>81</sup>, impulsionadas pelo ex-presidente Raúl Castro Ruz (2011-2018). Um acesso crescente e progressivo às redes de comunicação<sup>82</sup>; reconfigurações no mercado laboral interno<sup>83</sup> e a conseqüente abertura às novas formas de relação econômica-contratual; bem como o processo de reaproximação política entre Cuba e os Estados Unidos<sup>84</sup>, foi o novo cenário que deveu enfrentar o jornalismo nacional. A conjuntura tem sido catalogada como uma etapa de “ruptura e continuidade”, bem como de “reconfiguração e desafio” para o setor (OLLER, *et al.*, 2017).

Nas sessões do *IX Congresso da UPEC*, em julho de 2013, o debate sobre o papel social do jornalismo foi recuperado. A palestra introdutória, a cargo do atual Decano da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Havana, R. Garcés, permite enxergar a preocupação da comunidade jornalística nacional quanto ao devir do socialismo no país e o posicionamento da mídia no novo contexto:

Alguém sabe como construir o socialismo? E por extensão, em quais pilares a imprensa socialista deveria ser edificada?

(...) Apesar dos bloqueios e das adversidades das últimas décadas, Cuba aposta por uma prática socialista que seja fonte de felicidade, de vida digna, de realização pessoal e de tranquilidade econômica, de articulação entre o projeto pessoal e as

---

<sup>81</sup> Mudanças aprovadas durante o *VI Congresso do Partido Comunista*, em 18 de abril de 2011. O documento que engloba essas mudanças foi intitulado “Resolución sobre los Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución”, conhecido popularmente como «Lineamentos do Partido».

<sup>82</sup> No Anexo 5 podem ser consultados dados e gráficos sobre a conectividade e acesso à Internet em Cuba.

<sup>83</sup> Dentre as principais mudanças trazidas pelos Lineamentos do Partido estão: o aumento da autonomia das empresas estatais e o desenvolvimento de outras formas de gestão. Essa iniciativa reconhece e visa promover, além do empreendimento estatal socialista, outras modalidades como investimento estrangeiro, cooperativas, pequenos agricultores, usufrutuários, arrendatários, trabalhadores autônomos e outras formas que possam surgir (Ferragut, Pizà, 2016: 63-641). Muitas dessas modalidades já existiam, mesmo que limitadas. As mudanças vieram para impulsionar e melhorar seu funcionamento.

<sup>84</sup> Iniciado em dezembro de 2014 pelos presidentes cubano, Raúl Castro, e estadunidense, Barack Obama, e paralisado depois da chegada à Casa Branca do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

metas gerais da sociedade. Mas, acreditamos que esses significados são compreendidos, processados e compartilhados igualmente nas cabeças de todos os cubanos? Como faremos para comunicá-los [os significados] eficientemente? Como lhes daremos sentido e os transformaremos em fatos tocáveis (...)?

Quão importante é para a batalha política do país trabalhar não apenas o âmbito da realidade, mas também o das percepções? Como complementaremos, em suma, a atualização do modelo [social] com uma percepção renovada em torno de tudo o que está sendo atualizado? (GARCÉS, 2013, tradução e notas nossas)<sup>85</sup>.

A atualização do modelo social deve ser acompanhada de uma mudança cultural e de paradigma, com atores competentes em todos os níveis, e uma “maior autonomia na tomada de decisões e um processo de descentralização disposto a gerir o desenvolvimento de forma mais horizontal e participativa” (GARCÉS In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017: 199-200).

Elizalde (2014) complementa que não existirão condições para encarar esses desafios, enquanto persista a ausência de um pensamento e atuação estratégica integral no campo do Sistema de Comunicação (SC) nacional. A professora cubana discute que o Sistema de Comunicação Social (SCS) e a realidade nacional têm entrado em uma relação paradoxal, pois diagnosticar, governar, planejar e prever a CS no país exige a utilização de uma única base teórica (referindo-se ao paradigma dos *mass media*<sup>86</sup>), cujas variáveis conduzem a resultados refutáveis pela investigação empírica (p. 37).

A partir dessa visão (...), o sistema tem que se organizar da forma tradicional para aumentar a qualificação dos jornalistas. No entanto, a pesquisa empírica prova o contrário. Como aconteceu na URSS, o modelo tradicional entrou em conflito com a realidade e, portanto, a partir de tais posições não pode ser descrito, explicado,

---

<sup>85</sup> Trecho original citado: “¿Alguien sabe cómo se construye el socialismo? Y por extensión, ¿sobre qué pilares debiera erigirse la prensa socialista? (...) A pesar de los bloqueos y las adversidades de las últimas décadas, Cuba apuesta a una práctica socialista que sea fuente de felicidad, de vida digna, de realización personal y tranquilidad económica, de articulación entre el proyecto personal y las metas generales de la sociedad. Pero, ¿creemos acaso que esos significados se comprenden, procesan y comparten por igual en la cabeza de todos los cubanos? ¿Cómo haremos para comunicarlos eficientemente? ¿Cómo les daremos sentido y los convertiremos en hechos que se toquen (...)? ¿Cuánta importancia tiene para la batalla política del país no solo trabajar el ámbito de la realidad, sino también el de las percepciones? ¿Cómo complementaremos, en suma, la actualización del modelo con una percepción renovada en torno a todo lo que se está actualizando?”

<sup>86</sup> O paradigma dos mass media recolhe que o acontecimento social constitui um “fenômeno de percepção do sistema”, partindo de uma mensagem recebida; enquanto a notícia aparece como um “fenômeno de geração do sistema”, constituindo uma mensagem emitida (ALSINA, 1989, pp. 91-92). Neste ciclo, os acontecimentos e a mídia parecem trabalhar em uma espécie de circuito fechado, onde uma é alimentada pela outra.

previsto, ordenado ou dirigido o sistema, que se degrada, e com ele, quem exerce a direção dessas premissas (ELIZALDE, 2014: 38, tradução nossa)<sup>87</sup>.

Em consequência, as recentes mudanças promovidas pelo governo cubano estariam encaminhadas a se afastar das “leis objetivas” e dos “manuais rígidos” predominantes durante a fase do “Socialismo Real”. Na construção do Socialismo do século 21, as certezas deveriam ser construídas coletivamente e, com isso, “a imprensa socialista está desafiada a abrigar a nova era com ideias, a interpretar o discurso político criativamente, alimentá-lo com argumentos, demonstrações, exemplos concretos e um debate público permanente” (GARCÉS, 2013). Sobre os dilemas que atravessam o jornalismo cubano numa sociedade cada vez mais *aberta e polifônica* (idem), discutimos a seguir.

## 2.2 Dilemas atuais do jornalismo cubano

Este subitem apresenta os dilemas que consideramos mais recorrentes nas atuais práticas e representações da comunidade jornalística doméstica. A delimitação aqui proposta foi realizada a partir da revisão e interpretação de textos acadêmicos, artigos e matérias de alguns pesquisadores, jornalistas e professores nacionais. Essa discussão tenta envolver as visões de profissionais pertencentes não apenas à capital do país, a fim de chegar ao entendimento de como os dilemas da comunidade se manifestam nas condições diversas do território nacional. Assim, o texto a seguir está organizado em torno de seis eixos fundamentais: 1) Tensões entre a realidade e suas representações nos jornais; 2) Relação com as fontes informativas; 3) Autopercepção profissional e noção de liderança; 4) Percepção do reconhecimento social da profissão; 5) Percepção do desenvolvimento enquanto comunidade profissional organizada; e 6) Noções sobre profissionalismo e *intrusismo*<sup>88</sup> *profissional*. A fim de completar as visões propostas, incluímos finalmente

---

<sup>87</sup> Trecho original citado: “Desde esa visión (...), hay que ordenar el sistema a la usanza tradicional para que aumente la calificación de los periodistas. Sin embargo, la investigación empírica prueba lo contrario. Como ocurrió en la URSS, el modelo tradicional ha entrado en conflicto con la realidad, y por tanto, desde estas posiciones no se puede describir, explicar, pronosticar, ordenar ni dirigir el sistema, que se degrada, y con él, quienes ejercen la dirección desde tales premisas”.

<sup>88</sup> *Intrusismo*: termo em espanhol, utilizado comumente dentro da comunidade jornalística para se referir a profissionais advindos de outras formações acadêmicas. Especificamente na Televisão Cubana, a consolidação do jornalismo esteve influenciada por essas pessoas (GONZÁLEZ, 2016). Em países como a



um subitem que atende a algumas particularidades do telejornalismo no contexto da mídia nacional.

### 2.2.1 *Tensões entre a realidade e suas representações nos jornais*

A incapacidade para lidar com o *gap* que existe entre suas narrativas da realidade e a própria realidade é provavelmente uma das questões mais persistentes no debate em torno da prática do jornalismo nacional. O discurso jornalístico doméstico com frequência recebe a crítica de se estruturar a partir de um enquadramento binário, que contrapõe as vicissitudes do “inferno estrangeiro” às vitórias de um suposto “paraíso nacional”. Nessa lógica, a propaganda e a adjetivação acabam usurpando o lugar dos argumentos; as estatísticas suprimindo o espaço da interpretação; enquanto a riqueza dos processos se vê reduzida a uma “síntese caricaturesca dos seus resultados” (GARCÉS, 2013).

Enquanto integrante da comunidade jornalística, J. Arencibia<sup>89</sup> defende que o relatado acima não evoca um exercício fraudulento da profissão ou uma deformação arbitrária da cotidianidade nacional. No entanto, essa prática permite que no “dia após dia se cometam flagrantes omissões” sobre o acontecer do país, favorecendo a aparição de vazios na narração social da mídia, que são preenchidos posteriormente com “boatos, exageros, visões corretas, incorretas, boas e mal-intencionadas”, construídas pelo próprio povo ou a partir da tematização da imprensa estrangeira (2017: 53).

Esse diagnóstico pouco satisfatório está longe de ser um segredo para as instituições de poder político ou até mesmo para os diretivos da imprensa; no entanto, alguns autores nacionais discutem que a permanência no tempo de um fluxo informativo com tal caráter “acidentado e vertical”, está relacionado de forma direta à estrutura altamente centralizada da sociedade cubana (ROSABAL, GALLEGO, 2010 apud ARENCIBIA, 2017: 63; SOMOHANO, 2012), pelo que sua solução escaparia da simples vontade da mídia de mudá-lo.

---

Espanha, o *intrusismo* é considerado delito (não aplicável à imprensa) em profissões que exigem determinados níveis de especialização como o Direito, a Medicina, etc.

<sup>89</sup> Formado em Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade de Havana. Atualmente divide o trabalho de professor de jornalismo com seu trabalho no jornal nacional *Juventud Rebelde*. Se encontra em processo de edição de um livro sobre a tradição do ensino do jornalismo em Cuba.

Oller e Oliveira (2016) argumentam que essas condições especiais nas quais se desenvolve o sistema político cubano (sistema socialista, partido único, estrutura centralizada) e o impacto da crise econômica sobre todas as esferas sociais, tem determinado a ruptura entre o *dever ser* e o *ser* do jornalismo nacional, destacando a abordagem propagandística da informação e o peso de um excessivo aparato regulatório externo sobre os meios de comunicação; (OLLER, OLIVEIRA, 2016).

Contudo, apesar da existência de uma pressão exógena<sup>90</sup> real, apontada em todos os estudos revisados até agora, Arencibia afirma que ela tem sido usada como pretexto para fortalecer o *secretismo*<sup>91</sup>, a autocensura, e a criação de um bloqueio interno, que mais entorpece do que protege aos profissionais dos ataques externos (2017: 58).

Nessas condições, as autoridades estatais e políticas parecem exigir dos jornalistas uma performance que eles não são capazes de alcançar, atendendo a que o profissional enfrenta diariamente as mesmas barreiras e burocracias que a própria direção do país está chamando a eliminar (MONTES DE OCA, 2011 In OLLER, OLIVEIRA, 2016). De um lado, os documentos e acordos aprovados durante todos esses anos pelo Partido apontam para uma abertura nas políticas informativas. De outro, os jornalistas continuam sem um acesso adequado às informações ou até mesmo aos especialistas e os diretivos responsáveis por elas (CASTRO, R., *VI Congresso do Partido*, 2011).

### 2.2.2 Relação com as fontes informativas

As limitações externas e internas acabam por refletir-se nas rotinas e estratégias produtivas, inflitando não apenas nas narrativas, mas nos gêneros que são usados para conformar as narrações. Por esse motivo, Ricardo (2006) acredita que esse estágio da prática jornalística cubana é um dos processos mais importantes de sua mediação. A

---

<sup>90</sup> Referindo-se às condições de hostilidade política do governo dos Estados Unidos contra Cuba e, especificamente, à política do Bloqueio Econômico que pesa sobre o país desde 1961. Os resultados da pesquisa de J. García Luis (2014) e R.M. Elizalde (2004), trabalhados no primeiro capítulo, complementam essa afirmação de Arencibia (2017).

<sup>91</sup> O termo *secretismo* está referido ao estado de “extrema cautela” com que algumas fontes institucionais lidam com as informações dos seus setores, o que deriva numa troca acidentada das informações e contribui com que os jornalistas não consigam desenvolver seu trabalho. A justificativa que guia o estado de constante secreto em que os ministérios e outras instituições estatais desenvolvem suas atividades está apoiada na ideia de proteção da segurança nacional. Como temos analisado no capítulo anterior, essa é uma das consequências do senso de guerra permanente e *síndrome de plaza sitiada* que o país experimenta. Vide página 40.

necessidade de garantir matéria prima informativa –muitas vezes em condições técnico-tecnológicas desfavoráveis e com prazos reduzidos- “acaba dando prioridade a canais e fontes institucionalizados, centralizados, sistemáticos e acessíveis”; derivando na ausência ou baixa investigação de determinados acontecimentos.

M. Acosta, por sua vez, destaca a relação conflituosa dos jornalistas com as fontes de informação –principalmente com as institucionalizadas- e o papel que elas cumprem no contexto da extrema regulação midiática (2009, 2013). De acordo com Acosta, a comunidade jornalística não enfrenta apenas as regulações exercidas pelo Partido e os próprios diretivos da imprensa: as “fontes de informação, se acham no direito de administrar a informação”; e nesse sentido, tem se visto uma “expulsão progressiva do Partido das rédeas da política informativa, para passar às mãos das instituições, que a ditam a partir de concepções contrárias à comunicação pública” (ACOSTA, 2009: 109).

Daí o *secretismo*, cujos traços se traduzem na negativa de determinadas fontes oficiais a oferecer informação e tratá-la como um capital valioso para a manutenção do cargo e o seu lugar de poder. Vários autores nacionais convergem com o diagnóstico de Acosta (2009, 2013) de que a apreensão e o medo estão motivados, em primeiro lugar, pela possibilidade de os jornalistas emitirem alguma informação capaz de comprometer a segurança nacional; e em segundo lugar, pelo interesse na preservação de determinado status ou cargo administrativo (GARCÍA LUIS, 2004; GARCÉS, 2013; TORRES, 2014; OLLER, OLIVEIRA, 2016). Os funcionários às vezes “preferem dar a informação, mas sem serem entrevistados ou sem que o nome deles apareça citado no texto”. Isso faz com que “o uso da entrevista como gênero, fundamentalmente no telejornalismo televisivo, seja quase impraticável no atual contexto sócio-político cubano” (ACOSTA, 2009: 110).

Essa afirmação é complementada pela também jornalista e pesquisadora L. Torres<sup>92</sup>, quem tem estudado o uso de depoimentos nas práticas jornalísticas nacionais. Em geral, a função dos depoimentos seria de validar ou complementar os dados que já foram previamente obtidos ou garantir a “veracidade” da história narrada (2014: 50). A pesquisadora discute até que ponto a noção de credibilidade nas práticas nacionais está

---

<sup>92</sup> L. Torres Árias. Formada em Jornalismo pela Universidade das Villas (Villa Clara, Cuba) e Mestre em Comunicação pela Universidade de Havana. Trabalha há alguns anos como cronista e repórter no jornal regional *Vanguardia* e como professora de Jornalismo na Universidade das Villas.

relacionada ao número e qualidade das fontes consultadas. Ao considerar as fontes oficiais como legitimadoras da “realidade” narrada nos jornais, a imprensa nacional reduz a polifonia social (TRUJILLO, R. In RICARDO et al., 2017: 136). As fontes mais utilizadas nos meios de comunicação cubanos são os expertos, o Estado e o Partido, seguidos da Sociedade Civil e os cidadãos comuns, nessa ordem de relevância (TORRES, 2014: 52).

Uma análise tomando com ponto de partida a realidade de outras províncias do país não mostra resultados muito diferentes. Em Santiago de Cuba (zona oriental), por exemplo, as fontes de informação tradicionais continuam a ser as mais utilizadas e são elas que “determinam as parcelas de informação que serão oferecidas aos jornalistas e o que eles estão (ou não) autorizados a publicar” (TRUJILLO, R<sup>93</sup>. In RICARDO et al., 2017: 136). De acordo com a percepção de Trujillo, isso se traduz em que a maior parte dos profissionais dessa região se sintam regulado pelas próprias fontes de informação, fundamentalmente porque elas “negam o fornecimento de dados ou limitam o que pode ser publicado”. Essa situação constitui uma violação dos documentos oficiais que regulam a informação e a imprensa em Cuba, os quais estipulam que o povo tem o direito de ser informado e “os administrativos têm a obrigação de revelar as informações solicitadas pela imprensa, com a única exceção de que se trate de uma informação classificada como secreto estatal” (idem: 140).

Por sua parte, a jornalista televisiva, Y. Jomarrón<sup>94</sup>, acredita que não se trata apenas de como a fonte enxerga o jornalismo, mas de como o jornalista assume seu próprio trabalho. Jomarrón aponta que a mente dos jornalistas do seu território (Camagüey, zona central) funciona de forma “pré-condicionada” e mesmo que recebam «luz verde» para falar sobre qualquer assunto, “sua atuação continua baseada numa dependência absoluta das fontes, do secretismo e da censura”, mesmo quando em termos reais essas condicionantes não existam mais (In RICARDO et al., 2017: 100). Embora o exercício acadêmico ressalte a importância de consultar as fontes, na prática cotidiana é muito

---

<sup>93</sup> R. Trujillo Olivares. Formada em Jornalismo pela Universidade de Oriente e Mestre em Comunicação pela Universidade de Camagüey.

<sup>94</sup> Y. Jomarrón Navarro. Formada em Jornalismo pela Universidade de Camagüey. Atualmente trabalha como professora da própria universidade e como jornalista, locutora e roteirista na televisora regional *Televisión Camagüey*.

difícil cumprir com essa norma –aponta a telejornalista-, ainda mais quando o foco é o jornalismo investigativo, porque “as fontes não confiam muito e não se abrem” (idem: 105).

Um outro ponto de conflito relatado por Jomarrón está referido à carência de recursos materiais e a implicação disso nas relações que os jornalistas estabelecem com suas fontes. Devido à inexistência de meios técnicos imprescindíveis para fazer jornalismo investigativo nessa província, muitas vezes os jornalistas acabam por se valer do transporte das próprias fontes consultadas para conseguir se locomover, “o que cria certo compromisso com elas e, na hora da crítica, confluem conflitos éticos pessoais e profissionais” (In RICARDO et al., 2017: 104).

Num estudo sobre as culturas e as ideologias profissionais do jornalismo cubano<sup>95</sup>, Oller e Oliveira (2016) também encontraram um ponto de inflexão importante no referido ao acesso aos recursos materiais e a sua incidência nas práticas jornalísticas e na valoração dos profissionais do seu próprio trabalho.

(...) eles são cientes do fato de que, embora o modo de vida socialista produza grande satisfação no nível pessoal e profissional, quando se trata de posses materiais, a história é diferente. Os meios técnicos para o trabalho do jornalista (gravadores, câmeras, computadores, etc.) ou os meios de distribuição (meios de transporte, impressões, entre outros) ainda apresentam uma atualização limitada (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 159).

Dependentes desse esquema, os jornalistas acabam adaptando suas rotinas às condições materiais nas quais elas devem ser desenvolvidas, gerando um dilema que atinge à comunidade toda, sem importar o setor ou a região do país ao qual pertencem. De forma geral, os jornalistas cubanos reconhecem ter que recorrer com frequência à criatividade para conseguir desenvolver seu trabalho de forma mais eficiente, ao tempo que devem lidar com a “compreensão e colaboração” de outros profissionais e técnicos associados à prática jornalística (motoristas, técnicos de som, fotógrafos, operadores de

---

<sup>95</sup> *Ideology and culture of journalists in Cuba. Confidences, dialogues and senses of a profession* [Ideologia e cultura dos jornalistas em Cuba. Confidências, diálogos e sentidos de uma profissão]. O livro está inserido na produção acadêmica do projeto internacional Culturas Periodísticas [Culturas Jornalísticas], empenho que foca seu estudo nas culturas profissionais e pré-profissionais de um grupo de “países intermediários” (OLLER, BARREDO, 2013): Cuba, Equador, Espanha e Suíça. O projeto é coordenado pelo pesquisador Martín Oller Alonso. No caso de Cuba, o desenvolvimento desta linha de pesquisa está ligado à Universidade de Havana, e motivado pela carência de estudos internacionais sobre comunicação que incluam a ilha como objeto de estudo.

câmera, técnicos de iluminação, etc.) (GARCÍA, 2016, entrevista com a autora). Resulta interessante, por outro lado, como essa ideia de carência às vezes parece ser associada ao caráter estatal e público da mídia e a sua fundamentação nas bases de uma gestão não comercial (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 157-159).

### *2.2.3 Autopercepção profissional e noção de liderança*

No referido a esse eixo, os jornalistas cubanos se enxergam como uma comunidade profissional heterogênea, que apresenta diferenças no trabalho profissional e nas concepções sobre a profissão jornalística. No entanto, existe uma noção compartilhada quanto a assunção de um senso de vocação elevado, um forte sentido de conservação e de organização profissional; e a manutenção de um alto reconhecimento das suas responsabilidades sociais (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 151).

De acordo com a interpretação de Oller e Oliveira, existe um consenso bastante elevado na autopercepção dos jornalistas nacionais como profissionais competentes: indivíduos de amplos conhecimentos e alta capacidade de compreensão, de análise, de interpretação e de mediação. Como contraparte, é observado que uma alta porcentagem dos jornalistas entrevistados considera que atualmente a profissão não é o que deveria ser. Isso parece responder à crença de que o desenvolvimento de suas potencialidades profissionais se encontra ainda muito limitado, provocando que o jornalista cubano não consiga satisfazer a demanda das audiências nacional de obter a informação precisa na hora certa (2016: 153-154).

A pesar disso, os autores percebem que a comunidade destaca seu enfoque da realidade baseado num senso de “bravura e honestidade”; e privilegiam as atitudes e ações, em detrimento de qualquer posição hierárquica que o jornalista possa ter na estrutura da mídia (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 168). Isso é refletido em uma concepção de liderança da comunidade que permanece relacionada a um certo espírito de polémica, à capacidade de rapidez e flexibilidade para encontrar soluções no aprimoramento do exercício profissional, bem como o fornecimento de novas perspectivas que ajudem os cidadãos no melhor entendimento da realidade (idem).

Os dilemas inerentes a essa percepção de liderança são problematizados por Garcés e Franco (2017) ao colocar os atuais diretivos da mídia nacional frente ao desafio da

mudança organizacional exigida ao setor. Os pesquisadores identificaram que existe entre os *quadros da mídia* um alto grau de desprofissionalização<sup>96</sup>, pouco interesse em cursos de capacitação e a prevalência de uma direção envelhecida e sem formação na área da comunicação ou do jornalismo (pp. 93-95). Com base nisso, acreditamos que tais condições de direção e administração possam estar incidindo na noção de liderança que a comunidade de jornalistas cubanos constrói, fazendo-a se deslocar do respeito das hierarquias para o enaltecimento dos valores compartilhados.

Do outro lado da balança, os diretivos reconhecem seu trabalho como altamente burocrático, e manifestam seu incômodo respeito da redução ou perda de suas responsabilidades e sua autoridade para outros grupos políticos ou administrativos, como os ministérios (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 164).

#### 2.2.4 Percepção do reconhecimento social da profissão

O terceiro eixo parece estar diretamente relacionado aos anseios dos jornalistas por estruturar suas práticas de forma mais apegada a suas noções de exercício profissional ideal. Nesse sentido, a comunidade acredita que existe pouca visibilidade do seu trabalho, bem como um reconhecimento ambíguo de que o jornalismo deve funcionar como um aparato independente do partido e de outras organizações políticas e administrativas. Essa divisão, no entanto, resulta complexa; especialmente quando se leva em consideração que a maior parte dos jornais nacionais declaram de forma explícita sua filiação a organizações políticas ou de massas<sup>97</sup>.

Os fatores mencionados anteriormente (conflito com as fontes, alta regulação externa, incidência da censura, carências de recursos materiais, etc.) são considerados como elementos determinantes na percepção de pouco reconhecimento social do jornalismo e um senso de diminuição do prestígio profissional. Isso está relacionado de forma paralela a um sentimento de perda do respeito das instancias políticas e

---

<sup>96</sup> De acordo com Garcés e Franco (*¿Cómo se dirige la prensa cubana?*, 2017), em torno de 50% dos quadros [diretivos] da imprensa em Cuba não possui formação jornalística. As cifras superam 60% no setor radiofônico.

<sup>97</sup> *Granma*, Órgão Oficial do Comité Central do Partido Comunista de Cuba; *Juventud Rebelde*, Diário da Juventude Cubana (dirigido pela União de Jovens Comunistas); *Trabajadores*, Órgão Oficial da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC).

administrativas nacionais, bem como à noção de pouca credibilidade da imprensa frente a opinião pública doméstica (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 169-171).

Em termos gerais, estes estudos apontam que o reconhecimento externo da comunidade jornalística cubana ainda possui um caráter ambíguo e permanecem fronteiras difusas respeito dos enquadramentos da profissão, pois frequentemente a população identifica como jornalista qualquer pessoa relacionada ao trabalho com os meios de informação (Idem: 150-152). No entanto, a situação parece atingir de forma diferente aos profissionais da televisão. Essa subcomunidade apresenta altos níveis de reconhecimento social<sup>98</sup> (idem: 171) e costuma ser rapidamente identificada e legitimada pela população como um espaço de exercício profissional<sup>99</sup>.

### *2.2.5 Percepção do desenvolvimento enquanto comunidade profissional organizada*

Apesar das diferenças que podem ser identificadas nas estruturas, percepções e ideologias da mídia nacional, motivadas por sua tipologia (rádio, televisão, impressa, digital ou agência de notícias); sua localização geográfica (capital/província, cidade/rural); ou até pelo alcance da sua cobertura (local, provincial, regional, nacional ou internacional); Oller e Oliveira (2016) identificam que a idiossincrasia da sociedade cubana, bem como seus sistemas e estruturas, determinam os marcos gerais de um exercício profissional comum, que compartilha cosmovisões semelhantes e um alto senso de filiação e compromisso comunitário (idem: 149).

Na visão destes autores, o grêmio jornalístico se sente unificado pelas preocupações e interesses partilhados quanto aos limites atuais de do exercício profissional no país. De

---

<sup>98</sup> De acordo com a interpretação de Oller e Oliveira (2016), apesar do reconhecimento externo, no existe consenso sobre o reconhecimento profissional dessa subcomunidade no interior do próprio grêmio jornalístico. Essas percepções parecem baseadas na análise das estratégias narrativas assumidas nos processos produtivos, que frequentemente levantam questionamentos no país sobre a capacidade para desenvolver matérias analiticamente profundas, nas reduzidas condições temporais da televisão.

<sup>99</sup> Essa afirmação toma como base alguns exercícios acadêmicos inéditos desenvolvidos pela autora como parte de sua formação em jornalismo na Universidade de Havana (2007-2012). A preocupação sobre o reconhecimento social da profissão e o contato com os públicos são dilemas também discutidos no âmbito das salas de aula. Desta forma, não era incomum que os estudantes recolhessem opiniões da população sobre o assunto. Algumas respostas frequentes confundiam a profissão do jornalista (geralmente relacionado à imprensa escrita) com a labor do jornalista (vendedor de jornais); enquanto o jornalismo televisivo podia ser reduzido ao trabalho do locutor ou do âncora do jornal. O jornalismo radiofônico muitas nem era levado em consideração.



acordo com as percepções relatadas por Oller e Oliveira, existe uma forte ideologia compartilhada e solidariedade dentro da comunidade, que se manifesta principalmente na presença de ataques externos. Apesar disso, não existem suficientes espaços ou mecanismos formais que permitam a socialização e a troca de experiências, para os membros do grupo chegarem a se conhecer melhor (2016: 149). Esses encontros são comumente limitados a coberturas jornalísticas nacionais de alto impacto ou à participação em congressos profissionais (que também não acontecem de forma frequente).

Por outro lado, eles percebem a existência de um grupo de jornalistas que baseia seus valores profissionais e sua identidade num entendimento individual da produção informativa e/ou numa ancoragem nos debates sobre os limites da profissão no país (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 150). Foi identificada igualmente, uma outra comunidade de jornalistas que estrutura suas visões e suas narrativas a partir de uma troca constante e fluida com as autoridades políticas do país. Paralelo a isso, as práticas cotidianas do jornalismo nacional parecem denotar a existência de subculturas profissionais, inclusive dentro de uma mesma mídia, consequência de diferenças nas culturas organizacionais assumidas. Isto é visível com maior frequência nas dinâmicas de produção do Sistema Informativo da Televisão Cubana (SITVC) (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 162; GEORGE, GONZÁLEZ, 2008). Na comunidade de telejornalistas esportivos, esse senso de subcultura tem derivado num grupo relativamente fechado e com visões particulares. As causas disso são analisadas no capítulo terceiro dessa pesquisa.

#### *2.2.6 Noções sobre profissionalismo e intrusismo profissional*

Embora possam ser encontradas várias noções sobre profissionalização e profissionalismo no acervo de estudos internacionais sobre jornalismo, uma boa parte deles aborda os conceitos a partir de uma concepção midiática liberalista, o que faz conflituoso sua adaptação ou sua análise estrita nas condições históricas e sociais cubanas. Nos estudos específicos sobre Cuba também não existe um consenso sobre os termos. Apesar de que a noção de *profissional* pode estar atravessada pela ideia da formação acadêmica e da aquisição de um diploma, o principal eixo dos debates internos gira em

torno das percepções sobre credibilidade, confiabilidade, conhecimento temático e compromisso social.

A visão do jornalista e acadêmico M.E. Masjuán<sup>100</sup> consegue ilustrar essa ideia. Masjuán acredita que o desenvolvimento do *profissionalismo*, não é o resultado de um diploma ou da obtenção de prêmios e distinções institucionais, “porque não são esses aspectos que conferem *confiabilidade* ao jornalista”.

O reconhecimento é dado pelas pessoas para quem você trabalha todo dia. As pessoas hoje nem sempre enxergam o jornalista cumprindo seu dever social, ou seja, você sente que há um reconhecimento do trabalho realizado, mas a população cubana tem muitas dúvidas sobre o bom desempenho de nosso trabalho. Existirá um maior reconhecimento quando o jornalismo consiga refletir adequadamente o país, a realidade cubana (In OLLER, OLIVEIRA, 2016: 172, tradução nossa)<sup>101</sup>.

Essa visão também está presente nos acadêmicos cubanos Calzadilla, Ricardo e Arencibia, que entendem o jornalismo como uma *profissão* que transcende a “labor mediadora entre o acontecer e os públicos”. “Constitui uma profissão com exigências” e com uma “vocação sempiterna de contribuir à informação dos públicos e a unicidade da sociedade”, função que deve ser cumprida de forma “sistemática e adequadamente respaldadas” (2017: 28). Esta perspectiva assimila também a ideia do “jornalista como soldado”, herdada da retórica de José Martí.

Nas representações diárias, encontramos que os jornalistas domésticos parecem assumir um senso de *profissionalismo* baseado na sua capacidade para desempenhar sua função com *credibilidade* (RONQUILLO, 2018) se atendo a padrões de qualidade e responsabilidade com o público, bem como a um certo código de ética herdado. Essa visão é palpável em um artigo de opinião assinado pelo jornalista R. Ronquillo<sup>102</sup>, que aborda as temáticas do profissionalismo, da autonomia e da credibilidade no jornalismo

---

<sup>100</sup> M.E Gómez Masjuán. Formado em Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade de Havana. Professor de Jornalismo Hipermídia e Chefe em funções do Dpto. de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana. Seus aportes acadêmicos estão relacionados à análise da abordagem do tema Cuba no discurso jornalístico da mídia americana e europeia. Essas funções são divididas com a colaboração jornalística em diversos meios nacionais.

<sup>101</sup> Trecho original citado: “(...) Recognition is given by the people you work for everyday. People today not always see the journalist is doing his social duty, that is, you feel there is a recognition of the work done but the Cuban population has many questions about the proper performance of our work. A greater recognition will exist when journalism properly reflects the country, the Cuban reality”.

<sup>102</sup> R. Ronquillo. Subdiretor editorial do jornal nacional Juventud Rebelde. Texto referenciado: “Periodismo y control popular”, publicado em *Juventud Rebelde*, em 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.juventudrebelde.cu/opinion/2018-02-10/periodismo-y-control-popular>

cubano, argumentando uma série de “heranças” (ressaltadas em negrito) que permitiriam à profissão superar sua “fraqueza estrutural” atual e se reivindicar como mecanismo de controle popular:

(...) a força de uma **tradição jornalística e revolucionária** assentada na mais **profunda vocação de serviço, herdada dos fundadores da nação**, entre eles o padre Félix Varela, quem ao abordar a função e o alcance do jornalismo destacou: «Eu renuncio ao prazer de ser aplaudido pela satisfação de ser útil ao meu país». Seu genial e fiel seguidor José Martí considerava que a imprensa devia ser o **cão guardião da casa pátria**: «Ele deve desobedecer aos apetites do bem pessoal e atender imparcialmente ao bem público» (2018, tradução e grifos nossos)<sup>103</sup>.

Outro conflito palpável nas representações de *profissionalismo* que parece defender a comunidade jornalística cubana, diz respeito da necessidade de ser reconhecida como *campo de expertise* (SIMON, CHASE, 1973; GALVÃO, 2001)<sup>104</sup>. Esta ideia ficou recolhida –de modo anedótico- pela pesquisadora R.M Elizalde no seu estudo sobre o SCS em Cuba, *El consenso de lo posible* [O consenso do possível] (2014), analisado anteriormente neste trabalho. Em uma das assembleias da UPEC estudadas pela autora, a percepção de «uma profissional» sobre o reconhecimento do trabalho jornalístico deixou em evidência as tensões entre este campo profissional e outros sistemas sociais, como o Sistema de Saúde:

Por quê nenhum funcionário pensa em chamar para o corpo de guarda [Emergência médica] e indicar ao médico que qualquer pessoa que chegar com dor de cabeça deve receber uma aspirina, sem importar o diagnóstico? Isso nunca acontece porque estão definidas e são cumpridas, tanto a política desse setor quanto as funções do Partido, do Governo, do hospital e dos profissionais da saúde, que são finalmente os que tomam as decisões sobre a vida das pessoas. Então, companheiros, o que precisamos fazer para que a imprensa funcione dessa forma? (UPEC, 2013 In Elizalde, 2014: 74, tradução nossa)<sup>105</sup>.

---

<sup>103</sup> Trecho original citado: “(...) la fortaleza de una tradición periodística y revolucionaria sedimentada por la más honda vocación de servicio, heredada de los fundadores de la nación, entre ellos el padre Félix Varela, quien al abordar la función y el alcance del periodismo apuntó: «Yo renuncio al placer de ser aplaudido por la satisfacción de ser útil a la patria». Su genial y fiel seguidor José Martí consideraba que la prensa debía ser el can guardador de la casa patria: «Debe desobedecer los apetitos del bien personal, y atender imparcialmente al bien público»”.

<sup>104</sup> As noções desenvolvidas por esses autores concebem *expertise* como a consecução de um nível alto de desempenho em uma determinada área escolhida, a partir do estudo, prática e dedicação deliberada e intensiva da mesma. Isso também implica o desenvolvimento de uma *performance eficiente* durante longo período de tempo (SIMON, CHASE, 1973; FRENCH, STERNBERG, 1989; GALVÃO, 2001).

<sup>105</sup> Trecho original citado: “¿Por qué a ningún funcionario se le ocurre llamar al cuerpo de guardia y decirle al médico que a todo el que llegue con dolor de cabeza se le dé una aspirina, tenga lo que tenga? Eso no ocurre jamás porque están definidas y se cumplen, tanto la política de este sector como las funciones del Partido, del Gobierno, del hospital y de los profesionales de la Salud, quienes al final son los que toman las

Diferente da concepção de Ronquillo (2018) –que opõe “a vocação de serviço” ao reconhecimento «vaidoso»-, a visão da *profissional* citada por Elizalde (2014) se aproxima mais de uma ideia de *reconhecimento* (TAYLOR, 1998), relacionada de forma direta à noção de identidade profissional. Para Garcés (2013), finalmente, o profissionalismo depende do posicionamento do próprio jornalista, “mas também depende de um ambiente de liberdade editorial e criativa que desencadeie a possibilidade de ser profissionais”.

No quesito da autonomia jornalística, que implicaria um maior controle do jornalista sobre seu processo produtivo e a capacidade de tomar decisões relativas à prática profissional (HALLIN, MANCINI, 2010), o cubano Martínez Heredia (2007) defende a possibilidade do desenvolvimento de uma certa *autonomia militante*, praticada fundamentalmente pelo pensamento social cubano da primeira década de Revolução. Essa noção particular de autonomia, parte da aceitação da imprensa como participante ativo e defensor de um projeto político-social, ao tempo que estabelece também sua autoridade perante os públicos, baseado numa capacidade do jornalismo de criticar e incidir sobre o sistema do qual forma parte (RONQUILLO, 2018). Paralelamente, a afirmação toma como base a aparente horizontalidade da relação do sistema de meios e o governo revolucionário nos primeiros anos de projeto social (1959-1970) (ACOSTA, 2009; ARENCIBIA, 2017; MARTÍNEZ HEREDIA, 2007).

No entanto, o desenvolvimento desta *autonomia militante* e a criatividade estilística inerente a ela, foi vencida por outros interesses e práticas. Assim, atualmente é visível a carência de elementos distintivos nos discursos jornalísticos dos diferentes meios de comunicação nacional<sup>106</sup>. Com certa frequência, é possível encontrar que uma mesma

---

decisiones sobre la vida de las personas. Entonces, compañeros, ¿qué necesitamos hacer para que la prensa funcione de esta manera?”

<sup>106</sup> Esse fenômeno é definido por Alsina (1989) como um contexto de *baixa discricionarieidade*, o qual parece confluir em Cuba, com um outro fenômeno definido por Eilders (1997, 2000) como *consonância*, e que descreve a aparição de “enquadramentos semelhantes” a fim de legitimar ou perpetuar uma determinada ideia ou grupo dominante (cobertura baseada em três ideias: *focusing*, *consonance*, *persistance*). Apesar da natureza quase divergente dos dois conceitos, na atualidade informativa cubana, em ocasiões se faz complicado identificar até onde chega o impacto da *baixa discricionarieidade* (ALSINA, 1989) e onde começa um certo tipo de *consenso fabricado* (EILDERS, 1997, 2000).

notícia é abordada de forma semelhante em mais de um jornal<sup>107</sup>, ou até mesmo que o uso dos conteúdos visuais em nada dista um do outro. Embora seja mais comum se deparar com essa circunstância nas denominadas “coberturas de alto nível” (que supõem uma importância estratégica dos eventos reportados para a vida política e pública do país), o jornalista C.A. González argumenta que além das questões de decisão político-editorial, a saturação informativa de determinados temas está relacionada a recursos materiais limitados, estruturas pouco organizadas e prazos apertados (2016, Entrevista pessoal com a autora).

Atualmente se discute que uma via para a recuperação da autonomia midiática cubana poderia residir na possibilidade de se abrir a outras formas de financiamento, diferentes do Estado (ELIZALDE, 2014). No entanto, a assunção de formas de financiamento empresarial ou mercadológicas também não garantem um desempenho autônomo ou semiautônomo da profissão (OLLER, BARREDO, 2013: 45).

Outra questão que caracteriza o desenvolvimento das noções sobre profissionalismo em Cuba diz respeito das normas e códigos que são aceitas e seguidas no exercício cotidiano da profissão. A comunidade jornalística cubana segue de forma institucionalizada um duplo sistema de normas: as impostas pela Política Editorial (P.E) e a Carta de Estilo (C.E), inerentes a cada meio de comunicação; e as referidas aos Estatutos, Regulamento e Código de Ética, aderidas após o ingresso à organização profissional que os ampara, a UPEC. A aceitação de tais normas, no entanto, não está livre de conflitos e, do mesmo modo, não parecem ser dominadas de forma profunda ou homogênea pela comunidade jornalística.

Neste sentido, boa parte dos jornalistas (e com mais frequência as mais novas gerações), confessa nunca ter tido contato direto com a Política Editorial ou a Carta de Estilo que seu meio de comunicação segue. Fora as resoluções do Partido que estabelecem as funções e deveres da mídia nacional, a maioria dos profissionais da imprensa dizem nunca ter visto o documento oficial no qual estão essas normas escritas (PEÑALVER, 2008 In ACOSTA, 2013). Apesar de que tanto a P.E quanto a C.E deviam

---

<sup>107</sup> Em Cubadebate, a jornalista R.M. Elizalde criou uma coluna diária denominada *Qué trae la prensa cubana*, onde são publicadas e comparadas as capas dos jornais nacionais do dia. Acreditamos que inicialmente a coluna era comentada. Hoje apenas são publicadas as capas dos jornais. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/?s=Qu%C3%A9+trae+la+prensa+cubana>

ser analisadas e reavaliadas de tempos em tempos, seu funcionamento tem demonstrado se sustentar mais na transmissão oral, passando de uma geração a outra e impondo suas regras na prática cotidiana (GONZÁLEZ, 2016; GARCÍA, 2016; GONZÁLEZ PÉREZ, 2016, entrevistas concedidas à autora).

Em contraposição, os Estatutos, o Regulamento e o Código de Ética, aderidos a partir da ligação com a UPEC parecem ser mais sistematizados e discutidos, apesar de que sua leitura remete mais a uma origem ligada ao *dever ser* revolucionário do que a uma necessidade própria da comunidade de se entender e se relacionar com o entorno. De qualquer forma, a sistematicidade na análise e avaliação desses documentos normativos, também sofre variações de uma província para outra.

Um estudo recente sobre os processos produtivos no jornal regional *Sierra Maestra* e na emissora radial local *CMKC Radio Revolución* (ambos os meios pertencentes à província oriental de Santiago de Cuba), mostrou que o coletivo de jornalistas possui um baixo conhecimento sobre os documentos que regulam o trabalho da imprensa no país. “Vários [jornalistas] não conhecem os nomes dos mesmos, ficam confusos na hora de dizer se possuem apoio legal ou não”. Um grande número dos profissionais manifesta, por sua vez, a necessidade de deveria existir maior apropriação dos documentos reguladores no interior das redações jornalísticas (TRUJILLO, R. In RICARDO et al., 2017: 141). Contudo, alguns profissionais defendem que esse “decálogo de regras instrumentais” não poderia de qualquer forma, impor ou padronizar uma forma certa de se comunicar bem com a opinião pública (GARCÉS, 2013; GONZÁLEZ PÉREZ, 2016).

Ser profissionais envolve ter as chaves políticas, econômicas e culturais para enxergar o mundo de forma complexa e depois representá-lo com beleza, com uma profundidade que flui naturalmente, como se a complexidade fosse invisível. É um caminho que leva toda a vida, cujo motor de partida poderia estar nas universidades e depois é polido com o estilo, com a força da opinião, com a audácia pessoal, a experimentação, a vontade de risco, e também, é claro, com um contexto que nos permite cometer erros e tirar lições, porque o erro, entre nós, não pode ser motivo de vergonha (GARCÉS, 2013, tradução nossa)<sup>108</sup>.

---

<sup>108</sup> Trecho original citado: “Ser profesionales pasa por disponer de las claves políticas, económicas y culturales para ver el mundo complejamente y luego representarlo con belleza, con una hondura que fluya de forma natural, como si la complejidad fuera invisible. Es un camino que toma toda la vida, cuyo motor de arranque podría estar en las universidades y luego se va puliendo con el estilo, con la fuerza de la opinión, con la osadía personal, la experimentación, la voluntad de riesgo, y también, por supuesto, con un contexto que permita equivocarse y sacar lecciones, porque el error, entre nosotros, no puede ser motivo de vergüenza.”

Por outro lado, dentro de uma comunidade caracterizada pela alta presença de profissionais «reorientados» no trabalho jornalístico (OLLER, OLIVEIRA, 2016), o debate sobre o *intrusismo* profissional, aparece com frequência entre as preocupações de desenvolvimento da comunidade. Esse fenômeno foi mais comum nos primeiros anos da Revolução, derivado das condições específicas do momento (GONZÁLEZ, 2016). Atualmente, partindo da noção doméstica de que o um maior profissionalismo exige maior expertise, alto grau de especialização e prática constante, o *intrusismo* é enxergado como um possível ponto fraco na credibilidade do sistema de mídia, sendo exigido aos “intrusos” a necessidade de uma capacitação maior que tribute a um melhor desenvolvimento da performance profissional da comunidade em geral (IX CONGRESSO DA UPEC, 2016; JUVENTUD REBELDE, setembro de 2017; ISLAVISIÓN, fevereiro de 2018).

#### 2.2.7 *Algumas especificidades do jornalismo televisivo cubano*

Embora o telejornalismo nacional não escape dos dilemas acima desenvolvidos, para o melhor entendimento do próximo capítulo, se faz necessário estabelecer algumas particularidades de seu funcionamento. De acordo com George e González (2008), o funcionamento do SITVC segue alguns elementos essenciais para seu desenvolvimento, no qual destacam a especialização do trabalho, que implica em que cada área do sistema individualize suas produções; e a divisão por departamentos, que estabelece uma produção definida para cada espaço<sup>109</sup>.

As duas grandes áreas informativas do Sistema são a direção de política editorial, ao qual pertencem os noticiários, e a direção de programas informativos, onde são incluídos outros espaços como revistas e magazines. Essas estruturas funcionam como «grupos formais de mando» (Idem: 97) e se organizam de forma piramidal e centralizada, pelo menos na teoria. Na prática, cada diretor de noticiário parece exercer uma espécie de liderança caudilha dentro do seu espaço (Arencibia, 2008 In Acosta, 2013), enquanto

---

<sup>109</sup> Referido às redações: Cultural, Nacional, Internacional e, antes de 2013, também pertencia a esse grupo, a Redação Esportiva.

cada departamento experimenta certas disputas por autonomia e controle dos seus processos.

Se bem a produção televisiva foi sempre coerente com o discurso revolucionário, nos primórdios do projeto social socialista experimentou uma maior criatividade narrativa. González (2016) acredita que essa renovação esteve influenciada pela saída do país, em 1959, da maioria dos antigos jornalistas e donos de televisoras, que deu lugar a uma nova geração de produtores, com novas visões e novas histórias.

No entanto, a história de Cuba e, portanto, a história de todas suas instituições sociais –incluindo a mídia–, estão marcadas por dois momentos específicos: o triunfo da Revolução, que deu passo aos novos olhares; e a crise de 1990, que fechou as portas aos dizeres polifônicos. Assim, a partir do Período Especial, o telejornalismo nacional foi marcado por uma ampla regulação que permanece até hoje. Essa regulação está relacionada também a que, apesar da crise de credibilidade que o jornalismo experimenta atualmente, a televisão continua sendo o principal espaço de representação da população nacional e um dos espaços com maior impacto sobre a formação da opinião pública doméstica.

Isso tem levado aos reguladores governamentais a precisar de desenvolver estratégias para manter as produções informativas encaixadas dentro dos valores de defesa nacional e o reforço dos valores ideológicos e morais que devem ser transmitidos à audiência. No ano 2006, por exemplo, o ICRT assumiu um “programa para o reforço dos valores fundamentais na sociedade cubana” (GEORGE, GONZÁLEZ, 2008: 103), atendendo às consequências da crise econômica sobre o país. Esses valores estavam ligados ao sentimento pátrio, à responsabilidade, à honestidade, à solidariedade, dignidade, humanismo e justiça.

O documento estabelecia que a programação informativa trabalharia notícias, comentários, crônicas, reportagens e entrevistas, onde fosse refletido a labor de pessoas «dignas de ser exemplo», e onde se faça evidente a luta contra tendências negativas como o roubo, a corrupção e o desvio de recursos (Idem: 104). Nesse período, foi comum encontrar na TV histórias de pequenos empreendedores, de agricultores, que conseguiam «produzir mais com menos» e ganhar a vida de forma honrada. Mas de forma geral, o



telejornalismo televisivo continuava sem apresentar histórias que refletissem os conflitos que a população exigia ver.

No ano 2014 finalmente, fez estreia na TV um segmento especial, que prometia tornar-se um espaço de crítica social. Cuba Dice –nome do espaço- foi pensado para ser impactante. Primeiramente, sua equipe foi conformada por quatro jornalistas com grande reconhecimento social, enquanto foi incluído dentro da estrutura do *Noticiero Estelar* (20h), principal espaço informativo da TVC. Em segundo lugar, se escolheu como principais protagonistas dos conflitos a serem representados, a própria população.

O programa teve resultados ambíguos. O primeiro deles está relacionado a que o segmento foi pensado a partir de uma necessidade governamental de injetar “realismo” nas narrativas informativas nacionais. No entanto, a aceitação deste princípio, custou aos realizadores uma subordinação e controle constante dos conteúdos, que eram revisados e, em ocasiões, editados nos marcos do Partido.

Por outro lado, os telejornalistas também devieram encarar o sentimento de descrédito do público. Embora a ideia do programa causasse uma expectativa grande na audiência pelo inusitado do espaço, na hora de serem entrevistados, os cidadãos podiam negar-se a dar opiniões sob a justificativa de que seu depoimento não seria publicado<sup>110</sup>, “ainda menos no *Noticiero*”.

Esse imaginário condiz com a ideia de que o telejornalismo nacional vem estruturando discursos divergentes e mostrando uma representação de realidade que não consegue apreender as problemáticas do país. E isso está relacionado em grande medida a esses fatores regulatórios externos, mas no caso do SITVC, parece responder às dinâmicas internas assumidas. De acordo com González (2014, 2016) uma das características mais marcadas da TV é seu empirismo, além de ser um coletivo caracterizado pela presença de pessoas da “antiga geração”, que tem imposto suas formas de fazer para além de qualquer manual institucional.

Por outro lado, devido às próprias carências que caracterizam o funcionamento de todos os ambientes mediáticos, nos últimos anos tem se discutido a ideia de que os

---

<sup>110</sup> Esse e outros incidentes foram relatados pelos telejornalistas nos marcos do espaço de análise televisivo ComunicarTV. A matéria pode ser consultada no seguinte link: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-informaciones/3419-la-respuesta-de-cuba-dice-es-el-pueblo>

telejornalistas aprendam a montar e pós-produzir seus conteúdos, a fim de ganhar em autonomia e liberdade criativa, num ambiente no qual se estabelecem muitas relações de interdependência. Vários outros coletivos de telejornalistas nacionais dizem ter assumido essa prática com relativo sucesso (GONZÁLEZ PINO, 2018), enquanto o SITVC continua dependente das estruturas de mando e da centralização do trabalho. Para García (2016), as consequências disso podem ser enxergadas em estratégias narrativas lineares e pouco criativas, bem como em uma certa falta de profissionalismo, associado à pouca preparação ou pouco interesse na ampliação do espectro profissional.

Levando em consideração a importância que é concedida pela comunidade jornalística à formação e à especialização na área<sup>111</sup>, no seguinte item nos referimos à tradição do ensino jornalístico em Cuba, à estruturação dos planos de estudo e a grade curricular das faculdades de jornalismo, bem como a outros espaços de formação e especialização acadêmica. Para isso, além dos dados empíricos, revisamos as perspectivas de vários acadêmicos e pesquisadores nacionais, tendo em conta sua vinculação dupla como jornalistas e como professores das faculdades de comunicação do país

### *2.3 Espaços de formação e especialização jornalística em Cuba*

Em Cuba, os primeiros contatos dos futuros jornalistas com as rotinas produtivas e as primeiras noções concretas sobre a profissão começam nas faculdades de jornalismo. A academia jornalística cubana, com notável crescimento em número de sedes pelo país durante a última década, tem sido considerada como uma das instituições mais importantes em termos de legitimação e de profissionalização do jornalismo nacional (OLLER, OLIVEIRA, 2016: 136).

No meio dos debates nacionais sobre credibilidade, autoridade jornalística e gestão eficiente da mídia, Arencibia entende que uma visão renovadora na profissão, deve passar também pela dimensão de se entender que tipo de jornalismo para que tipo de sociedade

---

<sup>111</sup> A importância concedida em Cuba à formação universitária parece ser um reflexo do ideal do ex-presidente Fidel Castro em criar “a sociedade mais culta do mundo”. Esse ideal, que por sua parte tem base no pensamento martiano: “Ser cultos para ser livres”, viu-se materializado depois do triunfo da Revolução com o crescimento dos cursos universitários. O crescimento dos espaços de formação universitária, inicialmente com maior número em Havana, também deu passo a um maior acesso a eles. Sob essa premissa, durante a década de 1960, milhares de adolescentes e jovens de baixa renda ou moradores de zonas afastadas e mal comunicadas, se deslocaram para a capital para se formar em cursos universitários.

está se construindo (2016, 2017). Para os professores de jornalismo M. Acosta, M. Machado e W.E. Tolentino a urgência de criar em Cuba novos atores e espaços comunicacionais supõe um desafio não apenas para o sistema da mídia tradicional – “altamente *desprofissionalizada* e espartilhada”-, mas para o campo acadêmico, que tem sob sua responsabilidade a formação do corpo de jornalistas do país (2017: 196).

As estruturas acadêmicas precisam de uma “maior abertura às correntes globais de troca informativa, de inovação e criatividade, que permita responder às transformações tecnológicas, mas também se preparar para assumir a mudança cultural que supõe o novo cenário comunicativo” (idem: 197). Arencibia e López, baseados em Oliveira (2010), enquadram o contexto da educação universitária cubana atual em três dimensões fundamentais: *a instrucional*, que permite ao aluno desenvolver os conhecimentos e habilidades necessários; *a desenvolvedora*, orientada à vinculação do estudo com o trabalho; e *a educativa*, baseada na criação de um ser social responsável e útil, capaz de transformar sua realidade e de contribuir para o seu melhoramento (2016: 7).

Contudo, os cursos de jornalismo –devido justamente ao seu caráter interdisciplinar- ainda hoje provocam contínuos questionamentos sobre a pertinência de manter faculdades específicas, ou se pelo contrário, os cursos deveriam se recolocados em outros espaços do campus universitário (ARENCIBIA, LÓPEZ, 2016: 7). Essa missão de conformar um currículo acadêmico e profissional que atenda às necessidades sociais, tem sido durante décadas uma preocupação nacional (OLIVEIRA, 2010; GARCÉS, 2013; ARENCIBIA, LÓPEZ, 2016).

No caso específico do jornalismo, Arencibia e López<sup>112</sup> (2015) referenciam o início da reforma universitária cubana no ano 1962, coincidente com o contexto de nacionalização das empresas jornalísticas do país. Anterior a essa data, o jornalismo era comumente enxergado como um ofício, mais do que como uma profissão, pelo que a formação não era considerada um elemento de grande relevância. Pode tomar-se como berço do jornalismo cubano, a segunda metade do século 18, etapa que coincidiu com um grande florescimento intelectual e cultural na ilha. No entanto, as principais concepções sobre a prática jornalística assentadas na profissão foram importadas dos modelos

---

<sup>112</sup> *Escuela cubana de Periodismo: Medio siglo buscando el modelo* [Escola cubana de Jornalismo: Meio século procurando o modelo]. In Razón y Palabra, dezembro de 2015.

européu e norte-americano, considerados referentes mais consolidados (ARENCIBIA, LÓPEZ, 2015). Essa visão, como temos analisado anteriormente, contribuiu para desenvolver na Cuba pré-socialista um sistema comunicativo e uma prática do jornalismo de tipo mercantil.

A primeira escola de jornalismo do país foi a Escola Profissional de Jornalismo Manuel Márquez Sterling, criada em 1942. A ela, seguiriam outras similares em várias províncias do país e, embora parecesse que finalmente tinha sido atendido o reclamo dos jornalistas de contar com um espaço de formação, as escolas criadas possuíam um caráter técnico-profissional (OLLER et al., 2017). Elas forneciam os diplomas de “Jornalista Profissional”, “Jornalista Técnico Gráfico”, e “Jornalista Técnico em Desenho Jornalístico” e possuíam uma grade curricular considerada de “funcional”, também propunha 4 anos de curso, dois dos quais deviam ser vinculados a práticas profissionais na redação de um jornal (ARENCIBIA, LÓPEZ, 2015: 11). As escolas fecharam definitivamente em 1960, e em 1965 foi oficialmente criada a carreira de Jornalismo com status universitário na Universidade de Havana (UH).

No percurso dos anos, influenciado também pelas condições políticas e econômicas do país, o curso passou pelos status de *Carreira* na Escola de Ciências Políticas, *Departamento* na Escola de Letras e na de Filologia, e *Escola* na Faculdade de Humanidades. Finalmente, em 1984, nasceu a Faculdade de Jornalismo da Universidade de Havana, caracterizado por um perfil orientado à formação de redatores-repórteres e com a missão de titular os trabalhadores e jornalistas empíricos dos jornais, o rádio e a televisão nacional. Mesma política foi assumida no fim da década de 1980 para os fotógrafos e designers não formados que já trabalhavam na mídia (*História*, Faculdade de Comunicação da UH)<sup>113</sup>. Em 1991 o curso passaria a denominar-se Comunicação Social, com o intuito de poder absorver disciplinas como Publicidade, Propaganda, Relações Públicas, etc (denominado Plano C). Em 1999, são separados os dois perfis, deixando o curso de Jornalismo com a responsabilidade de criar o conteúdo informativo da mídia nacional (BARCELÓ, 2015).

---

<sup>113</sup> Ver em: <http://www.fcom.uh.cu/historia>

Atualmente, o curso de Jornalismo da Universidade de Havana<sup>114</sup> está projetado para cinco anos de estudo, divididos em dez períodos: os primeiros oito, focados no desenvolvimento da grade curricular e as práticas laborais pré-profissionais; e os dois últimos dedicados à especialização temática (com disciplinas eletivas) e ao desenvolvimento da dissertação de graduação. O plano de estudos do curso abrange mais de sessenta disciplinas em seu currículo (incluindo obrigatórias, eletivas e optativas). Das 16 disciplinas obrigatórias, seis correspondem à formação geral, outras seis estão diretamente relacionadas à profissão, e quatro são disciplinas básicas. O listado, além das disciplinas específicas do jornalismo, inclui Filosofia, Arte e Literatura (cubana, latino-americana e clássicos universais), História (cubana, contemporânea e antiga), Língua Espanhola e Inglesa, dentre outras<sup>115</sup>. Além da habilitação para trabalhar na mídia nacional, os formados do curso de Jornalismo podem “atuar em instituições de ensino, centros de pesquisa, instituições culturais, entidades da rede editorial ou em gabinetes de comunicação, como parte de grupos transdisciplinares” (*Campo profesional*, Faculdade de Comunicação da UH).

Ademais, o curso está associado a onze linhas de pesquisa<sup>116</sup>, a oito projetos comunicacionais e culturais<sup>117</sup>, à Revista de Comunicação e Informação *Alcance*<sup>118</sup>, e ao evento ICOM (Encontro Internacional de Pesquisadores e Estudiosos da Informação e a Comunicação), de caráter bianual<sup>119</sup>. Também relativo ao desenvolvimento do campo de pesquisa, a Faculdade conta com o Fórum Científico-Estudantil, evento organizado pelos

---

<sup>114</sup> É tomado esse curso específico como referência por ser o mais importante e consolidado no país. O resto dos cursos de jornalismo das províncias, de conformação mais recente, costumam estabelecer suas grades curriculares a partir das impostas pela Faculdade de Comunicação da UH. As atividades extradocentes e de extensão universitária são particulares a cada faculdade.

<sup>115</sup> No Anexo 4 pode ser consultado o listado completo das disciplinas ofertadas no curso.

<sup>116</sup> Abrangem Estudos Teóricos e Socio-históricos da Comunicação e a Informação, Comunicação e Informação Organizacional, Governamental e para o Desenvolvimento, Linguagens e Discursos, Sistemas e Políticas da Comunicação, Formação e atuação profissional, Recepção e Consumo, Novas Tecnologias e Informação, Comunicação e Cultura.

<sup>117</sup> *Campo de la comunicación en Cuba; Escaramujo; EnRedEs: Información y Comunicación para la gestión del desarrollo en territorios de La Habana y Cienfuegos; Biblioteca Pública y Comunidad Información y comunicación para el desarrollo: gobierno-ciudadanía; Bivio: Activando nuestra Biblioteca; Análisis de Medios; e Barrio Cuba: un mapa de las iniciativas juveniles de desarrollo local y comunitario en el país.*

<sup>118</sup> A revista mantém como eixos temáticos as linhas de pesquisa do curso, propiciando um espaço de difusão para as produções acadêmicas da faculdade e de outros profissionais dos campos do jornalismo, a informação e a comunicação. Site: <http://www.alcance.uh.cu/>

<sup>119</sup> Site do evento: <http://www.icomcuba.com>

estudantes onde são defendidos os trabalhos de pesquisa realizados ao longo do curso. As premiações dos trabalhos implicam em bônus para o histórico acadêmico, além de envolver o reconhecimento de associações profissionais externas como a Associação Cubana de Comunicadores Sociais (ACCS), a União de Jornalistas de Cuba (UPEC) e o Instituto Internacional de Jornalismo José Martí (IIPJM). Além dos trabalhos acadêmicos, são desenvolvidos workshops e debates, e são apresentados produtos comunicativos realizados em colaboração com as mídias nacionais.

Na percepção da professora de jornalismo L. Bao<sup>120</sup>, uma vantagem do atual método de ensino do jornalismo no país está no seu interesse por desenvolver projetos que não partem de situações simuladas, mas das problemáticas cotidianas da realidade nacional e do próprio setor (In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017: 206). Contudo, a metodologia está se submetendo a revisão mediante uma recente renovação dos planos de estudo dos cursos de jornalismo e comunicação no país. De acordo com a professora M. Acosta (Chefe da Cátedra de Jornalismo da Universidade de Havana), atualmente se avalia a redução da duração do curso, atendendo às demandas dos estudantes de jornalismo e às do mercado laboral. As mudanças visam a consolidação de uma *cultura professional* com foco na *interdisciplinaridade*, concebendo o ensino como núcleos de conhecimento a partir de aprendizados “autônomos, colaborativos e de inovação”.

Além disso, Acosta afirma que mais do 80 por cento das disciplinas priorizam um currículo relacionado às teorias e linguagens do Jornalismo e que os estudantes serão preparados para atender a *situações comunicativas* (conflitos, guerras, desastres naturais, migração, envelhecimento populacional, etc.). Isso tudo pretende responder ao fato de que “algumas das piores experiências destes anos na mídia têm sido a abordagem de temas medulares da sociedade cubana com enfoques e enquadramentos totalmente errados”. As transformações na grade curricular preservariam a intensa atividade de pesquisa, a transversalização de conteúdo e a visão humanista da profissão, presentes até agora nos planos de estudo (In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017: 202-204)

---

<sup>120</sup> Doutora em Ciências da Comunicação e professora do curso de Jornalismo na Universidade de Holguín (província oriental de Cuba).

O novo esquema suporia também uma prática sistemática de trabalho, que substituiria o cronograma atual de estágios dos estudantes de jornalismo. Ao invés de serem inseridos na mídia duas vezes por ano (como acontece atualmente), os graduandos passariam a estar em contato direto e constante com os processos produtivos dos meios de comunicação nacional (BAO In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017), o que já vinha acontecendo de maneira informal, pois os estudantes, depois de estagiar nos meios, costumavam manter o vínculo com os mesmos a través de colaborações jornalísticas.

O atual Decano da Faculdade de Comunicação, R. Garcés complementa que as faculdades não estão afastadas do debate atual sobre novas políticas públicas e marcos regulatórios para a mídia nacional, e as investigações produzidas nesses campos estão sendo considerada pelos “decisores”, a fim de “potenciar o papel da academia na transformação do modelo da sociedade atual” (In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017: 202).

No entanto, L. Bao acredita que se tem pela frente o desafio de formar profissionais com igual eficiência em todo o território nacional, o que passa pelo reconhecimento de que “as realidades são diferentes de um entorno a outro do país”. A realidade de uma província ou de uma “cidade do interior”, acaba por ser muito diferente da realidade de Havana, que é de onde está se materializando a mudança nos planos de estudo (In ACOSTA, MACHADO, TOLENTINO, 2017: 206-207). Desta forma, a professora alerta que na implementação do novo programa acadêmico deve ser considerado o fato de que

as universidades de outras províncias não estão no mesmo nível em termos de desenvolvimento tecnológico e outras questões que têm a ver com o «fatalismo geográfico»<sup>121</sup>, começando com a formação de nossos claustros [de professores], que foram danificados até certo ponto porque tivemos que começar a ensinar a

---

<sup>121</sup> *Fatalismo geográfico* é um termo comumente utilizado no país para se referir às diferenças entre as províncias e a capital em termos de acesso a recursos diversos e desenvolvimento local.

especialidade do nada, e muito recentemente<sup>122</sup> (idem: 206, tradução e notas nossas)<sup>123</sup>.

Partindo de uma outra perspectiva de análise, OLLER et al. (2017) colocam a formação acadêmica como um ponto crucial na formação das culturas e ideologias profissionais. Os autores consideram que na América Latina, as culturas pré-profissionais (referidas aos graduandos em jornalismo) ainda precisam de uma linha de pesquisa mais consistente e de visões mais adaptadas às realidades do *sul global*, e coerente com as constantes mudanças tecnológicas que experimenta o “ecossistema profissional” (idem: 246).

Seguindo essa ideia, os autores desenvolveram uma pesquisa que compara as culturas pré-profissionais de Cuba, Equador e Venezuela<sup>124</sup>. Os resultados do estudo apontam que atualmente a maioria dos estudantes cubanos de jornalismo considera a qualidade da sua formação como aceitável, embora exista consenso quanto à necessidade de uma formação universitária no campo jornalístico, pois isso garante –segundo acreditam os graduandos- o desenvolvimento de um bom profissional. Por outro lado, a maior parte dos entrevistados tem preferência pela televisão como área de trabalho<sup>125</sup> (OLLER et al., 2017: 253-256), o que reflete o fenômeno de que na América Latina o meio televisivo continua a ser o espaço preferido os públicos para se aproximar da realidade nacional e internacional (COUTINHO, 2003; COUTINHO, MUSSE, 2010).

---

<sup>122</sup> Com a consecução do status universitário em 1965, o curso de Jornalismo passou a existir unicamente na Universidade de Havana. Após 2008, motivado pela carência de profissionais nas mídias regionais, começaram a ser criadas paulatinamente, faculdades de jornalismo em outras universidades do país. Essas transformações pareciam responder também à necessidade das mídias regionais de criar profissionais que dominassem o contexto local, bem como ao fenômeno do êxodo profissional que enfrentam os meios nacionais. Uma dificuldade que enfrentavam os novos cursos de jornalismo era existência de um corpo docente importado de outros cursos, com formações diferentes (BARCELÓ, 2015).

<sup>123</sup> Trecho original citado: “las universidades en otras provincias no están al mismo nivel en cuanto a desarrollo tecnológico y otras cuestiones que tienen que ver con el “fatalismo geográfico”, empezando por la formación de nuestros claustros, que se han visto dañados en cierta medida porque hemos tenido que comenzar a impartir la especialidad de la nada y hace muy poco.”

<sup>124</sup> Oller et al. “La cultura periodística pre-profesional en el triángulo de las Bermudas del periodismo latinoamericano: Cuba, Ecuador y Venezuela”, In Oller, M. *Culturas Periodísticas Iberoamericanas. La diversidad de un periodismo propio*. Tenerife: Cuadernos Artesanos de Comunicación. 2017.

<sup>125</sup> De acordo com Oller et al., existem divergências respeito das outras áreas. No caso dos cubanos, a segunda área mais popular é o jornalismo escrito (jornais 18,1% e revistas 8,9%) e a terceira, o rádio (9,4%). Em Equador, a segunda opção é o rádio (11,4%); enquanto na Venezuela, os estudantes optam pelo cinema (14,9%) e depois pelas agências de publicidade (11,2%) (2017, p. 257).



Os cubanos se diferenciam amplamente dos outros graduandos latinos em alguns aspectos: a experiência laboral prévia é um fator distintivo de quase a totalidade dos estudantes de jornalismo do país; devido ao programa de estágios que o próprio curso de jornalismo concebe. O interesse pelos assuntos políticos também é consideravelmente mais elevado entre os cubanos em comparação com seus pares latino-americanos; por outro lado, o interesse por especializações nas áreas de *entretenimento, polícia, processos judiciais e julgamentos* é notavelmente menor (OLLER et al., 2017). Esse último apartado, condiz com a pouca ou nenhuma presença de tais assuntos nas produções jornalísticas da mídia nacional (TORRES, 2014).

No referido ao consumo de informação, os estudantes cubanos dizem utilizar principalmente espaços informativos e noticiários televisivos, seguido dos jornais impressos. *Facebook* ocupa o terceiro lugar como meio de informação, enquanto *Twitter*, o rádio e as revistas encontram-se nas posições menos relevantes. Os sites informativos são consultados com relativa frequência, ocupando uma posição intermediária (Oller et al., 2017: 261). Os resultados apresentados nesse estudo ajudam, de forma geral, a colocar em perspectiva a estreita relação entre a formação universitária e o desenvolvimento dos outros sistemas da estrutura social.

Contudo, as faculdades não constituem o único espaço de formação profissional aos quais jornalistas e estudantes tem acesso. Desde 1983, o Instituto Internacional de Jornalismo José Martí (IIPJM) oferece cursos de pós-graduação, oficinas, conferências e workshops para profissionais nacionais e internacionais. O Instituto foi criado pela UPEC para viabilizar a capacitação, a atualização e a especialização de jornalistas e outros profissionais diversos relacionados aos meios de comunicação. Além do reconhecimento do Ministério de Educação Superior de Cuba, o IIPJM conta com o apoio da Federação Latino-americana de Jornalistas (FELAP) e da Organização Internacional de Jornalismo (OIP).

Alguns dos principais temas abordados giram em torno de: “o jornalismo de José Martí, a abordagem de gênero na comunicação, a integração regional e as políticas públicas de comunicação, a atualização do modelo econômico cubano e o impacto das TIC na comunicação midiática” (*Nosotros*, Instituto Internacional de Jornalismo José

Martí)<sup>126</sup>. Embora existem cursos de alta demanda que permanecem de forma constante na agenda docente do Instituto (Técnicas narrativas, Infografia Jornalística, Fotografia de Imprensa), a programação costuma ser renovada de forma anual, incluindo-se cursos específicos elaborados sob encomenda de instituições externas nacionais ou internacionais<sup>127</sup>. Para desenvolver suas atividades, o IIPJM conta com várias salas de aula, incluindo um laboratório de língua inglesa e especializado em novas tecnologias, e uma residência (El Costillar de Rocinante) para estudantes cubanos residentes em outras províncias e estrangeiros matriculados nos cursos ministrados pelo Instituto. Como parte de sua estrutura, o centro também conta com a Cátedra de Fotografia Osvaldo Salas, especializada na linguagem e nas técnicas fotográficas no jornalismo.

Todos esses espaços têm tido um impacto favorável no desenvolvimento das culturas profissionais da mídia nacional, em termos de crescimento profissional e de possibilidade de contato com outras formas de fazer jornalismo internacionalmente. Constituem, por outro lado, um fator assumido como chave pelo telejornalismo esportivo doméstico, na sua busca pelo reconhecimento e o fortalecimento das fronteiras profissionais, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>126</sup> Ver em: <https://periodismojosemarti.wordpress.com/%c2%bfquienes-somos/>

<sup>127</sup> Consultar as agendas docentes do Instituto nos últimos períodos em: <https://periodismojosemarti.wordpress.com/convocatorias/>

### CAPITULO 3

#### TELEJORNALISMO CUBANO: UMA ILHA

*“Nuestra Revolución ha establecido el principio de que el deporte es un derecho del pueblo, a lo cual podríamos añadir que el deporte es también un deber del pueblo.”*

Fidel Castro, 1977

No decorrer dos capítulos anteriores têm sido apresentadas as principais características da evolução e desenvolvimento da mídia cubana no contexto pós-revolucionário, bem como os dilemas e conflitos fundamentais que guiam atualmente as práticas jornalísticas nacionais e seu debate pela consecução de modelos de regulação e de gestão eficientes. Essas discussões servem como preâmbulo para entender os resultados analisados no presente capítulo.

A principal discussão proposta aqui gira em torno da ideia de que o telejornalismo esportivo cubano poderia funcionar como uma espécie de «ilha», em relação com outros grupos jornalísticos nacionais. Essa premissa foi relacionada à percepção de que a comunidade estudada possui estruturas, sistemas ideológicos e preocupações profissionais diferentes, devido –principalmente- a que as pressões exercidas sobre ela e seus laços com as instituições de poder, parecem ter se desenvolvido de forma diferenciada.

O desenvolvimento da nossa premissa é articulado nesse capítulo através de três momentos de discussão. O primeiro deles analisa a dimensão do esporte em Cuba e sua relação com a TV nacional. Nesse item revisamos as principais transformações que sofreu o campo esportivo após o triunfo da Revolução e como a implementação de uma nova visão estrutural e de alcance impactou nas representações populares sobre o esporte, os esportistas e a nação. O papel da mídia televisiva como mediador dessas representações também é analisado nesse apartado. Em um segundo momento, nos aproximamos da história e evolução de TeleRebelde (TR) como canal nacional, até chegar na sua especialização, no ano 2013, e as mudanças que isso provocou no âmbito das transmissões

esportivas domésticas e das rotinas dos profissionais do telejornalismo esportivo pertencentes a ele.

Finalmente, no terceiro ponto abordamos as principais características organizativas, materiais e estruturais que guiam o trabalho dos telejornalista dentro do canal, bem como os conflitos mais visíveis dentro dessa comunidade, suas motivações e suas implicações nas relações com o poder. Os dados e análises apresentados nesse item constituem os principais resultados do contato da autora com uma amostra de seis profissionais relacionados à produção informativa esportiva em TR, bem como da revisão de alguns referentes bibliográficos encontrados.

Nesse ponto é preciso destacar que, coerente com a escassez de materiais acadêmicos sobre a mídia cubana, referida em capítulos anteriores, existe um vazio considerável na produção de bibliografia relacionada à performance do jornalismo esportivo nacional. Da mesma forma, percebemos que boa parte dos sites e documentos relativos às instituições esportivas domésticas estão desatualizados ou pouco desenvolvidos. Isso nos forçou a utilizar como base principal para a análise, os depoimentos (desenvolvidos a partir da pesquisa ou publicados pela mídia) e os resultados de uma enquete elaborada pela autora e aplicada a todos os profissionais incluídos na amostra. Isso, além de matérias jornalísticas e entrevistas informativas publicadas pela imprensa nacional, bem como alguns poucos programas produzidos no canal e recuperados através da Internet ou gravados da TVC.

### *3.1 A dimensão do esporte em Cuba e sua relação com a TVC*

Antes de 1959, o boxe profissional, o beisebol e o atletismo eram os esportes mais praticados no país e os que apresentavam melhores resultados internacionais, num contexto histórico social em que a prática esportiva não contava ainda com grande apoio governamental<sup>128</sup>. Dentro dessas disciplinas, no entanto, os resultados de figuras como

---

<sup>128</sup> A prática esportiva nacional, essencialmente aquela vinculada aos esportes populares (boxe, beisebol) era enxergada como um meio de sobrevivência, tendo em conta que –diferente da atualidade– o esporte na Cuba pré-revolucionária tinha caráter profissional. Muitos dos atletas que se destacaram no período pseudo-republicano (1901-1958), viu na prática destas disciplinas uma via de resolver suas condições de extrema pobreza. Apesar disso, muitos deles terminaram sua vida profissional enquadrados na mesma pobreza na que começaram (Granda Dihigo, 2009).

Kid Chocolate<sup>129</sup> e Martin Dihigo<sup>130</sup> permitem encontrar no período pré-revolucionário as bases de uma tradição esportiva que se assentaria depois como referente identitário da qualidade esportiva nacional.

Outras modalidades esportivas do período republicano cubano tinham um certo caráter restritivo e eram praticadas essencialmente em clubes e associações. Apesar disso, se contam valiosos expoentes do esporte nacional na primeira metade do século XX. Alguns dos exemplos mais relevantes são o esgrimista Ramón Fonst (1883-1959)<sup>131</sup> e o enxadrista José Raul Capablanca (1888-1942)<sup>132</sup>, figuras que, junto dos outros dois mencionados anteriormente, se encontram dentre os primeiros atletas domésticos que conseguiram reivindicar o nome de Cuba nos cenários esportivos internacionais, mesmo em esportes considerados de elite (GRANDA DIHIGO, 2009).

Após o triunfo da Revolução Cubana, o novo governo assumiria entre suas prioridades a extensão da prática esportiva a todo o território nacional, transformando-a em direito legítimo do povo. Para alcançar isso era preciso, primeiramente, a criação das estruturas competentes. Assim, em janeiro de 1959 nasce a Direção Geral de Esporte, substituída dois anos mais tarde pelo Instituto Nacional de Esportes, Educação Física e

---

<sup>129</sup> Eligio Sardiñas, conhecido como «Kid Chocolate» (1910-1988). Primeiro boxeador cubano em obter o título mundial. Se iniciou no boxe amador sendo ainda criança e começou sua vida esportiva profissional com 18 anos, três anos mais jovem do que permitiam as regras para a divisão. Foi Campeão do Mundo nas categorias Leve Júnior (1931) e Peso Galo (1932). Durante toda a sua carreira profissional (1929-1939), Kid Chocolate ganhou 136 lutas (51 vencidas por nocaute), perdeu 10 e empatou seis. Está incluído no *International Boxing Hall of Fame*, entre os 10 melhores Peso Pena de todos os tempos.

<sup>130</sup> Martín M. Dihigo Llanos (1906-1971). Jogador cubano de beisebol. Apesar de sua multifuncionalidade no campo, foi conhecido principalmente por sua carreira como lançador. Apelidado «El Maestro» e «El Inmortal», jogou nas chamadas Ligas Negras e nas ligas profissionais de Cuba, República Dominicana e a Venezuela. Seus resultados o colocaram no *Baseball Hall of Fame* de quatro países: Estados Unidos, México, Cuba e Venezuela.

<sup>131</sup> Atleta cubano, quatro vezes Campeão Olímpico de Esgrima. Ganhou ouro nos Jogos Olímpicos de Paris 1900, na categoria Espada e medalha de prata na categoria Espada Mestre. Essa vitória o transformou no primeiro cubano e primeiro latino-americano a obter o título. Nos JO de Saint Louis 1904, alcançou ouro novamente em três categorias: Florete, Espada e Florete em equipe.

<sup>132</sup> Enxadrista cubano considerado entre os melhores do mundo. Foi detentor do título de Campeão Mundial de Xadrez entre 1921 e 1927. Começou a jogar xadrez aos 4 anos de idade e com 12 anos venceu ao então campeão cubano Juan Corzo, mas sua carreira internacional começou apenas em 1911. É autor de pelos menos quatro livros especializados em xadrez. Um dos mais reconhecidos é *Chess Fundamentals* [Fundamentos do Xadrez]. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, Inc. 1921.

Recreação (INDER)<sup>133</sup>, cuja função até nossos dias, tem sido organizar e gerir o movimento esportivo nacional.

Durante esses primeiros anos foram criados também os Conselhos Voluntários Esportivos (CVD), integrados por ativistas e posteriormente professores, que estenderam a prática esportiva às instituições laborais, de ensino e às comunidades populares (SANTOS, TRUJILLO, SUÁREZ, 2007). Paralelamente foram desenhados outros programas de competições nacionais abarcando todos estágios de ensino<sup>134</sup>, com o intuito de promover o interesse pelo esporte partindo do seu vínculo com a escola. Seguindo essa ideia, o INDER promoveu a criação, nos anos posteriores, de um sistema de escolas esportivas que pudesse dar conta da formação integral dos atletas.

Assim, aparecem as Escolas de Iniciação Esportiva (EIDE), base fundamental da formação de atletas nos primeiros anos de ensino; e as Escolas Superiores de Aperfeiçoamento Atlético (ESPA), correspondentes à preparação de adolescentes e jovens esportistas. Tanto as EIDE quanto as ESPA tem presença em todas as províncias do país e no Municipio Especial Ilha da Juventude. Semelhante ao acontecido com as escolas de arte nos primórdios revolucionários, as escolas esportivas foram responsáveis por permitir o acesso ao esporte e a educação física de crianças e adolescentes com níveis de renda muito baixos ou moradores das regiões menos acessíveis da geografia nacional.

A estrutura de ensino projetada pelo INDER se completou mais tarde com a criação, em 1973, da Universidade das Ciências da Cultura Física e o Esporte «Manuel Fajardo»<sup>135</sup>, com presença também em todo o território nacional. Esse centro de estudos universitários garantiria a formação e especialização de professores presentes não apenas nas escolas esportivas, mas em todo o sistema educativo do país<sup>136</sup>.

---

<sup>133</sup> Apesar de manter o nome de Instituto, o INDER possui uma estrutura complexa, coerente com o funcionamento de um ministério. Possui sob sua gerência espaços educacionais, tecnológicos, de pesquisa, de intercâmbio e comercialização de serviços e publicações. Vide: <http://www.inder.gob.cu/Estructura>.

<sup>134</sup> Dentro desse sistema de competições, um dos mais importantes são os Jogos Escolares Nacionais, criados em 1961, e responsáveis pelo descobrimento de não poucos atletas domésticos de alto rendimento: María Caridad Colon, Ana Fidelia Quirot, Javier Sotomayor, Ivan Pedroso, Felix Savon, entre outros.

<sup>135</sup> Seu objetivo inicial consistia na formação de profissionais de nível médio e técnico. Atualmente sua principal missão é formar Licenciados em Cultura Física.

<sup>136</sup> Em 2012 se contavam em torno de 84 mil professores licenciados em Cultura Física (Rivero In Ragsverg, 2012. BBC Mundo).

No âmbito científico-tecnológico, foi criado em 1966, o Instituto de Medicina Esportiva (IMD), especializado no desenvolvimento de pesquisas e no atendimento médico, nutricional e psicológico aos atletas. Também serve como apoiatura na assistência médica durante eventos esportivos nacionais e internacionais. Adscrito ao IMD, se encontra o Laboratório Antidoping da Havana (2001), instituição acreditada e reconhecida internacionalmente que presta seus serviços para o esporte doméstico, bem como para as nações da América Latina e o Caribe.

O Centro de Pesquisa da Informática do Esporte (CINID) tem desenvolvido igualmente uma função meridional no desenvolvimento de resultados positivos na área esportiva. Sua presença em todo o país tem garantido um paulatino processo de informatização do INDER. O Centro desenvolve softwares e serviços informáticos para aprimorar as áreas da comunicação, pesquisa e ensino dentro do campo esportivo doméstico. Sua estrutura está dividida por departamentos que abarcam recursos estatísticos, serviços técnicos, redes, o Centro de Recursos Informativos para o Esporte Cubano<sup>137</sup> e a empresa de desenvolvimento SINFO<sup>138</sup>.

Finalmente, o sistema deportivo precisaria de um mecanismo comercial, que intervisse na importação de bens materiais, bem como na sua produção e comercialização. Para isso foi criada na década de 1960, a Indústria Esportiva (atualmente Empresa de Produção e Comercialização de Artículos Esportivos). Apesar da importância desse organismo no desenvolvimento nacional do esporte, e dos investimentos priorizados pelo Estado para cumprir com sua missão, a Indústria Esportiva viu-se seriamente afetada pelas carências econômicas e o envelhecimento tecnológico. No fim da década de 1990, era evidente a necessidade da nação de se abrir a outras formas de financiamento esportivo, incluindo a comercialização de serviços. Nesse contexto é criada Cubadeportes S.A., empresa que detenta atualmente os direitos exclusivos para comercializar os produtos e serviços relacionados ao sistema esportivo em Cuba<sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> Instituição científica e informacional, fundamental no funcionamento do Polo Científico do Esporte em Cuba. Funciona como repositório e centro de consulta de materiais documentais e não documentais sobre temáticas esportivas.

<sup>138</sup> Vide: <http://www.inder.gob.cu/sinfodeportes/index.html>

<sup>139</sup> Vide <http://cubadeportes.cu/>

Todo esse desenvolvimento infraestrutural, contribuiu inicialmente para cumprir com o objetivo de desprofissionalizar a prática esportiva no país e transformá-la numa atividade massiva e de interesse popular. Já em 1961, quando ainda se davam os primeiros passos nesse sentido, Fidel Castro advertia que as mudanças por vir transformariam radicalmente as visões do povo sobre a educação física e o esporte. Nessa linha, as instituições criadas levariam a maior responsabilidade na gestão do capital simbólico relacionado à prática esportiva.

Por que o povo não está interessado no esporte e na educação física? As razões para essa falta de interesse seriam as mesmas que se perguntássemos por que as pessoas não estavam interessadas em livros; seria como se perguntássemos aos camponeses por que não estavam interessados na escola; seria como se perguntássemos por que havia no nosso país mais de um milhão de pessoas que não sabiam ler ou escrever: simplesmente porque as pessoas não contavam com os meios para praticar a educação física nem o esporte, porque o povo não contava com instrutores e, fundamentalmente, porque o povo não possuía as condições necessárias (...). (...) era uma atividade que tinha sido relegada à minoria privilegiada do nosso país; a educação física e o esporte —como a educação, como a oportunidade de adquirir uma profissão universitária ou técnica, como a oportunidade de viver sob um teto decente, como a oportunidade de desfrutar de um padrão de vida decente— era um privilégio das minorias em nosso país. Sem revolução, não poderíamos sonhar sequer em começar a desenvolver na nossa pátria um grande movimento esportivo (CASTRO, F., 1961, tradução nossa)<sup>140</sup>

As mudanças e a garantia do acesso massivo ao ensino e à prática livre de esportes, se transformaria em um dos pilares que ainda hoje sustentam o sistema ideológico e simbólico do projeto socialista cubano. Na opinião do pesquisador e jornalista esportivo C.A González (2016), a Revolução transformou o esporte em um símbolo de unidade e em portador do sentimento nacional. Como agente legitimador desse vínculo, Fidel

---

<sup>140</sup> Trecho original citado: “¿Por qué el pueblo no se interesaba por el deporte y por la educación física? Las razones de esa ausencia de interés serían las mismas que si se preguntara por qué el pueblo no se interesaba por los libros; sería como si le preguntáramos a los campesinos por qué no se interesaban por la escuela; sería como si preguntáramos por qué había en nuestro país más de un millón de personas que no sabían leer ni escribir: sencillamente porque el pueblo no contaba con medios para practicar la educación física ni el deporte, porque el pueblo no contaba con instructores y, fundamentalmente, porque el pueblo no contaba con las condiciones necesarias. (...) era una actividad que había quedado relegada a la minoría privilegiada de nuestro país; la educación física y el deporte —como la educación, como la oportunidad de adquirir una profesión universitaria o técnica, como la oportunidad de vivir bajo un techo decoroso, como la oportunidad de disfrutar de un estándar de vida decente— era privilegio de minorías en nuestro país. Sin revolución no se habría podido soñar siquiera con empezar a desarrollar en nuestra patria un gran movimiento deportivo” (Discurso pronunciado em ocasião do encerramento da Pleno Nacional dos Conselhos Voluntários do INDER, Havana).



pessoalmente prestigiou todas as despedidas e recebimentos das seleções nacionais nos contextos de competições extrafronteiras.

Nesse sentido, a mídia também cumpriu um papel determinante, ao funcionar como veículo das representações de unidade e do sentimento de orgulho nacional. Como aconteceu com todos os espaços sociais, a imprensa também formou parte do processo espontâneo de euforia e de nacionalismo da primeira década de Revolução. As consequências da luta de classes e da reorganização sistêmica tinham tomado os espaços televisivos de igual forma. Ao surgimento de novos atores nos acontecimentos nacionais, se juntou a aparição de uma nova geração de produtores das representações cotidianas, favorecido pela saída do país da maioria dos comentaristas e jornalistas esportivos consagrados pela televisão comercial nacional.

Em consequência, as coberturas de esportes se armaram com olhares diferentes, gerando “uma influência muito forte no enfrentamento ideológico que o país vivenciava” (GONZÁLEZ, 2016), e vinculando o sentimento nacionalista ao triunfo esportivo:

É apenas pegar um jornal no início da Revolução e ler as crônicas sobre algum jogo de Cuba contra os Estados Unidos. O discurso era altamente politizado. Era comum encontrar titulares do tipo: «Vitória frente aos Estados Unidos! ». O engraçado é que isso tudo parecia ser uma efervescência completamente espontânea, que respondia ao momento histórico vivenciado pela nação (Idem).

Se bem os triunfos na arena esportiva começariam a se perceber muito cedo<sup>141</sup>, o decolar e etapa dourada das transmissões esportivas em Cuba corresponderia à década de 1980 (GONZÁLEZ, 2014: 77), a partir da popularização do vídeo-tape na TV e do apoio comercial, financeiro e tecnológico que se derivou da aproximação das nações soviéticas. Já desde essa época, TeleRebelde se instituiria como principal emissor dos conteúdos esportivos, embora no decorrer dos anos essa função tenha sido compartilhada com outros canais domésticos.

A TV nacional e o esporte foram ficando cada vez mais interligados, com a presença ativa do telejornalismo esportivo nas transmissões das centenas de eventos que foram televisados durante esses anos. Após a chegada do Período Especial, o esporte ressurgiu

---

<sup>141</sup> O país alcançou medalha de prata em Atletismo, nos JO Tokio 1964 (Enrique Figuerola) e nos JO de México 1968. Além disso, se contam outras medalhas de ouro nessa primeira década, em eventos regionais e internacionais.

como espaço ideológico privilegiado e, apesar das carências, continuaram sendo televisados os principais eventos internacionais onde participavam os atletas domésticos. As vitórias dos cubanos em arenas internacionais contribuíram novamente para manter coesa uma nação cujos indicadores econômicos colapsavam. Nessas condições, os resultados esportivos constituíam façanhas e, como façanhas eram narradas pela mídia esportiva, que fortaleceu sua autoridade ao se estabelecer como principal mediador e narrador do vínculo entre o povo e o *atleta-nação*.

Nos anos mais difíceis da crise, o país ainda colhia os frutos dos altos investimentos realizados nas décadas anteriores, exemplo disso são os JO Barcelona 1992 e outros resultados destacados na década de 1990. Com a chegada dos anos 2000, no entanto, o desempenho da nova geração de atletas, formadas nas condições adversas do Período Especial<sup>142</sup>, não conseguiu manter os padrões dos seus predecessores. Assim, a queda do nível na performance das seleções nacionais em eventos esportivos internacionais, parece estar diretamente relacionada à paulatina saída de cena da geração das antigas estrelas esportivas nacionais. Apesar disso, os resultados continuam sendo relevantes se levado em consideração as características de Cuba.

Atualmente se discute que com o passar dos anos, as vitórias foram naturalizadas e as narrativas midiáticas ficaram obsoletas. González (2016) acredita que, além das carências econômicas e materiais que caracterizam todos os espaços da vida pública e privada do país, nos últimos anos parece ter existido um afastamento da visão política sobre o desenvolvimento do esporte e sobre as narrativas em torno dele. Sobre esse tema voltamos no último ponto desse capítulo. Todavia no próximo item, revisamos o papel de TR no crescimento e fortalecimento das transmissões esportivas no país.

### 3.2 *TeleRebelde*, «El canal de los deportes en Cuba»

Temos analisado previamente que nos primeiros anos de Revolução, o sistema de televisão nacional impulsionou uma série de mudanças na sua estrutura, a fim de aprimorar seu funcionamento e cumprir com as novas exigências do projeto social. Os

---

<sup>142</sup> “As escolas de esportes perderam a capacidade para abrigar os jovens atletas, houve redução nos treinamentos devido à falta de alimentação adequada e a indústria de equipamentos esportivos entrou em dificuldades graves” (Ragsverg, 2012, In BBC Mundo).

esforços do país para ampliar o alcance do sinal televisivo e estende-lo a outras províncias, derivou na criação de TeleRebelde, que teve inicialmente caráter regional, na zona oriental de Santiago de Cuba. Em 1979, esse telecentro passaria a ser TeleTurquino e o Canal 2 –segundo mais antigo da TVC e de caráter nacional- assumiria o nome de TeleRebelde.

A década de 1980, marcada pelo importante avanço técnico e tecnológico do sistema da televisão doméstica, testemunhou o crescimento das transmissões esportivas e a transformação de TR em um dos principais emissores dessa programação. A partir desse momento, o canal desenvolveria um perfil generalista, com prevalência da informação esportiva. A transmissão de competições de diferentes esportes, bem como as temáticas relacionadas à cultura física e a recreação, ocuparam a maior parte do cronograma de programação, sob o slogan «*Su canal compañero*» (GONZÁLEZ, 2014). Para manter a estabilidade do crescente fluxo de informação foi preciso o crescimento paralelo de uma rede de telecentros regionais, cuja missão consistia em enviar informações dos territórios para a capital, além de produzir informações para a teleaudiência local.

Acorde com a organização do resto da grade televisiva nacional, a programação de TR foi estruturada em blocos de transmissão. Sua programação incluía espaços de debate popular, programas de incentivo à prática de esportes, a promoção da cultura física, da saúde, do conhecimento esportivo, entre outros. Vários desses programas<sup>143</sup> destacavam por assumir uma perspectiva participativa, ao promover e televisar debates esportivos protagonizados pela população ou competições esportivas entre times de estudantes e trabalhadores.

Além dos principais eventos regionais, ibero-americanos e mundiais, após o fortalecimento das relações entre Cuba e a URSS, começaram a ser transmitidos por TR, as competições do calendário das repúblicas socialistas. Isso diversificou a oferta esportiva na tela doméstica e aproximou mais as audiências de disciplinas como ginástica,

---

<sup>143</sup> Alguns dos programas que ocupavam a grade televisiva cubana dos anos 1980: *La esquina caliente*; *Momentos Estelares del Deporte*; *Maratón Recreativo*; *Ejercicios Matutinos*; *Ejercicios para los Abuelos*; *Ejercicios Aeróbicos*; *Gimnasia terapéutica*; *La familia en forma*; *¿Conoce usted de cultura física?*; *De más vida a sus años*. Vide González, C.A. “TV y Deporte en Cuba: un acercamiento a la construcción de los contenidos deportivos en la televisión nacional cubana”. La Habana: Universidad de La Habana. 2014.

patinagem, dentre outras comuns nos certâmenes da região euroasiática. A diversificação da programação impactou não apenas no público, também obrigou aos narradores a ampliar seus conhecimentos sobre todos os esportes e a criar, de forma empírica, “estilos de narração diferenciados para cada esporte, que nem sempre apresentavam resultados homogêneos” (GONZÁLEZ, 2014: 70).

Algo significativo é que na própria dinâmica do trabalho, foi adotada como norma invariável a figura do narrador-comentarista, como um profissional forçado a desempenhar ambos os papéis durante uma transmissão, diferentemente da realidade de outros contextos, em que essas funções são assumidas por pessoas diferentes (Idem: 80, tradução nossa)<sup>144</sup>.

Essa concepção, com origem aparente na década de 1980, prevalece até hoje nas estruturas da mídia esportiva nacional. Comentarista e narrador convergem em uma única figura e disputam em termos de relevância e visibilidade –como veremos mais à frente no texto- com a função do telejornalista.

No respectivo ao desenvolvimento esportivo nacional e a suas representações no meio televisivo, pode se dizer que a década de 1980 constituiu uma etapa privilegiada para o país. Contudo, as continuas transformações que sofreu TR no decurso dos anos, bem como o impacto que causou a crise dos anos 1990 em toda a produção comunicativa nacional, provocaram a substituição, ou saída definitiva do ar, de uma parte importante dos programas de produção própria que tinham ganhado popularidade nessa etapa. TeleRebelde se viu obrigado a assumir “um desenho de programação de grande austeridade, consistindo em uma revista diária ao vivo denominada *Hoy Mismo* [Hoje Mesmo], que cobria todo o tempo de transmissão do canal, das 7 da noite até passadas as 11 [23h]” (GONZÁLEZ, 2014: 81, edição nossa). A crise econômica determinou o desenvolvimento dos gêneros televisivos no telejornalismo nacional em geral, provocando a redução da informação televisiva a entrevistas e notas informativas, essencialmente (ACOSTA, 2013).

---

<sup>144</sup> Trecho original citado: “Algo significativo es que en la propia dinámica del trabajo, se adoptó como norma invariable la figura del narrador-comentarista, como un profesional obligado a realizar los dos roles durante una transmisión, a diferencia de la realidad de otros contextos, en los que esas funciones son asumidas por personas diferentes.”

Apesar de que a área esportiva se viu afetada pelas carências econômicas, o Estado tentou respeitar os principais acontecimentos do nosso calendário esportivo<sup>145</sup>, os quais não deixaram de ser transmitidos pela TVC. A transmissão dos eventos internacionais relevantes também se manteve como uma prioridade dentro da programação do canal, embora as altas cifras de capital que isso representava para o país. Desta forma, nos anos subsequentes, durante períodos de Jogos Olímpicos, Centro-americanos e Caribenhos, o reduzido horário do canal era dedicado por inteiro à transmissão das competições.

No final da década 1990 foi aprovado, a partir do Sétimo Congresso da UPEC, um acordo de apoio econômico para a mídia nacional. Embora as cifras não foram elevadas, o financiamento permitiu à televisão comprar alguns equipamentos novos e unidades de controle remoto, para uma melhor cobertura dos eventos esportivos. Paulatinamente foram se recuperando os espaços televisivos e para mediados da década de 2000, TR já dedicava toda sua programação noturna diária ao esporte.

Seria em abril de 2013 que TeleRebelde começaria a funcionar como uma entidade independente<sup>146</sup> e se transformaria oficialmente em um canal especializado em esportes, coerente com um interesse recente das autoridades televisivas em criar canais com perfis temáticos específicos (CUE, s.d). Não foi modificado apenas o perfil de sua programação, mas o número de horas de transmissão diária cresceu paulatinamente até chegar a 16h atualmente<sup>147</sup>. Neste novo formato, o canal assumiu o novo slogan «El canal de los deportes en Cuba», bem como se tornou «canal oficial» nacional dos Jogos Olímpicos e Pan-americanos, períodos durante os quais assume uma transmissão diária de 24h.

No entanto, a oficialização do canal como especializado não significou uma transformação imediata ou radical da grade existente. Pelo contrário, uma substituição demorada dos programas de corte generalista por espaços eminentemente esportivos,

---

<sup>145</sup> Calendário esportivo correspondente a esse ano pode ser consultado aqui: <http://www.jit.cu/NewsDetails.aspx?idnoticia=45214>

<sup>146</sup> Isso quer dizer que o canal adquiriu o direito a um orçamento próprio, independente das estruturas econômicas da TVC.

<sup>147</sup> Essa média só tinha sido alcançada durante os XI Jogos Pan-americanos de 1991, que tiveram como sede Cuba, apesar de que o país já se encontrava sofrendo as consequências do Período Especial. Foi criada uma infraestrutura capaz de comportar a realização de um grande espetáculo televisivo, que foi encomendado ao Estúdio Pan-Americano e transmitido diariamente através do canal Tele Rebelde. A cobertura de algumas disciplinas esportivas, no entanto, foram produzidas por outras televisoras, em acordo com o país (GONZÁLEZ, 2014: 80).

denota que TR ainda não possuía uma infraestrutura sólida e uma estratégia de transmissões bem desenhada quando se produziu o salto para a especialização. González (2014) discute que TR assumiu a responsabilidade de canal especializado sem ter documentos regulatórios próprios, uma ficha técnica bem definida ou até mesmo os documentos logísticos necessários.

Um ano após declarada sua especialização, TR ainda dedicava 10h de suas 16h de transmissão a telenovelas, seriados, filmes, programas musicais e à conexão com as produções dos telecentros regionais<sup>148</sup>. Nos espaços puramente esportivos, o beisebol e o futebol se mantiveram como as disciplinas mais transmitidas, este último com ampla vantagem por sobre outros esportes de maior tradição com Boxe, Atletismo, Vôlei e Judô. Como temos referido, a programação esportiva da TVC é estruturada a partir dos eventos do calendário esportivo nacional, o qual inclui em torno de 30 disciplinas diferentes e cerca de 200 eventos. Isso conformaria uma agenda de coberturas também ampla, contudo, a maioria dos eventos se acumula nos primeiros meses do ano e acontecem de forma quase simultânea em vários territórios do país. Em consequência, a informação esportiva não consegue se organizar equilibradamente na grade e as produções estrangeiras, principalmente os jogos das ligas europeias de futebol, dominaram as transmissões de TR nesse ano, após o esgotamento do calendário nacional.

Em 2015, o canal finalmente conseguiu preencher todos os espaços de sua grade com programas temáticos, incluindo alguns espaços fílmicos e documentários também de tema esportivo. No entanto, a maioria das ofertas desse ano constituíram retransmissões e programas diferidos. A programação de âmbito internacional se manteve numa média aproximada de 3 a 1, em relação com as competições e os programas de origem nacional. Fora as questões de infraestrutura, esse resultado parece estar relacionado a que durante os anos posteriores à especialização de TR, algumas empresas futebolísticas europeias facilitaram o pagamento de direitos de transmissão, o que permitiu ao canal aceder semanalmente a um pacote de vários jogos importantes (GONZÁLEZ, 2016).

Nesses dois primeiros anos, apareceram também com alguma regularidade um grupo de programas de entrevistas e opinião, análise, debate, e algumas revistas

---

<sup>148</sup> Com exceção do mês de novembro, que o horário de transmissão foi dedicado por inteiro aos Jogos Centro-americanos e Caribenhos, Veracruz 2014.

esportivas. No entanto, todos careciam de diversidade nas suas propostas e de uma clara delimitação do formato. Pelo contrário, se percebia “uma certa propensão a misturar o conceito original dos espaços e uma semelhança em termos de elementos formais e de concepção dramática” (González, 2014: 90).

Apesar desses problemas, deve ser reconhecido que TR deu dois saltos importantes nesses primeiros anos de especialização. O primeiro deles foi ter conseguido levar à audiência uma programação esportiva mais heterogênea, em termos de disciplinas esportivas; e o segundo, foi contribuir para o crescimento em mais de um terço, da média anual de horas de transmissão esportiva no país<sup>149</sup>. Mesmo com alguns tropeços, esses avanços permitiram vislumbrar uma revitalização da temática esportiva nas telas domésticas, que constituía um reclamo contínuo da teleaudiência nacional.

Atualmente (2018), TeleRebelde possui uma programação totalmente temática, que inclui produções próprias, estrangeiras e mistas. O canal continua estruturando sua programação a partir do calendário esportivo doméstico e das principais competições regionais e mundiais, envolvendo a participação da seleção cubana ou não. Isto faz com que a estruturação da grade sofra contínuas alterações, principalmente durante os megaeventos internacionais e durante as férias de verão, período durante o qual é tradicionalmente ofertada por todos os canais nacionais uma programação especial. Nas épocas de megaeventos internacionais, a programação esportiva se estende a 24h e são incluídas emissões especiais, ao tempo que costuma crescer o número de espaços de análise e debate.

A continuação relatamos alguns dos principais programas que integram hoje a grade do canal, levando em consideração que –devido a sua identidade e rotinas produtivas ainda em aprimoramento- a programação de TeleRebelde demonstra variar com relativa frequência.

O *Noticiero Nacional Deportivo* (NND) é o informativo esportivo nacional por excelência. Foi criado na década de 1980, também como parte das reestruturações na televisão da época, e tem se caracterizado pela difusão do acontecer esportivo doméstico

---

<sup>149</sup> De acordo com cifras do Departamento de Programação da TVC, a média anual de programação esportiva da TVC entre 2008 e 2012 foi de 1646 horas, o que inclui as transmissões de TR, bem como as de outros canais nacionais. Em 2013, após a especialização do canal, os números cresceram para 2659 horas anuais (In GONZÁLEZ, 2014).

e internacional, bem como pela criação e uma identidade marcada, graças à presença na sua equipe das figuras mais importantes do telejornalismo e a narração esportiva no país. Seus horários e frequência de transmissão tem variado no decorrer dos anos, até estabilizar sua emissão na atual frequência de Segunda a Sexta-feira, às 18h, por TR. O NND constitui um dos poucos espaços informativos da TVC que se manteve ao ar, apesar da crise de 1990. Nessa época ficou sob as ordens do SITVC, quando a então Redação Esportiva passou a formar parte deste organismo. Atualmente possui uma duração de 27 minutos e sua transmissão se realiza ao vivo, como o resto dos noticiários cubanos.

Outro espaço de caráter informativo é a revista *Pulso Deportivo*. Com uma duração de duas horas, é um dos espaços de maior extensão dentro da grade atual do canal. A revista é transmitida na sessão dominical e sua estrutura alterna comentários, entrevistas e análises ao vivo, com peças audiovisuais gravadas. O programa aborda temas de atualidade e se caracteriza por realizar balances sobre rendimentos de times, atletas, competições, para o qual se vale da presença de especialistas convidados. Proposta semelhante, mas de menor duração resulta *Al duro y sin guante*, conduzido por um comentarista esportivo e prestigiado por analistas e esportistas. Conjuntamente com ele, outros programas informativos não-diários oferecem dados atualizados sobre as principais competições, nacionais e internacionais (*Escenario Deportivo* e *Meridiano Deportivo*), bem como um resumo do acontecido durante a semana na arena esportiva nacional (*Swing Completo*, inclui estatísticas e comentários especializados sobre beisebol).

*Confesiones de Grandes* é um outro espaço já de longa data na grade da TV doméstica. O programa utiliza como instrumento principal o gênero entrevista para se aproximar da vida de figuras relevantes da arena esportiva no país. É um dos poucos programas domésticos que foca sua visão na vida pessoal do atleta e a toma como ponto de partida para falar nos triunfos esportivos. O espaço tem ficado ao ar por mais de 20 anos, numa única frequência semanal, e organizando suas transmissões por temporadas. Semelhante ao anterior, TeleRebelde transmite duas vezes por semana o programa de entrevistas *Glorias Deportivas*, cujo interesse principal é rememorar a carreira do atleta convidado. Tanto *Glorias Deportivas* quanto *Confesiones de Grandes* possuem uma



duração de 27 minutos e o seu conteúdo não persegue o intuito da atualidade informativa, mas um viés anedótico e historicista.

*Estocada al tiempo*, de produção recente, foca nos acontecimentos histórico-esportivos de âmbito global e doméstico. Consiste em cápsulas informativas de 3 minutos, cuja função é abrir a programação esportiva do canal. Também numa perspectiva histórica, *Béisbol de siempre* homenageia figuras e momentos relevantes do esporte nacional. Esse último programa encontra-se associado a um projeto sociocultural que busca incentivar o conhecimento da história da disciplina esportiva.

*Súmate e Juguemos*, de outro lado, estão desenhados para divulgar a cultura física e a recreação popular. O primeiro propõe uma rotina de exercícios de poucos minutos, apresentada por um instrutor esportivo. O segundo, televisa competições escolares que são guiadas por professores de educação física, enquanto são narradas e comentadas por um telejornalista/comentarista. Ambas as propostas resgatam uma tipologia de programa que tem estado presente de forma constante na grade televisiva pós-revolucionária.

Outros espaços, ocupados na divulgação de esportes específicos, são: *Vale 3* (Basquete Internacional); *Fútbol Internacional*, *Fútbol por dentro* e *Gol 360*; *Mi béisbol*, *Béisbol por dentro* (espaço documentário) e *Béisbol Internacional*; *A todo motor* (competições de Fórmula 1); *Tênis Internacional*. Essas seções são independentes das transmissões em si de eventos esportivos internacionais e nacionais.

Logicamente, esse crescimento tem colocado a TR frente a outros desafios, principalmente os relacionados a levar uma programação variada e dinâmica, tendo que lidar com os altos custos de produção e com sua condição de entidade subsidiada. Para levar uma ideia, as transmissões dos Jogos Olímpicos Rio 2016 ocuparam 36 mil minutos da programação (ao vivo e diferidas). O canal, batizado como Canal Olímpico durante o evento, comprou os direitos de transmissão que de acordo com as cifras oficiais, tiveram um aumento do 30% desde os JO Beijing 2008. Além disso, tem que ser incluído no orçamento o deslocamento e estadia do time de profissionais que desenvolveu a cobertura jornalística desde o local dos Jogos.

Além dos JO do Rio, em 2016 o país também comprou os direitos de transmissão do Campeonato Mundial de Atletismo, da Série Mundial de Boxe, da Liga Mundial de Vôlei, dentre outros eventos esportivos nos quais Cuba possui uma longa tradição de

participações e resultados. Todos eles constituem exigência das audiências nacionais, pelo que o Estado prioriza sua colocação na grade televisiva. As solicitações de orçamento são feitas a partir de um planejamento anual encarregado pela direção do próprio canal (GONZÁLEZ, 2016). Porém, o crescimento dos custos e as carências estruturais que ainda medeiam o trabalho dentro de TR, têm levado aos diretivos do canal a se debater sobre a possibilidade de adquirir novas formas de financiamento para facilitar suas transmissões (SÁNCHEZ, GONZÁLEZ In Convenção do Rádio e da Televisão Cubana, 2015).

Embora não está permitida a emissão de publicidade na mídia nacional desde 1961, os comerciais publicitários e a promoção de patrocinadores foram retomados brevemente na TV doméstica durante os anos mais intensos do Período Especial. Na valoração de González (2014), isso não passou de um experimento inserido nas reformas econômicas que ajudaram o país a sobreviver durante a década de 1990. A publicidade apresentada era sóbria e de produtos que não fossem de primeira necessidade, “para não lesionar ao televidente nos momentos de severa crise, e em todos os casos se anunciavam apenas empresas estrangeiras” (p.82).

(...) fomos forçados nesses tempos, para poder divulgar, por exemplo, um importante evento esportivo, a colocar alguns anúncios na televisão. De repente, no meio de um emotivo e tenso jogo, nossa televisão e nosso povo, especialmente aqueles que se importavam de uma forma especial com essas coisas, tinham que ver que era interrompido o curso do espetáculo para oublicitar uma mercadoria, que poderia ser o automóvel tal ou outra coisa que a imensa maioria da população não tinha a menor possibilidade de adquirir.

Até que por causa dos último jogos de Winnipeg, nos quais a bandidagem e a corrupção nos esportes, como em tantas outras coisas, se tornaram mais evidentes do que nunca, decidimos —mesmo que precisarmos nos arrancar uma mão, ou, como se diz, mesmo que isso nos custasse um olho da cara- acabar com a propaganda comercial em nossas emocionantes competições esportivas” (CASTRO, F., 1999, tradução nossa)<sup>150</sup>.

---

<sup>150</sup> Trecho original citado: “nos vimos obligados en estos tiempos, para poder divulgar, por ejemplo, un importante evento deportivo, a poner algunos anuncios en la televisión. De repente, en medio de un emotivo y tenso juego, nuestra televisión y nuestro pueblo, especialmente aquellos que se preocupaban de modo especial por estas cosas, tenían que ver que se interrumpía el hilo del espectáculo para publicitar una mercancía, que podía ser el automóvil tal y más cual u otra cosa que la inmensa mayoría de la población no tenía la menor posibilidad de adquirir. Hasta que a raíz de los últimos juegos de Winnipeg, en que por cierto el bandidismo y la corrupción en el deporte, como en otras tantas cosas, se hizo más evidente que nunca, decidimos —aunque tengamos que arrancarnos una mano, o, como se dice, aunque nos costara un ojo de la cara— acabar con la propaganda comercial en nuestras emocionantes competencias deportivas” (Fidel Castro. Discurso pronunciado em ocasião do encerramento do VIII Congresso da Federação Latino-americana de Jornalistas (FELAP), Aula Magna da Universidade De Havana, 12 de novembro de 1999).

Contudo, a adoção dessa fórmula foi o que permitiu ao país custear os gastos de uma dezena de grandes eventos esportivos entre 1993 e 1999 (GONZÁLEZ, 2014) e manter as transmissões dos mesmos. Atualmente, no contexto em que a mídia nacional toda se questiona a possibilidade de novas formas de gestão e financiamento, os administrativos de TeleRebelde acreditam que o uso da publicidade comercial geraria benefícios para a produção de informação esportiva, sem que isso implique no abandono da defesa dos valores nacionais (SÁNCHEZ, GONZÁLEZ In Convenção do Rádio e da Televisão Cubana, 2015).

Tendo como tela de fundo as discussões expostas anteriormente sobre o esporte e a televisão esportiva no país, o próximo item constitui uma aproximação dos mecanismos organizativos e das dinâmicas de trabalho dos telejornalistas pertencentes a TR. Ao interno desses fatores, o principal ponto de análise apresentado nesse apartado diz respeito dos dilemas essenciais da comunidade telejornalística esportiva e seus debates sobre autoridade, visibilidade e reconhecimento social.

### *3.3 Percepções sobre o telejornalismo esportivo em TeleRebelde*

O presente estudo processou as informações fornecidas por uma amostra de seis pessoas vinculadas ao telejornalismo esportivo dentro do canal TeleRebelde. Essa seleção procurou incluir profissionais vinculados a áreas distintas, como a produção jornalística e acadêmica, a narração de eventos e a apresentação de programas esportivos. Desta forma, a amostra está composta, primeiramente, por três telejornalistas fixos do canal. Dentre eles, um jornalista «veterano», cuja vida profissional tem se desenvolvido completamente dentro da TVC e, a maior parte desse tempo, tem sido dedicado exclusivamente ao telejornalismo esportivo. Esse trabalho é dividido com o de professor de jornalismo esportivo<sup>151</sup> na Faculdade de Comunicação de Havana. Além dele, foram incluídas duas jornalistas, parte de uma geração nova, que supus uma incorporação mais numerosa de mulheres nas dinâmicas produtivas do telejornalismo nacional.

---

<sup>151</sup> Disciplina inserida no penúltimo (nono) período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação de Havana, semestre no qual estão incluídas todas as disciplinas de especialização, todas de caráter eletivo (Internacionais, Esporte, Jornalismo Cultural, etc).

A amostra incorpora também um comentarista em condição de colaborador externo com TR, que mantém seu trabalho como repórter e analista esportivo em outros espaços do jornalismo nacional fora do meio televisivo. Finalmente, foram entrevistados dois comentaristas esportivos –provenientes os dois de outras profissões fora da área da comunicação-, cujas funções convergem e, em ocasiões, parecem competir com as funções dos jornalistas do canal. A seleção desses dois profissionais está sustentada em que, devido às condições que caracterizam os primórdios da mídia esportiva em Cuba, as fronteiras entre jornalistas e comentaristas parecem se manter difusas até hoje.

Duas das entrevistas utilizadas no nosso estudo foram realizadas pessoalmente, em Havana, enquanto o resto dos contatos aconteceram através de redes sociais e correio eletrônico. Todos os profissionais contatados responderam a uma enquete realizada pela autora, que incluiu perguntas sobre as percepções e concepções da comunidade de telejornalistas esportivos relacionadas seu trabalho em TR. Alguns dos dados recolhidos aqui contemplam, igualmente, conversas informais, bem como observações pessoais da autora, durante períodos curtos de convívio com a comunidade analisada (prévios à realização deste estudo) e a revisão de alguns materiais audiovisuais produzidos por ela. A sustentação da pesquisa numa perspectiva empírica, com destaque da enquete e dos depoimentos diz respeito da carência de referentes bibliográficos que caracterizam os estudos sobre comunicação em Cuba. Esse fenômeno se agudiza no campo de estudo do jornalismo esportivo.

A seguinte tabela relaciona os profissionais entrevistados. Os números conferidos a eles, serão usados nas próximas páginas para referenciar alguns dos principais resultados obtidos na pesquisa, a partir das enquetes aplicadas ao grupo descrito.

<b>No. de referência</b>	<b>Nome</b>	<b>Função em TeleRebelde</b>	<b>Vínculo laboral</b>	<b>Formação acadêmica</b>
1	Carlos A. González García	Repórter, Apresentador	Jornalista, Canal TR	Jornalismo
2	Niurka Talancón Villafranca	Repórter, Apresentador	Jornalista, Canal TR	Jornalismo
3	Diana González Pino	Repórter	Jornalista, Canal TR	Jornalismo

4	Dayán García La O	Comentarista, Apresentador. (colaborador externo)	Radio CoCo Bohemia	Jornalismo
5	Renier González Pérez	Narrador, Comentarista, Apresentador	Canal TR TeleSur	Ensino médio. Treinador de Xadrez.
6	Reynier Batista Morales	Narrador, Comentarista, Apresentador (colaborador externo)	Radio CoCo Canal Habana	Professor de Ensino Fundamental. Habilitação em Comentarista Esportivo

3 Tabela 2. Relação de profissionais entrevistados (2016-2018)

O modelo de enquete<sup>152</sup> aplicada aos profissionais entre 2016 e 2018, abarcou um total de 21 perguntas. Nelas foram incluídas questões de tipo geral (nome, idade, formação, trabalhos anteriores), bem como outros questionamentos focados nas motivações pessoais e na percepção dos profissionais sobre algumas categorias que envolvem seu trabalho. Trabalhamos com perguntas de múltipla escolha, de avaliação por escala<sup>153</sup>, de definição de conceitos e outras perguntas de tipo argumentativo. Como complemento, se utilizaram as entrevistas individuais. Assim, as discussões a seguir constituem os principais resultados derivados de todos os elementos incluídos no estudo.

Em 2013, os telejornalistas esportivos do SITVC se depararam com o desafio de abandonar sua condição de Redação Esportiva<sup>154</sup>, para se assumir como um canal especializado. Isso demandaria não apenas novas rotinas e dinâmicas, mas o desenvolvimento de um pensamento produtivo mais abrangente. Como temos referido com anterioridade, a assunção desse desafio sem possuir os requerimentos técnicos e tecnológicos indispensáveis, tem derivado numa certa instabilidade na grade do canal e em ofertas comunicativas com perfis muito semelhantes entre si.

<sup>152</sup> O modelo de enquete utilizada pode ser consultado no Anexo 1. As referências utilizadas para marcar os resultados das enquetes correspondem ao número assignado a cada entrevistado no listado relacionado no item *Características da amostra*.

<sup>153</sup> Em algumas categorias como *visibilidade, reconhecimento profissional e grau de autonomia*, pedimos aos profissionais que pontuassem sua percepção das categorias, utilizando uma escala de 1 a 10 (sendo 1 o valor mais baixo e 10, o mais elevado).

<sup>154</sup> años 80 había sido la Redacción de Deportes la que controló la totalidad de los programas de este tema que se ponían en pantalla (...) A mediados de los 90 esta Redacción había pasado a formar parte del Sistema Informativo, entidad encargada de toda la producción de noticias en nuestra TV, cuyo presupuesto cubría la programación y su logística apoyaba la misma (González, 2014: 84).

No entanto, a independência adquirida após a especialização, parece ter beneficiado os níveis de autonomia do coletivo, que continua em processo de reestruturação de suas rotinas de trabalho. Atualmente o canal encontra-se dividido em várias áreas, correspondentes aos diferentes momentos do processo de produção. Na área informativa, especificamente, estão agrupados cerca de 30 profissionais, incluindo os telejornalistas, os comentaristas, e o pessoal técnico-artístico (esse último subgrupo não foi incluído na nossa amostra). Além deles, existe uma rede de colaboradores externos, que se vinculam ao canal geralmente de forma temporal; bem como outros colaboradores em províncias, que fornecem informações através do sistema de telecentros regionais.

Atendendo a esses recursos humanos ligados diretamente à produção informativa, no relativo às estruturas organizacionais, TR divide o processo de previsão e de planejamento de coberturas e transmissões em três etapas formais. Como veremos no sucessivo, o salto para a especialização sem condições reais contribui para que ainda hoje se mantenham estruturas e dinâmicas herdadas da antiga Redação Esportiva.

Uma primeira etapa corresponde ao planejamento anual, momento em que se faz a previsão dos eventos, as temáticas e as comemorações que o canal deve atender, de acordo com o calendário esportivo do ano. Uma segunda etapa corresponde aos planejamentos mensais, onde se organizam as transmissões e outras questões logísticas mais pontuais. Tanto essa, quanto a primeira etapa, envolvem unicamente os diretivos do canal e seus superiores, encarregados de dirigir a programação da TV nacional.

Sobre a eficiência desses dois estágios, González (2014) expõe que ainda não foi desenvolvido um mecanismo permanente de projeção e previsão das transmissões. A agenda é imposta pelos jornalistas e as fontes, denotando uma “ineficaz política de tematização”. Nesse sentido, ainda é possível perceber que a inclusão de determinados eventos nos planos, “muitas vezes depende das alertas fornecidas à gerência pelos próprios profissionais que trabalham com cada um dos esportes, e depois se planeja a produção em função das capacidades [reais] que a produtora possui” (p. 119).

O último estágio do planejamento das coberturas tem caráter semanal. Diferente dos anteriores, nesta etapa se desenvolvem reuniões internas para recolher as principais propostas de cobertura dos telejornalistas e tentar encaixa-las nas tarefas já definidas pela administração do canal (GONZÁLEZ, 2016; GONZÁLEZ PINO, 2018). Neste quesito,

a quantidade e variedade das propostas derivam –dentre outros fatores- da proximidade do jornalista com as fontes ativas e organizacionais (nacionais e internacionais) relacionadas ao seu esporte.

No referido aos elementos que medeiam a seleção dos temas, bem como a qualidade e o enfoque das matérias produzidas, o coletivo aponta em primeiro lugar a incidência dos fatores econômicos, e as conseqüentes carências de recursos e de condições de trabalho. O canal não possui um sistema técnico-tecnológico próprio e depende dos recursos de outras unidades da TV nacional, isso deriva em que muitas das coberturas esportivas devam concorrer com outros eventos domésticos. A divisão dos bens entre unidades, considerando que nenhum espaço da imprensa nacional possui uma infraestrutura tecnológica privilegiada, provoca atritos entre as comunidades de jornalistas. Enquanto isso, os telejornalistas esportivos se vem obrigados a se deslocar de sua redação para conseguir completar o processo de pós-produção das notícias<sup>155</sup> (GONZÁLEZ PINO, 2018). Essas condicionantes limitam a agilidade e eficiência produtivas, bem como as formas de narrar, fortalecendo o uso de estratégias narrativas mais ortodoxas (GONZÁLEZ, 2016; GARCÍA, 2016).

Em estreita relação com o anterior, os fatores organizacionais constituem o segundo aspecto mais importante na mediação das rotinas do canal. Esse ponto se relaciona à estrutura e às dinâmicas internas que, apesar das reuniões e o planejamento que temos descrito, continuam reféns da dependência de recursos técnicos de outras unidades e da falta de convergência e comunicação entre os diretivos e os jornalistas, incidem na estabilidade da agenda de coberturas de TR.

(...) existe falta de rigor no estabelecimento e posterior cumprimento das competências de cada um dos profissionais envolvidos na concepção e exibição dos espaços, e são manifestos problemas na comunicação entre os diferentes níveis de hierarquia e ambigüidades no respeito das linhas de autoridade, mesmo além da jurisdição do canal.

(...) Da mesma forma, foi apreciado que os diretores e/ou assessores dos programas de perfil informativo não trocam critérios com a chefia de informação para planejar seus espaços, e os mecanismos para fazê-lo não estão concebidos. (...) certas diretrizes relacionadas à política informativa são transmitidas aos envolvidos diretamente pelos níveis superiores do ICRT,

---

<sup>155</sup> Essa discussão é abordada nas duas entrevistas incluídas no Anexo 1.

sendo ignorados os mandos intermediários (GONZÁLEZ, 2014: 98-99, tradução nossa)<sup>156</sup>.

Isso tudo deriva em que alguns eventos esportivos nacionais não sejam cobertos ou devam ser recolhidos em notas informativas (tomadas de agências de notícias), além de influir na criação de atritos entre as fontes de informação e o meio. Em terceira e quarta ordem de importância, os telejornalistas esportivos de TR apontam as decisões pessoais e outros fatores como mediadores das rotinas e processos do canal.

Além das questões organizativas e estruturais, pudemos perceber que os telejornalistas esportivos de TR também enfrentam dilemas que permeiam suas dinâmicas e condicionam a construção de suas noções e preocupações em torno da performance profissional e as relações com o público e o poder. Essas tensões demarcam os principais atritos nas relações com comunidades externas, tanto quanto expõem os conflitos internos que caracterizam a produção informativa esportiva. Atendendo a isso, organizamos esses dilemas em quatro subitens que respondem a: 1) Tensões relacionadas ao capital cognoscitivo; 2) Percepção sobre os espaços de privilégio; 3) Conflitos referidos ao campo das influências; 4) Disputas em torno da autoridade jornalística.

### *3.2.1 Tensões relacionadas ao capital cognoscitivo*

Embora o baixo conhecimento e interesse nos documentos regulatórios internos é um dilema que atinge praticamente a toda a imprensa nacional, a maioria das redações conta efetivamente com um Manual de Redação e Estilo e uma Política Editorial, mesmo que eles sejam pouco consultados ou difundidos. No caso da comunidade estudada, o salto de Redação Esportiva (SITVC) para canal especializado TeleRebelde fez com que esse tema fosse deixado de lado para focar em resolver outras questões organizativas mais urgentes. Apesar de que os entrevistados consideram que os documentos regulatórios

---

<sup>156</sup> Trecho original citado: “falta rigor en el establecimiento y posterior cumplimiento de las competencias de cada uno de los profesionales que intervienen en la concepción y puesta en pantalla de los espacios, y se manifiestan problemas en la comunicación entre los distintos niveles de jerarquía y ambigüedades en el cumplimiento de las líneas de autoridad, incluso más allá de la jurisdicción del canal. (...) Igualmente se apreció que los directores y/o asesores de los programas de perfil informativo no realizan intercambios de criterios con la jefatura de información para planificar sus espacios, y no están concebidos los mecanismos para hacerlo. (...) determinadas orientaciones referidas a política informativa se transmiten directamente a los implicados desde los niveles superiores del ICRT, obviándose los mandos intermedios.”



seriam meridionais para guiar e padronizar seu trabalho, em TR ainda nem foram criados. Para ter uma ideia, após um ano de especialização do canal, o Manual de Identidade Corporativa ainda se encontrava em processo de revisão e implementação (GONZÁLEZ, 2014).

Essa pobreza normativa facilita uma prática antiga no sistema televisivo nacional: os profissionais que chegam para trabalhar em TeleRebelde, assumem as rotinas já existentes, sem que medie um controle estrito sobre como devem ser produzidas as matérias ou se elas estão seguindo um estilo discursivo coerente com a missão do meio (1). A prática é defendida pelos comentaristas esportivos por considerá-la a via mais expedita para apreender das dinâmicas do meio, no entanto, a inexistência dos documentos regulatórios tem provocado uma falta de unicidade estilística nos produtos informativos. Da mesma forma, percebe-se seu impacto nas práticas cotidianas,

não apenas em termos de pautas de redação, no caso de noticiários, e no que diz respeito ao uso da linguagem oral em programas que exigem improvisação, mas também no uso adequado de todos os elementos audiovisuais e no ajuste aos padrões éticos dos profissionais envolvidos na produção dos conteúdos (GONZÁLEZ, 2014: 95, tradução nossa)<sup>157</sup>.

De acordo com González (2016), o empirismo tem caracterizado o trabalho da TVC desde seus primórdios, e ainda hoje prevalece em muitos estágios do processo da produção noticiosa. O planejamento das coberturas, a conformação das agendas de programação, a organização dos recursos e materiais de trabalho são elementos que ainda devem muito à espontaneidade e ao imprevisto, às vezes sob a justificativa de que não existem recursos suficientes. Embora de forma geral parece não existir grande interesse na criação dos documentos regulatórios, percebemos que os profissionais com formação em Jornalismo apresentam maior grau de reconhecimento dos benefícios que as normas poderiam trazer para a organização das rotinas produtivas internas.

González adverte, nesse sentido, que existe ainda um certo grau de subestimação por parte das autoridades administrativas e da direção geral, respeito da importância

---

<sup>157</sup> Trecho original citado: “no solo en cuanto a pautas de redacción, en el caso de los informativos, y en lo referido al uso del lenguaje oral en los programas que requieren de la improvisación, sino también en la adecuada utilización de todos los elementos audiovisuales y en el cumplimiento de los patrones éticos de los profesionales involucrados en la producción de los contenidos.”

desses “documentos reitores” para construir uma melhor programação, em função da identidade e dos objetivos do canal (2016, 2014). Essa aparente desvalorização, por outro lado, não está limitada às relações internas com a chefia do canal. De acordo com a percepção do grupo, sua preparação profissional e seu trabalho cotidiano costumam ser minimizados pelas outras comunidades jornalísticas do país. Isso faz com que o coletivo da mídia esportiva enxergue na especialização um caminho para ganhar reconhecimento e legitimidade perante outros grupos homólogos.

De forma geral, a especialização constitui uma preocupação destacada para a imprensa doméstica, por enxergar nela não apenas uma forma de aprimoramento do seu desempenho, mas uma via para se aproximar das técnicas e estratégias narrativas internacionais. Nesse sentido, é importante para o jornalismo nacional se enxergar –pelo menos em alguma medida- como partícipes de uma certa comunidade profissional global, da qual se sentem comumente excluídos. O telejornalismo esportivo nacional compartilha com seus pares essas preocupações. Não obstante, através da nossa análise das características e motivações do grupo, pudemos perceber uma forte ligação entre a vontade dos profissionais de se especializar, e a necessidade de aliviar conflitos internos relacionados ao reconhecimento profissional.

De acordo com as opiniões recolhidas, uma grande parte dos telejornalistas e comentaristas esportivos acreditam que a complexidade do seu trabalho não é valorizada em toda sua magnitude pela direção do canal, bem como por outros grupos de jornalistas pertencentes a outros espaços informativos. Essa percepção toma como base a ideia de que na hora de julgar o seu trabalho, os agentes mencionados parecem não levar em consideração a qualidade das matérias produzidas, em comparação com as condições nas quais elas devem ser elaboradas.

De outro lado, embora o fenômeno do *intrusismo profesional* atingiu toda a imprensa nacional após o triunfo da Revolução Cubana, a TV e especialmente a mídia esportiva vinculada a ela, foram os espaços de maior incidência de profissionais advindos de outros ramos. Os primeiros jornalistas/comentaristas esportivos da televisão nacional

provinham de emissoras radiais e de jornais impressos<sup>158</sup>, porém nenhum deles tinha formação jornalística ou mesmo universitária. Muitos deles eram inicialmente promotores de esporte e, mais recentemente, formados em Cultura Física. Essa aparente proximidade os levou a trabalhar na mídia. Todavia, devido à pouca formação profissional geral, prevaleciam nas narrativas do telejornalismo esportivo cubano, a escritura com erros, a fala pouco formal, as gírias marcadas, uma linguagem extraverbal exagerada e um certo tecnicismo (GONZÁLEZ, 2016). Apesar de que hoje o contexto é diferente, essa visão herdada do passado tem contribuído para manter a fragilidade do respeito profissional da comunidade perante outros grupos de jornalistas nacionais.

Ao interior da própria mídia esportiva, os critérios acerca dos «intrusos» são variáveis, mas principalmente relacionados à delimitação de fronteiras profissionais, como veremos mais à frente. O fenômeno é tolerado, desde que se consiga domínio das ferramentas comunicativas imprescindíveis e conhecimentos sobre o esporte abordado. Consequentemente, hoje se dá maior importância à formação universitária e à inclusão de pessoas jovens nas redações esportivas de forma geral, o que tem contribuído para o crescimento do nível profissional do setor. Além de uma disciplina incluída no programa do curso de Jornalismo, os profissionais da televisão esportiva têm acesso a cursos, oficinas, workshops e diplomados na área. Nesse sentido, os telejornalistas percebem flexibilidade e preocupação das estruturas administrativas e de direção respeito da capacitação do pessoal (3).

Os cursos e eventos são disponibilizados e coordenados por várias instituições, dentre eles: o Centro de Estudos do ICRT, o próprio canal TR e a Cátedra de Jornalismo Esportivo, pertencente ao Instituto Internacional de Jornalismo José Martí (IIPJM). Essa Cátedra possui um amplo programa de aulas e seminários, e oferece um curso de pós-graduação internacional, com foco em jornalistas latino-americanos principalmente. No referido à preparação prévia dos telejornalistas nos contextos de grandes eventos esportivos, tanto a Cátedra quanto diretores do INDER e treinadores, fornecem informações sobre as condições das seleções nacionais e os prognósticos sobre seu

---

<sup>158</sup> Atualmente parece acontecer da mesma forma. Os comentaristas incluídos no estudo confidenciaram que o jornalismo esportivo radial foi o que motivou a aproximação deles com o mundo das mídias informativas e, da mesma forma, foi o rádio o meio de trânsito antes de chegar na TV.

desempenho (GARCÍA, 2016). Isto funciona de forma diferente a outras comunidades jornalísticas nacionais, que recebem com certa regularidade cursos de preparação coordenados pelo Partido conjuntamente com outras instituições administrativas, a fim de estruturar e organizar os enfoques discursivos para determinadas coberturas.

### *3.2.2 Percepção sobre os espaços de privilégio*

Apesar da aparente subestimação externa percebida pela comunidade, existem determinados espaços que geram tensões por serem considerados externamente como privilégios concedidos à mídia esportiva. Além de dinâmicas regulatórias externas diferenciadas e um relacionamento com as fontes menos acidentado (como veremos proximamente), a facilidade de acesso a uma série de emissoras e programas televisivos por assinatura coloca aos telejornalistas esportivos numa certa postura privilegiada, em termos de contato e intercâmbio com referentes internacionais.

“Desde o ponto de vista da autopreparação, hoje em dia é muito mais fácil aceder a fontes de informação estrangeiras através da Internet ou das emissoras de TV internacionais” (GONZÁLEZ, 2016), e TR consegue acompanhar em tempo real a grade de televisoras estrangeiras importantes como Being Sport, ESPN, Fox Sport, bem como às transmissões de eventos esportivos de relevância como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol, ligas europeias de futebol (Espanhola, Inglesa, Serie A, Bundesliga), Campeonatos Mundiais de Atletismo, de Boxe e de Vôlei, entre outros.

Por outro lado, desde há vários anos, Cuba paga pelos direitos de transmissão da maioria dessas programações, com exceção de algumas emissoras norte-americanas. Esse assunto constitui um tema sensível para o país, que utiliza a brecha deixada pelas restrições do Bloqueio dos Estados Unidos<sup>159</sup> a Cuba, para conseguir incluir na

---

<sup>159</sup> Documento assinado por John F. Kennedy em 1962. O Bloqueio econômico, comercial e financeiro dos Estados Unidos contra Cuba possui caráter unilateral. Organizações internacionais de direitos humanos consideram “o embargo” como um dos conjuntos de sanções mais complexos já desenvolvidos pelos governos norte-americanos contra qualquer país (Amnistia Internacional, 2009). Inclui um total de oito leis. Dentre as mais conhecidas estão a Lei Torricelli (1992), que proíbe às empresas subsidiárias americanas em terceiros países de realizar transações com Cuba ou com cidadãos cubanos, bem como estabelece uma restrição de entrada ao território estadunidense de 180 dias, aos navios de terceiros países que tocarem portos cubanos. A Lei Helms-Burton (1996) proíbe a entrada nos Estados Unidos de donos de empresas (y seus familiares) que tiverem investido no território cubano, sob a pena de demandas em tribunais americanos. Outras leis e decretos restringem a importação e exportação de

programação eventos demandados pela audiência doméstica, e cuja transmissão é restringida para Cuba. Desta forma, “o sistema da televisão nacional dedica cerca de um 30% de sua programação esportiva à transmissão dos eventos profissionais mais importantes do mundo” (GONZÁLEZ, 2014: 93).

Essa característica parece induzir o coletivo a priorizar dentre seus principais referentes de preparação e de estudo cotidiano, os produtos comunicativos audiovisuais de origem estrangeira, seguido de conteúdos de mídias digitais e impressas de origem estrangeira e nacional, nessa ordem de importância. Embora os telejornalistas e comentaristas esportivos de TR destacam que os períodos prévios às coberturas importantes são os mais intensos no relativo à preparação pessoal, o consumo diário de informação esportiva e o estudo das regras e técnicas das disciplinas esportivas abordadas individualmente é apontado como imprescindível para uma melhor performance profissional (1, 5). Essa rotina de preparação pode incluir o acesso diário aos sites das principais instituições esportivas internacionais e a consulta das competições ativas no momento, além do contato frequente com as instituições esportivas nacionais. Quando os esportistas cubanos estão envolvidos nos eventos, a pesquisa costuma ser mais focalizada nesses atores (1).

No referido às fontes de informação, os telejornalistas esportivos se encontram com outro «espaço de privilégio». Diferente do resto da mídia nacional, o esporte parece ser o campo onde se geram menos atritos entre jornalistas e fontes. Nossa análise mostrou que essa comunidade não se sente afetada de forma comum com o fenômeno do secretismo, bem como pela regulação da informação pelas fontes. Nesse sentido, as fontes esportivas, tanto as de alto nível quanto as intermediárias, foram caracterizadas pela maior parte dos entrevistados como “comunicativas”, “interessadas em dar visibilidade aos esportes e atividades que desenvolvem” e prestativas. Embora de forma cotidiana as fontes não procurem a atenção jornalística, costumam se mostrar abertos para dar informações (GONZÁLEZ PINO, 2018) e divulgar processos de treino, organização de competições,

---

tecnologia e bens de consumo; proíbem o registro de marcas associadas a propriedades cubanas nacionalizadas depois do triunfo da Revolução, bem como o outorgamento de qualquer tipo de ajuda ao Governo Cubano.

entre outros. Da mesma forma, costumam responder positivamente quando convidados em qualidade de especialistas aos programas produzidos no canal.

Apesar disso, é pouco comum encontrar nos espaços a presença de diretivos ou administrativos do INDER e se percebe pouca variação nas fontes informativas (vivas e documentais). É visível, da mesma forma, uma tendência a diminuir o contato com as fontes vivas, em favor de informações redigidas por outras mídias ou sites institucionais, às vezes sem referência ou citação do local original da publicação. Essa prática parece motivada pela busca de maior facilidade no processo de produção e atinge tanto as informações referidas ao esporte nacional quanto às do âmbito internacional (GONZÁLEZ, 2014, 2016).

O fenômeno também parece influir na variedade das matérias produzidas. Na conformação dos espaços essencialmente noticiosos se percebe uma maior presença das notas informativas (usando voz gravada ou a imagem do jornalista) ilustradas com imagens dos eventos ou com material gráfico de arquivo. Os gêneros como entrevistas, comentários, resenhas ou crônicas aparecem em menor medida, reservados principalmente aos eventos nacionais importantes (como o beisebol) com tradição no país. Embora seja preciso destacar que nos últimos anos tem aparecido dentro do canal programas não estritamente noticiosos, que conseguem explorar melhor a utilização de técnicas e gêneros jornalísticos mais variados; de forma geral, os telejornalistas esportivos parecem não estar explorando adequadamente esses supostos espaços de privilegio com os que contam.

Outras tensões entre a comunidade de telejornalistas esportivos e outros jornalistas nacionais dizem respeito do acesso a coberturas de alto nível, o que inclui desde torneios nacionais importantes até eventos internacionais de grande porte. Diferente do que acontece de forma cotidiana com eventos pertencentes a outros ramos da vida doméstica e internacional, o capital investido pelo país para garantir a cobertura e difusão de grandes eventos esportivos é consideravelmente alto, atendendo às condições econômicas e financeiras da nação.

Da mesma forma, o esforço estatal por colocar telejornalistas e comentaristas esportivos para reportar *in situ* espetáculos como Jogos Olímpicos, Jogos Pan-americanos, torneios de boxe e vôlei e, mais recentemente, Copas do Mundo de Futebol,

parece muito maior se comparado com a mobilidade permitida a outros jornalistas nacionais. Isso se junto ao fato de que a mídia esportiva tem protagonizado, desde 1992, um fenômeno particular de contratação e colaboração com equipes internacionais, para dar cobertura a certâmenes importantes como JO.

Contraditoriamente, quando questionados nesse sentido, a maior parte dos profissionais incluídos no nosso estudo indicaram que sua comunidade possui um mesmo nível de acesso a coberturas importantes, que seus homólogos pertencentes a outras áreas do jornalismo. Esse resultado –obtido a partir da avaliação das enquetes- foi refutado posteriormente pelas entrevistas individuais realizadas pela autora. Através de um contato mais próximo, conseguimos perceber que o acesso a coberturas e os benefícios que elas parecem gerar, em termos de capital simbólico, demarcam alguns pontos de tensão não apenas com outros profissionais externos, mas ao interior da própria comunidade de TR, como veremos proximamente.

### *3.3.3 Conflitos referidos ao campo das influências*

A análise da bibliografia e do material empírico, permitiu perceber que as tensões mais marcadas dentro da comunidade se deslocam das regulações das estruturas de poder para outros espaços de influência, como o reconhecimento social e a visibilidade.

As enquetes realizadas pela autora confirmaram que existe consenso quanto à percepção de níveis de visibilidade profissional altos e muito altos (valores entre 7 e 9, numa escala de 10), apesar do caráter especializado do canal TeleRebelde. Também foi destacado que trabalhar para o meio televisivo e a longa tradição esportiva no país influem no impacto dos seus materiais na audiência, derivando em níveis de reconhecimento social também muito altos. A categoria foi associada diretamente ao respeito do público, e sustentada na percepção de um prestígio profissional acumulado e um alto padrão de qualidade dos trabalhos produzidos.

Embora a questão do reconhecimento social é um aspecto comum à mídia televisiva em geral, González Pino (2018) acredita que a tradição e popularidade do campo esportivo no país, bem como os recursos dedicados a ele, parecem tornar mais intensos os atritos com comunidades jornalísticas externas, mas especialmente, aviva as tensões dentro da própria comunidade de TR.

(...) acima de tudo, o esporte sempre foi um espaço ainda mais cobiçado e de maiores confrontos porque tem outros benefícios, como as viagens ao exterior, que você ganha se tiver assignado esportes importantes, que são os que costumam ter viagens ao exterior para competições. Então, há uma luta também por ter os melhores esportes (idem)<sup>160</sup>.

As lutas internas percebidas, derivadas em grande parte da busca pelo reconhecimento e o controle de parcelas de influência, abrangem conflitos entre gerações, disputas na definição das fronteiras profissionais e, em menor medida, conflitos de gênero. Embora aqui tentamos abordar essas tensões de forma delimitada, acreditamos que na prática resulta complexo –até mesmo para a comunidade- estabelecer limites definidos entre cada uma delas.

Respeito da questão geracional, ela é marcada com maior frequência pelos jornalistas mais jovens ou por quem se incorporou de forma recente ao coletivo do canal. González Pino (2018) e García (2016) percebem uma presença alta, porém contextual, de tensões entre veteranos e jovens. Isto quer dizer que de forma cotidiana é possível observar que os veteranos delegam funções nos mais novos e, em várias ocasiões, os responsabilizam por horários de trabalho ou prazos de entrega que não são cumpridos com eficiência. Outras vezes, os jovens podem ser culpados por erros que, de forma geral, todos os profissionais do meio cometem (GONZÁLEZ PINO, 2018).

Essa percepção tem existido desde sempre (Idem), mas com a transformação da Redação Esportiva em um canal independente, e a abertura para a contratação de novos profissionais –numa comunidade que se caracterizava por ser particularmente fechada- têm exposto de forma mais viva esse tipo de atrito. “Os recém-chegados ameaçam o capital simbólico dos mais antigos” e isso provoca um certo distanciamento que pode afetar as dinâmicas produtivas. Mais que tudo, “importa que você é jovem, e não vai tocar o bom para você porque quem tem mais tempo trabalhando lá não vai deixar que você se dê melhor do que ele” (Idem). Para García (2016), mais que uma questão geracional, esse fenômeno fala da estruturação de um sistema de valores controverso que, em sua opinião, se traduz em conflitos humanos, “de «vacas sagradas», de intocáveis, de baixas paixões, de *amiguismo*, de paternalismo”, atravessados por uma falta de preparação profissional.

---

<sup>160</sup> Consultar entrevista completa no Anexo 1



Atendendo aos depoimentos dos telejornalistas e a algumas das valorações referidas nas enquetes, conseguimos identificar que esse conflito parece estar mediando a organização do fluxo produtivo, principalmente nas divisões do conteúdo de trabalho, cuja origem é reconhecida como endógena e “espontânea”. Nesse sentido, foi referida a existência de *escalas de colocações*<sup>161</sup>, que delimita uma ordem de hierarquia interna na cobertura dos esportes.

As escalas estão conformadas por esportes e são divididas entre grupos de telejornalistas e grupos de comentaristas. Quem ocupa a primeira posição em sua escala tem prioridade na cobertura do acontecimento ou evento esportivo no qual se especializa. As colocações posteriores servem de backup para as situações específicas em que o predecessor não pode assistir à cobertura ou quando devem ser reportados mais de um evento da mesma modalidade esportiva. Como dentro do canal os profissionais podem atender mais de um esporte, um mesmo profissional pode ocupar posições diversas em diferentes escalas. “O objetivo é ser dos primeiros em vários esportes, porque isso garante maior conteúdo de trabalho”, bem como maior prestígio social, visibilidade, eventos e, em consequência, mais viagens ao exterior e mais possibilidades de contratações em outros espaços midiáticos (GONZÁLEZ PINO, 2018).

A organização dessas escalas é decidida pelo próprio coletivo, perante a mediação do diretor imediato. No entanto, as posições parecem ter sido herdadas da estrutura da antiga Redação Esportiva e não costumam sofrer grandes alterações. “Os mais veteranos são sempre os primeiros e, quando se aposentam, o próximo ocupa seu lugar. Por isso os mais jovens temos quase sempre os últimos lugares e os esportes menos importantes” (Idem).

Paralelo aos conflitos de gerações, se percebem fortes tensões no quesito das fronteiras profissionais. Embora nos primórdios da mídia esportiva nacional, as funções do telejornalista e do comentarista esportivo costumavam confluir num mesmo profissional, no decurso dos anos, e associado ao crescimento dos graduados em jornalismo nas redações informativas, tem se visto um interesse por separar os dois perfis.

---

<sup>161</sup> Isso se refere ao termo em espanhol *escalafón*.

Por um lado, os comentaristas esportivos, sem formação universitária ou advindos de outras áreas de conhecimento, percebem (salvo algumas exceções) um grau de reconhecimento médio por parte dos telejornalistas, embora não é declarado abertamente a existência de conflitos profissionais. Os comentaristas se sentem pressionados a apresentar maiores níveis de preparação e conhecimento especializado, embora é reconhecido que uma porcentagem elevada dessa pressão é exercida pela audiência nacional, uma outra parte está relacionada ao contexto nacional atual.

A jornalista e comentarista esportiva Julia (Julita) Osendi, com grande reconhecimento social e profissional no país, refere que tardou anos antes de conseguir tornar-se comentarista. No mesmo sentido, diz ficar surpresa de que atualmente “qualquer um” tenha a possibilidade de chegar e pegar um microfone para falar e comentar na frente de uma câmera. Osendi acredita que não se respeitam os tempos de maturação profissional e que isso influencia a qualidade das narrações e dos comentários esportivos (In ARMAS, 2011).

René Navarro, também uma figura relevante dentro da mídia esportiva do país, reconhece por sua parte, que hoje

[os comentaristas] têm que ser melhores do que antes, porque aqueles da minha geração e os das anteriores não tinham os meios existentes atualmente. Não havia Internet, não havia referência de eventos no exterior, escassamente se contava com agências de notícias, tinham que dedicar-se horas e horas manualmente para levar tudo o que acontecia no exterior. Hoje temos estatísticos, sites especializados, Internet.... Não estamos no melhor momento da narração e o comentário esportivos, mas não é o pior (...). Tem que haver profissionalismo transbordante no que é feito para os espectadores, os ouvintes, inclusive no que se escreve (Navarro In Díaz González, 2016, tradução e edição nossas)<sup>162</sup>.

Do outro lado do conflito, uma parte dos telejornalistas esportivos questionados acredita que os padrões de profissionalismo nem sempre são atingidos pelos comentaristas. No referido à visibilidade e o acesso às coberturas, os formados em

---

<sup>162</sup> Trecho original citado: “tienen que ser mejores que los de antes, porque aquellos de mi generación y de las anteriores no dispusieron de los medios existentes en la actualidad. No había internet, no había referencia de eventos en el exterior, escasamente se contaba con las agencias cablegráficas, había que dedicarle horas y horas manualmente a llevar todo lo que acontecía en el extranjero. Hoy tenemos estadísticos, sitios especializados, internet... No estamos en el mejor momento de la narración y el comentario deportivo, pero tampoco en el peor (...) Tiene que haber profesionalismo desbordado en lo que se le hace llegar a los televidentes, a los oyentes, incluso en lo que se escribe”. Entrevista completa disponível em: <https://oncubamagazine.com/deportes/rene-navarro-no-queria-ser-un-segundon/>

jornalismo parecem enxergar os comentaristas como um grupo de potenciais concorrentes, embora essa percepção possua um caráter contextual e variável. Uma das origens das tensões referidas parece estar no fato de que os comentaristas esportivos, com programas próprios em TR, privilegiam os jornalistas externos para o desenvolvimento de debates e análises, em detrimento dos telejornalistas internos, também especializados nos esportes abordados. Outro elemento de desconforto se relaciona com a disparidade de salários entre um e outro grupo de profissionais (GONZÁLEZ, 2014). Os telejornalistas consideram que a remuneração das atividades dos comentaristas é desproporcionalmente mais elevada do que a deles, tendo em conta que “os jornalistas trabalhamos mais, porque somos muitas vezes nossos próprios editores e produtores” (GONZÁLEZ PINO, 2018).

Mais uma tensão entre os dois grupos de profissionais fala de uma aparente maior facilidade de acesso dos comentaristas a eventos esportivos internacionais. Talvez motivado pela prevalência no tempo de fronteiras difusas entre as duas profissões e pelas condicionantes materiais, em ocasiões o número de comentaristas esportivos presentes nas competições pode superar a quantidade de telejornalistas designados à mesma ou, inclusive, pode que não seja enviado nenhum jornalista para realizar a cobertura *in loco* do evento. Em consequência, os jornalistas devem valer-se de reportes de outras mídias ou aceder às fontes ou às informações utilizando recursos pessoais. Acreditamos que essa relação controversa entre ambos os grupos, ancorada na história do jornalismo esportivo cubano, poderia ter ajudado a preservar no tempo uma certa noção de que tornar-se comentarista constitui a coroação da carreira profissional de um telejornalista esportivo.

Finalmente, as tensões referidas à violência de gênero, mesmo que presentes em menor medida, poderiam estar falando da persistência em TR de um conflito aparentemente já superado em outras comunidades midiáticas do país. Isso tem sua base em que a tradição telejornalística esportiva cubana está caracterizada pela presença de figuras masculinas, salvando algumas poucas exceções. Uma das primeiras figuras femininas que conseguiu alcançar relevância no campo foi a já aposentada Julita Osendi, quem relata que nos primeiros anos de sua vida profissional foi afetada por não poucos obstáculos, pressões, discriminação, e “até mesmo desprezo... Muito disso proveniente dos próprios esportistas homens que se recusavam a dar entrevistas ou comentar sobre

qualquer coisa por eu ser mulher, principalmente beisebolistas e atletas de campo e pista” (In ARMAS, 2011, tradução nossa)<sup>163</sup>.

Osendi acredita ter contribuído para desbravar o caminho para as próximas gerações de mulheres na mídia esportiva nacional. Essa missão parece ter tido sua continuidade na jornalista Dayli Sánchez<sup>164</sup>, subdiretora do canal TR desde sua especialização em 2013 até 2017. Embora Sánchez (In ARMAS, 2016) não reconheça o peso que possa ter tido sua liderança em TR, durante sua direção esteve caracterizada pela incorporação de uma alta cifra de jovens ao canal, todas elas mulheres. Atualmente, Sánchez acredita que o machismo dentro do canal possui mais um caráter incidental, do que um fenômeno “feroz” (idem)<sup>165</sup>.

Embora a alta presença feminina em TR, nenhuma telejornalista mulher foi chamada para cobrir os Jogos Olímpicos de Rio 2016. Entrevistada para essa pesquisa, a telejornalista N. Talancón acredita que, tem se visto avanços no referido à aceitação de mulheres dentro da comunidade, porém ainda é imprescindível aprender a lidar com situações de violência de gênero e de discriminação, para que isso não determine seu desempenho e suas rotinas produtivas. González Pino (2018), sob uma outra perspectiva, aponta que o machismo atualmente não parece ter tanto impacto na designação de coberturas, quanto na eleição de mulheres para o desempenho de cargos e responsabilidades. Isso está vinculado à ideia de que as mulheres costumam descuidar suas responsabilidades profissionais em prol de atender assuntos familiares e domésticos. Essa situação, não obstante, deveria ser superada em alguns anos, de acordo com a visão das telejornalistas. Isso devido a que o desempenho profissional feminino tem adquirido padrões muito altos e “hoje a presença feminina nas redações esportivas não é mais uma situação estranha” (SÁNCHEZ, In ARMAS, 2016).

---

<sup>163</sup> Trecho original citado: “hasta desprecio hubo... Mucho de esto proveniente de los propios deportistas hombres que se negaban a dar entrevistas ni a comentar nada por ser yo mujer, sobre todo peloteros y atletas de campo y pista.”

<sup>164</sup> Dayli Sánchez Lemus. Formada em Jornalismo pela Universidade de Havana em 2006. Trabalhou como jornalista esportiva no Sistema Informativo da TVC e posteriormente, como subdiretora do canal especializado TeleRebelde. Atualmente dirige o canal Cubavisión Internacional.

<sup>165</sup> Em 2016, TR incluía na sua equipe (incluindo jornalistas fixas e colaboradoras) nove mulheres: Arelia Beitra, Niurka Talancón, Yisel Filiú, Karlienys Calzadilla, Diana González Pino, Yuliet Calaña, Angélica Arce, Brita García e Glenda Torres.

### 3.2.4 Disputas em torno da autoridade jornalística

Um das principais características que diferencia as dinâmicas dos telejornalistas esportivos de seus pares de outras áreas, tem a ver com os níveis de mediação e intervenção externa que os profissionais percebem. A menor ou maior presença desses elementos nas práticas diárias têm demonstrado constituir o núcleo principal dos dilemas dos grupos jornalísticos no país, e sua principal motivação para defender certas noções de profissionalismo, autonomia ou autoridade.

De acordo com os resultados obtidos a partir da análise das enquetes e dos depoimentos, os profissionais de TR percebem níveis muito baixos de mediação e intervenção estatal, manifestados quando referido ao tratamento de temas complexos ou sensíveis para o país. No entanto, tal regulação costuma ficar reduzida a critérios mais ou menos estáveis: trabalhos relacionados ao deterioro de algumas instalações esportivas nacionais; matérias envolvendo os salários dos esportistas; e reportagens onde se incluem atletas que tem abandonado o país de forma ilegal. Nos dois últimos casos, tem se percebido certa flexibilização a partir, fundamentalmente, de que algumas empresas esportivas internacionais começaram a contratar esportistas cubanos mediante representação do INDER. No entanto, ainda é exigido aos profissionais um extremo cuidado no discurso audiovisual, para evitar a promoção da imagem desses atletas (GONZÁLEZ, 2016; GONZÁLEZ PINO, 2018, entrevista pessoal com a autora).

A pouca mediação externa implica também na percepção de autonomia da comunidade de TR. Se bem outros grupos de profissionais midiáticos nacionais manifestavam um senso de autonomia lesada, os telejornalistas esportivos enxergam seu coletivo como um ente potencialmente autônomo na tomada de decisões. Fora os denominados «temas sensíveis», corresponde ao diretor do canal –em coordenação com seus superiores imediatos- tomar as decisões quanto a conteúdo e profissionais que realizarão as coberturas. No entanto as liberdades manifestadas, o coletivo destaca uma perda de autonomia ocasional dos telejornalistas, quando são deixadas de tomar “decisões que estão em seu poder, principalmente devido à conhecida «autocensura»” (3).

Apesar do *empirismo* mencionado e das incongruências tecnológicas, as *noções sobre profissionalismo* nessa comunidade não apresentaram resultados muito divergentes, em relação com as percepções da imprensa nacional em geral. O

*profissionalismo*<sup>166</sup> é identificado pelo grupo como um senso de respeito pelo trabalho realizado (5), um esforço e compromisso com a função social definida para a mídia (6, 3), bem como uma capacidade de desenvolver a labor profissional atendendo a padrões de dignidade, ética, sinceridade e objetividade (2, 3, 6). No relativo a orçamentos e à qualidade do produto final, o bom desempenho profissional é associado pela comunidade à necessidade de ser portador de uma alta capacidade criativa e de exploração inteligente dos recursos disponíveis. Outros aspectos apontados se relacionam ao trabalho em equipe e valores humanos (4).

No mesmo sentido, a categoria foi aproximada do conceito de *autoridade jornalística*. Definida pelos entrevistados em torno de três eixos convergentes: o reconhecimento do jornalismo enquanto instituição social legítima; a capacidade de decisão do jornalista para escolher e abordar um tema determinado, a partir de critérios de ordem profissional; e a potestade do profissional para difundir uma informação como verídica e coloca-la como tema de debate, temporário ou permanente, na agenda pública (1, 2, 3). Também foram associados à autoridade e profissionalismo critérios como credibilidade e prestígio, mediação eficiente entre o público e o acontecer, compromisso investigativo e questionador, seriedade informativa e “capacidade de interação com a teleaudiência” (5).

No referido à credibilidade, algumas opiniões destacam que o termo não pode ser aplicado à comunidade esportiva da mesma forma que aplicada a outras comunidades jornalísticas domésticas. Apesar de que o “complexo contexto esportivo cubano” ainda é abordado de forma tímida pelos jornalistas especializados, gerando incongruências entre as narrativas e a realidade (GONZÁLEZ, 2014), falar em uma crise de credibilidade dentro do telejornalismo esportivo nacional poderia estar mais relacionado a outros elementos de interação com as audiências (GONZÁLEZ PINO, 2018). A telejornalista esportiva, D. González Pino, avalia que –em termos gerais- as audiências cubanas

---

<sup>166</sup> Outra questão apontada foi a necessidade de estabelecer uma distinção entre os termos *profissionalismo* e *profissionalização*, especialmente quando eles estão sendo colocados na perspectiva da mídia esportiva. O primeiro remeteria à capacidade do profissional de exercer seu trabalho com altos padrões de qualidade e resultados relevantes; enquanto o segundo estaria se referindo ao desenvolvimento de uma atividade com fins de lucro, o que tem sido vedado das práticas esportivas e midiáticas nacionais (1). Essa distinção visa marcar o fato de que não existe esporte profissional no país (entendido esse termo em sua acepção mercantil). Toda prática esportiva em Cuba é considerada amador.

parecem mais preocupadas com o nível de especialização dos profissionais da mídia esportiva, do que com o grau de realismo presente nas narrativas dessa comunidade. Essa percepção se vê alterada apenas nas situações de conflito informativo acima relatadas.

Acreditamos que essa perspectiva, conjuntamente com a pouca presença da intervenção estatal nas rotinas informativas do canal, sejam as responsáveis pelo senso de subestimação política que os telejornalistas esportivos dizem perceber. Certamente, nos últimos anos, o esporte em Cuba tem se apresentado gradualmente como um campo menos politizado de forma direta, em comparação com estágios anteriores do processo revolucionário.

Hoje se pensa que o esporte é um tema nobre demais, que não tem a ver com política, com ideologias (...). Hoje, a gente encontra aqueles discursos de «regular o esporte para que», como se o que se fala nas redações esportivas não tivesse maiores conotações. No mínimo, essa é uma visão ingênua do fenômeno esportivo (GONZÁLEZ, 2016).

A visão de González, que diz respeito de um deslocamento de sentidos na percepção do esporte como área de influência política, está relacionada a um outro fenômeno que o próprio autor tem referido anteriormente. Da mesma forma em que o povo naturalizou as vitórias e começou a enxergar no jornalismo esportivo um espaço representações espetaculares (GONZÁLEZ, 2014), os representantes do poder político podem ter sido influenciados por uma lógica de entendimento semelhante.

Nossa percepção toma como referência as relações entre o poder e os outros grupos jornalísticos analisados nesta pesquisa. Temos visto que os principais conflitos que medeiam a performance e os sistemas ideológicos e culturais das comunidades midiáticas no país estão relacionados essencialmente ao impacto das fortes regulações externas. Esse caráter intervencionista do poder, por outro lado, tem sido sustentado na ideia da defesa da segurança nacional perante as agressões externas. A análise dos resultados obtidos no nosso estudo, tem nos permitido perceber que a incidência dos ataques externos contra o governo cubano, relaciona a área esportiva com muito menos frequência do que envolve outros espaços da vida da nação.

Paralelo a isso, os elementos que constituiriam os principais pontos fracos do sistema esportivo nacional, como instalações esportivas deterioradas ou falta de recursos materiais para desenvolver os treinos; acabaram fortalecendo a noção de potência

esportiva do país, que continuava ostentando medalheiros de primer mundo, apesar das carências. Quer dizer que, sem importar quais as condições contextuais, a imprensa esportiva parecia conseguir apresentar apenas histórias sobre vitórias<sup>167</sup>, protagonizadas pelo *atleta-herói* (RUBIO, 2001)<sup>168</sup>, que era ao mesmo tempo *atleta-nação* e *atleta-povo*. Essa característica, bem como a capacidade para se apresentar como mediador e especialista nas representações dessas histórias, parecem ter sido as bases do reconhecimento e da autoridade do telejornalismo esportivo nacional.

Por outro lado, as mudanças simbólicas experimentadas pelo país no decorrer dos anos e o contato frequente com as lógicas narrativas presentes nas transmissões de megaeventos esportivos, parecem ter influenciado no deslocamento da percepção popular do telejornalista esportivo como criador de realidade objetiva. Isso parece ser complementado igualmente com a presença de fronteiras difusas entre jornalismo e comentário/narração esportiva, e com uma certa incapacidade do povo para distinguir as funções de um e outro ator.

Todas essas condicionantes nos levam a entender que, ao estar mediado por pressões externas diferentes, o telejornalismo esportivo nacional tem tido a possibilidade de desenvolver noções de autoridade e de autonomia distintas, mesmo sustentando um senso de profissionalismo que é compartilhado com seus pares. Essas condicionantes divergentes, tem lhe permitido gerir suas preocupações e motivações a partir de outros fatores não necessariamente ligados as suas tensões com o poder, mas com a capacidade de preservar o prestígio externo. Isso está diretamente ligado aos enquadramentos que a comunidade faz sobre suas relações com a audiência, perante a qual desenvolve um senso de legitimidade que se desloca do debate dos valores políticos ou da representação exata da realidade, para a exigência de altos níveis de especialização e a capacidade de narrar histórias espetaculares.

Atendendo a essas percepções, concluímos que o telejornalismo esportivo cubano funciona hoje como uma comunidade «ilhada», atravessada por dinâmicas, preocupações

---

<sup>167</sup> Resulta interessante perceber também que, se analisadas profundamente, as regulações relacionadas aos atletas que abandonaram as seleções nacionais durante competições em eventos internacionais, denotam maior ênfase na percepção de orgulho nacional ferido (*atleta-nação* transformado em traidor) do que uma preocupação política com a vulnerabilidade do sistema.

<sup>168</sup> Tomamos como base a categoria definida por Rubio (2001). No entanto, as noções referidas ao caso cubano desestimam a perspectiva comercial que o termo também propõe.



e motivações particulares ao resto da comunidade jornalística do país. A ideia do conceito de ilha toma como referente também a percepção de que este grupo se comporta como uma comunidade fechada, questão motivada talvez por suas relações conflitantes com outros espaços jornalísticos domésticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a entender as tipicidades e tensões que atravessam a produção do jornalismo esportivo em Cuba, e especificamente do telejornalismo esportivo produzido no canal nacional especializado TeleRebelde. Tendo isso como base, o estudo apresentou uma sistematização histórica sobre a evolução da mídia cubana de modo a entender as variáveis económicas, sociopolíticas e, inclusive tecnológicas, que medeiam a produção jornalística neste país, dentro da qual o telejornalismo esportivo se enquadra.

A partir disso, apontamos que a nossa discussão se sustenta essencialmente na revisão bibliográfica e nos dados empíricos resultantes de entrevistas com seis informantes, o que inclui telejornalistas e comentaristas esportivos. Consideramos oportuno sinalizar que o contato com estes atores foi essencial para a elaboração das principais premissas apontadas no Capítulo 3. Como foi mencionado anteriormente, a falta de atualização dos documentos oficiais analisados e a ausência de diretrizes regulatórias da prática jornalística cubana, além da carência de referentes teóricos autóctones, nos levou a concluir que estas fontes vivas seriam –e de fato foram– fundamentais na construção das nossas análises.

Assim sendo, além de uma reflexão teórica, o presente trabalho constitui uma sistematização das práticas profissionais atuais dos jornalistas nacionais, cuja análise de sua performance encontra-se diluída em alguns poucos textos acadêmicos e matérias jornalísticas. Quanto à comunidade de telejornalistas esportivos cubanos, o presente estudo constitui –de acordo com nossas pesquisas– um aporte inédito para o grêmio cubano e para a academia brasileira. Por esse motivo, consideramos oportuno devolver e apresentar nossos resultados na Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana, onde também me formei como jornalista e onde atualmente não se tem nenhum registro analítico-descritivo de tais processos.

De modo geral, os dados empíricos apontaram para uma certa condição “*ilhada*” do telejornalismo esportivo cubano, que está dada fundamentalmente pela separação que a comunidade foi desenvolvendo, ao longo dos anos, do restante da comunidade jornalística em Cuba. Isso está sustentado em fatores de índole política, ideológica e de

capital profissional, que foram trazidos à tona na análise dos resultados. Assim, vemos como disputas atreladas a fatores tais como reputação e necessidade de legitimação do campo perante os outros jornalistas, bem como prestígio e visibilidade social, aparecem como elementos que estruturam atualmente a realidade do setor no país caribenho. Esse cenário também é demarcado por condições regulatórias específicas e pela luta recente do setor jornalístico por encontrar modelos de ação e gestão da mídia mais eficientes e adaptados ao novo contexto comunicativo e econômico do país. Isso tudo influencia e media a formas de “fazer” telejornalismo esportivo em Cuba.

Tendo apontado isto, gostaríamos de sinalizar algumas das principais limitações enxergadas no decorrer do trabalho, e também algumas recomendações gerais que a continuação detalhamos:

- Mencionamos várias vezes a existência de diferenças, em termos de acesso a recursos e de desenvolvimento tecnológico, entre as províncias do país, sendo que isso influencia nas práticas profissionais. A situação é altamente reconhecida e debatida no país. No entanto, não existem estudos sólidos nos quais podamos sustentar um aprofundamento dessas afirmações, por isso acreditamos pertinente não nos estender nesse conflito. Ainda assim, acreditamos que isso deixa várias questões em aberto, as quais recomendamos sejam analisadas em estudos posteriores. Neste sentido, sinalizo o quanto é do meu interesse dar continuidade ao presente trabalho, pelas motivações pessoais e acadêmicas anteriormente detalhadas.

- De acordo com as condições expostas, nossa pesquisa assumiu um empírico e, além disso, a falta de referentes bibliográficos e os poucos dados que sobre o sistema cubano e sua mídia circulam no Brasil, nos levou a trabalhar desde uma perspectiva analítico-descritiva, como foi mencionado anteriormente. Paralelo a isso, um dos principais desafios que experimentamos, neste sentido, foi o fato de nos encontrar fisicamente distantes de nosso objeto de análise, razão pela qual as trocas com os informantes às vezes ficavam limitadas à disponibilidade dos mesmos de atender aos nossos questionamentos. Boa parte deles, devemos recordar, devieram ser feitos através de chats e de e-mails, levando em consideração que acessibilidade à Internet em Cuba é limitada. Por outro lado, a distância nos impossibilitou de participar de forma sistematizada nas rotinas produtivas da comunidade estudada. Isso, unido ao fato de nos

deparar com um objeto de estudo praticamente virgem, nos levou a repensar muitos dos nossos objetivos iniciais, derivando em novos achados, mas também na necessidade de deixar fora destas páginas dados que merecem ser retomados em estudos posteriores.

- Outra das limitações enxergadas foi não ter conseguido abordar mais amplamente o desempenho do jornalismo digital no país. O motivo pelo qual decidimos não incluir dados envolvendo essa área radica na sua complexidade, nas condições atuais de conectividade do país, nos levando a propor e revisar outras categorias que, a priori, fugiam do nosso objetivo com a presente proposta.

- Por fim, sinalizamos que por ser um recorte micro de um fenômeno muito mais amplo, a pesquisa não consegue dar conta de um cenário tão diverso e em constante reconfiguração quanto a produção de telejornalismo em Cuba. Relacionada ao jornalismo de forma geral, em processo de mudanças, mas também referida a que dentro de TR, as rotinas estão constantemente em transformação por dois fatores principais: em primeiro lugar, TR como canal especializado é ainda muito novo e, em segundo lugar, a falta de documentos regulatórios para a organização e a prática profissional dos jornalistas, o que sem dúvidas foi uma limitação importante para a estruturação das nossas análises.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

### *Discursos e documentos oficiais*

CASTRO, F. Discurso por ocasião do II Encontro Nacional de Cooperativas de Produção Agropecuária. In *Revista Cuba Socialista*, Ano 5, nº 86, 18 de maio de 1986.

\_\_\_\_\_. *Palavras aos intelectuais*. Discurso de encerramento das Reuniões com os Intelectuais Cubanos. Publicado por Departamento de versões taquigráficas do Governo Revolucionário. Biblioteca Nacional de Cuba, Havana, 30 de Junho de 1961.  
Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>.  
Acesso em 18/05/2018.

CASTRO, R. Discurso pronunciado por ocasião do encerramento do VI Congresso do Partido. In *Cubadebate*. 19 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2011/04/19/texto-integro-del-discurso-de-raul-en-las-conclusiones-del-congreso-del-pcc/#.Wx2cCiCQzIU>  
Acesso em 20/05/2018.

CUBA. Presidente (1976 – 2008: Fidel Castro Ruz). Discurso por ocasião do Ato Central pelo 30 Aniversário do Triunfo da Revolução, Exposição Permanente do Desenvolvimento Econômico e Social da República de Cuba. Havana, 4 Janeiro de 1989. Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-el-acto-central-por-el-xxx-aniversario-del-triunfo-de-la>.  
Acesso em 20/08/2017

\_\_\_\_\_. Discurso por ocasião do encerramento do Pleno Nacional dos Conselhos Voluntários do INDER. Havana: Departamento de versões taquigráficas do Governo Revolucionário. 19 de novembro de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f191161e.html>  
Acesso em 28/05/2018

II CONGRESO DO PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Sobre los Medios de Difusión Masiva. Resoluciones aprobadas por el II Congreso del PCC. Havana: Editora Política. 1980: 416-421.

\_\_\_\_\_. Sobre la lucha ideológica. Resoluciones aprobadas por el II Congreso del PCC. Havana: Editora Política. 1980: 392-405.

\_\_\_\_\_. Sobre los Estatutos del Partido Comunista de Cuba. Documentos y Discursos. Havana: Editora Política. 1981: 214-215.

IX CONGRESO DE LA UPEC. Código de Ética del periodista. Cubaperiodistas.cu El sitio de la Unión de Periodistas de Cuba, 13-14 julho 2013. Disponível em: <http://www.cubaperiodistas.cu/index.php/codigo-de-etica-del-periodista>.

*Sites institucionais e governamentais*

Culturas Periodísticas. Disponível em: <https://culturasperiodisticas.com/>

Governo da República de Cuba. Disponível em: [www.cubagob.cu](http://www.cubagob.cu)

Journalistic Role Performance Around The Globe. Disponível em: <http://www.journalisticperformance.org>

RTV Comercial. Disponível em: <http://www.rtv.cu/>

União De Jornalistas De Cuba (UPEC). Disponível em: <http://www.cubaperiodistas.cu/>

*Entrevistas publicadas*

[ELIZALDE, R.M. “En búsqueda del modelo de prensa para el socialismo”. Entrevista concedida a Alberto López Gironde. In Tiempo Argentino, 15 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.tiempoar.com.ar/articulo/view/69087/en-ba-squeda-del-modelo-de-prensa-para-el-socialismo>. Acesso em 20/04/2018.](#)

GONZÁLEZ, O. “ICAIC - A primeira instituição cultural da revolução cubana”. Entrevista concedida a Bianca De Jesus, Rolando Rivera e Julio Cesar Lobo. In *Revista Inverta*, Edição 412, 5 de Maio de 2007. Disponível em: <https://inverta.org/jornal/edicao-imprensa/412/cultura/icaic>. Acesso em 18/04/2018.

GONZÁLEZ PINO, D. “Nuevos rostros femeninos del periodismo deportivo cubano”. Entrevista concedida a Daniel Peñalver. In Portal de la Televisión Cubana, s.d. Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-entre-tu-y-yo/2219-nuevos-rostros-femeninos-del-periodismo-deportivo-cubano>  
Acesso em 02/06/2018

GONZÁLEZ, R. “Digo lo que pienso y me responsabilizo con ello”. Entrevista concedida a Paquita Armas Fonseca. In *Cubadebate*, 19 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2016/09/19/renier-gonzalez-digo-lo-que-pienso-y-me-responsabilizo-con-ello/#.Wx2eHCCQzIU>.  
Acesso em 4/02/2017

NAVARRO, R. “René Navarro: «No quería ser un segundón»”. Entrevista concedida a Jhonah Díaz González. In OnCuba, 13 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://oncubamagazine.com/deportes/rene-navarro-no-queria-ser-un-segundon/>  
Acesso em 02/06/18

OSENDI, J. “Julita Osendi: Una luchadora contra los prejuicios”. Entrevista concedida a Paquita Armas Fonseca. In *Cubadebate*, 9 de outubro de 2011.  
Disponível em: [http://www.cubadebate.cu/noticias/2011/10/09/julita-osendi-una-luchadora-contr-los-prejuicios/#.WxSB\\_iCQy00](http://www.cubadebate.cu/noticias/2011/10/09/julita-osendi-una-luchadora-contr-los-prejuicios/#.WxSB_iCQy00)  
Acesso em 3/06/2018

SÁNCHEZ, D. “Daily Sánchez Lemus: Saber aprender, escuchar y dialogar”. Entrevista concedida a Paquita Armas Fonseca. In Portal de la Televisión Cubana, 2016.  
Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/destacados/2719-daily-sanchez-lemus-saber-aprender-escuchar-y-dialogar>  
Acesso em 02/06/18

[TOLEDANO, D. “Sí, «Ponte al día», pero diviértete”. In \*Portal de la Televisión Cubana\*. Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-informaciones/1045-si-ponte-al-dia-pero-diviertete>. Acesso em 15/04/2018.](http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-informaciones/1045-si-ponte-al-dia-pero-diviertete)

#### *Bibliografia Geral*

ABREU SOJO, I. Líderes, imagen pública y medios de comunicación social. Revista Latina de Comunicación Social, Tenerife, nº 1, 1998.

ACOSTA, M. *¿Tiene cascabel el gato? Miradas al teleperiodismo cubano*. La Habana: Ediciones EnVivo. 2013

ACOSTA, M.; MACHADO, M.; TOLENTINO, W.E. (Mod.) Painel de debate: Encrucijadas y oportunidades de la enseñanza del periodismo en el siglo XXI. In *ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación*, 25 de abril de 2017: 193-210

ALBUQUERQUE, A. D. O paralelismo político em questão. Revista Compólitica, Rio de Janeiro, v. 2, p. 6-28, julho-agosto 2012.

ALBUQUERQUE, A. D.; ROXO DA SILVA, M. A. Preparados, leais e disciplinados: os jornalistas comunistas e a adaptação do modelo de jornalismo americano no Brasil. Compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

ALONSO, M.; SALADRIGAS, H. Para investigar en Comunicación Social. Guía didáctica. La Habana: Editorial Pablo de la Torriente, 2000.

ALSINA, M. R. La construcción de la noticia. Barcelona: Ediciones Paidós Comunicación, 2005.

ANDERSON, B. Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y difusión del nacionalismo. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARENCIBIA, J. Periodismo cubano: ¿un callejón sin salida? In *Estudios Latinoamericanos Nueva Época*, nº 39, janeiro-junho, 2017: 51-75.

ARMAS, P. “Noticiero Cultural: un programa que consolida su propuesta”. Portal de la Televisión Cubana, 15 de noviembre de 2016. Disponible em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/index.php/la-columna-de-paquita/2781-noticiero-cultural-un-programa-que-consolida-su-propuesta>. Acesso em 16/04/2018.

BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. E. A. *Anthropos-homem*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernández. 23. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BILLIG, M. *Banal nationalism*. London: SAGE publications. 1995

BUTLER, J. Quadros de guerra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2015

BOBES, V. C. “Ciudadanía, identidad nacional y narrativas de la sociedad civil: una exploración en torno a las sucesivas (re)constituciones de la nación cubana.” In DE MIRANDA, A. *Cuba: Sociedad, cultura y política en tiempos de globalización*. 1a. ed. Bogotá: Centro Editorial Javeriano, Colección Biblioteca del Profesional, Pontificia Universidad Javeriana, 2003: 13-41.

Disponível em: <http://www.cuba-economia.org/publicaciones/cuba-sociedad-cultura-y-politica-en-tiempos-de-globalizacion-mauricio-de-miranda-parrondo-compiler>  
Acesso em 10/09/2016.

BOURDIEU, P. La miseria del mundo. Buenos Aires: FCE, 2000.

CALZADILLA, I., RICARDO, R., ARENCIBIA, J. "El Ejercicio Intelectual De La Palabra". In RICARDO, R. *et al* (Comp.), Nuevos escenarios infocomunicacionales: experiencias y desafíos para el Periodismo cubano. Memorias del III Encuentro Nacional



de Socialización de Investigaciones en Periodismo. Havana: Faculdade de Comunicação. 2017.

CHAMPAGNE, P. La visión mediática. In: BOURDIEU, P. La miseria del mundo. Buenos Aires: FCE, 2000.

CONCEPCIÓN, J. R. La Cultura Empaquetada. Análisis del consumo audiovisual informal del Paquete Semanal en un grupo de jóvenes capitalinos. La Habana: Facultad de Comunicación (FCOM). Universidad de La Habana, 2015.

COULDRY, N. Media Rituals: A critical Approach. London, New York: Routledge, 2003.

COULDRY, N. *Media and the possibilities of Social Order*. London: The International Communication Association Virtual Conference. 2011.

COUTINHO, I., MUSSE, C., Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do brasil no jornal nacional. In *Revista Altejour*, Ano 1, Vol. 1, janeiro-dezembro de 2010. São Paulo: ECA-USP.

COUTINHO, I., MATA J. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. In *Revista FAMECOS*. Vol. 17, nº 1, janeiro-abril de 2010: 65-73. Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul.

CUE, S. M. “Primeros pasos del itinerario comunicativo de la Revolución”. In *Cubarte*, 23 julho 2016. Disponível em: <http://www.cubarte.cult.cu/es/articulo/primeros-pasos-del-itinerario-comunicativo-de-la-revoluci-n/46101>  
Acesso em 10/09/2016.

\_\_\_\_\_ (2) “En busca de los perfiles televisivos”. In *Portal de la Televisión Cubana* Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-temas/2318-en-busca-de-los-perfiles-tematicos-televisivos>

DEL RÍO, J. “Medio siglo de una cercanía paradigmática”. *La Jiribilla* Revista de Cultura Cubana. La Habana, Ano IX, nº 475, 12-18 de Junho de 2010.

\_\_\_\_\_. *Historia del Cine Cubano. Filmografía 1959-1969*. Disponível em: <http://cubacine.cult.cu/sitios/filmo/index.htm>. Acesso em 24/04/2018.

ELIZALDE, R. M. El consenso de lo posible. Principios para una política de Comunicación Social desde la perspectiva de los periodistas cubanos. Havana: Unión de Periodistas de Cuba, 2014.

\_\_\_\_\_. “La glasnost: paradoja en la era de la web 3.0”. In *Revista Temas*, n° 74, Abril – Junho de 2013: 21-29. Disponível em: <http://www.cubanamera.org/wp-content/uploads/2015/06/Glasnost-RM-Elizalde.pdf>

FERRAGUT, M.A., PIZÀ, M. Efecto de los cambios político-económicos en la estructura social cubana: la introducción del trabajo por cuenta propia y el papel de la mujer. In *Ciencias Políticas y Administración, Mallorca - España*. 2016. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2308-01322016000300006](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2308-01322016000300006)

Acesso em: 2/06/2018

FRAGA ECHEGOYEN, M. “La programación Televisiva del 2008, una aproximación a su análisis y estudio”. In: CALDERÍN GAÍNZA, G. *La radio y la televisión cubanas en sintonías con sus públicos*. Havana: Centro de Investigaciones Sociales del ICRT, Imprenta Alejo Carpentier, 2008.

FROSH, P.; WOLFSFELD, G. “ImagiNation: news discourse, nationhood and civil society”. In *Media, Culture & Society*, Vol. 29, n° 1, p. 105–129, 2006.

Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0163443706072001>

GALVÃO, A. Pesquisa sobre expertise: perspectivas e limitações. In *Temas em Psicologia de SBP*. Vol. 9, n° 3. 2001: 223-237. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n3/v9n3a07.pdf>

GALLEGO, J.R. Cambio social y estudios de agenda. Análisis crítico y algunas ideas para el estudio del caso cubano. In *Comunicación y Sociedad. Universidad de Guadalajara*. n° 25, janeiro-junho, 2016: 183-207.

Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/comso/n25/n25a8.pdf>

Acesso em 20/05/2018

\_\_\_\_\_. “Medios, gobierno y ciudadanía en Cuba: agendas, encrucijadas y realidades”. In *Cuba Posible*, 15 de novembro de 2016. Disponível em: <https://cubaposible.com/medios-gobierno-ciudadania-cuba-agendas-encrucijadas-realidades/>

Acesso em 16/05/2018.

\_\_\_\_\_. “Sobre las formas de propiedad de los medios de comunicación en Cuba: introducción a una serie de José Raúl Gallego”. In *Cuba Posible*, 30 de abril de 2018. Disponível em: <https://cubaposible.com/las-formas-propiedad-los-medios-comunicacion-cuba-introduccion-una-serie-jose-raul-gallego/>

Acesso em 16/05/2018.

\_\_\_\_\_. “La legislación sobre las formas de propiedad de los medios de comunicación en Cuba (I)”. In *Cuba Posible*, 30 de abril de 2018. Disponível em:

<https://cubaposible.com/la-legislacion-las-formas-propiedad-los-medios-comunicacion-cuba/>

Acesso em 16/05/2018.

\_\_\_\_\_. "Estatales, sociales o ¿(...)?: las formas de propiedad de la prensa en Cuba (II)". In Cuba Posible, 30/04/2018. Disponível em: <https://cubaposible.com/estatales-sociales-las-formas-propiedad-la-prensa-cuba/>  
Acesso em 16/05/2018.

GARCÉS CORRA, R.; FRANCO SENÉN, A. "¿Cómo se dirige la prensa cubana? Un acercamiento a la gestión de medios, desde la perspectiva de sus periodistas y directivos." In ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación, Vol. 6, Janeiro - abril 2017: 84-120.

GARCÍA LUIS, J. La regulación de la prensa en Cuba: referentes morales e deontológicos. Havana: Facultad de Comunicación - Universidad de La Habana, 2004.

GELLNER, E. Naciones y nacionalismo. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

GRANDA DIHIGO, J.E. El deporte en Cuba: expresión de un modo de vida. El Cid Editor, apuntes, 2009. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos32/deporte-cuba/deporte-cuba.shtml#ixzz5HkdMLQCP>  
Acesso em: 5/06/2018

GUEVARA, E. El socialismo y el hombre en Cuba. Marcha, Uruguay, 12 março 1965.

HALL, S. "As culturas nacionais como comunidades imaginadas". In HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A Editora. 2003: 47-63.

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. Sistema de media: Estudo comparativo. Três modelos de comunicação e política. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

HOBBSBAWM, E. J. Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JESUS, E. *et al. Reinvenção comunicacional da política. Modos de habitar e deshabitar o século XXI*. Bahia: Compós, Universidade Federal da Bahia. 2016.

JOMARRÓN, Y. "Acercamiento a las representaciones sociales sobre el Periodismo de Investigación que tienen los actores del campo académico y del campo profesional en Camagüey". In RICARDO, R. et al (Comp.). Nuevos escenarios infocomunicacionales: experiencias y desafíos para el Periodismo cubano. Memorias del III Encuentro Nacional de Socialización de Investigaciones en Periodismo. Havana: Faculdade de Comunicação. 2017.

LORENZO, D. *El discurso periodístico en el perfeccionamiento del sistema político cubano: Un análisis de la página Ideológica del periódico Cinco de Septiembre*. Santa Clara: Universidad Central «Marta Abreu» De Las Villas. 2011.

MACHADO, M. Hacia la actualización de las políticas de comunicación en Cuba: El asunto de la gestión y sostenibilidad de las organizaciones periodísticas. *Revista Sures*, p. 191-201, julho 2015. Disponível em: <https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/sures>  
Acesso em: 11/09/2017

MACHADO, N. “La televisión en los municipios cubanos: ni comunitaria, ni Municipal”. In *Revista Razón y palabra*. 2010. Disponível em: [www.razonypalabra.org.mx](http://www.razonypalabra.org.mx)

MACHARASHVILI, N. Constructing national identity through the media narratives. "Vision of the enemy" and Russia-related issues coverage in the post-war Georgian Press. The OSI network scholarship program, 2011.

MADAN, N. (Ed.). Nada podrá detener la marcha de la historia. La Habana: Editora Política, 1985.

MARTÍNEZ HEREDIA, F. “Pensamiento social y Política de la Revolución”, In *La política cultural del período revolucionario: memoria y reflexión* (Comp.). Havana: Centro Teórico Cultural Criterios, 2007.

MESA-LAGO, C. “Los planes quinquenales de desarrollo de Cuba (1976-80 y 1981-85): comparación, evaluación y perspectivas”. In *Revista Desarrollo Económico*, Vol. 22, nº 87, outubro – dezembro de 1982: 375 – 408.  
Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3466665>

MELLADO, C. et al. Journalistic performance in Latin America: A comparative study of professional roles in news content. *Journalism*. 2016: 1-20. Disponível em: [jou.sagepub.com](http://jou.sagepub.com)

MERRILL, J. C.; NERONE, J. C. Classic Books Revisited. The Four Theories of the Press Four and a Half Decades Later: a retrospective. In *Journalism Studies*, Vol. 3, 2002: 133-136.

MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/ projetos globais: Colonialidade, poderes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

MONREAL, P.; RUA, M. “Apertura y reforma de la economía cubana: las transformaciones institucionales (1990-1993)” In *Revista Estudios Internacionales*. Universidad de Chile. Vol. 27, nº 107-108, julho – dezembro de 1994.

MOTA GOMES, I. M. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2007. Disponível em: [www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)

OLLER ALONSO, M.; OLIVERA PÉREZ, D. Ideology and professional culture of journalists in Cuba. Confidences, dialogues and senses of a profession. [S.l.]: Editorial Académica Española, 2016.

OLLER, M. et al. La cultura periodística pre-profesional en el triángulo de las Bermudas del periodismo latinoamericano: Cuba, Ecuador y Venezuela. In: OLLER ALONSO, M. Cultura(s) Periodística(s) Iberoamericana(s). La diversidad de un periodismo propio. Tenerife: Cuadernos Artesanos de Comunicación, 2017: 223-274.

OLLER, M., BARREDO, M. Las culturas periodísticas intermedias. Estudios comparativos internacionales en Periodismo. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/280533130\\_Las\\_culturas\\_periodisticas\\_intermedias\\_Estudios\\_comparativos\\_internacionales\\_en\\_Periodismo](https://www.researchgate.net/publication/280533130_Las_culturas_periodisticas_intermedias_Estudios_comparativos_internacionales_en_Periodismo)

ORTIZ, F. "Cubanidad y cubanía". In *Islas*, Vol. VI, nº 2, janeiro – junho de 1964: 91-96. Disponível em:

<http://www.fundacionfernandoortiz.org/downloads/ortiz/Cubanidad%20y%20cuban%C3%ADa.pdf>

Acesso em 13/10/2017

PASTRANA, A.M. "El Noticiero ICAIC Latinoamericano en la memoria del mundo". In *Revista Digital Cubahora*. Edição do 1/07/2012. Disponível em: <http://www.cubahora.cu/cultura/el-noticiero-icaic-latinoamericano-en-la-memoria-del-mundo>

PACHECO VALERA, I. La televisión cubana en el imaginario social contemporáneo. In *Portal de la Televisión Cubana*. agosto 2015. Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-temas/1783-la-televisi%C3%B3n-cubana-en-el-imaginario-social-contempor%C3%A1neo>

PACHECO VALERA, I. Los corrimientos del imaginario colectivo en los desafíos actuales de la televisión. In *EnVivo*. s.d. Disponível em: <http://www.envivo.icrt.cu/opinion/224-los-corrimientos-del-imaginario-colectivo-en-los-desafios-actuales-de-la-televisión.html>

PIRES, G. D. L. Mídia, esporte e ilusão. Rio de Janeiro: Fórum Internacional de Esporte e Lazer – SESC, 2006. Disponível em: [http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aberto/publicacoes/publicacoes-2006/doc\\_download/198-esporte-midia-e-ilusao](http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aberto/publicacoes/publicacoes-2006/doc_download/198-esporte-midia-e-ilusao).

POLONIATO, A. Los formatos televisivos. In: POLONIATO, A. Géneros y formatos para el guionismo en la televisión educativa. 1993: 151-198. Disponível em: [http://cvonline.uaeh.edu.mx/Cursos/Especialidad/Modulo4\\_PDF/ESTEM04T3AP06.pdf](http://cvonline.uaeh.edu.mx/Cursos/Especialidad/Modulo4_PDF/ESTEM04T3AP06.pdf).

PUDDEPHATT, A. A importância da autoregulação da mídia para a defesa da liberdade de expressão. Série Debates CI, Vol. 9, fevereiro 2011.

REGO, I. *Política para los medios de comunicación: encuentros y desencuentros*. Memorias IV Taller Internacional sobre Juventud (DVD). La Habana: Editorial Acuario, Centro Félix Varela – CIPS. 2013. Disponível em: <http://www.cips.cu/wp-content/uploads/2013/05/65idania.pdf>

RETAMAR, F. “Revolución y cultura en Cuba”. In *La Jiribilla*. Ano 8, Nº 400. 3 – 9 de janeiro de 2009. Disponível em: [www.epoca2.lajiribilla.cu/2009/n400\\_01/400\\_01.html](http://www.epoca2.lajiribilla.cu/2009/n400_01/400_01.html)

RICARDO, R. Detrás de la fachada. In *Mesa de trabajo*, 5 de novembro de 2006. Disponível em: <https://mesadetrabajo.blogia.com/2006/110607-detr-s-de-la-fachada.php>  
Acesso em 18/05/2018

ROJAS, R. “Cultura y ideología en el poscomunismo cubano”. In DE MIRANDA, M. *Cuba: Sociedad, cultura y política en tiempos de globalización*: 1ª ed. Bogotá: CEJA. 2003: 79-91.

Disponível em: <http://www.cuba-economia.org/publicaciones/cuba-sociedad-cultura-y-politica-en-tiempos-de-globalizacion-mauricio-de-miranda-parrondo-compilador/capitulo-3-cultura-e-ideologia-en-el-poscomunismo-cubano>

RONQUILLO, R. “Periodismo y control popular”. In *Juventud Rebelde*, 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.juventudrebelde.cu/opinion/2018-02-10/periodismo-y-control-popular>  
Acesso em 18/05/2018

RUBIO, K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001.

SAMPIERI HERNÁNDEZ, R.; COLLADO FERNÁNDEZ, C.; LUCIO BAPTISTA, P. Metodología de la Investigación. México D.F: McGraw-Hill Interamericana, 2003.

SANTOS, E.L.; TRUJILLO, A.M.; SUÁREZ, K.C. La pirámide de alto rendimiento y el deporte comunitario como pilares del desarrollo deportivo en Cuba. In *Esporte e Sociedade*. Ano 2, nº 6, julho – outubro de 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es601.pdf>  
Acesso em 05/06/2018.

SIEBERT, F. S.; PETERSON, T.; SCHRAMM, W. *Four Theories of the Press: The Authoritarian, Libertarian, Social Responsibility, and Soviet Communist Concepts of What the Press Should be and Do*. Illinois: University of Illinois Press, 1963.

SOMOHANO, A. *Regulación comunicativa y aproximación mediática a actores políticos: notas para un debate desde el contexto cubano. Régimen de regulación comunicativa sobre mecanismos de aproximación de Granma y Juventud Rebelde a la UJC*. Havana: Facultad de Comunicación - Universidad de La Habana, 2013.

SUÁREZ, L. “Cuba: la política exterior en el período especial”. In *Revista Estudios Internacionales*. Universidad de Chile. Vol. 27, nº 107-108, julho – dezembro de 1994.

SOUZA, F.de C. *Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas Globo Esporte e Esporte Espectacular*. Brasília: Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA. 2006.

TAVARES D'AMARAL, M. *Comunicação e diferença*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

TAYLOR, C. *Modern Social Imaginaries*. Durham, London: Duke University Press. 2004.

TORRES ARIAS, L. *Modelos profesionales del periodismo cubano a partir del análisis de cuatro medios de comunicación en el período 2012-2013*. La Habana: Facultad de Comunicación de la Universidad de La Habana, 2014.

TRUJILLO, R. “Regulación de la Prensa en Santiago de Cuba: Manifestaciones e incidencia de las regulaciones en el Proceso de Producción Periodística en el Periódico Sierra Maestra y la Emisora CMKC Radio Revolución”. In: RICARDO, R. *et al* (Comp.), *Nuevos escenarios infocomunicacionales: experiencias y desafíos para el Periodismo cubano. Memorias del III Encuentro Nacional de Socialización de Investigaciones en Periodismo*. Havana: Faculdade de Comunicação. 2017.

VAN DIJK, T. *Discurso, conocimiento e ideología. Reformulación de viejas cuestiones y propuesta de algunas soluciones nuevas*. In *Cuadernos de Información y Comunicación*. nº 10, maio de 2005: 285-318.

\_\_\_\_\_. *Opiniones e ideologías en la prensa*. In *Voces y culturas*, nº 10, junho de 1996: 9-50.

VERA, J. *Consejo de Ayuda Mutua Económmica: 35 años de integración económica socialista. Relación de los países miembros del CAME con los países de América Latina*. Santiago de Chile: Programa FLACSO. 1985

YIN, J. *Beyond the Four Theories of the Press: A New Model for the Asian & the World Press*. *Journalism and Communication Monographs*, v. 10, 2008: 3-62.

“Los números de la WiFi en Cuba”. In *Cubahora*, 13/07/2017. Disponible em: <http://www.cubahora.cu/sociedad/wifi-en-cuba-las-cifras-dos-anos-despues>

“Cuba: buscando una zona WiFi”. In *Cubahora*, 23/10/2015. Disponible em: <http://www.cubahora.cu/ciencia-y-tecnologia/cuba-buscando-una-zona-wifi>

“ETECSA por dentro”. In *Cubahora*, 06/02/2016. Disponible em: <http://www.cubahora.cu/ciencia-y-tecnologia/etecsa-por-dentro-infografia>

“Wifi en la Sierra Maestra: Comunicaciones entre montañas”. In *Cubadebate*, 14/03/2018. Disponible em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2018/03/14/wifi-en-la-sierra-maestra-comunicaciones-entre-montanas-fotos/#.WvWxOejwIU>

“Nauta Hogar, el nuevo servicio de ETECSA”. In *Cubadebate*, 03/04/2017. Disponible em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/04/03/nauta-hogar-el-nuevo-servicio-de-etecsa/#.WvWza-jwbIU>



# ANEXOS

## ANEXO 1. MODELO DE ENQUETE

Nome completo

Lugar e data de nascimento

1. Motivações para começar no jornalismo esportivo
2. Lugares nos quais tem trabalhado.
3. Quando e por quê começou a trabalhar na TV?
4. Diferenças mais significativas entre os lugares nos quais tem trabalhado.
5. Características do seu trabalho no telejornalismo esportivo
6. Como avaliaria o grau de autonomia do seu coletivo na tomada de decisões?  
Utilize uma escala de 1 a 10. (Sendo 1 o valor mais baixo e 10 o mais alto)
7. Considera que a escolha dos temas, bem como a qualidade e o enfoque dos seus trabalhos estão mediados por:  
\_\_Fatores económicos \_\_Fatores organizacionais  
\_\_Revisão estatal \_\_Decisões pessoais  
\_\_Outros fatores: \_\_\_\_\_
8. O que você entende por *autoridade jornalística*?
9. O que você considera *profissionalismo* no telejornalismo?
10. Como avaliaria o reconhecimento profissional do seu trabalho? Utilize uma escala de 1 a 10.
11. Como avaliaria a visibilidade e reconhecimento social do seu trabalho? Utilize uma escala de 1 a 10.
12. Acredita que trabalhar na TV influencia a percepção social do seu trabalho?  
\_\_Sim \_\_Não \_\_Outra resposta: \_\_\_\_\_
13. Acredita que os profissionais da televisão esportiva têm maior acesso a grandes coberturas internacionais, em comparação com outras comunidades jornalísticas:  
\_\_ Sim \_\_ Não \_\_ Mesmo acesso  
\_\_ Outra resposta: \_\_\_\_\_
14. O Manual de Redação e Estilo e a Política Editorial são dois documentos importantes na realização do seu trabalho:  
\_\_Sim \_\_Não \_\_Devem ser \_\_Nunca li nenhum deles  
\_\_É melhor aprender na prática

15. Quais referentes você utiliza com maior frequência para a preparação dos seus trabalhos? (Conceda às suas escolhas um valor aproximado em %)
- a. \_\_\_% Fontes nacionais \_\_\_% Fuentes estrangeiras
- b. \_\_\_% Mídia impressa \_\_\_% Mídia digital  
\_\_\_% Mídia audiovisual
16. Na sua opinião, quais tem sido as mudanças mais significativas em termos de práticas e rotinas, após a transformação de TeleRebelde em canal especializado?
17. Quais desafios tem imposto para o telejornalismo esportivo essa transformação?
18. Acredita que seja possível fazer telejornalismo esportivo com padrões internacionais em TeleRebelde? Argumente.
19. Acredita que seja possível adaptar os formatos de entretenimento da TV comercial às produções da nossa TV?
- \_\_\_ Sim \_\_\_ Não \_\_\_ Depende do formato escolhido
- \_\_\_ Mais do que possível, é necessário
- Argumente sua escolha: \_\_\_\_\_

## ANEXO 2. ENTREVISTAS

### CARLOS ALBERTO GONZÁLEZ GARCÍA

*Lugar e data de nascimento:* Havana, 13 de janeiro de 1963

*Função:* Jornalista/Comentarista do canal esportivo TeleRebelde. Professor de jornalismo esportivo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana (UH).

*Formação:* Formado em Jornalismo e Doutor em Ciências da Comunicação pela UH.

Data da entrevista: 26 de dezembro de 2016

#### *Referentes familiares vinculados ao jornalismo:*

Não tenho familiares vinculados ao jornalismo, porém tenho vínculos com o esporte. Essa é a razão pela qual hoje eu sou jornalista esportivo. Decidi desde pequeno que era isso o que eu queria fazer da minha vida. Eu tinha uma proximidade muito grande com o esporte, minha mãe era treinadora de ginástica, meu pai era uma pessoa muito interessada no esporte, daí que eu praticava esportes desde criança; e eu buscava me aproximar da imprensa: gostava de assistir às transmissões de jogos, gostava de ler o jornal... e meu sonho foi esse: estudar jornalismo para especializar-me em jornalismo esportivo.

#### *Onde começou a trabalhar depois de formado?*

Na televisão nacional. Eu fui colocado aqui desde a minha formação e esse tem sido meu único local de trabalho. Só que eu não comecei na Redação Esportiva, eu fui colocado para trabalhar no *Noticiero Nacional de Televisión* (NTV). Trabalhei um ano no NTV, mas ficava torcendo para poder trocar e começar a trabalhar na Redação Esportiva. De fato, consegui dar continuidade à minha colaboração com esse espaço, colaboração que tinha começado desde que eu ainda era estudante.

Enquanto eu ainda era estudante, procurei me aproximar do jornalismo esportivo. Colaborei com jornais, com a revista da Direção de Propaganda do INDER (Instituto Cubano de Esportes, Educação Física e Recreação), o nome da revista era *LPV*; também colaborei com um periódico chamado de *El deportista*. Quando comecei a trabalhar na TV tentei continuar com a mesma estratégia: terminava com a emissão das 13h e saía

para o noticiário esportivo, procurando alguma coisa para fazer. Essa disposição começou a abrir portas e a chamar a atenção das pessoas que dirigiam esses espaços. Assim, no ano 1987 comecei a trabalhar oficialmente na redação esportiva e até hoje continuo aqui.

*Principais diferenças entre as duas redações, no referido a rotinas produtivas, métodos de trabalho...*

Em nossa TV há muito de *empirismo*. Ainda prevalece muito o *empirismo*, principalmente no planejamento das coberturas, na conformação das agendas de programação, na organização do trabalho, no entanto tem crescido o nível de preparação dos profissionais. Estão faltando também manuais de estilo, pelo que as pessoas que chegam nas nossas redações e se incorporam para trabalhar, assumem as rotinas que estão já estabelecidas, de forma mimética, e finalmente as matérias saem, mas a gente não tem sequer um controle estrito sobre como são feitas essas matérias e se elas cumprem com o estilo que deve ser seguido pelo meio de comunicação, justamente porque esse manual não existe. Então, esse *empirismo* caracteriza o trabalho na TV desde que eu comecei e ainda se mantem.

Eu, por ter mi vinculado à Universidade da Havana há muitos anos, sou um defensor de normatizar os processos. Eu propus um Manual de Estilo para *o Noticiero Nacional Deportivo* (NND), proposta baseada na investigação e comparação com outras televisoras esportivas internacionais. Da mesma forma, tenho defendido que escrevamos em branco e preto uma Política Editorial para o canal esportivo, definindo o que somos e o que queremos. Porém, não são muitos os seguidores dessas propostas. Acho que existe certo grau de subestimação por parte das autoridades administrativas e de direção, sobre a importância desses documentos reitores para organizar o trabalho dentro da redação e construir uma melhor programação, em função da nossa identidade como canal e dos nossos objetivos. Porque se você não é capaz de saber *o que você é e o que quer transmitir* como meio de comunicação, que tipo de discurso você está construindo?

Aliás, eu acho que hoje existe uma subestimação do tema esportivo. Hoje se pensa que o esporte é um tema nobre demais, que não tem a ver com política, com ideologias, às vezes até se fala em *Esporte* e em *Cultura* como se tratasse de duas coisas completamente diferentes, sendo que o esporte faz parte inalienável da cultura nacional.

Não podemos apagar o fato de que Teófilo Stevenson é uma figura imprescindível da nossa cultura nacional, além de ser um ícone internacional. Ele representa uma vitória nacional. Então hoje, a gente encontra aqueles discursos de “regular o esporte para que”, como se o que se fala nas redações esportivas não tivesse maiores conotações. No mínimo, essa é uma visão ingênua do fenômeno esportivo.

É só dar uma olhada na história do mundo para perceber como os homens de estado começaram a enxergar desde muito cedo a importância do esporte como representação do poderio nacional ante outros países. Um exemplo é o Hitler e seus esforços para realizar os Jogos Olímpicos na Alemanha, para fortalecer a visão sobre a grandeza da raça ariana. O esporte foi utilizado como arma política, como forma de engajar os povos com um projeto de nação. Aconteceu também com a tentativa da URSS de entrar nas competições esportivas internacionais e nesse momento o esporte funcionou como campo de batalha puramente ideológica. Nesse sentido, ao longo da história, o esporte tem sido usado tanto por ditaduras quanto por regimes democráticos para fortalecer a ideia de nação que era preciso “vender”.

No caso de Cuba, desde a minha visão pessoal, acho que a Revolução usou o esporte como símbolo de unidade, e Fidel Castro foi um forte defensor dessa ideia. Quando começaram os triunfos dos nossos esportistas, ele pessoalmente ia nas despedidas e recebimentos dos atletas, a mídia participava ativamente desses eventos, e eu acho que isso contribuiu muito na unidade da nação, no sentimento de orgulho nacional. Pode até não ter sido parte de um plano político estruturado demais, mas aconteceu e deu certo. Hoje, os resultados do esporte cubano têm baixado muito e eu acho que um dos motivos é que tem diminuído muito o seguimento que a política dá ao esporte no país.

### *Sobre o discurso midiático e o impacto na ideologia nacional*

Eu acho que no início da Revolução, aconteceu de forma espontânea; devido à aguda luta de classes e a reorganização do modelo de país, e com prioridade na visibilidade dos, até esse momento, excluídos. Os grandes ídolos do esporte em Cuba vieram das classes mais baixas da sociedade. A maioria dos comentaristas e jornalistas esportivos cubanos foram embora do país quando a Revolução chegou no poder, sobretudo porque eles tinham um status econômico e social que não foi mantido depois

de 1959. Diante a carência de profissionais, se formaram novos profissionais que chegaram na TV com uma nova visão. Se formaram esportistas com uma nova visão, por causa disso, a cobertura televisiva daqueles temas também foi diferente.

Conforme o tempo foi passando, aquilo virou algo normal. As pessoas que nasceram depois daquelas transformações, que já nasceram com o socialismo não conseguiam enxergar a mudança de discursos. Os profissionais que vieram depois foram herdando as formas de fazer dos antecessores sem questionamentos, simplesmente foram rotinas que foram transmitidas de geração a geração. Nesse sentido, algumas coisas não têm mudado muito. Porém, aquele momento teve uma influência muito forte do enfrentamento ideológico que o país vivenciava, e o esporte foi personagem ativa nesse enfrentamento. É apenas pegar um jornal no início da Revolução e ler as crônicas sobre algum jogo Cuba contra Estados Unidos. O discurso era altamente politizado. Era comum encontrar titulares do tipo: «Vitória frente aos Estados Unidos», o engraçado é que parecia ser uma efervescência completamente espontânea, que respondia simplesmente ao momento histórico vivenciado pela nação. A mídia então teve um papel fundamental nesse sentimento de unidade nacional vinculado ao triunfo esportivo.

#### *Em torno na formação e especialização do jornalismo esportivo cubano*

A história da TV em Cuba começa na década de 1950. Os primeiros jornalistas/comentaristas esportivos de nossa TV vieram da rádio e dos jornais impressos, porém nenhum deles era formado na Faculdade de Jornalismo. Até teve comentaristas de boxe que foram inicialmente promotores do esporte e que depois viraram jornalistas esportivos. Essa situação levou a que a comunidade de jornalistas esportivos fosse subestimada pelas outras comunidades de jornalistas, devido à pouca formação profissional: escritura com erros, fala pouco formal, gírias marcadas.

Depois da Revolução, o ICRT e a Escola Superior de Esporte (ESD) abriram um curso de preparação pensado nos profissionais da imprensa esportiva. Desse curso saíram René Navarro, Diego Méndez, Héctor Rodríguez, Roberto Pacheco, e outros, que depois viraram grandes estrelas da narração esportiva em Cuba (alguns deles ainda em ativo). Não podemos dizer que era uma formação jornalística ou com baseamentos

comunicacionais, era uma preparação com foco no esporte e daí eles criavam um estilo de narração própria.

Nesse sentido da formação profissional, nossa comunidade tem avançado bastante. Atualmente, nossa mídia de forma geral está integrada por pessoas formadas nas faculdades de jornalismo do país, que receberam uma formação geral e que se interessaram pela área esportiva. Mesmo que não exista uma área especializada dentro do programa de jornalismo, desde há alguns anos existe uma disciplina optativa especializada em temas esportivos, incluída na grade de disciplinas do 9no período e da qual eu também sou professor.

No meu programa de aulas, eu tento incluir um pouco de história, o significado do esporte como atividade social e a incidência dele na construção do discurso de país na mídia. Também as tendências internacionais no jornalismo esportivo nos diferentes suportes: a imprensa escrita, o rádio, a TV, a Internet..., a partir das pesquisas que tenho desenvolvido nos últimos anos. O objetivo da disciplina é evitar que os recém-formados cheguem nos meios de comunicação completamente perdidos, como acontecia antes. Atualmente também existe uma Cátedra de Jornalismo Esportivo no Instituto Internacional de Jornalismo José Martí (IIPJM), que possui um amplo programa de aulas e que oferece até um curso de pós-graduação internacional, que recebe jornalistas latino-americanos principalmente. A Cátedra também oferece seminários de preparação para jornalistas esportivos quando se aproximam grandes eventos como JO, Jogos Pan-americanos... nessas aulas são convidados autoridades dos diferentes esportes para atualizar as informações sobre as mudanças nas regras, a participação e performance dos esportistas, entre outros temas.

São um grupo de fatores que têm contribuído para que as novas gerações de jornalistas esportivos, mesmo tendo muito *empirismo* ainda, fiquem mais preparados do que antes. Hoje em dia resulta mais comum os jornalistas serem cientes das rotinas produtivas e do cumprimento delas, o que não é uma coisa completamente espontânea, existe um sistema organizativo e ele é influído por uma série de atravessamentos dos quais os profissionais já tem conhecimento. Esse conhecimento se deve a maioria deles provêm de uma faculdade de nível superior onde eles recebem aulas sobre esses temas. Hoje é comum estudar nas aulas o processo da construção da notícia.



No entanto, ainda se sente a falta de uma formação como jornalista esportivo em si, mas esse é um problema não só de Cuba. Na América Latina completa ainda não existe uma faculdade que forme jornalistas esportivos, com exceção da Argentina e do Uruguai, que habilitam cursos técnicos em Jornalismo Esportivo. Eu sou daqueles que acham que na medida que você consiga entender como funciona seu trabalho diário, você conseguirá fazê-lo melhor, porque você aprende a conhecer seus pontos fracos e suas fortalezas também, inclusive se aprende a enxergar os enquadramentos e atravessamentos que regem seu trabalho. Assim, eu acho que hoje em dia, nossas rotinas de trabalho, pelo menos nesse sentido funcionam um pouco melhor, embora os traços de improvisado diário.

Também é certo que muitas das pessoas que chegam na mídia esportiva são formados em outras áreas. Muitos deles são formados em Cultura Física. Não acho que isso seja completamente errado, enquanto eles consigam dominar no mínimo duas coisas: as ferramentas da comunicação e os conhecimentos esportivos. Porque eu acredito que se especializar é fundamental nesses casos, você precisa conhecer profundamente sua área de ação.

#### *Acesso à informação, preparação das emissões e rotinas de trabalho*

Dentro da dinâmica de trabalho de TeleRebelde foram criadas várias áreas. Existe uma área informativa, que agrupa os jornalistas e os comentaristas e onde são divididas as disciplinas esportivas. O objetivo é especializar ainda mais aos profissionais. Por exemplo, um jornalista pode ter assignado o vôlei e os esportes aquáticos. Essa pessoa vai ter a responsabilidade de estar em contato direto com as fontes de informação. Por exemplo, a Comissão e a Federação nacionais desses esportes que ele atende. Igualmente deve procurar se aproximar dos organismos internacionais responsáveis pelas disciplinas esportivas que lhe foram indicadas. No meu caso, eu tenho como rotina, entrar diariamente nos sites das principais instituições esportivas dos meus esportes ou dos eventos ativos no momento. Quando os esportistas cubanos estão involucrados nos eventos, a pesquisa é mais focalizada. Desde o ponto de vista da autopreparação, hoje em dia é muito mais fácil aceder a fontes de informação estrangeiras através da Internet ou das emissoras de TV internacionais.

Por outro lado, para desenvolver o trabalho diário, existe no canal uma forma de planejamento semanal, onde os jornalistas levam as propostas de cobertura e recebem outras propostas por parte da administração do canal. Mensalmente, se realiza um planejamento das transmissões, que é feita unicamente pelos diretivos do canal e os diretivos de programação da TV. Esse planejamento deve atender aos eventos nacionais importantes. Quando há beisebol, como a temporada é bastante longa, ele vira a oferta principal da grade esportiva, porque o beisebol é o nosso grande evento. Quando ele termina, existem maiores possibilidades de transmitir outros esportes tanto nacionais quanto internacionais.

Mas nessa equação entram em jogo também as questões tecnológicas. O canal TeleRebelde não possui tecnologia própria. As unidades de controle remoto pertencem ao Sistema da TVC, e aí o Canal começa a concorrer com outros eventos. Quer dizer que se há um Festival da Canção, um jogo de beisebol e um evento político, qualquer outra cobertura tem que aguardar pela decisão de quem vai ganhar as câmeras, isso considerando que a TV não possui muitas unidades para colocar à disposição de todas as coberturas.

Sendo sinceros, o esporte é uma área priorizada, principalmente quando envolve beisebol, porque é um espetáculo que paralisa o país completo. Nesse sentido, acho que há uma consciência por parte dos diretivos da TV nacional, de que essas atividades devem ser priorizadas porque sua audiência é significativa. Porém, muitas vezes acontece que não são feitas as coberturas de determinados eventos porque os médios foram designados a outras coberturas. Atualmente TeleRebelde tem só duas câmeras para fazer coberturas informativas, se acontecer que coincidirem três ou mais eventos no mesmo dia e hora, tem que se decidir quais deles merecem ser televisados. Quer dizer, que as carências materiais também afetam muito nosso trabalho.

A questão é se planejar bem e acho que, apesar de tudo, funciona bastante bem, tendo em conta que as decisões devem ser feitas dinamicamente para evitar que a audiência sofra as consequências. Assim, em Cuba estamos acostumados a aquele esquema de «fazer mais com menos», porque sempre há existido carência. E a gente se acostumou a fazer o melhor tendo poucos recursos para produzir. De fato, nesse momento, estamos fazendo muito “jornalismo de mochila” e hoje em dia, é bastante

comum encontrar jornalistas que saem com suas próprias máquinas de gravação, nem sempre profissionais, para conseguir cobrir a maior quantidade de eventos. Todos os jornalistas dentro do Canal conhecem e trabalham nos programas de edição de vídeo, para agilizar os processos de produção. De uma forma mais ou menos espontânea, temos ido mudando nossas rotinas em favor da TV digital, mesmo quando TR não transmite totalmente digital. Fazendo uma avaliação geral, acredito que nossos jornalistas tem o nível de preparação que seria exigido a qualquer profissional dos meios de comunicação em qualquer lugar do mundo.

#### *Acesso às produções de televisoras internacionais*

Devido ao Bloqueio contra Cuba, o país utiliza algumas transmissões de emissoras norte-americanas sem pagar por essa programação. Porém, o rigor aumenta quando se trata das transmissões de eventos oficiais. Nossa TV paga os direitos de transmissão dos JO, da Copa do Mundo de Futebol, que são direitos milionários e são pagos pelo Estado Cubano, sendo que a TV é uma entidade orçamentada e não possui formas de ingresso próprias. Compramos, por exemplo, a Liga Espanhola de Futebol, porque seus empresários sabiam do interesse do nosso país em transmitir os jogos e o grande acompanhamento da audiência cubana. Devido a isso, a Liga deu facilidades no pagamento dos direitos de transmissão. Também são comprados os direitos da Bundesliga, que dá ao Canal um pacote de vários partidos semanais.

Por outra parte, sempre que não existirem restrições, o canal transmite todos os eventos internacionais importantes. Porém, já aconteceu de Cuba participar de algum evento e não ter o dinheiro para pagar os direitos de transmissão; e esses jogos terem sido transmitidos pela *Being Sport* ou pela *ESPN* ou *Fox Sport*. Nesses casos, o evento não é passado em Cuba, para evitar as punições correspondentes. Esse ano, o país tem procurado vias para pagar os direitos de transmissão e poder transmitir o Campeonato Mundial de Atletismo, a Série Mundial de Boxe, a Liga Mundial de Vôlei... eventos esportivos onde Cuba possui uma longa história de participações destacadas e por isso, o Estado decide continuar colocando na grade televisiva. Mas essas solicitações de orçamento são feitas a partir de um planejamento anual encarregado pela direção do Canal.

Agora, a questão de poder tomar algumas transmissões de televisoras norte-americanas sem pagar, contribui também para esse desequilíbrio que existe na grade do canal TR. É muito fácil pegar uma produção de uma outra emissora e colocar no meu canal, sem custo nenhum para nós. Por isso, às vezes resulta que grade fica com mais coisas de fora, porque as nossas produções teriam um valor muitíssimo maior, que muitas vezes não conseguimos pagar. E o canal precisar “cumprir com horas” de transmissão. Você precisa de conteúdo para manter sua grade “cheia”. No dia que o bloqueio contra Cuba acabar, esse será um assunto que terá que ser analisado mais calmamente.

*TV pública em Cuba e transmissões da TV comercial estrangeira, diálogo ou luta?*

É inegável que com a globalização, as grandes televisoras têm imposto suas formas de fazer. Só para ter uma dimensão desse assunto, os grandes eventos esportivos têm seus próprios manuais de produção, onde tudo fica regulado: as câmeras, os tempos, os planos a serem desenvolvidos, tudo. E nós [jornalistas esportivos cubanos] tomamos dessas dinâmicas. Obviamente, nossas produções variam segundo as nossas capacidades técnico-tecnológicas, mas eu acho que a TV cubana está em sintonia com essas tendências internacionais, desde o ponto de vista estilístico.

Se bem é certo que finalmente essas grandes produções são feitas em função de um espetáculo, que é a TV comercial, e que nós não temos esse tipo de televisão no país, ainda devemos levar para a audiência um espetáculo televisivo; porque hoje em dia o esporte é um espetáculo televisivo. De fato, há havido uma experiência importante do capital humano da TV nacional, desde há vários anos, em contratações para grandes eventos. Nossa televisão tem tido diretores cubanos de programas esportivos, que têm sido contratados para trabalhar em JO, integrando equipes internacionais. Isso vem acontecendo desde o ano 1992. Sem dúvida, esse intercâmbio tem contribuído para o enriquecimento do nosso pessoal. Aqui há operadores de câmera, editores, diretores, técnicos que têm sido contratados para integrar a equipe internacional da rádio e da TV Olímpica.

Nossos profissionais são contratados porque, em primeiro lugar, temos bons níveis de produção e de qualidade, apesar das nossas carências materiais. Cuba produz eventos de beisebol durante seis meses do ano. Produzimos vôlei, porque era transmitida a Liga

Mundial. Produzimos boxe, a partir dos eventos mundiais realizados no país. Então, é conhecido que o pessoal cubano tem preparação e experiência na produção de eventos esportivos. Também tem que se ter em conta que contratar nossos profissionais vai ser menos custoso do que contratar o pessoal de grandes televisoras. De qualquer jeito, essa tem sido uma experiência somada aos nossos profissionais da imprensa esportiva.

Eu acho que nossas transmissões próprias, tirando o fato de que nem sempre temos guindaste ou câmeras aéreas nos estádios, são produzidas com dignidade, segundo os cânones internacionais de qualidade. Mesmo que nossa TV não tenha nada a ver com a TV comercial, tentamos seguir essas formas estilísticas de construir um espetáculo audiovisual, que têm sido impostas pelas grandes televisoras mundiais. Eu realmente acho que não existe uma contradição.

Seguindo um critério muito pessoal, considero que existem formatos da TV comercial, como *talkshows* e *realities*, que são perfeitamente adaptáveis a uma TV pública, obviamente tirando o lixo, a bobeira. Por sinal, *Sonando en Cuba*, usou coisas do formato reality que eu acho que funcionaram bem. Embora tenha sido um concurso que não tinha como tema o esporte, acho que na área da imprensa esportiva poderiam funcionar também esse tipo de recursos narrativos. Estou até considerando que não usar esses recursos é uma carência que temos na nossa área. Não estaríamos rompendo nada: temos uma TV com outros objetivos, que não são vender, que não é lutar pelo rating vácuo, nosso objetivo é transmitir cultura, educação, mas por quê renunciar aos formatos modernos?

Esses formatos já estão chegando nos lares cubanos. Os novos médios sociais já estão influenciando no gosto das pessoas. Temos uma única televisão estatal, mas quantas pessoas estão vendo antenas estrangeiras ou programas baixados da Internet? E são essas visualidades que estão servindo de modelo para o público nesse momento. Se não conseguimos concordar com essas maneiras de fazer, não teremos audiência, porque ficamos atrasados. Por isso eu acho que, pelo menos na área do esporte é fundamental crescer nesse sentido. Precisamos produzir espetáculos no nível daqueles que as pessoas obtêm por outras vias, e às vezes nem precisam de outras vias, sendo que o nosso próprio canal transmite muita programação de televisoras estrangeiras. Então, como eu vou

colocar na grade uma megaprodução da *ESPN* e logo depois vou colocar uma produção nacional que está completamente fora desses padrões?

Eu considero que essa é uma forma de autodesvalorização. Por esse motivo, acho que deve virar um objetivo para nosso canal. Significa um desafio, claro. Temos que inventar para conseguir fazer melhores coisas com os recursos que temos. Muitas vezes conseguimos transmitir bons espetáculos, mas também muitas vezes falta organização, trabalho prévio à produção, devido às próprias dinâmicas da produção televisiva em Cuba.

### *Sobre os limites da censura estatal*

A única censura, podemos chamar isso de censura ou de regulação talvez, é mais visível nos materiais relacionados aos esportistas cubanos que tem abandonado o país durante eventos esportivos e que estão atualmente jogando para outros países. Embora seja importante dizer que nesse sentido também tem acontecido uma flexibilização. Há algum tempo, era considerado um sacrilégio que um esportista abandonasse sua equipe no meio de um evento para ir a competir por conta própria, contratado por um outro país.

Durante algum tempo, essas pessoas foram chamadas de *desertores*, *traidores*, e adquiria uma conotação política importante. Esse já não é mais o contexto atual. A razão é que hoje em dia, muitos esportistas cubanos são contratados por outros países, representados pelo Ministério do Esporte. Em Cuba atualmente existem esportistas milionários: Despaigne [beisebol], por exemplo, está contratado no Japão e o contrato é milionário, sendo que ele só dá para o estado cubano, um 10% desse salário. Ele ainda mora em Cuba. Então, aquela visão do esportista traidor tem mudado, não tem jeito, porque o mundo também está mudando.

Houve uma época em que alguns jogadores deviam ser omitidos nas narrações. Eu acho que foi um pouco de extremismo, e teve extremistas que até queriam apagar a história: se um jogador teve um bom resultado em um momento X, e depois disso decidiu ir embora do país, eu não apoio essa decisão, mas também não posso obviar que essa pessoa teve bons resultados. Aqui aconteceu que tiveram pessoas que quiseram apagar trechos da nossa história esportiva, mas isso nunca foi uma coisa orientada [pelo governo]. Foram interpretações erradas. Hoje em dia, o povo enxerga essa situação de

forma diferente, e é mais comum se falar em atletas que já não estão mais no país. Yulieski Gourriel [beisebol] jogava no Japão representado pelo Ministério do Esporte, e era milionário. Mas ele não ficava conforme com 2 ou 3 milhões, ele queria mais. Então foi embora. São decisões pessoais.

Temos que nos lembrar de algo: o que é o jornalismo? Jornalismo é a reconstrução da realidade. A realidade em Cuba mudou e ainda continua mudando. Os jovens de hoje não vivenciaram o que aconteceu antes, eles só sabem que hoje Despaigne é milionário. Para essa geração, assumir esse fato é completamente normal, como o será para gerações futuras. Para nós, no entanto, é diferente.

Às vezes eu acho que cai um pouco no esquecimento o mérito daqueles primeiros esportistas depois do triunfo revolucionário. Quando Cuba não era nada, essas pessoas que saíram da rosa e chegaram para conquistar títulos olímpicos. Minha geração admirou, venerou essas pessoas. As novas gerações muitas vezes nem os conhecem. Isso é uma responsabilidade da nossa mídia, que eu acho que não está dando a prioridade que a nossa história precisa. A memória histórica do nosso país também está nessas glórias. Porque pelo menos eu sinto orgulho de que uma *ilhinha* como a nossa seja uma potência esportiva. E nesses casos acho que nada tem a ver com políticas do governo, mas que os próprios produtores de informação, as vezes não dão toda a importância que os assuntos merecem.

Não é que a questão da nossa história esportiva seja completamente ignorada pelos meios. Existem alguns programas dentro da grade que tem como objetivo revisar grandes momentos passados, como por exemplo, *Estocada al tempo*, que inclui efemérides diárias em cápsulas de 3 minutos. Está também *Glorias deportivas*, que invita semanalmente a uma figura destacada do esporte no país e se fala sobre a carreira da pessoa. Considero esses e outros programas semelhantes, como boas práticas profissionais, porque insisto, o esporte tem sido um fator ideológico importante para nosso país.

Nos JO de 1992, em Barcelona, recém começava o chamado de Período Especial em Cuba. O país obteve um quinto lugar no medalheiro, com um total de 34 medalhas. Isso eu considero de façanha, mesmo que para o povo tenha sido um acontecimento quase normal, porque o povo se acostumou com o triunfo. No entanto, bem vale a pena parar para pensar no significado de um acontecimento como esse. O esporte é sem dúvidas uma

das grandes conquistas do nosso modelo social e acho que corresponde à mídia esportiva honrar isso.

Existem algumas outras regulações. O pessoal da área de programação, os diretores que são encarregados de gravar essas transmissões que entram através de outras vias, sempre fazem uma revisão/edição dos programas. São regulados temas relacionados à publicidade, aos contratos, os dinheiros, as fofocas. Porém, eu acredito que outras áreas do jornalismo são mais reguladas/censuradas do que o esporte, seja por subestimação ou por outros motivos. Repito que o maior controle está no que se deve falar ou não sobre os esportistas que foram embora de Cuba.

As vezes o povo reclama de que aqui não são transmitidos os jogos da MLB, porque o povo quer ver a aqueles cubanos que foram embora e que hoje jogam dentro daqueles times. No dia que o Bloqueio contra Cuba terminar, e os nossos atletas possam –que nem os porto-riquenhos, os dominicanos, os venezuelanos- jogar nos Estados Unidos, com contratos legais, e ainda voltar para Cuba, acho que muitas coisas vão mudar sobre o como tratar esse assunto. Até porque muitos desses atletas que estão hoje integrando a MLB saíram do país ilegalmente, o que faz ainda mais complicado o fato de falar sobre eles. Ainda assim, hoje já não é mais aquela proibição de há alguns anos. Eu acredito que em 10 ou 15 anos será tudo completamente diferente, porque, certamente, a mídia também deve ser julgada e analisada no contexto social, histórico e económico em que ela age.

#### *Principais desafios de fazer funcionar um canal de TV especializado em Cuba*

Acho que nosso desafio fundamentalmente é a tecnologia. As mediações tecnológicas incidem muito porque as narrativas atuais exigem espetáculo. Nas nossas redações, nos nossos sets de gravação faltam muitas coisas que qualquer televisora internacional tem há muito tempo. Isso nos impõe em ocasiões, maneiras de narrar mais ortodoxas. O que pode contar como uma fortaleza? Que somos cientes dessas nossas limitações e procuramos formas de dar a volta por cima.

Outro desafio é conseguir nos organizar melhor, o que de algum modo também está atravessado pela carência de recursos tecnológicos, porque se você recebe o equipamento acima da hora, você não tem possibilidade de fazer um trabalho de pré-produção eficiente.



Aí você precisa “confiar” na experiência dos profissionais que te acompanham e na sua própria, e torcer para tudo dar certo.

E mais um desafio, que considero uma carência não apenas cubana, é a questão da especialização dos profissionais. Temos excelentes profissionais com alto grau de especialização, mas ainda é pouco. Para fazer funcionar bem o canal, precisamos de mais. Acho que se queremos crescer, devemos ter recursos humanos qualificados, o que abrange mais do que só os jornalistas ou os comentaristas. Técnicos, diretores, criativos, todos eles devem crescer para poder dedicar mais tempo ao trabalho dentro do canal esportivo e também dedicar mais tempo a estudar as tendências internacionais. Na medida em que a preparação for maior, maior poderá ser o aporte deles à criação de um espetáculo televisivo, porque sim, eu sou um convencido de que hoje não há televisão sem espetáculo.

## DIANA GONZÁLEZ PINO

*Lugar e data de nascimento:* Havana, 15 de setembro de 1992

*Função:* Jornalista esportiva no canal TeleRebelde.

*Formação:* Formada em Jornalismo pela Universidade de Havana.

*Data da entrevista:* 30 de maio de 2018.

**Rosana Berjaga:** *¿Consideras que las fuentes de información a las que los periodistas deportivos tienen acceso son evasivas o niegan información, como acontece con otras áreas del periodismo nacional?*

**Diana González:** Desde mi experiencia en el Deporte en Cuba, no creo que las fuentes sean evasivas, al menos no la mayor parte del tiempo, pero depende mucho de la información que se maneje, como supongo pase en todas las áreas; y más en un país como Cuba que es delicado decir ciertas cosas a veces sin, como decirlo, "permiso" para hablar... Dicho eso, no, no creo que la mayor parte del tiempo sean evasivas, sino más bien son comunicativas, sobre todo si se trata de un deporte al que no se le da mucho seguimiento, y están con ansias de dar a conocer lo que están haciendo. Cuando eso sucede, te llaman para que estés al tanto de sus movimientos. Ahora, las fuentes no suelen acercarse a los periodistas [de forma espontánea], pero si uno se acerca a ellos, sí son abiertos para hablar. Algunos temas son más complicados: en el béisbol, por ejemplo, decir quién será el próximo director del equipo Cuba, o de Industriales. Ahora mismo, eso es todo un misterio, porque hasta que no se da la orden de que se puede informar, no te dicen nada.

**RB:** *Como diagnóstico general de la prensa cubana, varios estudios han obtenido como resultado que el secretismo de las fuentes constituye un problema. Sin embargo, en el deporte parece ser diferente. ¿A qué crees que se deba?*

**DG:** Yo solía pensar que el Deporte era un área políticamente menos sensible. De hecho, mis inclinaciones, cuando estaba por graduarme, eran dedicarme al Deporte o a [Redacción de Noticias] Internacionales. Los dos me gustaban mucho, pero me decidí por el deporte porque me parecía que era menos político, que tendría menos «pies forzados» a la hora de contar las historias; pero después de trabajar ahí, ya no lo creo tanto.

**RB:** *Explícame un poco sobre eso.*

**D:** Es verdad que es menos político en relación a otras áreas, eso sí. Pero no se desvincula del todo. Hay ciertos momentos en los que se roza con la política y es inevitable. Quizás porque, de nuevo, se trata de un país como el nuestro, donde todo de una manera u otra, en menor o mayor medida, esta permeado por la política. Por ejemplo, es muy sensible hacer una crítica en el deporte sobre los problemas de deterioro de las instalaciones, los salarios de los atletas, los que se quedan

ilegalmente cuando salen en una competición, y temas de ese tipo. Suele ser muy sensible hablar de esas cosas, a veces ni se puede hablar, hay que hacerse el que no está pasando nada. Otras veces se puede hablar, pero dentro del marco de lo que está permitido decir en esos casos. Y hay que tener mucho cuidado hasta con las imágenes que se usan, porque una vez que un atleta cubano se queda ilegalmente en otro país, luego de usar el discurso de traición a la patria o algo así, ya no se puede hablar de esa persona en los medios. Es como borrarla de la historia, ya no cuenta en los libros de record o en las marcas históricas nacionales. Pasa a ser como si no hubiera existido, e incluso hay que tener cuidado con las imágenes que se usan cuando se hace algún trabajo histórico de una competición, para evitar que salga mucho ese tipo de atletas.

**R:** *Pensaba que ese tema se había flexibilizado después del regreso a Cuba en los últimos años de algunos atletas que se habían quedado ilegalmente fuera del país...*

**D:** Y se flexibilizó, en el sentido de que antes ni siquiera se podía decir que alguien se había quedado [fuera del país, durante una competición]. Simplemente se dejaba de hablar de la persona como si nunca hubiera existido, y el público empezaba a sospechar que se había quedado en alguna competencia, porque nunca más nadie hablaba sobre él en la prensa. Ahora ya se dice cuando alguien se queda, se comenta en todos lados. Pero después de eso nunca más se habla de ese atleta ni de sus récords, ni se ponen imágenes. Actualmente, si alguna que otra imagen de alguno de ellos se escapa, ya no pasa nada [con el periodista]. Antes podían hasta sancionar al [periodista] que lo hiciera, ahora ya no; aunque no se habla más del atleta y eso sigue hasta nuestros días.

**R:** *Investigaciones nacionales recientes confirman que la prensa cubana atraviesa por una crisis de credibilidad debido, entre otros motivos, a una ruptura entre la realidad del país y las narrativas de los periodistas sobre la realidad. ¿Crees que el trabajo de los teleperiodistas deportivos sufre también esa crisis, de la misma forma que el resto?*

**D:** Creo que esa crisis de credibilidad no es tan evidente en el periodismo deportivo. A excepción de los temas delicados que no abundan, por supuesto, sino que suceden de vez en vez. En esos casos, el público cubano sabe bien lo que pasa y sí, digamos que se molesta porque el periodista no habla con toda la sinceridad posible al respecto. Pero por lo general, no creo que suframos esa crisis en el área deportiva. Lo que pasa en el deporte no es tanto un problema de credibilidad, sino una desconfianza hacia el nivel de especialización del periodista. Como el deporte en Cuba tiene raíces tan profundas, y todo el mundo sabe algo –o mucho- de deporte, lo que pasa a veces es que se cree que el periodista no conoce lo suficiente de lo que habla, que no es especialista en el tema. Aunque eso se ve más reflejado con los comentaristas y narradores que con los periodistas propiamente.

**R:** *¿Cómo se hace la división de las especializaciones?*

**D:** Eso de la división de las especializaciones es un proceso complejo. Se toman en cuenta muchos factores. Uno son los gustos personales que haya expresado el periodista o narrador-comentarista sobre los deportes en los que se siente más preparado. Otro es el tiempo que lleves en el medio. Existen más posibilidades de que te asignen un deporte que tu quieras si llevas más tiempo en el medio, porque si eres recién llegado te va a tocar lo que quede, que es probablemente lo que nadie quiere: los deportes menos conocidos y, por tanto, que los periodistas o narradores-comentaristas dominan o les gustan menos.

Otro factor es lo que haya necesidad de cubrirse. Puede ser que llegue la cobertura de un deporte o un evento y no haya quien pueda ir, y se asigna a alguien, no porque sea el experto en el tema, sino porque alguien tiene que cubrirlo. Y otro factor, por supuesto, es el nivel de influencia que tengas en el medio o con el director que asigna los deportes. Lo que suele estar asociado con el tiempo que llevas trabajando en el medio. Mientras más «poder» tengas en el medio, más posibilidades hay de que tus inclinaciones hacia algunos deportes sean satisfechas.

Lo que pasa es que de por sí, la televisión es un espacio de luchas entre distintos competidores, porque tiene muchos beneficios, que van desde que un reconocimiento social mayor, porque la gente te «ve». Así que no solo sabe tu nombre, sino que le pone cara a ese nombre. Pero encima de todo, el deporte siempre ha sido un espacio aún más codiciado y de mayores enfrentamientos, porque tiene otros beneficios, como los viajes al extranjero, los cuales consigues si te han asignado deportes importantes, que son los que suelen tener viajes al extranjero para competiciones. Así que hay una lucha también por tener los mejores deportes.

**R:** *¿Los periodistas deportivos de la televisión tienen acceso a cursos de preparación y especialización con regularidad?*

**D:** Sí, tenemos acceso a un montón de cursos, talleres y diplomados, que con frecuencia el *Centro de Estudios del ICRT* programaba y era anunciado en *TeleRebelde*. Eso no nos falta: hay cursos de todo tipo. Y aunque eso implica faltar en determinados horarios al trabajo, los jefes nos daban total autorización por tratarse de cursos de nuestra propia institución, cuyo objetivo es una mayor especialización de los profesionales.

**R:** *¿Percibes algún tipo de disputa generacional dentro del canal que pudiera afectar la dinámica productiva de los periodistas?*

**D:** Bueno, no sé si siempre fue así, pero en el tiempo que he estado trabajando allí, coincidió con que estábamos entrando al medio muchos jóvenes, y encima, casi todas mujeres. Yo creí en un principio que el principal problema era que éramos mujeres, pero después me di cuenta de que, aunque también había un poco de eso, el principal problema era que éramos jóvenes. Yo en lo

particular no tuve grandes problemas con eso, pero mis compañeras sí, quizás porque yo tengo un carácter más tranquilo y porque además cumplía siempre con todo. Me tomo muy en serio los horarios y las responsabilidades, pero las demás, algunas más responsables que otras, tenían un carácter más fuerte y ante la más mínima provocación reaccionaban.

Pero sí hay problemas generacionales y, en ocasiones, no siempre afecta la dinámica de producción. A veces se podían sentir momentos de paz, pero a veces las tensiones eran fuertes. Lo malo es que casi todo el mundo hace las cosas como quiere, nadie es tan cumplidor con los horarios o con el trabajo de manera general. Hay luchas entre todos, sin embargo, había marcadas luchas entre jóvenes y veteranos, quienes a veces nos inculpaban de errores que todos cometían al final.

**R:** *Otra periodista entrevistada comentó que había sentido en ocasiones fuertes presiones relacionadas a violencia de género. ¿Sentiste algo parecido?*

**D:** Yo no tuve la mala experiencia de las otras. Nunca fui atacada, al menos no abiertamente. Eso no significa que no sintiera las presiones, solo que en mi caso eran más solapadas, por lo mismo de que yo era la más joven y además cumplidora. Era la ñoña buena, así que no tenían como atacarme directamente, aunque indirectamente si me tocó también mi parte, pero no como ellas. Karlienís, Niurka y Yisel se llevaron la peor parte lamentablemente. Pero ya te digo, por supuesto que creo que era en parte por ser mujeres, eso no se puede negar, pero también creo que el mayor peso del problema era más generacional que de género, aunque había de las dos indudablemente. Pero no creo que tan marcado el problema de género, quizás porque ahora estando en México, viendo otras realidades, mi percepción ha cambiado sobre lo que he vivido y creo que aunque hay violencia de género en Cuba, en todos los espacios, no tanto como en otros lugares.

**R:** *¿Crees que existe algún tipo de “restricción” a la hora de otorgarles coberturas a las mujeres?*

**D:** Es que es difícil medir indicadores tan abstractos... ¿cómo saber si no te dan la cobertura porque eres mujer? No, no creo que influya tanto ser mujeres, sigo creyendo que es más por ser jóvenes: las recién llegadas que amenazan el capital simbólico de los mayores, aunque definitivamente el género le agrega un valor extra a las discriminaciones.

Creo que lo de ser mujeres afecta más a la hora de darte responsabilidades, porque está la creencia de que por ser mujeres en algún momento pares y te pierdes un tiempo del trabajo, o que no te puedes dedicar tanto al trabajo como un hombre porque tienes responsabilidades en la casa que te roban tiempo, pero eso es más para digamos un puesto laboral que para las coberturas como tal. En las coberturas no importa que seas mujer, tanto como lo que importa es que eres joven, y

no te va a tocar lo bueno porque el que lleva más tiempo que tú no te va a dejar que te vaya mejor que a él.

Talvez porque Julita [Osendi] sufrió más las discriminaciones de género, y eso la llevó a imponerse y a dejar abierto el camino para que el resto de las mujeres tengamos menos problemas en ese sentido. Digo menos, porque problemas siempre hay, pero insisto en que mucho menos. Lo que no te puede quitar nadie es que eres joven y que amenazas al resto. Eso le pasaría también a un hombre, de hecho, les ha pasado. No en mi época, porque todas éramos mujeres, pero antes oí historias de personas, como Yimmy [Rodríguez], que al entrar jóvenes no tuvieron un camino fácil. Pero, de nuevo, creo que eso pasa porque hay muchos beneficios en juego que no se quieren perder. Eso no significa que cuando entra una nueva mujer al deportivo, no digan: «¿pero otra mujer más? ¿¡Hasta cuándo!?!». Eso es inevitable, pero ya de ahí a que todo el tiempo de trabajo seas discriminada siempre por ser mujer, no lo creo.

**R:** *Finalmente, ¿cómo se organizan ustedes dentro de TR? ¿Cómo son controlados/dirigidos los espacios? ¿TR trabaja con recursos propios?*

**D:** Sobre la organización de *TeleRebelde*, quizás por ser declarado hace tan poco tiempo como Canal Deportivo exclusivo, con 18 horas de transmisión, tenemos muchas carencias, muy pocos recursos asignados. Los estudios para grabar los programas muchas veces –sino todos, creo que todos- son compartidos. Más bien son de otros canales o programas y nos ceden un tiempo ahí: un horario para trabajar, digamos, pero no tenemos estudios propios. Lo mismo pasa con la edición. De hecho, los periodistas teníamos que grabar la voz y editar los trabajos en los cubículos del Sistema Informativo. A veces el proceso es tan complicado para los periodistas deportivos, porque los del Informativo se creen con más derechos, y se torna una odisea conseguir trabajar. Debido a eso, salimos de ahí y empezamos a editar en otros cubículos, que tampoco son de TR, pertenecen a todo tipo de programas, pero allí nos reservaban un espacio. Lo único que era nuestro era el set donde grabábamos el NND (Noticiero Nacional Deportivo): un pedazo de esquina que nadie quería, escondido en un rincón donde mismo estaba el set del NTV (Noticiero Nacional de Televisión) antes de pasar a ser digital. Se hablaba de obtener un estudio mejor, pero no sé hasta qué punto están esas negociaciones porque es un tema complicado. Lo que si cambiaron fue la presentación: ya no sale la parte física del estudio, sino que crearon un fondo digital, un recortador, y eso es lo que sale. El estudio es enteramente de nosotros, pero como está fatal nadie lo quiere, de hecho, solo se usa para grabar el NND. También tenemos dos cámaras que pertenecen al canal, y dos carros a disposición nuestra para coberturas o grabación de programas que no fueran en estudio, sino en otras locaciones. Lo que pasaba era que a veces hay que suspender coberturas o reprogramarlas porque coinciden muchas cosas para hacer con solo dos

cámaras. Aunque pasa poco porque tratamos de organizarnos bien. Sin embargo, sí es una limitante tener solo dos cámaras y sólo dos carros.

**R:** *¿Cómo se da la relación profesional con los comentaristas, los que no son formados en periodismo?*

**D:** Esa relación también es complicada. A veces parece ser una relación normal; y otras veces, sin embargo, hay muchas tensiones. Algunos periodistas se quejan porque en los programas de los comentaristas, estos llaman a otros periodistas, de otros medios, para hacer comentarios de análisis, y a ellos, que están ahí, en casa y siendo especialistas en determinados deportes, no los llaman. Otras veces las tensiones son porque el salario de los periodistas es inferior al de los comentaristas, incluso cuando unos y otros trabajaban a la par y con la misma intensidad. Quizás los periodistas trabajamos más, porque somos muchas veces nuestros propios editores y productores. Otras veces, [el conflicto] es por los viajes, porque los periodistas se molestan cuando a un evento enviaban un montón de narradores y un solo periodista, cuando muchas veces los comentaristas no narraban ni desde los estadios, sino desde una cabina, cosa que podrían estar haciendo desde el estudio; mientras que el reporte de un periodista es en vivo y, a veces, se les escapan cosas por no poder estar en dos lados a la misma vez. De todas formas, supongo que en general, cada cual tiene su manera de relacionarse con los narradores. Yo me llevaba muy bien con todos, desde que no me afecten en mi trabajo, no sé por qué tendría que molestarme por ellos. Ahora, entre los propios narradores, ahí sí hay conflicto, debido al escalafón para cubrir los deportes, porque ocupar los primeros espacios te da más eventos, más viajes, más dinero, más trabajo y más prestigio.

**R:** *¿Cómo funcionan esos escalafones?*

**D:** Para dedicarse a un deporte están los periodistas y los narradores-comentaristas, que pueden ocupar desde el número uno hasta el cuatro en el escalafón de las coberturas, en dependencia del deporte que se trate. O sea, si eres el uno, significa que siempre que haya un evento o noticia sobre tu deporte, quien hace la cobertura eres tú. Los demás están para cuando tú falles, porque estés enfermo, de vacaciones o haya más de un evento del mismo deporte y, por lo tanto, no puedes cubrir todos. En ese caso, el segundo o el tercero, según estén disponibles, cubren eso. Funciona así tanto para periodistas como para los narradores-comentaristas.

Se hace una reunión cada cierto tiempo, donde se actualiza de las posiciones que están ocupando los periodistas y narradores-comentaristas. De manera que puedes ser el uno en un deporte, el dos en otro, el tres en otro, y así. El chiste está en ser el uno en varios deportes, porque eso garantiza más contenido de trabajo y más posibilidades de todo lo que hemos hablado: prestigio social, visibilidad, viajes, eventos en provincias, etc.

**R:** *¿Y eso quien lo decide?*

**D:** Normalmente se decide entre nosotros y el director. La reunión es conducida por el director y las decisiones se van tomando entre todos, más o menos entre todos. Lo que pasa es que son escalafones decididos hace mucho tiempo, o sea, los más veteranos son siempre los primeros y, cuando se retiran, el que era el segundo en ese deporte pasa a ser el primero, y así va la lógica. Por eso los que entramos jóvenes nos toca lo último de todos los deportes, y sobretodo de los deportes menos importantes, porque de los más importantes están ya asignados, y solo cambia cuando alguno de los que lo tiene decide cederle, de buena voluntad, un deporte a los recién llegados. Por ejemplo, cuando Yisel llegó, Carlos Alberto [González] decidió cederle a ella la Gimnasia, para que tuviera un deporte más o menos bueno, porque él tenía varios como primero: él tenía Voleibol, Natación, tenía el segundo en Atletismo, por detrás de Julita... Milton [Díaz Cánter] la puso de segunda en Boxeo, de manera que cuando él se retiró, Yisel pasó a ser primera de ese deporte. A Niurka [Talancón], por ejemplo, la pusieron en Atletismo, que eran de Julita y Carlos, pero cuando Julita se retiró, decidieron dejar a Niurka de primera, para darle algún deporte de interés, de superinterés en Cuba. A mí me tocó duro, porque cuando yo llegué nadie quería soltar nada (Risas).

Ernesto [Luis Ramos], que es muy buena persona y mi tutor de adiestramiento, me dio la Esgrima, y fue el único deporte que tuve como primera. Él se colocó como segundo para asesorarme, porque llevaba toda su vida trabajando en eso. También me dieron el segundo en Tenis, que no tiene casi vida en Cuba, y los deportes universitarios (Risas). También me dieron el segundo puesto en el Fútbol. Lo curioso del fútbol es que ninguno de los veteranos parece quererlo, porque el futbol no tiene tradición en Cuba y mucho menos resultados, a pesar de ser un tremendo deporte en el mundo. Ese deporte pasó a ser de Niurka cuando Milton se jubiló. El grande problema que yo veo es que cuando el primero y el segundo de un mismo deporte muy importante para el país –como la pelota, el boxeo, el judo- se llevan mal, y esos conflictos llegan al desastre, se quedan eventos y noticias sin cubrir, y eso afecta el desempeño del canal.







10 CARTELERA

DOMINGO 15 DE ABRIL DE 2018

juventud rebelde

DOMINGO 15

LUNES 16

MARTES 17

MIÉRCOLES 18

JUEVES 19

VIERNES 20

SÁBADO 21

CUBAVISIÓN

09:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mundo de colores.
08:30 Pecujey.
09:15 Matiné infantil: La familia Monster. Alemania. Animación. Come- dia (6).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras. Melique.
11:00 Tarde lo conocí (cap. 72).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras. Melique.
11:00 Tarde lo conocí (cap. 73).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras.
11:15 Tarde lo conocí (cap. 74).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras.
11:15 Tarde lo conocí (cap. 75).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras.
11:15 Tarde lo conocí (cap. 76).

06:30 Revista Buenos días.
08:57 En la mañana, su cartelera.
09:00 Mujeres en TV.
09:30 Mágicas aventuras.
11:15 Tarde lo conocí (cap. 77).

TELE REBELDE

08:57 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

09:02 Eticodca al tiempo.
09:04 Cartelera deportiva.
09:05 Súmate.
09:15 Biting completo.
10:00 Vale 3.

CANAL EDUCATIVO

11:00 Universidad para Todos.
10:30 Universidad para Todos.
11:00 Universidad para Todos.
12:30 Llegó la música cubana.
14:00 Sonido bonito.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

09:30 Inhumanos (cap. 1).
10:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.
12:30 Telecin infantil: La bella y la bestia. EE.UU.

CANAL EDUCATIVO/2

09:00 Programación Telesur.
04:30 Para un príncipe errante.
09:00 El mundo del documental.
06:45 De lo real y maravilloso.
07:00 Mesa Redonda.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

09:00 Programación Telesur.
04:30 Todo listo/ Signos.
09:00 De tarde en casa/ Para un príncipe errante.
07:30 Mesa dos.
08:30 Noticiero cultural.

MULTIVISIÓN

08:02 Papá no cree.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 51).
10:00 Filmecito: Ploidy al rescate.
10:18 Demórgo en casa: Un misterio para Aurora.
11:04 Cinema joven: Alicia a través del espejo.

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 52).
10:00 Filmecito: Escuela jurídica.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 2).

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 53).
10:00 Filmecito: Fernán.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 3).

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 54).
10:00 Filmecito: Fernán.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 4).

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 55).
10:00 Filmecito: Fernán.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 5).

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 56).
10:00 Filmecito: Fernán.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 6).

07:58 Cartelera.
08:01 De todo un tn.
09:41 Patoaventuras (cap. 57).
10:00 Filmecito: Fernán.
11:39 Cuantos de Grimm.
12:37 Metal Evolution (cap. 7).

JR no se responsabiliza con los cambios en la cartelera. Los horarios de Cubavisión en la madrugada serán anunciados según los informe la TV Cubana. Los programas que tengan close caption en vivo aparecerán indicados con ccv.

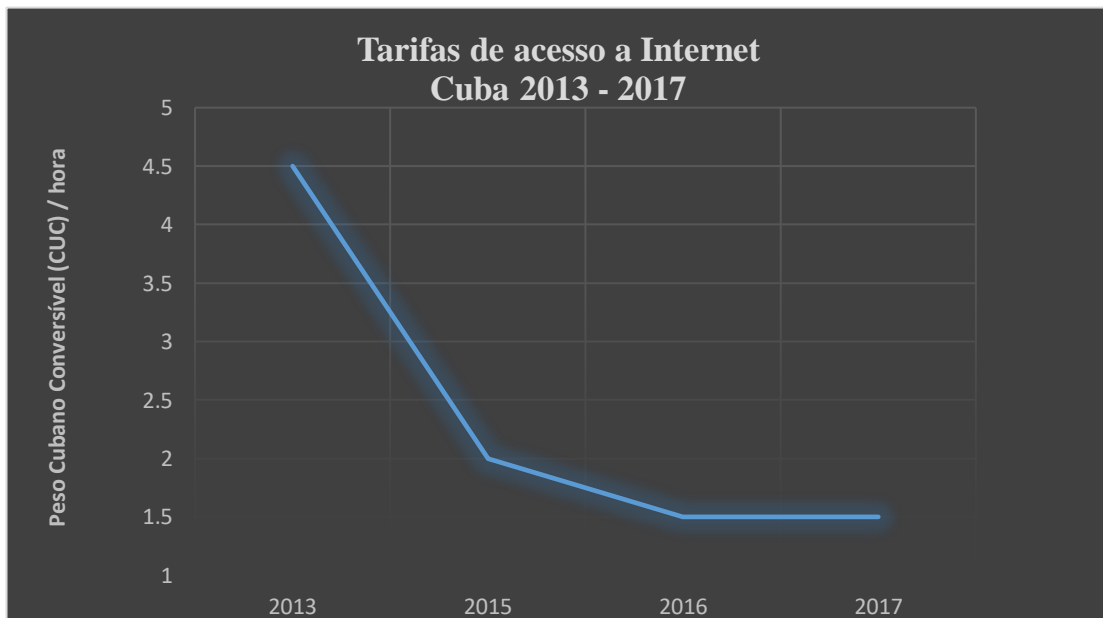
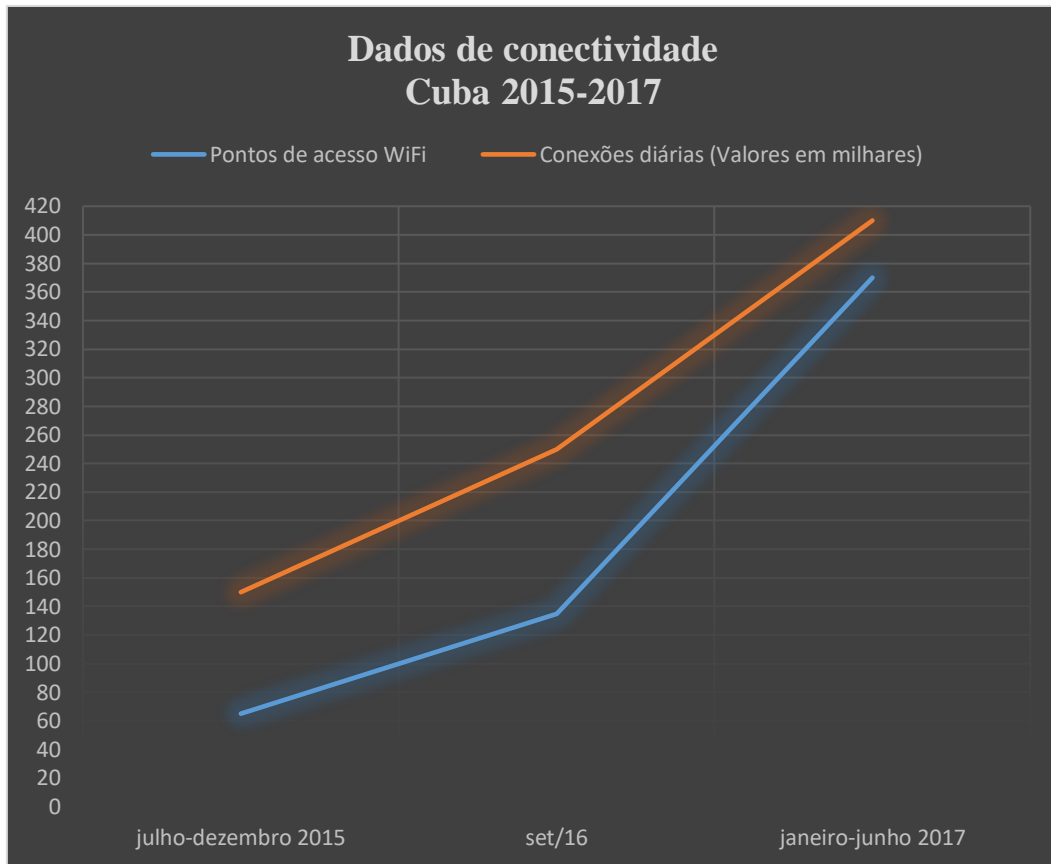


#### ANEXO 4. GRADE CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO EM CUBA

O plano de estudos do curso de Jornalismo abrange mais de sessenta disciplinas em seu currículo (incluindo obrigatórias, eletivas e optativas). Das 16 disciplinas obrigatórias, seis correspondem à formação geral, outras seis estão diretamente relacionadas à profissão, e quatro são disciplinas básicas.

<i>Disciplinas básicas:</i>	<i>Disciplinas da profissão:</i>	<i>Disciplinas de Formação Geral:</i>
<p>Aplicações computacionais</p> <p>Estudo da Língua Espanhola</p> <p>Arte e Literatura</p> <p>Psicologia</p>	<p>Comunicação e Sociedade</p> <p>Teoria e Pesquisa em Comunicação</p> <p>Jornalismo Impresso e Agencias</p> <p>Comunicação Audiovisual</p> <p>Comunicação Hipermissão, Tecnologia e Sociedade</p> <p>Problemas conceptuais do jornalismo</p>	<p>Teoria Filosófica e Sociopolítica</p> <p>Língua Inglesa</p> <p>Educação Física</p> <p>Preparação para a Defesa</p> <p>História</p> <p>Teoria Econômica</p>
<p>Práticas Laborais pré-profissionais (Associadas aos meios de comunicação nacionais)</p>		

## ANEXO 5. DADOS DE CONECTIVIDADE EM CUBA



Fonte: Cubahora.cu